UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

IVANILSON BEZERRA DA SILVA

**A Cidade, a Igreja e a Escola: relações de poder entre maçons
e presbiterianos em Sorocaba na segunda metade do século
XIX**

Volume I

**FEUSP
SÃO PAULO - 2010**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

IVANILSON BEZERRA DA SILVA

**A Cidade, a Igreja e a Escola: relações de poder entre maçons
e presbiterianos em Sorocaba na segunda metade do século
XIX**

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação
da Universidade de São Paulo para a obtenção de
título de mestre em Educação.

Área de concentração: História da Educação e
Historiografia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Spedo
Hilsdorf.

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

377.1 S586c	Silva, Ivanilson Bezerra da A cidade, a Igreja e a Escola: relações de poder entre maçons e presbiterianos em Sorocaba na segunda metade do século XIX / Ivanilson Bezerra da Silva; orientação Maria Lucia Spedo Hilsdorf. São Paulo: s.n., 2010. 2 v. ; tabs. ; anexos.
----------------	---

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: História da Educação e Historiografia) - - Faculdade de Educação da Universidade dia São Paulo.

1. Educação protestante 2. Maçonaria 3. Presbiterianismo
4. Igreja 5. Política 6. Cidade I. Hilsdorf, Maria Lúcia Spedo, orient.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Silva, Ivanilson Bezerra da

Título: A Cidade, a Igreja e a Escola: relações de poder entre maçons e presbiterianos em Sorocaba na segunda metade do século XIX

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: História da Educação e historiografia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof.^a. Dr.^a Maria Lúcia Spedo Hilsdorf

Instituição: Universidade de São Paulo

Assinatura: _____

Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira

Instituição: Universidade de Sorocaba

Assinatura: _____

Prof. Dr. Marcel Mendes

Instituição: Universidade Presbiteriana Mackenzie

Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

*À minha esposa Adriana e aos meus filhos Vitor e Andressa,
com carinho, amor e profunda devoção.*

AGRADECIMENTOS

À Dra. Maria Lúcia Spedo Hilsdorf, que no período de convivência me ajudou, contribuindo para o meu crescimento científico e intelectual. Agradeço imensamente pelo carinho, discussões, orientação que foram imprescindíveis na elaboração deste trabalho.

À Universidade de São Paulo, pela a oportunidade de realização do curso de Mestrado.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo, que também contribuíram para o meu crescimento intelectual.

À Igreja Presbiteriana no Brasil, que me ofereceu significativa contribuição para a minha formação teológica e acadêmica.

À Igreja Presbiteriana de Sorocaba, comunidade de fé, onde tenho exercido a experiência de pastoreá-la. Seus 140 anos na história de Sorocaba ofereceram-me subsídios para a elaboração deste trabalho.

Ao Dr. Jefferson Carriello do Carmo, amigo inesquecível, que ofereceu as primeiras orientações na confecção do projeto de pesquisa que deu origem a este trabalho. Minha profunda gratidão pela sua amizade.

À D. Ediralda Borges dos Reis, que após sua aposentadoria na direção do Grupo Escolar Antonio Padilha, aceitou o desafio que lhe coloquei de transcrever assuntos dos jornais do século XIX relacionados ao Presbiterianismo contidos no Gabinete de Leitura de Sorocaba.

Ao Rev. Matheus Benevenuto Júnior, historiador e pastor emérito da Igreja Presbiteriana de Sorocaba, que apontou os primeiros caminhos sobre a história do presbiterianismo em Sorocaba.

Ao Rev. Ismael Andrade Leandro, professor e amigo, que com sua inigualável inteligência, fez as correções gramaticais e a correção da tradução em Inglês.

AO CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo suporte financeiro para a elaboração desta pesquisa.

Aos meus pais, José Bezerra da Silva e Vera Pires da Silva, que sempre me apoiaram.

RESUMO

Nome: Silva, Ivanilson Bezerra da. A Cidade, a Igreja e a Escola: relações de poder entre maçons e presbiterianos em Sorocaba na segunda metade do século XIX. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Na segunda metade do século XIX, entre os anos de 1870-1900, a cidade de Sorocaba começa a experimentar um acentuado processo de modernização articulada por agentes sociais que faziam parte do campo político sorocabano. Este período é caracterizado pela replanejamento do espaço urbano, fim da mão de obra escrava para a mão de obra assalariada, início do processo de industrialização e estabelecimento da República. Neste contexto histórico-social, várias instituições escolares faziam parte do campo educacional sorocabano, entre elas, a Escola Protestante de confissão de fé Presbiteriana. Segundo a perspectiva adotada neste trabalho, esta escola manteve relações de poder com vários campos sociais, pois sua proposta vinha ao encontro dos ideais modernizadores e republicanos postulados pela elite sorocabana, formada por maçons, comerciantes, industriais, negociantes, professores, intelectuais e outros, que via a educação como instrumento capaz de solidificar os seus ideais. Portanto, o objetivo deste trabalho é investigar como a proposta educacional protestante norteamericana de confissão presbiteriana (1876-1896) contribuiu com o processo de modernização da cidade de Sorocaba, para a configuração do campo religioso sorocabano e para a estruturação das relações de poder construídas por vários agentes sociais. Acentua-se, ainda, que o presbiterianismo em Sorocaba não somente disputou o campo religioso, mas também o educacional, e para tanto, posicionou-se politicamente (campo político) optando por legitimar os ideais de matriz republicano-maçônica.

Palavras-chaves: Educação Protestante, Maçonaria, Presbiterianismo, Igreja, política, cidade.

ABSTRACT

In the second half of the nineteenth century between the years 1870-1900, the city of Sorocaba begins to experience a strong process of modernization articulated by social workers who were part of the political Sorocaba. This period is characterized by the redesign of urban space, end of slave labor to wage labor, beginning the process of industrialization and the establishment of the Republic. This socio-historical context several educational institutions were part of the educational Sorocaba, including the School of Protestant confession of the Presbyterian faith. According to the perspective adopted in this study, this school has maintained relations of power with various social fields, for his proposal met the modernizing ideals and Republicans demanded by elite sorocabana formed by masons, merchants, industrialists, teachers, intellectuals and others, I saw education as an instrument to solidify its ideals. Therefore, the objective of this study is to investigate how the proposed educational Protestant North American Presbyterian confession (1876-1896) contributed to the modernization of the city of Sorocaba, in the setting of a religious Sorocaba and the structuring of power relations made by various social actors. Emphasis is also that Presbyterianism in Sorocaba not only played in the religious field, but also educational, and to this end, positioned himself politically (the political) choosing to legitimize the Republican ideals of matrix-Masonic

Word-keys: Protestant education, masonry, Presbyterianism, Church, politics, city

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. O CAMPO POLÍTICO NA CIDADE DE SOROCABA:.....	13
1.1. A CIDADE COMO CAMPO DE PODER.....	13
1.2. A MAÇONARIA COMO CAMPO DE PODER.....	22
1.2.1. A MAÇONARIA E A EDUCAÇÃO.....	54
1.3. OS INTELECTUAIS MAÇONS E PROTESTANTES.....	62
2. O CAMPO RELIGIOSO NA CIDADE DE SOROCABA.....	87
2.1. A INSERÇÃO DO PRESBITERIANISMO NO BRASIL	87
2.2. O PRESBITERIANISMO NO CAMPO RELIGIOSO SOROCABANO.....	102
2.3. ANTONIO PEDRO DE CERQUEIRA LEITE:A DESESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO CAMPO RELIGIOSO PROTESTANTE	117
2.4. ZACHARIAS DE MIRANDA: A ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO CAMPO RELIGIOSO PROTESTANTE E A LUTA CONTRA O CAMPO RELIGIOSO CATÓLICO	130
3. O CAMPO EDUCACIONAL NA CIDADE DE SOROCABA.....	162
3.1. AS ESCOLAS EM SOROCABA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX	163
3.2. AS PRIMEIRAS ESCOLAS PROTESTANTES AMERICANAS NO BRASIL.....	179
3.3. A ESCOLA PROTESTANTE EM SOROCABA	207
3.3.1. A ESCOLA AMERICANA DE SOROCABA.....	210
3.3.2. O COLÉGIO SOROCABANO	221
CONSIDERAÇÕES FINAIS	242
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	249
FONTES PRIMÁRIAS	258

INTRODUÇÃO

Em 1997, fui convidado pelo pastor Rev. Matheus Benevenuto Júnior para ser seu pastor-auxiliar na Igreja Presbiteriana de Sorocaba. Na ocasião, cumpria minha licenciatura em Alumínio, numa pequena congregação presbiteriana localizada na periferia daquela cidade, contexto completamente diferente da Igreja Presbiteriana de Sorocaba. Esta era uma Igreja urbana, que tinha sido organizada em 1869 por missionários norte-americanos. Em setembro de 1997, a Igreja Presbiteriana de Sorocaba comemorava seu 128º aniversário de organização. As celebrações eram permeadas de acontecimentos históricos que relembavam a vinda dos primeiros missionários norte-americanos. O Rev. Matheus, apaixonado pela história do presbiterianismo em Sorocaba, discorria em suas prédicas temas relacionados à inserção deste movimento na cidade. Vários nomes, acontecimentos, pessoas, instituições eram citados.

Decidi me inteirar dos acontecimentos históricos que marcaram a organização desta Igreja. Os primeiros caminhos foram apontados pelo Rev. Matheus. Passava longas horas ouvindo sua percepção acerca do presbiterianismo em Sorocaba. Em sua fala, fazia alusão a Simonton, Blackford, Chamberlain, o depósito de Bíblias, Antonio Pedro de Cerqueira Leite, Palmira Rodrigues de Cerqueira Leite, José Zacharias de Miranda e Silva, João Ribeiro de Carvalho Braga, Willian Kerr e outros. Mencionava seus feitos em tom de heroísmo. Ele não tinha medo de dizer para seus ouvintes, que a Igreja teve o apoio da Maçonaria na segunda metade do século XIX, num contexto, no ano de 2000, em que líderes da Igreja Presbiteriana do Brasil novamente repensavam as questões polêmicas entre fé e maçonaria que tinham marcado o ano de 1903, lançando uma “nova” campanha contra os maçons presbiterianos em que sustentava a incompatibilidade entre a Maçonaria e a fé cristã, impedindo membros a não mais pertencerem ao quadro da Ordem. Em nossas conversas, mencionava também a organização do Hospital Evangélico de Sorocaba em 1935, organizado por membros que pertenceram a Igreja Presbiteriana local e a organização de uma escola protestante na cidade no final do século XIX.

Interessei-me pelo tema, pois havia ingressado no curso de Pedagogia na Universidade de Sorocaba. Participava, na ocasião, de um programa de iniciação científica junto com o professor Dr. Luiz Percival Leme Britto. Em outra disciplina tive a oportunidade de realizar um trabalho em que fiz a primeira aproximação com a história da educação protestante em Sorocaba. Naquela ocasião, pensei que a sua existência tivesse sido efêmera, porque não era

muito citada na historiografia protestante e pouco havia sido escrito sobre ela na perspectiva da história da educação.

Em conversa com um professor na Universidade de Sorocaba, demonstrei o desejo em 2006 de ingressar num programa de mestrado em Educação. Não tinha ainda nenhum projeto construído. Mas comentando sobre a existência daquela escola protestante na cidade de Sorocaba na segunda metade do século XIX, ele me sugeriu a possibilidade de investigá-la. Os primeiros apontamentos feitos eram insuficientes para um projeto de pesquisa. Tinhas apenas a referência bibliográfica da historiografia presbiteriana, os primeiros livros de atas da Igreja Presbiteriana de Sorocaba e as informações sugeridas pelo Rev. Matheus. Na qualidade de acadêmico teria pela frente o desafio de analisar as questões relacionadas à presença presbiteriana em Sorocaba e a sua participação na educação sorocabana. O desafio era árduo, porque propunha analisar uma das primeiras igrejas presbiterianas organizadas no Brasil na segunda metade do século XIX. Ela se destaca no campo presbiteriano brasileiro como sendo a 6ª Igreja Presbiteriana do Brasil, a 4ª Igreja do Estado de São Paulo e a 1ª Igreja Presbiteriana de Sorocaba. Na segunda metade do século XIX, passaram por ela, os seguintes pastores, nomes famosos da história do presbiteriano brasileiro: Ashbel Green Simonton, Alexander Latimer Blackford, George Whitehill Chamberlain, Hugh Ware McKee, John Beatty Howell, Emmanuel Varnorden e outros. Por que eles escolheram a cidade de Sorocaba para a expansão do presbiterianismo no Brasil? O que a cidade oferecia? Qual era a perspectiva deles em relação à cidade de Sorocaba? Quais foram as suas estratégias? Foi neste contexto que surgiu o projeto de pesquisa, que apresentei à FEUSP, que nos seus delineamentos mais gerais, investigaria a participação dos presbiterianos na educação escolar sorocabana na segunda metade do século XIX.

Na busca por informações sobre a educação protestante em Sorocaba, deparei-me com uma primeira pista. Em 31 de julho de 1870, o jornal O Sorocabano noticiava as atividades da escola noturna mantida pela Loja Perseverança III. A nota trazia as seguintes informações:

Matricularam-se desde 07 de setembro passado até 20 de julho d'este ano – alunos 117, saíram 65, ficam 52, são freqüentes, termo médio 35. Dos que saíram a maior parte foi pelos boatos malevolamente espalhados na população de ser a escola protestante; mas hoje, reconhecendo que não ha ali propaganda religiosa de espécie alguma, e são admitidas todas as crenças, tem voltado muitos dos que saíram. Tem se notado grande aproveitamento nos alunos; alguns que entraram sem conhecer o – A –, lêem corretamente manuscritos e livros, fazem as 4 operações aritméticas, e exercitam-se em outras contas. A off.' Perseverança III dá aos alunos e mestres: livros, papel, Penna, lápis, etc (31/7/1870, p. 2)

Além de mostrar a iniciativa educacional da Loja Maçônica Perseverança III, o texto aponta uma situação vivida no contexto da cidade em relação ao movimento protestante. Afirma que dos 117 alunos, 65 saíram da escola noturna porque se espalhava na cidade um boato de que aquele estabelecimento de ensino era protestante. Qual era a razão de levantar suspeita ao conteúdo daquilo que se ensinava na escola noturna? Que ligação tinham os maçons com os protestantes? Por que a necessidade de se utilizar a imprensa para dizer que a escola noturna não tinha nenhum vínculo com a religião protestante? Por outro lado, qual a intenção de se espalhar um boato, que na visão do redator é malévolo, a respeito de tal instituição e do próprio protestantismo? O protestantismo representava algum tipo de ameaça?

Conhecendo a versão confessional da história da penetração protestante na então Província de São Paulo, omissa no mais das vezes sobre aquela relação entre maçonaria e presbiterianismo, me perguntava: Haveria uma possibilidade de o boato ser verdadeiro? A relação existia? As questões continuaram a surgir. Se sim, por que os missionários se aproximaram dos maçons sorocabanos? O que ligaria o pastor norte-americano Ashbel Green Simonton aos agentes sociais pertencentes à maçonaria? Considerando que estes pertenciam aos segmentos sociais elitizados de Sorocaba, ele apenas queria um lugar na cidade para organizar um depósito de Bíblias e ajuda para fundar uma Igreja Presbiteriana, ou tinha objetivos mais amplos?

Explorando mais a fundo os jornais sorocabanos produzidos na segunda metade do século XIX, deparei com a existência de uma Escola Americana, funcionando na cidade em meados de 1874, poucos anos após a organização da Igreja Presbiteriana local (1869). Considerando as origens americanas do missionarismo protestante em São Paulo, o nome Escola Americana que aparece nas fontes designava a aludida escola protestante? Seriam ambas uma mesma instituição? Neste caso, a presença protestante e presbiteriana em Sorocaba afetava também o seu campo educacional, o que trazia perspectivas inéditas de pesquisa para a história local e para a história do processo de escolarização da sociedade brasileira.

A polêmica levantada no jornal O Sorocabano sugeria disputa e rivalidades no campo social, envolvendo maçons, presbiterianos e seus opositores, aqueles dos “malévolos boatos”. Utilizando-me do conceito de campo de Pierre Bourdieu, percebi que seu aporte teórico oferecia subsídios para identificar e analisar as tensões existentes entre os vários agentes sociais que faziam parte do campo social sorocabano na segunda metade do século XIX,

como relações de poder. Bourdieu entende que todo o campo é “um campo de forças para conservar ou transformar esse campo de forças” (2004, p. 22). Para ele, qualquer que seja o campo, “ele é objeto de luta tanto em sua representação quanto em sua realidade. Os agentes sociais estão inseridos na estrutura e em posições que dependem do seu capital e desenvolvem estratégias que dependem, elas próprias, em grande parte, dessas posições, nos limites de suas disposições” (ibid, p. 29). Nesta perspectiva, o conceito de campo ajuda a entender que foram construídas estrategicamente relações de poder pelos diversos agentes sociais na construção de um espaço social marcado por novas idéias políticas, religiosas e, principalmente, educacionais. Este espaço social se configura como um campo de poder capaz de modificar, solidificar e redefinir o que é interessante para a construção da hegemonia da elite. A partir disto, surgiram novas perguntas: a inserção do presbiterianismo na cidade de Sorocaba representaria a configuração de um novo campo religioso? A presença de presbiterianos afetaria também o campo político, educacional e cultural da cidade? Existia luta pelo poder na cidade de Sorocaba na segunda metade do século XIX? Existiam relações de poder entre maçons e presbiterianos? Se sim, como elas se configuraram no espaço social sorocabano?

Para entender a inserção do presbiterianismo em Sorocaba inspirei-me em outro referencial teórico: o conceito de processo civilizatório em Norbert Elias (1994), que nos ajuda a analisar a inserção do presbiterianismo em Sorocaba e as práticas utilizadas pelos missionários com o objetivo de imprimir sua visão de mundo no modo de ser e viver das pessoas.

A partir disso, em primeiro lugar, surgiu a idéia de investigar as tensões ideológicas que caracterizam a vida da cidade na segunda metade do século XIX, em especial os anos entre 1870 e 1900. O período em epígrafe representa um momento histórico na cidade em que se destacam, conforme vemos na literatura (Baddini, 2002; Og Menon, 2000; Barreira, 2002 e Carmo, 2007): a produção literária divulgada pela imprensa jornalística, a tensão política entre republicanos e monarquistas, o desenvolvimento econômico da cidade proporcionado pelo processo de industrialização, a reconfiguração do espaço urbano e sua modernização, a demanda pela profissionalização e imigração, a demanda pela escolarização, a participação da maçonaria sorocabana no processo de abolição dos escravos. Em especial quanto ao crescimento do processo de escolarização em Sorocaba, os anos entre o fim do Império e o início da República são muito importantes para a história da educação. Com o advento da industrialização surgiram vários problemas: aumento da população por causa dos imigrantes, aumentos dos cortiços, desempregados e os analfabetos que não conseguiam inserção no

mercado econômico da época. Devido a essas novas exigências imprimidas pela industrialização, Sorocaba experimentava um forte desenvolvimento educacional. Neste contexto, surgiram várias instituições escolares, inclusive a instituição escolar protestante. Por que os presbiterianos resolveram organizar uma instituição na cidade de Sorocaba? Que ligação ela tinha com a política e a cidade?

Em segundo lugar, percebi que as análises bibliográficas a respeito da escola protestante em Sorocaba eram periféricas e traziam pouca contribuição para entender a sua presença na cidade, sendo desta forma uma lacuna para a historiografia e história da educação. Havia uma indicação de que a proposta educacional protestante na sociedade paulista estava profundamente atrelada a atuação de missionários norte-americanos defensores da evangelização indireta, que tratavam a educação escolar enquanto meio de proselitismo que dependia da aproximação com as vanguardas progressistas da época, liberais, democratas, maçons e outros anticlericais (Hilsdorf, 1977, 1986). Assim, percebi também que, a fim de se compreender que lugar ela teve no campo educacional sorocabano, deveria analisar aquela escola protestante nessa perspectiva, destacando, de modo inédito, a relação de poder que ocorre na cidade, na igreja e na escola e como isto se configura no processo de escolarização da sociedade sorocabana.

Observando que, neste período, a liderança política local era oriunda do campo maçônico mediante os nomes de Maylasky e Ubaldino do Amaral, segundo cujo entendimento era necessário modernizar a cidade de Sorocaba, perguntei se a inserção do presbiterianismo em Sorocaba passava pelo apoio político dessas figuras, e em sentido mais restrito pela participação dos protestantes na política partidária sorocabana no final do século XIX. Quais eram as razões que levaram os presbiterianos em Sorocaba a participarem do campo político? Por que o pastor Zacharias de Miranda se tornou vereador da cidade? Quais eram as razões que o motivavam a participar do campo político sorocabano? O envolvimento dos presbiterianos com os maçons exerceu alguma influência a fim de que a Igreja Presbiteriana de Sorocaba e seus líderes pudessem ter um papel decisivo na política, garantindo desta forma, um lugar no campo político, educacional e religioso de Sorocaba? A participação do pastor presbiteriano Zacharias de Miranda na política sorocabana, como presidente da Câmara Municipal tinha o objetivo de garantir a expansão do protestantismo em Sorocaba e também um lugar para a escola protestante no campo educacional?

Terceiro, considerando as lacunas a respeito da relação da escola protestante com os movimentos sociais e do processo de urbanização e modernização de Sorocaba, e as respostas que poderia ter oferecido aos anseios sociais, econômicos, culturais e políticos da cidade frente ao processo de transição política e econômica que ela experimentava, surgiram outras indagações: existia apoio por parte da elite que configurava o espaço social da cidade de Sorocaba à escola protestante? O modelo educacional implantado em Sorocaba é construído para atender a elite? É uma continuidade do projeto educacional norte americano que configurou-se em São Paulo ou representa uma mudança desta proposta educacional? Ao priorizar a educação particular, que grupo social a escola protestante em Sorocaba estava atendendo e que posicionamento tomou frente aos problemas relacionados ao processo de industrialização da cidade? Ela referendava o processo de “modernização” ou era uma instituição que oferecia uma resposta contra-hegemônica aos interesses da elite sorocabana?

Para responder estas questões tomei como hipóteses, primeiro, que a educação protestante no período de inserção do presbiterianismo em Sorocaba necessitava de apoio para se solidificar na cidade, devido ao contexto de resistência e por propagar idéias que contrariavam interesses da religião católica e do governo monárquico. Segundo, que a escola protestante era um instrumento para legitimar os interesses do protestantismo na cidade de Sorocaba e alcançar novos adeptos através de uma evangelização indireta. E em terceiro, que a proposta viria ao encontro dos interesses da elite que se configurava na sociedade sorocabana e que defendia os assuntos da nova ordem política, a República.

Com a finalidade de compreender estas questões, verificar essas hipóteses, e encaminhar uma explicação aos problemas levantados acima fiz, uso de bibliografias e fontes referentes ao protestantismo norte-americano e nacional, à história da educação geral e brasileira, ao pensamento educacional norte-americano, em especial ao da igreja presbiteriana e ao contexto da sociedade sorocabana da época em tela.

O primeiro procedimento foi o levantamento da bibliografia referente ao tema deste trabalho. A literatura em torno do protestantismo é vasta. No âmbito geral, temos o clássico trabalho *A Ética Protestante e o Espírito Capitalista* (1996), no qual Weber sustenta que a conduta metódica e racionalista dos protestantes foi capaz de influenciar as relações entre capital, trabalho e acúmulo de bens. O trabalho de Troeltsch (1950) descreve a relação do protestantismo e o mundo moderno. Tawney (1971), aponta a relação da religião com o surgimento do capitalismo. O trabalho de Christian Lalive D’Epinay (1968), descreve a

influência do protestantismo na América Latina, especificamente, no Chile. Temos ainda o importante trabalho realizado por David Gueiros Vieira (1980) em que analisa as ligações entre o protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil.

No caso do protestantismo brasileiro, entre os teóricos confessionais com foco no presbiterianismo (nosso objeto de análise no campo religioso), temos os trabalhos de Boanerges Ribeiro, que descrevem a influência do protestantismo no Brasil monárquico (1973) e na cultura brasileira (1981); e Alderi Souza de Matos, que descreve o lugar da educação protestante na estratégia missionária da Igreja Presbiteriana do Brasil (1999). Outro trabalho importante foi realizado por James E. Bear, em sua obra *Mission to Brazil* (1961), onde analisa a missão da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos no Brasil. Já o trabalho de Mendonça (1993) afirma, entre outros pontos, que o presbiterianismo, portador de uma ideologia democrática e republicana, dificilmente conseguiria alcançar a classe social dominante, agrária e escravocrata. O trabalho de Biéler (1999) mostra que a força oculta do protestantismo calvinista correlacionava-se com os ideais do liberalismo econômico e social. Gomes (2000) mostra a influência do protestantismo na mentalidade do empresariado paulista, entre 1870 a 1914.

Para compreender a questão da maçonaria utilizei-me de vários autores, entre eles Alexandre Mansur Barata (1999), um dos pioneiros no resgate da historiografia maçônica do ponto de vista científico. Um dos seus eixos analíticos é a idéia de rede de sociabilidade. Em outra publicação (2006), realiza um novo trabalho em que analisa a inserção e a trajetória da maçonaria e dos maçons no Brasil. Já Moraes (2006), além de discutir o ideário republicano e a educação, aponta a maçonaria como uma organização política. Numa abordagem diferente, optei por analisar a maçonaria como um campo político e não necessariamente como organização política. Além disso, o presente trabalho propõe um diálogo com a obra de Mansur, quando postulo que as estratégias utilizadas pelos maçons podem ser compreendidas na perspectiva das relações de poder em Bourdieu (2004).

Para compreender a questão da educação, recorri a vários autores. Da década de 70, o trabalho de Jether Pereira Ramalho (1975) propõe uma análise sociológica da prática educativa dos colégios protestantes no Brasil no período de 1870 a 1940 e a forma como se propagou o ideário liberal através da educação protestante de várias denominações históricas, acentuando o caráter ideológico da prática educativa protestante. Ainda na década de 70, o

trabalho de Marly Geralda Teixeira (1975) investigou a inserção dos missionários batistas norte-americanos na Bahia, no período de 1882 a 1925.

Dentro da linha da história da educação, destaca-se a importância do trabalho pioneiro de Hisdorf Barbanti (1977), que defendeu a dissertação de mestrado intitulada *Escolas americanas de confissão protestante na Província de São Paulo*, um estudo de suas origens. O trabalho procura descrever o aparecimento e êxito de escolas americanas de confissão protestante nos quadros do ensino paulista nas últimas décadas do século XIX, a partir de 1869. Ela analisou, entre outras coisas, que a inserção do modelo educacional protestante inseriu-se no Brasil num contexto marcado por um acentuado desenvolvimento econômico propiciado pela cultura do café, e momentaneamente, do algodão. A Província de São Paulo tinha se tornado o novo centro cultural do país, palco da propagação dos ideais liberais e democráticos e disputas pela solidificação de um novo modelo político no Brasil. No campo da educação, o modelo norte-americano se destacava como inovador, por postular a educação para todos e pela inovação dos métodos. Na perspectiva religiosa, o protestantismo de origem norte-americana propagava através da sua doutrina uma perspectiva teológica fulcrada na democracia e nos ideais liberais oriundos da Reforma Protestante na Europa. O trabalho se destaca como uma grande contribuição para compreender a história da educação protestante na Província de São Paulo, por mostrar as relações estabelecidas entre diversos grupos sociais para a solidificação de um novo ideário político, social e educacional. Mostra ainda o apoio recíproco oferecido entre a vanguarda paulista, especificamente, políticos liberais e republicanos, e os missionários americanos. Suas análises foram extremamente importantes na configuração deste trabalho.

Da década de 80, podemos destacar os trabalhos de Frank Goldman (1982), Osvaldo Henrique Hack (1985), (1986) e Rejane Sellaro (1987). O texto de Goldman descreve a expansão dos pioneiros americanos no Brasil, fossem pastores, imigrantes e outros tipos sociais, e a estratégia utilizada para a solidificação do trabalho missionário em solo brasileiro. O texto é importante, porque representa uma análise de um americano sobre o trabalho da missão norte-americana no Brasil. O trabalho de Hack procurou analisar a relação protestantismo e educação brasileira com o sistema pedagógico. Entre outras coisas, este trabalho descreve o modelo do sistema pedagógico americano e aponta a aceitação deste modelo pelas elites da época. Este trabalho referencia a tese defendida por Barbanti (1977). Já a dissertação de Sellaro analisa a trajetória dos colégios protestantes em Pernambuco na década de 20. O trabalho de Hilsdorf (1986) analisa a atuação de Rangel Pestana como

jornalista, político e educador, acentuando o seu apoio enquanto republicano histórico às iniciativas educacionais de confissão de fé protestante.

Na década de 90, o trabalho investigativo sobre o protestantismo norte-americano e a educação no Brasil se desenvolveu de forma mais acentuada, destacando-se os trabalhos de: Peri Mesquida (1994), Maria Aparecida Camargo Batista (1996), Adriana H. Leal (1999), José N. Machado (1994, 1999), Israel Azevedo (1996), Shirley P. Laguna (1999), dentre outros, que em linhas gerais procuram investigar as práticas educativas inseridas pelo protestantismo norte-americano no Brasil, segundo as diferentes denominações históricas.

Destaco o trabalho de Mesquida (1994) como um importante referencial teórico no campo da historiografia da educação protestante. Ao investigar a implantação e a prática educativa do metodismo de origem norte-americana no Brasil, de 1870 a 1930, este autor entende que este fenômeno educativo, que dimana de uma instituição religiosa e que traz em sua contribuição estrutural uma história, uma cultura e a concepção de mundo de uma civilização diferente daquela do país receptor, representou um papel importante na história da educação brasileira, seja na formação das elites, seja pela influência que exerceu sobre a sociedade como um todo.

A partir de 2000, temos o trabalho de Gomes (2000), que entre outras coisas, analisa como a educação norte-americana contribuiu para a formação do empresariado paulista no início do século XX. Temos o trabalho de Schulz (2003), que descreve que o protestantismo no processo de inserção no Brasil tinha como proposta o ideal da Universidade. Podemos destacar ainda os trabalhos de: José Luis Novaes (2001), Lourenço Stelio Rega (2001). Ainda neste período, temos a produção acadêmica de Ester Nascimento (2005), a qual afirma que a expansão do presbiterianismo no interior da Bahia tinha como proposta três eixos temáticos: religião, educação e saúde. Em 2007, temos o trabalho de Marcel Mendes sobre a Universidade Presbiteriana Mackenzie, em que discute a nacionalização desta instituição educacional e sua vinculação eclesiástica entre os anos de 1957-1973. Este trabalho além desta discussão, apresenta as origens da Escola Americana em São Paulo e traz novas fontes históricas para a história da educação confessional protestante no Brasil.

Além das referências bibliográficas acerca do protestantismo e da educação, fiz uso de várias fontes com a finalidade de compreender a presença da educação protestante e do presbiterianismo na cidade de Sorocaba, bem como dos seus contextos históricos, à época, em São Paulo e nos Estados Unidos. Vale ressaltar que o uso das antigas e novas fontes pode

resultar em avanços quando o historiador faz perguntas relevantes à documentação que propõe analisar. Mas, todo historiador deve ter consciência dos perigos que a confiança excessiva nas fontes pode implicar, pois elas não são necessariamente a expressão do real. “Na reconstrução dessas ‘verdades/realidades’, fontes e documentos são também interpretações” (Monarca, 1999, p. 15). Elas são expressões dos seus autores e como tal devem ser problematizadas através da reflexão crítica. Segundo Le Goff: “Nenhum documento é inocente. Deve ser analisado. Todo documento é um monumento que deve ser desestuturado, desmontado. O historiador não deve ser apenas capaz de discernir o que é “falso”, avaliar a credibilidade do documento, mas também saber desmitificá-lo” (2003, p. 110).

Os jornais locais foram uma das principais fontes de análise, entre eles: O Americano, O Diário de Sorocaba, O 15 de Novembro, O Alfinete, A Voz do Povo, O Sorocabano, A Gazeta Comercial, O Ypanema, e O Colombo. Eles expressavam de formas diferentes as opiniões dos dirigentes da cidade acerca da necessidade de modernizar a cidade através da estrada de ferro, da industrialização, da educação e outros meios. Tais discursos eram revestidos da ideologia da elite, que por sua vez, buscava através das suas ações políticas e intelectuais estruturar uma sociedade que solidificasse ainda mais o seu domínio no espaço social. Para análise do discurso contido na imprensa jornalística, foi relevante o trabalho de Teun A. Van Dijk (2008). Ele apresenta uma análise detalhada de como se configura a dominação através do discurso. Para ele, as elites simbólicas que têm acesso privilegiado aos discursos públicos, também controlam a reprodução discursiva da dominação na sociedade. Ele procura mostrar como uma manchete de jornal se relaciona com as relações de poder de uma determinada sociedade, na perspectiva de Bourdieu. Para ele, o jornal desempenha um papel vital na comunicação pública (2008, p. 73).

Também fiz uso de dois jornais confessionais organizados pelos presbiterianos: A Imprensa Evangélica (1864), organizado pelo pastor norte-americano Ashbel Green Simonton, e o jornal O Estandarte (1893), organizado pelo pastor brasileiro Eduardo Carlos Pereira. Tais jornais apresentavam entre outros tópicos, a visão teológica do presbiterianismo, questões relacionadas à política, estratégias de expansão missionária no Brasil, crítica ao catolicismo, apoio à maçonaria brasileira, e outros assuntos. Por representar o discurso oficial do presbiterianismo através da imprensa jornalística, eles também foram problematizados com o objetivo de compreender as estratégias utilizadas pelos seus agentes sociais na expansão da proposta religiosa presbiteriana em solo brasileiro.

Outras fontes importantes utilizadas neste trabalho foram os relatórios e cartas dos missionários norte-americanos enviados à Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos, contendo informações sobre as estratégias missionárias no Brasil, o contexto político brasileiro, e uma visão crítica do catolicismo local. Utilizei também as Resoluções da Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, que representam fontes primárias importantes, pois dão informações significativas sobre as estratégias de inserção do presbiterianismo norte-americano no Brasil, concepções acerca da educação como estratégia de evangelização, dados estatísticos do trabalho missionário no Brasil e outros assuntos. Consultei ainda os relatórios dos missionários norte-americanos e nacionais encaminhados ao Presbitério do Rio de Janeiro. Estes relatórios contêm informações sobre a estratégia para se implantar o presbiterianismo em solo brasileiro, as atividades “pastorais” dos missionários, a criação de escolas em várias localidades do Brasil. Algumas destas fontes foram utilizadas de forma inédita na perspectiva da história da educação e também da historiografia presbiteriana.

Parte desses relatórios foram levantados no Arquivo Histórico da Igreja Presbiteriana do Brasil. Outros foram xerocopiados de um levantamento feito pelo professor Alderi Souza Matos, que gentilmente cedeu o material. Outros foram obtidos através de contatos por meios eletrônicos com o Departamento Histórico da Universidade de Princeton.

Em busca de informações sobre a educação protestante na cidade de Sorocaba, realizei uma pesquisa no acervo do Arquivo do Estado de São Paulo. Encontrei muitos ofícios, mapas da educação e relatórios de instituições públicas e particulares da cidade de Sorocaba, encaminhados por inspetores distritais ao Inspetor Geral da Instrução Pública da Província de São Paulo, porém obtive poucas informações específicas sobre a educação protestante em Sorocaba.

Além dele, outros acervos foram visitados com o intuito de encontrar informações sobre a escola protestante em Sorocaba: Gabinete de Leitura de Sorocaba, Arquivo da Loja Maçônica Perseverança III, Arquivo da Igreja Presbiteriana do Brasil, Arquivo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Museu Sorocabano e Arquivo da Igreja Presbiteriana de Sorocaba.

Desenvolver um estudo sobre a escola protestante em Sorocaba inserida num movimento social relacionado à cidade como um espaço social de poder, com suas disputas, conflitos, interesses e ideologias significou recobrir questões de diversos campos da história: campo educacional, campo político e campo religioso. Optou-se então pelos três campos

supracitados como critérios para a configuração do trabalho e a estruturação dos seus capítulos.

No primeiro capítulo, trabalho o campo político na cidade de Sorocaba, tendo como eixo analítico as relações de poder entre maçons e presbiterianos na reconfiguração e modernização da cidade, que foi analisada como campo de poder. Maçons e presbiterianos atuaram no espaço social como políticos, intelectuais, negociantes, professores, industriais.

O segundo capítulo versa sobre o campo religioso. Antes da inserção protestante em Sorocaba (1861), a cidade tinha a predominância da ideologia católica. O protestantismo promove de certa forma uma disputa por um lugar de domínio no campo religioso da cidade. Além disso, procurei compreender que a inserção do presbiterianismo na cidade de Sorocaba pode ser vista como fruto do processo civilizatório (Elias 1994) norte-americano que se estruturava e expandia em outras localidades do Brasil.

O terceiro capítulo procura investigar o campo educacional da cidade de Sorocaba. Entre o fim do Império e o início da República, o campo educacional em Sorocaba tem um considerável desenvolvimento, que pode ser justificado pelo processo de modernização que a elite sorocabana postulava. Dentro do campo educacional sorocabano estava a escola protestante, mantida pela missão norte-americana.

Ao realizar esta investigação, que tem como centro de interesse a proposta educacional norte-americana de confissão presbiteriana na cidade de Sorocaba (1874-1896), na perspectiva da sua inserção nos campos político, religioso e educacional, pretendo contribuir para mostrar sua importância à história da educação brasileira.

1. O CAMPO POLÍTICO NA CIDADE DE SOROCABA:

1.1 A CIDADE COMO CAMPO DE PODER

Neste capítulo, procurei compreender a cidade de Sorocaba como um espaço de poder construído por agentes sociais que dominam a vida política da cidade. Tomo como hipótese que estes estavam reunidos na maçonaria sorocabana, que na época era formada por negociantes, professores, lavradores, industriais, políticos, advogados e outros. Para compreender a dinâmica urbana, a cidade de Sorocaba será analisada como espaço de poder composta por vários campos, baseado na teoria de Bourdieu. Para ele, o espaço social é um espaço multidimensional, formado por um conjunto aberto de campos relativamente autônomos, ou seja, subordinados quanto ao seu funcionamento e as suas transformações. O conflito é evidente em todo tipo de campo e cada um procura legitimar suas posições, alianças e oposições, configurando, portanto, um espaço social marcado pela lógica dos interesses de cada grupo.

O espaço social é formado por campos, microcosmos ou espaço de relações objetivas, que possui lógica própria e irreduzível. O campo é tanto um "campo de forças", uma estrutura que constrange os agentes nele envolvidos, quanto um "campo de lutas", em que os agentes atuam conforme suas posições relativas no campo de forças, conservando ou transformando a sua estrutura (Bourdieu 1996, p. 50).

Ao olhar a cidade de Sorocaba como campo de poder, entendo que este espaço social é formado por campos, microcosmos ou espaço de relações objetivas, que possui lógica própria e irreduzível. Isto se aplica aos três campos específicos que serão discutidos neste trabalho: política, a religião e a educação, porque representam organizações e instituições em que se concretiza a luta pelo poder. Os três campos são importantes para o trabalho, porque representam praticamente os três instrumentos utilizados pelos agentes sociais pertencentes à maçonaria, ao presbiterianismo, ao catolicismo em Sorocaba para solidificarem sua hegemonia no campo de poder sorocabano.

Nesta perspectiva, pretendo com este tópico investigar como os agentes sociais pertencentes à maçonaria, presbiterianismo e catolicismo articularam a configuração e o domínio dos vários campos sociais da cidade de Sorocaba, transformando-a num espaço social de poder configurado a partir da ideologia destes agentes e que interferiu no modo de

ser e viver da sociedade. Também pretendo demonstrar que o campo político era articulado e dominado pela Maçonaria.

Segundo Ribeiro (2003), no período delimitado neste trabalho (1870-1899) as cidades passam a ser os pólos dinâmicos do crescimento capitalista interno, promovendo de certa forma uma organização do sistema de trabalho. Além disso, proporcionando o crescimento da camada média formada por comerciantes, militares, religiosos, intelectuais e pequenos proprietários agrícolas e o aumento da classe trabalhadora formada por escravos, ex-escravos e trabalhadores livres.

As transformações oriundas da nova estruturação social capitalista exigiam uma mudança no modo de produção. A elite procurava contribuir para que o processo de modernização se tornasse mais rápido, para tanto, segundo Ribeiro (2003), o consumo das “novas idéias” parece um meio eficaz. A elite formada por liberais e positivistas tinha pontos em comuns em suas relações de poder: separação da Igreja do Estado, casamento e registro civil, secularização dos cemitérios, abolição dos escravos, libertação da mulher e a crença na educação como uns dos instrumentos no processo de modernização do país. A modernização da sociedade brasileira era uma exigência oriunda do processo de mudança da sociedade, que passava do modelo rural-agrícola para o modelo urbano-comercial.

Segundo Hilsdorf, este período é marcado por algumas transformações, entre elas:

“O crescimento dos setores de prestações de serviços e da pequena indústria (têxtil, por exemplo), associada ao início da urbanização, ao crescimento das camadas médias e ao aparecimento de um proletariado urbano formado pelos imigrantes que, chegados ao país, abandonam o trabalho na zona rural e passa às cidades” (2003, p. 57).

Neste contexto, a cidade é escolhida pelos imigrantes do campo como lugar onde se exerce as atividades industriais e artesanais, tornando-os pequenos e médios proprietários. Hilsdorf ressalta que: “da perspectiva do capital, é pelo crescimento desses setores do comércio e serviços no processo de imigração-urbanização que vai se dando a formação da camada de empresários industriais, muitos deles também agroexportadores (2003, p. 58). Já na perspectiva dos trabalhadores, nota-se a formação do proletariado urbano pelos imigrantes estrangeiros e também a migração do trabalhador nacional, bem como o processo de marginalização de ex-escravos.

Hilsdorf (2003) afirma que este período de transformações é marcado pelo fim da monarquia, o fim do trabalho escravo e o início do trabalho livre e assalariado e ainda pela

participação do capital estrangeiro tanto inglês como norte-americano. Pontua, também, a intensa circulação de novas tendências de pensamento: positivismo, industrialismo, ruralismo.

Moraes também aponta a relação urbanização e desenvolvimento de setores secundário e terciário:

Embora o crescimento as cidades tenham começado com a industrialização e sido impulsionado por ela, à medida que a cidade se desenvolve, o setor terciário (de serviços) é o que mais se expande. Isto é, as grandes cidades não são exatamente centros industriais, mas sobretudo centros de comércio, transportes, administração e toda sorte de serviços públicos e privados (1994, p. 14).

A nova configuração urbana representava para a elite a idéia de progresso e modernidade. Segundo Moraes, esta mentalidade influenciou também o imaginário das populações rurais. Elas entendiam que as cidades representavam a possibilidade de uma série de conquistas: trabalho regular e remunerado, acesso rápido ao dinheiro e às mercadorias, uma vida cotidiana mais agitada e com mais atrativos, acesso à educação e à informação. Porém, o processo de crescimento urbano foi marcado pelas contradições e problemas sofridos pela camada populacional mais pobre: falta de moradia, problemas com o abastecimento de alimentos e água, epidemias, subemprego e desemprego, violência e mendicância também foram alguns dos problemas produzidos no contexto urbano. Nem todos usufruíam plenamente os avanços e benefícios da vida urbana, apenas a camada mais rica tinha oportunidades nos bairros de elite e no centro comercial (*Ibid*, 1994, p. 15).

A historiadora Emília Viotti da Costa (2007), ao analisar a urbanização no Brasil no século XIX, destaca alguns fenômenos importantes que introduziram algumas modificações na estrutura econômica e social do país: a transição do trabalho escravo para o livre, a instalação da rede ferroviária, iniciada em 1852 e que no final do século atingiu mais de nove mil quilômetros construídos e quinze mil em construção, e finalmente, as tentativas, segundo a autora, bem sucedidas, de industrialização e o desenvolvimento do sistema de crédito.

A cidade de Sorocaba não segue um curso diferente deste processo analisado pelos historiadores citados. Na mesma linha de pensamento que articula estudos sobre a cidade e a cultura urbana na Primeira República, o historiador sorocabano Og Menon esclarece este fenômeno na cidade de Sorocaba:

O aumento da população na cidade redefine o espaço urbano, rompendo os limites anteriores e empurrando para as suas fimbrias os menos aquinhoados econômica e socialmente. Com a industrialização aparecem, pela primeira vez, o cortiço e as vilas, ocupadas ou por desempregados ou por imigrantes empobrecidos. A antiga elite rural transfere para o núcleo urbano seus interesses econômicos e seus investimentos de

capitais e, para gerir os negócios, fixa residência no centro da cidade, ocupando aí os espaços ainda remanescentes... Se de um lado o crescimento populacional traz certa prosperidade, do outro gera grandes problemas, como a falta de equipamentos urbanos para atender às necessidades da população, acrescida, no final do século, pelo contingente de imigrantes e ex-escravos. A pobreza ganha visibilidade na cidade; as habitações coletivas abrigam precariamente tanto os trabalhadores das indústrias fabris e do comércio, quanto os desempregados e aqueles que se ocupam com serviços avulsos. A pobreza atinge uma população adulta, em grande parte analfabeta, e uma população infantil, que deveria estar na escola, mas que também faz parte do contingente de operários empregados na indústria têxtil. E os jornais produzem a imagem daquelas crianças que, não podendo freqüentar a escola, são tidas como vadias e difíceis de serem controladas, pois não foram treinadas na disciplina escolar. Na imprensa, as denúncias são contumazes, chegando-se a organizar campanhas contra as mesmas (2000, p. 04).

Neste sentido, ao centrar a análise entre os anos de 1870-1900, pode-se de fato constatar que a cidade passa pelo acentuado processo de transformações políticas, educacionais e religiosas que vimos descrevendo. Em 1870, Sorocaba tinha aproximadamente 10.000 habitantes (Baddini, 2002). A cidade era predominantemente rural e seu ciclo econômico dependia da chamada Feira de Muares¹, ligada ao tropeirismo. A feira movimentava economicamente a cidade e era a principal fonte de sobrevivência econômica dos comerciantes. Grande parte da população vivia nos bairros, cerca de 8.166 pessoas. Ainda na década de 70, o censo publicado no jornal *Ipanema* (21/11/1872), faz o seguinte levantamento populacional de Sorocaba. A cidade continua predominantemente rural. O referido censo aponta os seguintes dados:

População na cidade:	4.793 habitantes
Nos Bairros:	8.166
Escravos:	2.070
Católicos:	12.892
Acatólicos:	67
Hóspedes:	122
Ausentes:	182
Total:	12.959 habitantes

Segundo o censo, a cidade tinha uma população de 4.793 habitantes. A maior parte da população era católica 12.892. Neste período tinha apenas 67 acatólicos. O censo aponta que a cidade de Sorocaba tinha naquela ocasião 2.070 escravos. Embora a cidade fosse pequena havia uma população considerável de escravos. Esta população escrava pertencia aos principais comerciantes e agricultores da cidade. Em 1869, os agentes sociais pertencentes à maçonaria sorocabana começam uma luta pela libertação dos escravos na cidade de Sorocaba. A motivação, que será analisada ainda neste trabalho, aponta que esta luta estava atrelada ao

¹ ALMEIDA, Aluisio. História de Sorocaba – 1882-1889. Sorocaba, SP: Gráfica Guarani, 1951.

novo ciclo econômico que caracterizava a vida da cidade, fulcrado no plantio de algodão e mais tarde no processo de industrialização.

Cavalheiro faz a seguinte afirmação sobre este período:

Desde a década de 1860 os capitalistas vinham procurando outras formas alternativas de investimento do capital como a produção e exportação de algodão e, ainda, a industrialização. A passagem do sistema econômico baseado no trabalho escravo, compatível com o tropeirismo, para o assalariado e de “liberdade” de venda de força de trabalho era uma realidade iminente. Às portas da abolição da escravatura, a cidade de Sorocaba possuía algumas fábricas, uma das quais era têxtil de grande porte, uma estrada de ferro, capital obtido com o tropeirismo (tanto no mercado de animais como na prestação de serviço e no comércio em geral) e com a produção e comércio do algodão (2006, p.11).

Neste sentido, parte da elite sorocabana estava convencida de que a escravidão era anacrônica e um empecilho para o desenvolvimento social e econômico da cidade. A alternativa, portanto, era incentivar a imigração com a finalidade de substituir a mão de obra escrava sem trazer prejuízos à vida da cidade. Porém, boa parte dos escravos libertos encontrou na mendicância a forma de sobrevivência. “Ao negro sobrou a exclusão social. Com raras exceções não havia lugar para ele na nova sociedade industrial e moderna, onde os trabalhadores, na sua maior parte era imigrantes, já ocupavam seu espaço” (Cavalheiro, 2006, p. 15). Para Cavalheiro, a falta de habilidade do escravo em lidar com as novas técnicas industriais foi preenchida pelo trabalho dos imigrantes. Porém, como mostrarei, alguns dos ex-escravos foram trabalhar nas novas fábricas instaladas na cidade de Sorocaba.

A respeito dos imigrantes residentes na cidade, o censo de 1870 trazia as seguintes informações:

Americanos	12
Portugueses	110
Inglese	4
Franceses	3
Italianos	19
Alemães	49
Espanhóis	7
Suíços	5
Prussianos	21
Húngaros	3
Africanos	498

Alguns imigrantes foram se adaptando à nova reconfiguração econômica da cidade de Sorocaba. Eles também se inseriram na vida comercial e industrial da cidade, atuando como comerciantes, professores, industriais, advogados, trabalhadores na Fábrica de Ferro da

Fazenda Ipanema, trabalhadores na construção da Estrada de Ferro e no plantio de algodão. Estes imigrantes não trouxeram apenas mão de obra qualificada, que vinha ao encontro dos interesses da elite sorocabana, mas também empreendimentos que modificaram paulatinamente o modo de viver e pensar da cidade.

Segundo Barreira:

A emergência desses novos sujeitos sociais, no cenário urbano, provocou mudanças no campo letrado local. Parte significativa do operariado sorocabano era composta de imigrantes europeus, vindos, em sua grande maioria, de diferentes regiões da Alemanha, Itália, Espanha e Portugal, principalmente. Coube a esses imigrantes a realização de empreendimentos que modificaram, paulatinamente, determinados modos de viver e pensar da cidade (2002, p.4).

Entre as iniciativas dos imigrantes em Sorocaba estava a organização do Gabinete de Leitura, fundado em 13 de janeiro de 1867 pela colônia alemã na cidade, e pelo húngaro Luiz Matheus Maylasky. O historiador Aluísio de Almeida faz a seguinte referência sobre a organização do Gabinete:

No dia 3 do corrente teve lugar uma reunião em casa do Sr. Jeremias Vanderique, composta de alemães residentes nesta cidade, seu município, e na fábrica de ferro São João do Ipanema, com o fim de obter sócios, organizar um gabinete de leitura nesta cidade para entretenimento de seus habitantes, visto a falta de sociabilidade que há, e eleger um Diretório composto de um presidente, um tesoureiro e um escrivão. Obtido o número de 31 sócios, e depois de um discurso análogo ao ato feito pelo sr. Luiz Matheus Maylasky, procedeu-se a eleição do Diretório dando o resultado seguinte: Presidente, o sr. Luiz Matheus Maylasky, para tesouraria, o sr. Jeremias Vanderique e para escrivão sr. Francisco Berendt (2002, p. 279)

O modelo econômico postulado pela elite sorocabana trouxe mudanças significativas no espaço social sorocabano. Em Sorocaba não foi diferente do que se configurava no país, neste período em que a nova configuração econômica e social afetou diretamente a maneira de se viver e se pensar nas cidades:

A vida nos grandes centros urbanos mudou o homem e suas relações sociais a partir do século XIX. O trabalho, o lazer, o comportamento, as relações com a natureza, a política, a literatura, o tempo, enfim, o mundo material e cultural dos homens, foram profundamente afetados pela nova vida urbana. Pobres e ricos, burgueses e proletários, intelectuais e analfabetos, jovens e velhos, homens e mulheres, ninguém escapou a essas transformações (Moraes, 1994, p. 18).

As transformações políticas e econômicas em Sorocaba neste período também incentivaram o surgimento de muitas profissões. Entre as profissões, o censo indicava os seguintes dados:

Lavradores	2456
Negociantes	338
Empregados públicos	22
Padres,	5
Advogados	5
Solicitadores	2
Médicos	2
Farmacêuticos	2
Relojoeiros	3
Ourives	5
Fotógrafo	1
Pintores	18
Músicos	23
Tipógrafos	3
Alfaiates	52
Marceneiros	27
Carpinteiros	111
Seleiros	72
Sapateiros	55
Serigoteiros	52
Armadores	2
Trançadores	24
Chapeleiros	27
Ferreiros	97
Pedreiros	61
Latoeiros	8
Fogueteiros	19
Barbeiros	2
Ferradores	8

Estes dados levantados pelo censo ajudam a entender como era configurado o espaço social da cidade de Sorocaba na década 70 e como eram organizadas e distribuídas as profissões. Este espaço social era formado por vários grupos sociais. Entre os que faziam parte da elite estavam: lavradores, negociantes, padres, médicos, farmacêuticos, advogados. A maior parte da população elitizada era formada por lavradores, mas as novas profissões urbanas já foram destacadas pelo censo.

O desenvolvimento econômico e até mesmo o crescimento populacional, não significava necessariamente que a cidade de Sorocaba tinha encontrado o caminho da modernização. Por exemplo: a escolha das ruas a serem calçadas nem sempre atendia à necessidade pública, mas geralmente ao interesse de algum influente proprietário (Baddini, 2002, p. 149). Isto significa que a elite sorocabana utilizava-se da sua projeção social e econômica para ordenar o espaço social e através dele expressar sua riqueza e poder.

Segundo o censo, a cidade era dividida entre a população que morava na região central e a população que morava nos bairros. Na região central estavam as principais ruas da cidade: da Ponte, da Penha, das Flores, São Bento, do Comércio, São Paulo, da Direita, da Constituição, do Hospital, Boa Vista. Podemos ter uma idéia de como era a região urbana da cidade de Sorocaba através do mapa².

Em 1860, a Câmara Municipal cuidou especialmente de calçar as ruas centrais com a técnica da “macadamização”, que contribuiu para a definição do traçado das ruas, pois exigia o nivelamento de toda a extensão a ser calçada (Baddini, 2002, p. 169). O método previa o escoamento da água³, evitando que a rua ficasse esburacada.

Cruzando-se os dados apresentados acima, percebemos que as ruas centrais que receberam o melhoramento eram também locais de moradia e de trabalho da elite sorocabana. Podemos ter uma comprovação disso a partir dos nomes dos integrantes do campo maçônico do período e os respectivos endereços, retirados da obra de Aleixo (1999, p. 77). Podemos perceber que boa parte dos agentes sociais que compunham o campo maçônico⁴ morava na região central da cidade e simultaneamente desempenhava as novas profissões ligadas à cultura moderna da cidade:

Nome	Endereço	Profissão
Vicente de Oliveira Lacerda	Rua da Ponte, 13	
Marcelino José Peçanha	Rua do Rosário, 11	
Antonio Joaquim Lisboa e Castro	Rua do Hospital, 21	Procurador da Santa Casa
Olivério Pilar	Rua Santo Antonio, 2	
Ignácio Moreira da Silva	Rua do Hospital, 22	
Ubaldo do Amaral	Rua das Flores, 24	Negociante
Florentino Garcia Vieira	Rua do Hospital, 31	
Vicente Eufrásio da Silva Abreu	Rua da Ponte, 2	
José Leite Penteado	Rua da Penha, 134	1º Juiz de Paz
Messias José Correia	Rua do Rosário, 6	Agente do correio
Antonio Gonzaga de S. Fleury	Rua da Penha, 145	Fiscal da Câmara
Manoel Lopes de Oliveira	Rua das Flores, 7	Protetor das Famílias
Antonio Maria da Silva	Rua do Hospital, 22	
Luiz Matheus Maylasky	Rua da Penha, 159	
José Caetano Prestes	Boa Vista, 11	Armador
Manoel José da Fonseca	Rua da Penha, 161	Comerciante e Industrial
Antonio Augusto de P. Fleury	Rua da Ponte, 11	

² Ver anexo 1, vol II, p. 01: Mapa da cidade de Sorocaba.

³ Ver anexo 2, vol II, p. 02, (foto 1): Cidade de Sorocaba 1886.

⁴ Não apresento o nome de todos os maçons citados por Aleixo em virtude do seu grande número, pois somente a Loja Constância neste período registrava em seu Livro de matrícula a participação de 95 maçons.

Antonio Joaquim Dias	Rua São Bento, 1	Comerciante
José Antonio Galvão	Rua da Direita, 1	
Joaquim Pereira A. Vasconcelos	Rua São Paulo, 19	Escrivão do Juri
Antonio Maria de Góes	Largo da Matriz, 2	
Nicolau José d'Athouguia	Rua São Bento, 3	Dentista
Manuel Alves Lobo	Rua das Flores, 20	2º Tabelião
Francisco José da Piedade	Rua do Hospital, 46	Escrivão da coletoria
José Lycio Gomes e Silva	Rua da Penha, 75	Escrivão de Polícia
Joaquim Pinto Bandeira	Rua do Rosário, 22	Suplente de Juiz de Paz
Camilo Rodrigues de Barros	Rua da Direita	
Francisco Ferreira Prestes	Rua São Bento, 25	Suplente de Juiz de Paz
Américo Antonio Aires	Rua das Flores, 3	Juiz Municipal
Frederico Guilherme Hummel	Rua das Flores, 30	Relojoeiro
José Feliciano da Costa Ferreira	Rua Municipal, 18	Juiz do Comércio das Terras
Pedro Rodrigues de Mello	Rua do Comércio, 11	Sarg da Guarda Municipal.
Florentino Garcia Vieira	Rua do Hospital, 31	Ourives
José Mascaranhas Camelo	Rua da Penha, 101	Ourives
Joaquim Antonio de Andrade	Rua do Hospital, 7	Padre
Justiniano Marçal de Souza	Rua São Bento	Comerciante e Dentista
José Anthonio de S. Bertholdo	Rua São Bento	Comerciante

Outro argumento sustentado pela elite sorocabana em direção à modernidade foi analisado por Baddini a respeito da necessidade de superar o ciclo econômico representado pela Feira de Muare: “Propagou a idéia de que a feira de animais era uma prática rústica, tendente ao declínio e que não assegurava estabilidade econômica à cidade” (2002, p. 172).

A elite sorocabana morava na região central da cidade e tinha como porta vozes Matheus Maylaski, Júlio Ribeiro, Ubaldino do Amaral e outros. Matheus Maylasky estava convencido que a vida econômica da cidade centrada no comércio de animais era um impedimento para o seu progresso. Para tanto, fazia-se necessário convencer a população de adequar a sociedade a um novo modo de produção, pois comparada a outras cidades, Sorocaba estava atrasada. O jornal *O Sorocabano* foi uma das ferramentas utilizadas por seus redatores-proprietários Maylaski, Júlio Ribeiro e Ubaldino do Amaral para convencer a população e, mais especificamente, a elite sorocabana no ano de 1870. Mais tarde o jornal passou a se chamar *O Sorocaba* e continuou sob a responsabilidade de Júlio Ribeiro e com a mesma perspectiva ideológica.

Ora, Maylaski, Ribeiro e Amaral estavam ligados às Lojas Maçônicas Perseverança III e a Constância⁵, organizações integrantes da maçonaria sorocabana. O que fortalecia suas relações de poder e tomada de posição.

1.2. A MAÇONARIA COMO CAMPO DE PODER

Neste contexto, a cidade de Sorocaba pode ser vista como um espaço social que circula, legitima, organiza e propaga interesses dos agentes sociais pertencentes aos mais variados campos. Este espaço social se configura sobre duas posições matriciais: o centro e a periferia. Segundo Araújo (2000), Centro e Periferia não são lugares de exclusão, de poder ou não poder. Há poder em todo lugar, fortalecido ou enfraquecido pelas relações estratégicas. Mas, o centro é o lugar onde o poder se configura com maior força e intensidade e representa o *locus* das articulações, estratégias e divulgação dos interesses dos agentes sociais dominantes. O poder dentro de um espaço social é determinado pelo capital econômico, social e cultural que circula dentro deste espaço.

Bourdieu (2004), afirma que é possível comparar o espaço social a um espaço geográfico no interior do qual se recortam regiões. Para ele, este espaço é construído de tal maneira que, quanto mais próximos estiverem os grupos ou instituições ali situados, mais propriedades eles terão em comum, quanto mais afastados, menos propriedades em comum terão. Isto significa que a aproximação é determinada pelas relações de poder que se estabelece entre os agentes sociais. Esta relação de poder objetiva a solidificação dos interesses compartilhados para a construção da visão do mundo que se pretende construir.

É na cidade, especificamente, na região central que os republicanos, maçons, católicos e presbiterianos configuram seu lugar de poder. A cidade como espaço social, portanto lugar de disputa e legitimação do poder, detêm a prerrogativa de produzir e disseminar conhecimentos que são determinantes na construção da cosmovisão que se pretende divulgar ou construir. Pode-se dizer que ela determina as políticas, as práticas sociais, a divisão social, a construção do *habitus*, a solidificação do capital, a visão de mundo e dos interesses dos agentes sociais. O poder sobre o grupo que se trata de trazer à existência enquanto grupo é, a um tempo, um poder de fazer o grupo impondo-lhe princípios de visão e de divisão comuns,

⁵ Iniciado na Loja Constância, saiu para organizar a Loja Perseverança III. Porém, mais tarde, como mostrarei no próximo capítulo, Luiz Matheus Maylasky, por questões políticas, encaminha através do Venerável Mestre da Loja Constância um parecer afirmando que nunca havia deixado o quadro da referida Loja.

portanto uma visão única da sua identidade, e uma visão idêntica da sua unidade (Bourdieu, 2000, p. 117).

Uma das estratégias utilizadas para a circulação das idéias defendidas pelos agentes que compunham o espaço social urbano nesse período era a imprensa, que por sua vez, divulgava os interesses dos republicanos pela educação. Nela se travam várias lutas com o objetivo de legitimar os interesses em jogo. O jornal *O Americano* (03/06/1871) traz um manifesto da Maçonaria contra os ataques da Igreja católica. Outros assuntos estavam na ordem do dia da imprensa sorocabana: crítica do modelo de educação defendida pelo ideário monárquico, defesa da república como instrumento político para construção de uma nova ordem social, educação como meio de desenvolvimento social e econômico da cidade.

A imprensa sorocabana foi utilizada pelos republicanos como instrumento de propagação de interesses, valores, princípios, visão de mundo, ideais políticos da elite dominante em Sorocaba. Esta elite era composta de comerciantes, industriais, políticos, intelectuais, jornalistas, quase todos pertencentes a maçonaria sorocabana. Tinham um ideal em comum: a construção de uma identidade social através dos ideais republicanos, que tinha como projeto político social a escola. A ela se dava a responsabilidade do desenvolvimento econômico, social e como instrumento de moralização e civilização das massas (Pavan, 2006, p.151).

Bourdieu ao analisar a dominação simbólica e as lutas regionais, afirma que o regionalismo é:

Apenas um caso particular das lutas propriamente simbólicas em que os agentes estão envolvidos quer individualmente e em estado de dispersão, que coletivamente e em estado de organização, e em que está em jogo a conservação ou a transformação das relações de forças simbólicas e das vantagens correlativas, tanto econômicas como simbólicas; ou, se se prefere, a conservação ou transformação das leis de formação dos preços materiais ou simbólicos ligados às manifestações simbólicas (objetivas ou intencionais) da identidade social. Nesta luta pelos critérios de avaliação legítima, os agentes empenham interesses poderosos, vitais por vezes, na medida em que é o valor da pessoa enquanto reduzida socialmente à sua identidade social que está em jogo (2000, p. 124).

Os dominados nas relações de poder que se estabelece no espaço social entram na luta em estado isolado, não têm outra escolha a não ser a da aceitação (resignada ou provocante, submissa ou revoltada). Mas, de qualquer forma a sua identidade é construída a partir da visão dos dominados e não da sua própria visão. Porém, deve se acentuar que Bourdieu não exclui a possibilidade de revolta por parte dos dominados. O espaço social e as diferenças que nele se configuram tendem a funcionar simbolicamente como espaço dos estilos de vida, ou seja,

espaço caracterizado por estilo de vidas diferentes, portanto, com concepções diferentes de mundo. O espaço social é um espaço multidimensional, formado por um conjunto aberto de campos relativamente autônomos, ou seja, subordinados quanto ao seu funcionamento e às suas transformações. No interior de cada subespaço, os ocupantes das posições dominantes e os ocupantes das posições dominadas estão ininterruptamente envolvidos em lutas de diferentes formas, sem contudo, necessariamente, constituírem antagonistas. Percebe-se que naquele momento históricos, no interior de campos diferentes, eram instauradas alianças mais ou menos duradouras. Os agentes dominantes ocupavam posições homólogas as dos dominados, mas recorriam freqüentemente a eles, mediante uma espécie de capital cultural acumulado e ao tentarem fazer dos seus interesses econômicos o interesse dos próprios dominados, ou seja, algumas das reivindicações políticas e econômicas da elite sorocabana eram divulgadas como se fossem interesses das parcelas mais desfavorecidas da cidade.

Pode-se dizer que a cidade de Sorocaba neste período organizou-se como espaço social de acordo com três dimensões fundamentais: os agentes se distribuíram de acordo com o volume do capital possuído, de acordo com a estrutura desse capital e de acordo com a evolução, no tempo, do volume e da estrutura de seu capital.

Fica evidente que na reconfiguração do campo na cidade de Sorocaba, os agentes sociais estabeleceram relações de força com vários campos com a finalidade de legitimar suas posições, alianças e oposições, configurando, portanto um espaço social marcado pela lógica dos interesses de cada grupo social. Portanto, a cidade de Sorocaba é um espaço social formado por vários campos, microcosmos ou espaço de relações objetivas, que possui lógica própria e irreduzível.

Nesta perspectiva a cidade é estruturada como um "campo de forças", uma estrutura que constrange os agentes nele envolvidos, e como um "campo de lutas", em que os agentes atuam conforme suas posições relativas no campo de forças, conservando ou transformando a sua estrutura. Portanto, os campos são produtos da história das suas posições constitutivas e das disposições que elas privilegiam. A existência de um campo é determinada pelos interesses específicos, investimentos econômicos e psicológicos que ele solicita a agentes dotados de um *habitus* e as instituições nele inseridas.

Podemos então falar em campo político (lutas entre partidos políticos), campo educacional (lutas entre diferentes tipos de escolas) e campo religioso (luta entre diferentes religiões). Os três conceitos de campos são importantes para o trabalho, porque representam

praticamente os três instrumentos utilizados pela elite Sorocabana e pelo protestantismo em Sorocaba. A permanência de um campo é determinada pela ação dos indivíduos e dos grupos, constituídos e constituintes de força, que investiam tempo, força, trabalho, dinheiro e outras ações que interessavam ao grupo e que garantiam a sua hegemonia.

Cada campo é um resultado dos processos de diferenciação social, portanto, cada campo possui sua própria identidade, conceitos, cosmovisão, seu próprio objeto, seu princípio de compreensão, valores, interesses específicos.

O campo também é entendido como um espaço relacional. A posição de um sujeito dentro do campo determina a forma como ele usufrui o ensino, a política, a cultura, a arte, a religião, a educação. Determina, igualmente, a forma como as produzimos e acumulamos. O campo é um espaço social de relações objetivas entre indivíduos, coletividades ou instituições, que competem pela dominação de um cabedal específico.

A estrutura do campo é dada pelas relações de força entre os agentes (indivíduos e grupos) e as instituições que lutam pela hegemonia no interior do campo, isto é, o monopólio da autoridade que outorga o poder de ditar as regras, de repartir o capital específico de cada campo. A forma como o capital é repartido dispõe as relações internas ao campo, isto é, dá a sua estrutura.

Para manter a hegemonia, os maçons da Loja Perseverança III, além de construírem as estratégias em torno da libertação do escravo, instrução escolar e da implantação da República, começaram a liderar outras agremiações: Partido Liberal, Gabinete de Leitura, Câmara Municipal, Hospital, Escolas. Isto implica em dizer que eles estavam, praticamente, dominando vários espaços sociais e vários campos na cidade de Sorocaba. No interior da Loja Maçônica eles discutiam e estabeleciam suas estratégias. Através da imprensa jornalística, eles divulgavam seus interesses e aquilo que eles achavam conveniente para justificar suas ações e procedimentos. A inserção em vários campos de poder foi possível através da dominação política, dominação de outras instituições e através do uso da imprensa jornalística sorocabana, instrumento utilizado com o objetivo de propagar os ideais defendidos. Vários jornais tinham como redatores pessoas pertencentes à maçonaria.

O Sorocabano (1870) teve como editores Júlio Ribeiro e Pereira Salles. Neste jornal, Júlio escrevia uma série de artigos em defesa da instalação da ferrovia, cuja proposta era sustentada por Matheus Maylasky. O jornal foi fundado em 13 de fevereiro de 1870. Vendido ao preço de “8\$000 ao anno na cidade e 9\$000 fora”, tinha por princípio “pugnar pelo bem

público, com especialidade pelos interesses do município. Dar voz a todas as reclamações justas e comedidas. Reproduzir os clamores da lavoura e do comércio. Abrir espaços a discussões de interesse geral” (13/02/1870, p. 01). Era seu principal colaborador Ubaldino do Amaral, maçom, abolicionista e republicano. Em 01 de setembro de 1872, transformou-se em *O Sorocaba*, que teve em Júlio Ribeiro seu redator-chefe. Deixou de existir em 1883.

O jornal *O Americano* (1871), propriedade de Francisco de Paula e Oliveira Abreu, traz severos ataques contra o catolicismo e se posiciona a favor da Maçonaria.

O *A Gazeta Commercial* também era dirigida por Julio Ribeiro. O jornal chegou a circular diariamente. A este somavam-se *O Colombo* (1871), sob a direção de Domingos Silva, *O Votorantim* (1877), jornal literário e instrutivo, cujo redator chefe era o professor Fidelis de Oliveira, e a *Gazeta de Sorocaba* (1878), de propriedade de Gaspar da Silva. O *Ypanema* (1872 – 1892): com assinatura no valor de “8\$000 por ano em Sorocaba e 9\$000 fora”, foi editado pela primeira vez em 25 de abril de 1872. Publicado “6 vezes por mês”, o jornal se propunha a defender os “interesses morais e materiais do município e do Sul da província”. E procura “dar na parte literária alguns bons artigos e vulgarizar os melhores escritos de autores nacionais” (25/04/1872, p. 01). Seu editor e proprietário foi Manoel Januário de Vasconcellos, maçom, sorocabano de nascimento e coronel da guarda nacional. Participou ativamente da campanha pela instalação, pelo Estado, da rede de esgoto na cidade. Em 1880, transformado em diário, passou a chamar-se *Diário de Sorocaba*. Este jornal contém ricas informações sobre a situação de Sorocaba do ponto de vista da educação escolar.

Temos ainda, jornal *O Trabalho* (1882), quinzenário, noticioso e literário. Até 1890, surgiram em Sorocaba outros dois periódicos jornalísticos: *A Tribuna* (1887) e *O industrial* (1890). Em 1891, a imprensa sorocabana continuou seu desenvolvimento. Começou a circular o *Diário de Sorocaba*, cujo proprietário era Manoel Januário de Vasconcellos, proprietário do jornal *O Ypanema*. O jornal *A Escola* era do professor Arthur Gomes, maçom e membro da Loja Perseverança III.

Enfim, em 1892 surgiu a re-publicação do jornal *A Voz do Povo*. Na década de 70 o jornal tinha como editor e redator Domingos Costa. Era publicado duas vezes por semana em dias indeterminados. Circulava com o preço de 9\$000 por ano e 5\$000 por semestre. Em 1875 foram publicados 21 jornais entre 04/10/1875 – 10/12/1875, compondo os números 01-16. Os jornais de numero 01-15 tinham formato pequeno. A partir do número 16 o jornal tinha uma diagramação maior. Em 1876 circularam na cidade 34 publicações do Jornal – *A Voz do*

Povo, do número 22-55. O número 49, publicado no dia 30/04/1876, foi publicado em cor verde. O mesmo aconteceu com o jornal nº 54 (18/05/1896) e o nº 55 (24/05/1876). Este jornal dizia ser de interesse público e que combatia os interesses de grupos sociais elitizados.

Porém, no período de 1875-1876 o jornal transcrevia textos de Olivério Pillar, Luis Matheus Maylaski, Vicente Eufrásio da Silva e F. de Albuquerque. Todos maçons e representantes de parte da elite sorocabana. Maylaski publicava assuntos referentes à Companhia Sorocabana: balanço anual, proposta de venda, e outros assuntos. Os jornais, até mesmo aqueles que diziam representar a “voz do povo”, transmitiam as propagandas e as articulações dos maçons para a concretização do ideário republicano e da modernização da cidade com a instalação de várias indústrias e escolas.

Embora a Maçonaria postulasse a não participação na vida política da cidade, ela representou neste momento histórico um espaço de poder, que influenciou as decisões políticas e os rumos da cidade, transformando a cidade num espaço social de poder estrategicamente dividido em vários campos de dominação. No bojo das decisões maçônicas, o que sobressai é o caráter político dos ideais defendidos: libertação dos escravos, instrução escolar, modernização da cidade, exploração do algodão e instalação da Estrada de Ferro, mostrando que seus ideais estavam atrelados politicamente à estrutura econômica e social capitalista.

A cidade como espaço social precisava, no entendimento da elite sorocabana, passar por um processo de modernização, que seria possível através de novos investimentos políticos, econômicos e educacionais. Sem o devido investimento, segundo os agentes sociais do campo de poder, a sociedade sorocabana permaneceria no caos sustentado até então pelos políticos conservadores, ou seja, dependente economicamente da feira de Muares, sem modernização do espaço urbano, sem via férrea, sem exploração do algodão, sem a industrialização, sem escolas suficientes, sem uma economia voltada para o progresso, sem a valorização da mão de obra qualificada e outros aspectos. Neste sentido, a maçonaria sorocabana ligada à política liberal partidária, estava estrategicamente articulada com a finalidade de legitimar a dominação desta na cidade.

Partidário deste movimento estava Júlio Ribeiro, maçom pertencente ao quadro da Loja Maçônica América de São Paulo. Filiou-se à Loja Perseverança III em 25 de fevereiro de

1871 (Aleixo, 1999, p. 103). Matheus Maylasky pertencia também à maçonaria sorocabana. Seu registro encontra-se no livro de matrícula da Loja Constância⁶, que diz:

Luiz Matheus Maylasky, húngaro, natural da Hungria, morador desta cidade, idade 28 anos, solteiro, negociante, religião católica, apostólica, romana, recebeu o grau 3º no dia 17 de junho do mesmo ano. Riscado do quadro por pertencer à Loja Perseverança 3ª, em sessão de 2 de agosto de 1869.

No mesmo livro de registro da Loja Constância, vemos o nome de Ubaldino do Amaral:

Ubaldino do Amaral⁷ iniciado em 16/03/1869 na Loja Constância: idade 26 anos, solteiro, advogado, natural de Vila do Príncipe, residente nesta cidade, de religião católica, apostólica romana. Foi riscado do quadro por pertencer ao da loja Perseverança 3º em sessão de 2 de agosto de 1869.

O jornal *O Sorocabano*, de propriedade de Júlio Ribeiro, Maylasky e Ubaldino, colocava de forma muito clara o objetivo do jornal na edição publicada em 13/02/1870:

É toda de paz a nossa missão. Não daremos incitamentos às paixões geradas no seio da mesquinha política dos partidos, nem abriremos praça onde se desbraguem os ódios particulares. Pugnar pelo bem público, com especialidade pelos interesses do município. Dar voz a todas as reclamações justas e comedidas. Reproduzir os clamores da lavoura e do comércio. Abrir espaço as discussões de interesse geral: fazer conhecida o projeto d'estrada de ferro d'esta cidade a Itu. Tal é o propósito do *Sorocabano*.

Neste editorial, o redator explicita de forma clara que o objetivo do jornal era lutar pelos interesses públicos, dar voz às reclamações justas e reproduzir os interesses da lavoura e do comércio. Fica evidente que o interesse estava relacionado ao próprio projeto do grupo liderado por Matheus Maylasky, que tinha interesse político de solidificar o domínio do seu grupo social na cidade de Sorocaba. No final, diz que o objetivo do jornal era tornar conhecido o projeto de implantação da estrada de ferro.

Ao lado deste editorial, ainda na primeira página, Ubaldino do Amaral faz uma crítica à situação da cidade de Sorocaba:

Sorocaba é mal conhecida, ainda dos vizinhos em sua atual fase de prosperidade. Famosa outrora pela sua feira compartilhou a sorte d'esse ramo de comércio. Durante dez meses a população inteira se preparava para a feira. Não descansavam a bigorna, o burril, o tear e o cadinho. Todos os ofícios, todas as artes, todas as indústrias, inclusive as ilícitas, todos os gêneros de comércio, cobravam vida e força, durante os dois venturosos meses. O proprietário não lamentava de ter suas casas fechadas e o resto do ano nem o capitalista de ter seus cofres em descanso. A felicidade, porém, é

⁶ Primeiro Livro de Atas da Loja Maçônica Constância. Arquivo da Loja Perseverança III. O primeiro livro de matrícula da Loja Constância foi aberto pelo Grande Inspetor Geral, grau 33 e Venerável Antonio Augusto de Sá Fleury, aos 7 de junho de 1886, da era vulgar.

⁷ *Ibid*, sob nº 162.

inconstante: baixou o preço das bestas, sucederam-se feiras más, a ruína entrou em muitas casas, a banca rota ameaçou as mais fortes. Uma desgraça traz sempre outra. O flagelo das bexigas dizimou a população. Foram anos de dura provação. O silencio substituiu o ruído dos martelos e o gemido dos teares, as gramíneas lançaram suas redes em liberdade sobre as calçadas, e a morte parecia adejar sobre a cidade do comercio, a esperança da indústria. O princípio regenerador não estava, entretanto, perdido. Sorocaba nunca tinha de todo abandonado a cultura do algodão, senão para exportar, ao menos para o fabrico de redes, e de alguns grosseiros tecidos. Quando as atenções se voltaram para o algodão, Sorocaba foi a primeira que despertou. A reação começou, e recrudesciu de dia para dia, todos os braços inúteis emigraram para a lavoura, e em breve só não ganhou dinheiro o ocioso (*O Sorocabano*, 13/02/1870, p. 1-2).

O artigo, intitulado “Projeto de Estrada de Ferro”, trata muito mais do plantio do algodão do que do próprio projeto da estrada de ferro, mas pela sua leitura podemos perceber que a importância desta está sempre subentendida e representava o anseio do grupo liderado por Maylasky e Ubaldino⁸. O objetivo era destacar a importância do cultivo do algodão como meio de enriquecimento econômico da cidade e mostrar que a feira era responsável pelo não desenvolvimento econômico da cidade.

Fica evidente que o interesse do grupo liderado por Maylaski era convencer a população e em especial os negociantes de animais da cidade sobre a importância de se adaptar a um novo ciclo econômico, o plantio de algodão, que na perspectiva deles garantiria o progresso da cidade de Sorocaba, como aconteceu em outros países, conforme a argumentação deles e para o qual a instalação de uma estrada de ferro concorreria positivamente permitindo o escoamento da produção.

Um dos exploradores do plantio de algodão foi o agricultor e maçom Manoel Lopes de Oliveira, que em 1864 chegou a cultivar quatro alqueires de sementes (Silva, 2000, p. 50). Outro agricultor que se destacava neste período com a plantação de algodão era o maçom Roberto Dias Baptista, iniciado em 3 de julho de 1847⁹. Canabrava (1984) diz que a cidade de Sorocaba era uma das primeiras cidades do interior da Província de São Paulo a explorar o plantio do algodão.

⁸ Ver anexo 2, vol II, p. 3, (foto 2): Ubaldino do Amaral

⁹ O registro da iniciação do agricultor Roberto Dias Baptista encontra-se no livro de matrícula da Loja Constância, sob o nº 20. Roberto Dias Baptista, idade 36 anos, natural de Apiaí, residente nesta cidade, negociante, solteiro, de religião católica, apostólica, romana. Foi iniciado. Tomou os graus de companheiro e mestre a 24 de agosto do mesmo ano. Foi eleito 2º experto no dia 1º de abril de 1848. Eleito mestre de cerimônia a 19 de março de 1849, 10 experto a 26 de março de 1850. Foi elevado ao grau 18 a 29 de setembro de 1850. Foi elevado ao grau 30 a 12 de outubro de 1850. Riscado do quadro por pertencer ao da Perseverança III em sessão de 2 de agosto de 1869. Faleceu em 13 de julho de 1885.

Segundo Aleixo:

Surgia o ciclo da indústria do algodão herbáceo, cujas primeiras colheitas, no Lageado, e na chácara Amarela, encheram de satisfação aos Lopes de Oliveira, aos Dias Baptista, a Vicente Eufrásio da Silva Abreu, a Manuel Monteiro de Carvalho e, sobretudo, a Maylasky, que via, assim, confirmadas as palavras incentivadoras que a todos dirigia (1999, p. 27).

Luiz Matheus Maylasky se destaca como incentivador da exploração de algodão e em 1870, através do jornal *O Sorocabano*, inicia uma campanha ostensiva em favor da exploração do algodão. É válido destacar que ele não estava necessariamente interessado na agricultura, mas no maquinário e no trem para transportar o produto produzido por outros maçons da cidade de Sorocaba.

Na edição do jornal *O Sorocabano* publicada em 16/09/1870, apresenta o preço do produto comercializado na Europa e nos Estados Unidos, afirmando que estava aumentando a procura deste produto. No mesmo jornal, Ubaldino do Amaral escreve na primeira página, ou seja, em editorial, a necessidade de adquirir bombas e máquinas para a exploração do produto. Além desta campanha, os jornais apresentam a luta que ambos organizaram em favor da estrada de ferro.

No artigo já referido acima, em que lamenta o declínio e o silêncio em relação a Feira de Muares, Ubaldino afirma que a cidade de Sorocaba era mal conhecida na sua atual fase de prosperidade, pois o silêncio será substituído pelo ruído dos martelos e o gemido dos teares. Deposita na industrialização o retorno da alegria que caracteriza a cidade nos dias das Feiras de Muares. E na sequência, apontava a necessidade de se construir as vias férreas que levariam o algodão por toda a parte do país. Ele intencionalmente atrelava a exploração do algodão com a necessidade da construção da Companhia Férrea, no qual tinha participação, juntamente com Maylasky. Ele postulava no seu artigo o apoio dos dirigentes políticos da cidade de Sorocaba. Afirmava que em outras localidades, os dirigentes favoreciam a exploração do algodão através de taxas menores de juros. Denuncia que não recebeu apoio das autoridades locais e afirma o desinteresse de tais líderes pelo progresso e desenvolvimento da cidade. Seria desinteresse pela cidade e seu progresso, ou desinteresse pelo projeto liderado por Matheus Maylasky, Ubaldino e Júlio Ribeiro? Este desinteresse pode sugerir a disputa de poder no campo político sorocabano.

Outro articulista no mesmo jornal sob as iniciais C.F., argumenta:

A vida desta cidade parece que se ia esgotando pelo torpor de suas forças. O comércio de animais deu por muito tempo vida à esta cidade; mas a sua queda veio demonstrar que essa vida era puramente artificial, e, ainda, que tarde, felizmente se reconheceu

que não era nesse comércio, e sim no próprio solo que havia seiva bastante para sua prosperidade. A guerra civil travada entre os estados do norte e sul da União Americana, fazendo escassear nos mercados consumidores a matéria prima para o alimento da manufatura deu ocasião à que os habitantes desta cidade se aplicassem à cultura do algodão para a qual o nosso terreno tem especial prosperidade. Foi um passo no caminho do progresso (O Sorocabano, p. 02)

O articulista aponta a situação transicional vivida pela cidade de Sorocaba, que vivia do comércio de animais e que experimentava o progresso através do plantio de algodão. Ele tenta de todas as formas mostrar através do seu discurso a contribuição que a exploração do algodão daria à cidade. Afirmava que a exploração do algodão foi o primeiro passo para o progresso da cidade.

Em seu comentário sobre a exploração do algodão, também exteriorizava a necessidade de construir as linhas férreas. Aponta que a cidade de Itu estava no caminho certo a construir suas linhas e que Sorocaba amargava a dor do retrocesso, por não fazer investimentos necessários na construção das vias férreas. Afirmava que a cidade de Sorocaba é uma das povoações mais comerciais da província e seu futuro depende da construção da estrada para se tornar uma das primeiras da província.

Na mesma edição ainda, Maylasky publica uma circular com o título Algodão em rama. Descreve o declínio do preço do algodão em alguns países, devido a escassez do produto e afirma que a cidade de Sorocaba produziria em boa quantidade. Em uma única edição, o grupo liderado por Maylasky apontava de forma diferente a necessidade de se construir a via férrea para a modernização da cidade.

É válido frisar que estes homens não estavam ligados apenas com a exploração e o cultivo de algodão. Eles eram maçons, segundo Aleixo:

Os homens de 1869, da pequena cidade, como os seus antepassados acolhiam afetuamente todos os que aí aportassem buscando enriquecê-la com o trabalho. Seu idealismo não se conformava com o estrábico bairrismo d'outras terras. Todos os que vinham lhe dar um pouco da sua vida sentiam-se irmanados no mesmo amplexo e solidarizavam-se nas lutas diárias em benefício de um ideal maior. A evolução dos métodos econômicos obrigava esses homens, muitos vindos de terra d'além mar, a fazer da política o escudo que lhes permitisse pleitear também as reformas sociais que o mundo exigia e os exemplos que a Europa e América do Norte impunham (1999, p. 29).

Luiz Matheus Maylasky¹⁰ se articulava com seu grupo através dos jornais na tentativa de modernizar a cidade, o que favorecia o empreendimento particular dos agentes que compunham seu grupo.

Não sabemos se era maçom anteriormente à vinda para Sorocaba, mas é certamente através da Maçonaria que Matheus Maylasky vai construir relações de poder que serão significativas para seus empreendimentos. Em 1867, Maylasky estabeleceu na cidade de Sorocaba um armazém, em sociedade com Manoel José da Fonseca, fundador da 1ª indústria de tecelagem da cidade de Sorocaba em 1881 (Ribeiro, 1988). No armazém comprava o algodão e depois de beneficiá-lo remetia para os centros industriais e para o estrangeiro. Maylasky, Roberto Dias Batista e Manoel Lopes de Oliveira faziam parte da mesma Loja Maçônica em Sorocaba, Loja Constância, cuja organização é datada em 8 de abril de 1847. Nesta época acusava a presença de 278 membros.

O jornal *O Sorocabano* (20/02/1870) lança na primeira página um editorial dizendo que a Câmara Municipal votaria os valores necessários para a construção da estrada de ferro. O articulista afirma que os dirigentes da sociedade atenderam a voz do povo. Seria a voz do povo ou os interesses do grupo liderado por Maylasky e Ubaldino?

Neste período a Câmara Municipal da cidade de Sorocaba tinha como vereadores, os seguintes nomes: Rafael Aguiar de Barros, presidente. José Gabriel de Carvalho, padre Joaquim Gonçalves Pacheco, Fernando Lopes de Souza Freire. Entre 1869-1872, a Câmara Municipal era composta pelos seguintes nomes: Teotônio José de Araujo, João de Aguiar Barros, João Marcondes França, Antonio Lopes de Oliveira, Camilo José de Matos, José Antonio Cardoso, Fernando Lopes Sousa Freire, José Pereira da Fonseca. A maioria dos vereadores eram pessoas ligadas a Maylasky e Ubaldino: Rafael Aguiar de Barros, Teotônio José de Araujo, João Marcondes França, Antonio Lopes de Oliveira, João de Aguiar de Barros, Camilo José de Matos e José Pereira da Fonseca. Ou seja, para seus projetos no âmbito político, Maylasky contava com a maioria dos políticos.

O projeto seria aprovado por conta das articulações feitas por Ubaldino e Maylasky e publicado sistematicamente nos jornais. Eles escreviam justamente para a classe dirigente. Esta fazia as pressões necessárias, a fim de que os dirigentes políticos atendessem os apelos de Ubaldino e Maylasky. Por outro lado, os dois contavam com o apoio de vereadores. Não haveria dificuldades para aprovação do projeto, alguns vereadores já tinham comprados suas

¹⁰ Ver anexo 2, vol. II, p. 4, (foto 3): Luiz Matheus Maylasky.

ações da Companhia da Estrada de Ferro: João de Aguiar, Fernando Lopes Souza Freire, Antonio Lopes de Oliveira. Estes vereadores faziam parte do grupo liderado por Ubaldino, Julio Ribeiro e Maylasky. A articulação do grupo liderado por Maylasky e Ubaldino vinha do campo maçônico e do campo político sorocabano. Enquanto redatores e articulistas representavam os interesses da nova elite sorocabana.

No mesmo jornal é publicado um artigo intitulado “A Pedido” em que o autor assinado A., criticava as pessoas que eram contra a instalação da estrada de ferro, afirmando que eram egoístas e possuíam idéias atrasadas. O que eles buscavam era um consenso em torno das idéias defendidas por Maylasky e Ubaldino. Tentavam de todas as maneiras silenciar os argumentos daqueles que eram contrários às iniciativas apresentadas como progressivas. Tais iniciativas, no entanto, obscureciam o interesse maior do grupo dirigente em solidificar sua dominação na cidade, pois estavam voltadas mais para seus interesses políticos, econômicos e pessoais do que necessariamente voltados para o interesse da população. Tudo indica, provavelmente, que suas iniciativas favoreciam a solidificação da hegemonia da nova elite sorocabana, representada pela voz e escrita de Ubaldino, Júlio Ribeiro e Matheus Maylasky.

Na edição seguinte do *Sorocabano* (27/02/1870, p. 3), eles aguardavam o parecer definitivo da Câmara de Sorocaba, que na sessão anterior discutia o projeto liderado por Maylasky. Na primeira página do jornal publicam-se as emendas do substitutivo apresentado por Lopes Chaves, que continha as seguintes proposições:

Art.1º O governo fica autorizado a despende, desde já se julgar necessário até a quantia de 40:000\$, com o levantamento da planta definitiva, e orçamento para a construção de uma estrada de ferro, que partindo de Jundiaí vá á cidade de Itu; e 20:000\$ com a que partido de Itu termine em Sorocaba

Art. 3º. A província garante juros de 7% a companhia que se organizar em Itu, para a construção da 1ª sessão da estrada, até o capital de 2.500;000\$, e iguais juros à que se organizar em Sorocaba, para a construção da 2ª sessão, até o capital de 1.200:000\$000.

Art (sic) - O governo fica autorizado para regular o tráfego, e frete das linhas, observado enquanto for aplicável, as condições do decreto n. 1759 de abril de 1856, e do art. 26 da lei provincial n. 16 de 21 de abril de 1863.

Parágrafo único: as linhas de Jundiaí a Itu e de Itu a Sorocaba se unirão na cidade de Itú, estabelecendo o governo, de acordo com as companhias respectivas, a taxa devida a cada qual, pelo uso que uma fizer dos trilhos da outra.

Na mesma página, ao lado da publicação dos artigos que viabilizam a construção da estrada de ferro, aparece lista de acionistas da estrada de ferro. A colocação dos acionistas ao lado da nota parece sugerir uma pressão sobre aqueles que votariam definitivamente o projeto

de Maylasky. Portanto, eles não aguardavam passivamente a aprovação dos ideais postulados pelo grupo de Maylasky.

No mesmo jornal, Maylasky dirige uma carta aos Lavradores, dando-lhes informações e criticando a má qualidade, limpeza e beneficiamento do algodão. Ele havia comprado 872 fardos de algodão e exigia que o algodão fosse melhor explorado. Na página 3 do jornal, Maylasky convida a diretoria da Sociedade – Progresso Sorocabano para uma reunião extraordinária no dia 27 do corrente ano, às 11:00, no edifício da mesma sociedade. Assinam a convocação: Luis Matheus Maylasky, Manoel Lopes de Oliveira e Jeremias Wenderico.

Observa-se que o grupo liderado por Matheus Maylasky circulava em vários campos sociais da cidade de Sorocaba. Manoel Lopes de Oliveira foi um dos principais industriais da cidade de Sorocaba. Estava ligado a Maylasky pela maçonaria.

Na primeira página da edição seguinte (06/03/1870), surge nova solicitação dos redatores do jornal, a iluminação pública. Defende-se que a iluminação publica não era apenas uma questão de luxo e comodidade, mas também, e, principalmente, medida preventiva contra o vício, o crime, que buscam a favor das trevas, para salvo conseguirem seus fins. Apela para o bom senso dos vereadores no sentido de providenciarem a iluminação necessária da cidade, afirmando que se não for possível progredir, que não se retroceda. Na edição seguinte (13/03/1870), Olivério Pilar, também amigo de Matheus Maylasky, justifica a razão da falta de iluminação pública, dizendo que não existiam pessoas habilitadas para a execução do serviço e que em breve a Câmara Municipal solucionaria o problema. No mesmo jornal Olivério Pillar aparece na lista dos acionistas da estrada de Ferro e como membro da comissão que elaborou o projeto liderado por Maylasky. O texto sobre a iluminação não tem assinatura, porém o jornal tem como redatores Maylasky e Ubaldino. Intencional e estrategicamente, publicam questões relacionadas à cidade que atrasariam, nas suas perspectivas, a conclusão do seu projeto ferroviário. Olivério Pilar, aparentemente, parecia estar em oposição, mas tinha os mesmos interesses políticos e econômicos, uma vez que pertenciam ao mesmo grupo elitizado e também era um dos acionistas da ferrovia.

Neste sentido, a análise de Bourdieu nos ajuda a entender que dentro de qualquer campo existem disputas internas entre os próprios agentes pelo domínio de determinado capital ou até mesmo a luta por uma posição mais privilegiada. Parece ser o caso aqui.

A estrutura do campo é dada pelas relações de força entre os agentes (indivíduos e grupos) e as instituições que lutam pela hegemonia no interior do campo, isto é, o monopólio da autoridade que outorga o poder de ditar as regras, de repartir o capital

específico de cada campo. A forma como o capital é repartido dispõe as relações internas ao campo, isto é, dá a sua estrutura (Bourdieu, 1984, p. 114).

O historiador maçon Aleixo Irmão faz a seguinte referência a respeito da Companhia Sorocaba:

A criação da Companhia Sorocaba (E.F.S), é trabalho nitidamente maçon e é fruto da divergência surgida em Itu, quando Maylasky propôs que a Ituana se prolongasse até Sorocaba. A delegação de Sorocaba àquele enclave era composta (vede) de Maylasky, Ubaldino do Amaral, Olivério Pilar, Francisco Ferreira Leitão, Roberto Dias Baptista, Antonio Lopes de Oliveira. Os diretores provisórios da “Ituana” não gostaram da proposta dos sorocabanos que ali compareceram levando “assinaturas equivalentes a 300 contos” para adquirirem ações daquela companhia. Daí a cisão. Os sorocabanos disseram que, então, construiriam uma estrada de ferro em Sorocaba a Itu. E construíram, graças ao arrojo de Maylasky (*ex digito gigans*) e dos seus companheiros, sendo a sua primeira diretoria composta de Maylasky, Ubaldino, João Lycio, Ferreira Leão, Vicente Eufrásio, Roberto Dias Baptista, Antonio Lopes de Oliveira, Antonio Joaquim Rosa e José Teixeira Cavalheiros (1999, Vol 1, p. 81).

Aleixo procura registrar os feitos destes homens como um feito heróico. Ele tenta mostrar que a iniciativa em torno da estrada de ferro foi nitidamente maçônica. Muito mais do que a iniciativa maçônica, estava o interesse particular deste grupo. Aleixo não observa as ações do grupo liderado por Maylasky por um prisma crítico, mas com a perspectiva de manter o idealismo em torno das ações maçônicas lideradas por Maylasky, Ubaldino e outros maçons. Por traz dessas iniciativas, havia propostas mais arrojadas, a de ter o domínio da vida social e política da cidade. Eles não eram motivados simplesmente por interesses relacionados à vida pública, mas muito mais por interesses econômicos e que visavam à solidificação da hegemonia do grupo que pertenciam.

Van Dijk (2008), ao analisar a estrutura do discurso político, afirma que ele é elaborado dentro de um contexto com a finalidade de estruturar os processos políticos em desenvolvimento, ou seja, eles são estrategicamente elaborados com o objetivo de conduzir as tomadas de decisão em torno do assunto que se postula. O grupo liderado por Ubaldino, Maylasky e Júlio Ribeiro objetivava formar um consenso em torno da idéia que eles defendiam e que achavam importante para o processo de modernização da cidade. Como redatores e articulistas de alguns jornais (*O Sorocabano, Gazeta Comercial*), eles ao associarem o problema da iluminação com os vícios e os problemas de ordem moral, buscavam provocar uma reação dos dirigentes políticos, o que de fato ocorreu da parte de Olivério Pillar. Segundo Van Divk, as definições das questões oferecidas pelas elites podem ter um efeito significativo sobre a interpretação e a opinião pública (2008, p. 225). Este mesmo autor afirma a existência de um diálogo institucional, ou seja, são diálogos realizados com e dentro de instituições e organizações e representam formas de interação institucional e,

portanto, também exercem, apresentam, sinalizam ou legitimam uma variada gama de relações de poder. Isto pode acontecer no cenário político, nos jornais e organizações sociais e outras (p. 63). Esta análise aplica-se ao nosso caso, pois os debates construídos pelos agentes sociais que compunham essa parcela da elite sorocabana nos jornais, na Câmara e até mesmo na Loja legitimavam suas ações dentro do espaço social e político sorocabano.

Em 20 de março de 1870, a imprensa jornalística publica a seguinte nota sobre o resultado da Assembléia Provincial:

Foi aprovado em 3ª discussão o projeto garantindo 7% de juros sobre 1.20000\$ à companhia que organizar-se para a construção de uma estrada de ferro de Itú a Sorocaba. São credores de gratidão dos Sorocabanos o Sr. Lopes Chaves e a maioria da assembléia, pelo patriotismo e elevação de vistas com que se houveram na discussão (*O Sorocabano*, 20/03/1870, p. 2).

Finalmente, eles convencem a Câmara Municipal sobre a importância da construção da Estrada de Ferro. Articulados em vários campos da cidade de Sorocaba, entendem que o apoio prestado pela Assembléia Provincial era fruto do patriotismo e do compromisso com o progresso da cidade de Sorocaba. No mesmo jornal, logo abaixo desta nota, Matheus Maylasky faz a seguinte comunicação sobre o algodão: “O Sr. Maylasky comunica-nos o seguinte: No Rio venderam-se 500 fardos da próxima colheita, 1ª sorte, a 13\$900, a entregar em Santos. N’esta praça, e na de Santos” (*Ibid*, p. 2).

A nota foi colocada abaixo da decisão da Assembléia Provincial para legitimar a decisão feita pelos dirigentes políticos. Logo abaixo, o redator do jornal coloca a tabela dos acionistas e os valores que cada um havia obtido.

Na primeira página do mesmo jornal, o redator escreve um artigo discutindo o relatório do Presidente da Província a respeito da instrução secundária. O relatório menciona que Sorocaba tinha apenas 10 alunos matriculados e freqüentes. A partir deste dado, o articulista constrói sua crítica a esta realidade sorocabana, afirmando que esta situação é prejudicial ao progresso da cidade e apela aos pais que mandem seus filhos à escola, pois “são responsáveis pelo futuro de seus filhos; sem instrução não há moralidade, sem moralidade a sociedade é um caos” (*O Sorocabano*, 20/03/1870, p.2).

Observa-se que tais agentes sociais atrelavam o processo de modernização da cidade não somente à construção da estrada de ferro, à exploração do algodão, mas também à escolarização. Esta era uma das bandeiras do partido liberal como mencionamos acima. Eles entendiam que sem a educação não era possível uma sociedade experimentar o tão sonhado

progresso. Eles até expressam um valor religioso à educação ao afirmarem que sem instrução não existe moralidade e sem moralidade a sociedade é um caos. Percebe-se que para eles, a cidade de Sorocaba estava mergulhada neste caos, pois era carente de educação e de outros empreendimentos. Viver da exploração econômica oriunda da Feira de Muare era dar continuidade ao caos. Para romper com este ciclo econômico era preciso investir em novos empreendimentos, no caso: construção da estrada de ferro, exploração do algodão e instrução pública.

No jornal *O Sorocabano* (15/04/1870), Ubaldino do Amaral escreve um pequeno artigo falando da atuação da Sociedade da Libertação organizada no Rio de Janeiro e em São Paulo e dirigida por senhoras, objetivando a libertação de mulheres escravas. Ubaldino pede que as senhoras sorocabanas imitem a mesma postura daquelas senhoras. Em seguida, transcreve uma nota em que o Grande Oriente em reunião prestigiou com entusiasmo a idéia defendida pela Sociedade da Libertação. A reunião aberta foi presidida pelo conselheiro Joaquim Saldanha Marinho, que parabenizou a iniciativa dessas senhoras do Rio de Janeiro e resolveu criar a mesma sociedade, tendo uma adesão de 78 assinaturas. É a primeira manifestação pública de Ubaldino sobre o assunto, que até então tramitava no interior de sua Loja Maçônica Perseverança III.

Estas questões supracitadas e as articulações políticas que construíam o rumo da cidade - ou pelo menos assim estavam presentes no imaginário político desta parcela da elite sorocabana - eram urdidas no interior da Loja Maçônica Perseverança III, que segundo a perspectiva adotada neste trabalho, pode ser vista como um campo de poder. Estes maçons estavam envolvidos por uma rede de sociabilidade e mantinham uma forte relação de poder, que garantiam não somente a reconfiguração do campo político e econômico da cidade, mas também a reconfiguração do espaço urbano. A cidade de Sorocaba, portanto, torna-se o lugar das disputas e das lutas em torno da solidificação do interesse de determinado grupo social, o qual, na medida em que dominava o campo político e econômico, manipulava as necessidades e os interesses da maioria da população desfavorecida, a qual talvez não precisasse ou quisesse tal modernização articulada ou configurada na ótica dos agentes sociais acima mencionados.

A menção à Loja Perseverança III remete-nos a outro fator que contribuiu para a reconfiguração do campo político da cidade: a ruptura com a antiga Loja Maçônica Constância. Segundo Aleixo (1999), o grupo liderado por Ubaldino e Maylasky entendia que

esta Loja defendia os ideais conservadores diante da realidade histórica da cidade de Sorocaba.

Em 31/07/1869, o grupo maçon liderado por Maylasky saía da Loja Maçônica Constância para formar a Loja Maçônica Perseverança III, que ficou composta pelos seguintes nomes¹¹: Vicente Eufrásio da Silva Abreu, Ubaldino do Amaral Fontoura, José Antonio Cardoso, Luiz Matheus Maylasky, Francisco de Assis Machado, Antonio Bernardo Vieira, José Tomás da Silveira, Jerônimo de Abreu Lolot, Antonio Augusto de Pádua Fleury, José Leite Penteado, Vicente de Paulo Gomes e Silva, Roberto Dias Baptista, José Fereira Braga, André de Andrade, Joaquim Galvão de Campos, Rafael Gomes da Silva, Bernardo Mascarenhas Martins, Francisco Chagas do Amaral Fontoura, José Pereira Chagas, José Timóteo de Oliveira, João Marcondes França, Joaquim Carneiro do Amaral, Prudente Floriano da Costa, Antonio Mascaranhas Camelo.

No livro de Jóias-Mensalidades e nos livros de Matrícula da Loja Constância¹², são referidos os nomes das pessoas citadas e ano de iniciação. Os dados estão dispostos da seguinte forma: nome de cada integrante que formou a Loja Perseverança III, profissão, a idade, a religião, a importância dentro da maçonaria, época de iniciação e os cargos exercidos dentro da organização:

José Leite Penteado¹³, iniciado em 20/04/1847: recebeu o grau 2º e 30 neste mesmo dia. Foi eleito arquiteto a 19 de junho. Eleito 2º experto a 26 de março de 1850. Foi proposto e aprovado para o grau 18 a 16 de abril de 1850. Foi riscado do quadro por pertencer a loja Perseverança 3ª, sessão de 2 de agosto de 1869. Faleceu a 22 de agosto de 1875.

Antonio Mascaranhas Camelo¹⁴ Júnior iniciado em 20/04/1847: coronel, recebeu o grau de companheiro e mestre a 12 do mesmo mês de maio. Foi eleito 2º experto a 19 de junho. Foi eleito 1º experto a 11 de outubro do mesmo ano. Foi eleito 2º vigilante a 1º de abril de 1868. Eleito 2º vigilante a 19 de março de 1849, 1º vigilante a 26 de março de 1850. Foi elevado ao grau 18 a 28 de outubro de 1848.

Roberto Dias Baptista¹⁵ iniciado em 20/04/1847: idade de 36 anos, natural de Apiaí, residente nesta cidade, negociante, solteiro, de religião católica, apostólica, romana. Tomou os graus de companheiro e mestre a 24 de agosto do mesmo ano. Foi eleito 2º experto no dia 1º de abril de 1848. Eleito mestre de cerimônias a 19 de março de 1849, 1º experto a 26 de março de 1850. Foi elevado ao grau 18 a 29 de setembro de 1850.

¹¹ Primeiro livro de atas da Loja Perseverança III, 31 de julho de 1869. Arquivo da Loja Perseverança III.

¹² Cópia do original. Acervo pessoal. Encontrei o original do Livro de Atas da Loja Constância, do livro de matrícula e do livro da tesouraria no Gabinete de Leitura Sorocabano. Os livros estavam colocados entre outros livros não catalogados. Após a retirada para leitura e sua devolução, não os encontrei mais para consulta.

¹³ Livro de matrícula da Loja Constância, inscrito sob nº 10, 8 de abril de 1847 da era vulgar, Oriente de Sorocaba, rua da Boa Vista, subordinada ao Grande Oriente do Brasil e ao Grande Oriente do Rio de Janeiro.

¹⁴ *Ibid*, sob nº 13.

¹⁵ *Ibid*, sob nº 20

Foi elevado ao grau 30 a 12 de outubro de 1850. Riscado do quadro por pertencer ao da Perseverança 3ª em sessão de 2 de agosto de 1869. Faleceu a 13 de julho de 1885.

Vicente Eufrásio da Silva Abreu¹⁶ iniciado em 20/04/1847: recebeu o grau de companheiro e mestre a 19 do mesmo mês de junho e neste dia eleito orador. Eleito 1º vigilante no 1º de abril de 1848, 1º vigilante a 19 de abril de 1850. Foi elevado ao grau 18 a 29 de outubro de 1848. Elevado ao grau 33 a 7 de agosto de 1850. Riscado do quadro por pertencer ao da loja Perseverança 3ª, em sessão de agosto de 1869. Faleceu a 20 de fevereiro de 1886.

João Marcondes França¹⁷ iniciado em 20/04/1847: idade 23 anos, natural e morador desta cidade, negociante, de religião católica romana. Foi iniciado. Recebeu os graus de companheiro e mestre a 22 de março de 1848. Foi elevado ao grau 18 a 27 de junho de 1851. Riscado do quadro por pertencer ao da loja Perseverança 3ª.

Joaquim Galvão de Campos¹⁸, iniciado em 07/07/1852: natural desta cidade e nela residente, idade 30 anos, solteiro, negociante e de religião católica romana. Foi iniciado. Recebeu os graus de companheiro e mestre na mesma sessão.

José Antonio Cardoso¹⁹ iniciado na Loja Constância em 14/05/1869: 40 anos de idade, solteiro, natural e morador desta cidade, negociante, de religião católica, apostólica, romana, tomou o grau 1º. Riscado do quadro por pertencer ao da loja Perseverança 3ª.

Francisco de Assis Machado²⁰ iniciado na mesma Loja em 18/04/1858: natural de São Paulo e residente nesta cidade, idade 38 anos, casado, negociante, de religião católica romana. Foi iniciado. Recebeu os graus de companheiro e mestre no dia 1º de maio do mesmo ano. Grau 3º. Recebeu o grau 17 a 14 de abril de 1866. Riscado do quadro por pertencer ao da Perseverança 3ª em sessão de 2 de agosto de 1869.

Antonio Bernardo de Oliveira²¹ iniciado em 26/07/1866: brasileiro, natural do Rio Grande do Sul, morador em Itapetininga, idade 30 anos, solteiro, negociante, de religião católica, apostólica romana. Foi filiado ao grau 3º. Riscado do quadro por pertencer ao da Perseverança 3ª, sessão de 2 de agosto de 1869.

José Tomás da Silveira²² iniciado em 26/04/1856: tenente, natural da vila da Cunha e residente na de Queluz, idade 37 anos, solteiro, negociante e de religião católica romana. Recebeu os graus de companheiro e mestre a 9 de maio deste mesmo ano. Recebeu o grau 17 a 14 de abril de 1866. Riscado do quadro por pertencer ao da loja Perseverança 3ª, em sessão de 2 de agosto de 1869.

Jeronimo Manede de Abreu Lolot²³ iniciado em 30/06/1866: brasileiro, natural e morador desta cidade, idade 23 anos, solteiro, empregado público, de religião católica, apostólica, romana. Recebeu o grau 3º no dia 7 de julho do mesmo ano. Riscado do quadro por pertencer ao da loja Perseverança 3ª, em sessão de 2 de agosto de 1869.

Antonio Augusto de Pádua Fleury²⁴ iniciado em 11/08/1866: brasileiro, natural de Mato Grosso, morador desta cidade, idade 33 anos, casado, de religião católica, apostólica, romana. Recebeu o grau 3º a 25 do mesmo mês e ano. Riscado do quadro por pertencer ao da loja Perseverança 3ª, em sessão de 2 de agosto de 1869.

¹⁶ *Ibid*, sob nº 19.

¹⁷ *Ibid*, sob nº 26.

¹⁸ *Ibid*, sob nº 66.

¹⁹ *Ibid*, sob nº 163.

²⁰ *Ibid*, sob nº 105.

²¹ *Ibid*, sob nº 151.

²² *Ibid*, sob nº 89.

²³ *Ibid*, sob nº 150.

²⁴ *Ibid*, sob nº 152.

Vicente de Paula Gomes²⁵ iniciado em 01/07/1865: brasileiro, natural e morador desta cidade, idade 26 anos, solteiro, de religião católica, apostólica, romana. Recebeu o grau de mestre a 22 de julho de 1865. Recebeu o grau 17 a 14 de abril de 1866. Eleito secretário a 27 de maio de 1866. Reeleito em 1867, idem em 1868. Serviu de mestre de cerimônias interino por 2 meses antes de ser secretário. Riscado do quadro por pertencer ao da loja Perseverança 3ª em sessão de 2 de agosto de 1869.

José Ferreira Braga²⁶ iniciado em 26/03/1850: natural e morador desta cidade, 32 anos, casado, negociante e de religião católica romana. Foi regularizado, recebeu o 1º grau de aprendiz. Riscado do quadro por pertencer ao da loja Perseverança 3ª, em 2 de agosto de 1869.

André de Andrade²⁷ iniciado em 20/04/1867: natural de Mogim-Mirim, residente nesta cidade, católico e apostólico romano, 28 anos de idade, solteiro, dentista. Recebeu o grau 3º em 23 de maio de 1867. Riscado do quadro por pertencer ao da loja Perseverança 3ª, em sessão de 2 de agosto de 1869. Faleceu.

Luiz Matheus Maylasky²⁸, húngaro, natural da Hungria, morador desta cidade, idade de 28 anos, solteiro, negociante, de religião católica, apostólica, romana, recebeu o grau 3º no dia 17 de julho do mesmo ano. Riscado do quadro por pertencer a Loja Maçônica Perseverança 3ª, em sessão de 2 de agosto de 1869.

Bernardo de Mascaranhas Martins²⁹ iniciado em 27/06/1852: major, regularizou-se e recebeu na mesma ocasião os graus 2º e 3º de mestre. Recebeu o grau 17 a 14 de abril de 1866. Passou-se para a Perseverança 3ª.

José Timóteo de Oliveira³⁰ iniciado em 16/04/1857: natural e residente nesta cidade, idade de 25 anos, negociante, de religião católica, apostólica, romana. Foi regularizado, na mesma ocasião recebeu os graus de companheiro e mestre. Faleceu a 25 de abril de 1884.

Joaquim Carneiro do Amaral³¹ iniciado em 27/12/1857: regularizou-se e recebeu os graus de companheiro e mestre na mesma ocasião. Residente na Vila de Castro. Riscado do quadro por pertencer ao da loja Perseverança 3ª.

Prudente Floriano da Costa iniciado em 02/06/1852: natural e residente nesta cidade, idade 38 anos, negociante, viúvo e de religião católica romana. Foi iniciado. Recebeu os graus de companheiro e mestre no mesmo dia. Residente na cidade de Tietê.

Conforme o Livro de Matrícula da Loja Constância, é possível observar que a maioria dos que organizaram a Loja Perseverança 3ª era negociante e pertencia à religião católica, tinham praticamente a mesma idade, foram iniciados quase que na mesma época. Dos 24 maçons que saíram para formar a Loja Perseverança III, dois eram advogados, 12 eram comerciantes, dois eram funcionários públicos, três militares, um dentista e três não tiveram

²⁵ *Ibid*, sob nº 142.

²⁶ *Ibid*, sob nº 139.

²⁷ *Ibid*, sob nº 153.

²⁸ *Ibid*, sob n. 149

²⁹ *Ibid*, sob nº 77.

³⁰ *Ibid*, sob nº 93.

³¹ *Ibid*, sob nº 69.

suas ocupações identificadas. Praticamente, todos eram do grau 3 e alguns tinham alcançado posições de destaque dentro da maçonaria sorocabana³².

Eles parecem representar grupo social elitizado, que seria responsável pela diversificação do comércio, das indústrias, da estrada de ferro na cidade de Sorocaba, como discutido anteriormente. Eles moravam na região central da cidade, significando um posicionamento estratégico e de diferenciação social: a ocupação do espaço social permitiu uma maior propagação das suas idéias e o controle do poder da cidade. Além disso, as Lojas também estavam localizadas na região central da Cidade. Nota-se, também, que estes maçons foram iniciados praticamente na mesma época, o que significa que quando organizaram a ruptura com a Loja Constância, eles não fizeram apenas por causa dos ideais que defendiam, como veremos a seguir, mas também, pelo vínculo maçônico originado na iniciação e a solidificação dos seus interesses políticos representados pela atuação e controle da Câmara Municipal da cidade de Sorocaba. O ano da formação da Loja Perseverança III está atrelado às disputas ideológicas que seus principais agentes realizaram no campo político e no campo maçônico sorocabano. Segundo Aleixo (1999), a ruptura com a Loja Constância significava para os organizadores da Loja Perseverança III, a ruptura com o retrocesso, com a ideologia retrógrada marcada pela monarquia. Mas, como pontuei, a ruptura estava atrelada aos seus interesses políticos e econômicos.

A permanência do grupo na região central servia como estratégia para o domínio do comércio, da imprensa, do Gabinete de Leitura, da Câmara Municipal, das idéias postuladas e da participação na política da cidade.

Em seu estudo sobre a urbanização no Brasil no século XIX, (Costa, 2007), faz a seguinte análise:

O crescimento da cidade de São Paulo, no final do século, liga-se em parte ao fato de se ter tornado um centro para onde convergiam as ferrovias. À medida que os fazendeiros se mudaram para os grandes centros, cresceu a tendência em promover melhoramentos urbanos. Aumentou o interesse pelas diversões públicas, a construção de hotéis, jardins e passeios públicos, teatros e cafés. Melhorou o sistema de calçamento, iluminação e abastecimento de água. O comércio urbano ganhou novas dimensões, bem como o artesanato e a manufatura. O processo foi favorecido pelo interesse que o capital estrangeiro teria neste tipo de empreendimentos urbanizadores (p. 259).

³² A maçonaria é formada por vários graus. Ela é dividida em Loja base e graus filosóficos. A Loja base vai do grau 1 (aprendiz maçom), grau 2 (companheiro maçom) e grau 3 (mestre maçom). Os graus chamados filosóficos vão do grau 4 ao 33.

Controlar a vida urbana através da sua ação política foi a forma pela qual o grupo liderado por Maylasky disseminou e legitimou seus interesses econômicos, sociais e políticos. Como veremos, eles não somente dominaram o campo político, mas também educacional e ajudaram na configuração de um novo campo religioso, que representava para o grupo o surgimento na cidade de uma ideologia que vinha ao encontro dos seus interesses “progressistas”.

Por outro lado, conforme o livro de Jóias e mensalidade da Loja Constância, a iniciação tinha um custo total de 49\$000, sendo 30\$000 referente à jóia de iniciação, 5\$000 para elevação do grau de companheiro maçom, 3\$000 para a exaltação de mestre maçom. A mensalidade tinha um custo de 4\$000 e 8\$000 para diploma, cartas e selos. Portanto, pertencer a ordem não era um privilégio para os mais desfavorecidos. Para ser maçom havia a necessidade de custear mensalmente a permanência neste grupo social. Isto dificultava a inserção de pessoas pertencente a grupos sociais desfavorecidos. No livro de matrícula da Loja Constância observa-se as seguintes profissões: negociantes, lavradores, advogados, artistas, professores, capitalista, magistrado, farmacêutico, médico, empregado público, tabelião, engenheiros, relojoeiro. Representantes dos extratos médios da população. Não há registro de nenhuma outra profissão neste período.

Eles se organizavam não somente pelas profissões, mas também por ideais políticos e interesses afins. Neste momento de início da história política republicana³³, ser maçom parece significar um compromisso, o selo de uma aliança em torno de ideais e interesses comuns, hipótese que é reforçada pelo fato dos mais altos graus da hierarquia maçônica pertencerem àqueles mais diretamente comprometidos com a propaganda e, posteriormente, com a construção do estado republicano (Hilsdorf, 1986; Souza, 1998).

Na origem da cisão da Loja Constância observa-se várias afinidades: ideais políticos, profissões comuns entre eles e o interesse de romper com o ideal sustentado por aqueles que continuaram no quadro desta loja.

Moraes afirma:

Apesar de proclamar seus fins como não-políticos, a Maçonaria arregimenta seus membros conclamando-os à libertação da Colônia. Acompanhando e refletindo as dissidências e as cisões política dos grupos dominantes aos quais pertencem, os maçons indispõem-se e dividem-se de acordo com os interesses particulares e as tendências conservadoras ou radicais com as quais estão identificados na vida nacional. Pode-se aventar até que a Maçonaria, em certos momentos, faz as vezes do

³³ É válido lembrar que o manifesto Republicano é de 3/12/1870.

partido político na clandestinidade, rígido e organizado quando ainda é inviável, pelas vias legais, a ação partidária aberta (2006, p. 100)

Moraes acentua que a Maçonaria em certos momentos da história pode ser vista como uma organização política. Numa perspectiva, diferente da adotada por Moraes, entendo que a maçonaria sorocabana pode ser analisada como um campo de poder e um campo político, e não necessariamente como organização política.

O grupo que liderava a organização de uma nova Loja maçônica em Sorocaba tinha muito claro as motivações. A reunião liderada por José Leite Penteado traçava as estratégias necessárias para a organização da nova loja sob motivações inspiradas nas articulações do jovem Rui Barbosa, que no interior da Loja América, em São Paulo, articula um projeto para a emancipação dos escravos e a proclamação da República. O grupo dissidente da Loja Constância compreendia a necessidade de libertar os escravos e de educá-los.

No interior da Loja, há uma discussão em torno da libertação dos escravos. Discutem o assunto: Ubaldino do Amaral, Vicente Eufrásio, Matheus Maylasky, Mascaranhas Camelo, Pádua Fleury, Roberto dias Baptista, Leite Penteado. Vejamos a discussão, contida no Livro de Atas da Loja Perseverança III:

Ubaldino: Sem dúvida, essa idéia, ou melhor dizendo, o binômio libertação e educação constitui o mais justo e nobre *desideratum* sobre o qual assentaremos as bases da nova loja. Bem sei que o movimento que vamos encetar, lado a lado com a loja América pela libertação das crianças, filhas de cativos, terá repercussão nacional e é isso que queremos. Por isso mesmo, em contra partida, sobre nós desencadearão forças interessadas na manutenção do *status quo* ofensivo à dignidade humana, enxovalhando a própria nação. Bem sei e todos concordam comigo que a emancipação total e *ex abrupto* dos servos trará repercussões profundas na economia particular, com reflexos na nacional e, como diz Turgueneff, sobre os servos da Rússia, a liberdade dos recém-nascidos, dos filhos antes dos pais, a mudança do estado dos escravos em aprendizes, estes meios não têm sido senão a advertência ou prelúdio da emancipação completa. Não importa, embora isso almejemos sem a petulância dos reacionários. Vamos por parte. Se os acontecimentos precipitarem-se, aceitemos a abolição total como evolução incontrolável dos fatos e da história. O que não podemos e não devemos é omitir, sob pena de falsearmos o lema de liberdade, igualdade e fraternidade que nos serve de base, legado de tanta geração sacrificada do despotismo.

Vicente Eufrásio: Muito bem! Aliás os Estados Unidos, Portugal, o Chile, a França, a Espanha e outros países já libertaram os escravos. O Brasil não pode continuar com essa nódoa.

Ubaldino: É exato. Aliás já estamos avançando nesse terreno. O desembarque de escravos nas costas do país decresce ano a ano. Um grande passo já se deu e a voz do poeta Pedro Pereira, breve encontrará eco no seio do Parlamento. Repito que um grande passo já foi dado, quer com a abolição do tráfico intercontinental, quer com a extinção do comércio marítimo de africanos dentro da área interna do Império, com o Ato Suplementar de 1854, quer com a emancipação dos negros livres, ao serviço do governo ou de particulares na lei de 24 de setembro de 1864.

Mascaranhas Camelo: Urge, por conseguinte, que nos coloquemos na vanguarda do movimento, como tropas avançadas prontas a agir.

Matheus Maylasky: Também sou favorável a uma tomada de posição para que com o exemplo nos tornemos pioneiros desse nobre ideal. Vontade não nos há de faltar.

Pádua Fleury: Já que cogitamos desse assunto e tendo entre nós advogados com a cultura e experiência do Ubaldino e do Eufrásio pergunto: quem comprou o escravo torna-se proprietário dele? Emancipando-o o governo ou aos seus filhos não ofende esse ato expropriatório o direito que a Constituição lhe garante?

Ubaldino: Sem dúvida que é assunto palpitante.

Vivente Eufrásio: Ao que me parece, e o Ubaldino poderá confirmá-lo, o tema já foi debatido no Instituto dos Advogados Brasileiros.

Ubaldino: É exato. Dissertou sobre ele o dr. Caetano Alberto Soares, em 1847.

Assis Machado: e a que conclusão chegaram?

Ubaldino: Que o proprietário tem direito a uma indenização no caso de se ver privado, inopinadamente, por lei, da posse do escravo.

Leite Penteado: a noite está avançando. Parece que o assunto, apesar de sedutor, vai se alongar por outras vias e ainda não tratamos do fim específico para que fomos convocados.

J.A. Cardoso: A fundação ou não de uma outra loja.

Roberto Dias Baptista: Entremos, pois no assunto. Proponho, para iniciar os trabalhos que seja aclamado presidente o dr. Eufrásio.

Vicente Eufrásio: Sendo assim, e como nunca fugi à luta, aceito o encargo. Aceitando-o, convido o dr. Ubaldino para secretário, *ad hoc*, devendo tomar assento ao meu lado.

Leite Penteado: Proponho, pois, oficialmente, a criação de outra loja, nos termos por mim já expressos, no início, que tenha por fim, além dos que lhe são próprios, promover a libertação dos escravos, pelos meios legais, bem como a difusão da instrução popular, assuntos dignos da nossa instituição maçônica.

Vincente Eufrásio: está em discussão a proposta do Leite Penteado. Ninguém se manifestando, vou pô-la em votação. Os que aprovarem, façam o sinal. (Todos se manifestaram). Diante da manifestação favorável, está aprovada a proposta.

Leite Penteado: Agradeço a compreensão e a solidariedade de todos.

Vicente Eufrásio: Resta-nos decidir sobre o nome da nova loja. Se os senhores me permitirem, sugiro um nome que mostra o estado de ânimo que nos empolga e que servirá de encorajamento nos reveses e lutas que viermos a sofrer: Perseverança (31/07/1868, p. 2)

A elite de intelectuais maçons, reunida na escuridão da noite, lançava luzes a um empreendimento que marcaria uma mudança na história da maçonaria sorocabana. Seguiu os rumos da postura adotada por outras cidades do país (Neto, 2008). Além de definirem a questão relacionada à libertação, discutem também a questão relacionada à instrução popular. Oficializaram também o nome da Loja que representaria o ânimo, a atitude tomada e o sentimento que deveria acompanhá-los diante das possíveis lutas que sofreria, Loja Perseverança III.

O espaço social construído pelos maçons no final do Império e no início da República em Sorocaba no interior da Loja representa um campo para a produção e circulação de idéias políticas. Nota-se claramente pelo discurso de Ubaldino do Amaral que eles compreendiam aquela tomada de posição como um movimento político, que teria repercussão em âmbito nacional. Configurava-se naquela noite a formação de um novo grupo social, integrado por agentes sociais interessados na mudança política, em solidificar seus ideais, romper com o modelo de sociedade escravagista e com a ideologia que solidifica este modo de produção.

Através da Ata acima mencionada, podemos observar a construção de relações de poder formada por intelectuais maçons que tinham muitas afinidades: ideais maçônicos, os laços de amizades e a ideologia do grupo. Neste sentido, é no interior de da Loja maçônica na cidade de Sorocaba que os agentes sociais legitimam e dão visibilidade a um movimento político que reorganiza o espaço social, configurando um novo campo de poder. É neste campo de poder instituído pela Maçonaria Sorocabana que vai acontecer todo um processo e divulgação de novas idéias.

O fim da escravidão e a instrução popular seriam para estes agentes sociais o início de uma era de modernização da sociedade. Além destas bandeiras, eles defendiam o fim do regime monárquico, a implantação da República. A cidade não tinha mão de obra qualificada para operar as maquinarias vindas do exterior. Neste sentido, a reconfiguração do modo de produção era uma bandeira ideológica da elite sorocabana formada neste período por maçons que se definem progressistas.

Como mencionado acima, a Maçonaria em Sorocaba, na perspectiva hermenêutica deste trabalho, foi decisiva na implantação de uma nova ordem política e social. No interior da Loja, existia uma preocupação em torno da educação e da liberdade. Fundamentados sobre este ideal, os maçons iniciaram a configuração do espaço social, aproximando-se desta forma a um campo político, não só por dominarem algumas instituições: Partido Liberal, Partido Republicano, Câmara Municipal, escolas, indústrias, comércio, hospitais e outras, mas porque conforme análise, a Loja se torna um espaço para a implantação dos ideais políticos fomentados pela elite maçônica. Centrar a atenção neste grupo social é relevante para o historiador da educação, pois a historiografia da educação maçônica vem ocupando lugar nas discussões acadêmicas (Moraes, 1998, 2003; Barata, 1999; Morel, 2001; Silva, 2009), os autores reconhecem a necessidade de se aprofundar a abordagem sobre o assunto, devido a ambigüidade e a dificuldade de acesso às fontes primárias mantidas pela própria maçonaria.

A abordagem recentemente se desdobra em pelo menos duas vertentes principais. A primeira apresenta a visão da maçonaria como organização política. Esta perspectiva é sustentada por Carmem Moraes (2006), a qual, entre outros pontos, lembra que a maçonaria brasileira participou ativamente na instalação do movimento republicano no final do século XIX. Neste período, a maçonaria brasileira se utilizou da imprensa jornalística, dos discursos promovidos em Lojas e da construção de escolas segundo os ideais republicanos para solidificar seus interesses. O trabalho de Moraes é importante porque nos ajuda a entender

como a Maçonaria atuou num momento decisivo da história brasileira. Sua proposta esclarece aspectos importantes da maçonaria como organização política, que assume uma posição na história, que luta para a configuração e solidificação do poder.

A segunda abordagem é sustentada por Mansur Barata (2000), que por sua vez procura compreender a maçonaria como uma rede de sociabilidade, embora não descarte o caráter político do movimento.

Pensar os novos espaços públicos surgidos no século XVIII (clubes, sociedades literárias, lojas maçônicas), é compreender, na visão de Roger Chartier, a emergência de uma nova cultura política, marcada pela progressiva politização desses espaços intelectuais e pelo deslocamento da crítica em direção a domínios tradicionalmente interditos: a Igreja e o Estado (Barata, 2000, p. 222).

Para Mansur Barata, a maçonaria pode ser entendida como a rede de sociabilidade porque ajuda a compreender a construção de uma nova cultura política, marcada por um forte processo de politização do espaço intelectual organizado pela própria maçonaria. Para ele, no interior das lojas, os maçons construíam uma forma social própria, baseada na liberdade, igualdade e fraternidade.

Mansur compreende que é preciso resgatar a Maçonaria como uma instituição formadora de opinião e que isto implica a necessidade de pensá-la, antes de tudo, como uma forma específica de sociabilidade que possui caráter secreto-fechado (1999, p. 116). Segundo sua visão, a Maçonaria no final do século XIX se transforma em centros de discussão e de formação de consenso sobre grandes temas que procuravam construir uma nova identidade nacional. Neste período os maçons tinham profundo interesse em intervir na resolução dos problemas nacionais, segundo Mansur, especialmente em relação à questão servil e à idéia de República como partes do quadro da modernidade ocidental. Isto foi visto na cidade de Sorocaba. A maçonaria sorocabana interferiu em questões políticas e econômicas relacionadas à vida da cidade, porque entendia que tais questões estavam atreladas a modernidade da mesma.

Estas duas bandeiras foram elementos fundamentais para o posicionamento maçônico no quadro político nacional. A campanha abolicionista se espalhava pelas Lojas Maçônicas do Brasil, retomando a idéia de Rui Barbosa dos anos da fundação da Perseverança III, isto é, do final dos anos sessenta. Um projeto emancipacionista liderado por Joaquim Nabuco circulava pelas lojas maçônicas do Brasil. Seu projeto foi publicado em 1883 como livro, intitulado “O Abolicionismo”. Surgiu em um momento que se divulgava a radicalização do trabalho servil

nos meios urbanos e rurais (Tasifanato, 2004, p. 34). Propunha a extinção do trabalho escravo:

Em 1850, queira-se suprimir a escravidão, acabando com o Tráfico; em 1871, libertando desde o berço, mas de fato depois de vinte e um anos de idade, os filhos de escrava ainda por nascer. Hoje quer-se suprimi-la, emancipando os escravos em massa e resgatando os ingênuos da servidão da lei de 28 de setembro. É este último movimento que se chama Abolicionismo e só este resolve o verdadeiro problema dos escravos, que é a sua própria liberdade (Nabuco, 1988, p. 26-27).

Nabuco não somente defendia o abolicionismo no seu texto, mas também, lançava ataque ao regime monárquico, responsabilizando-o pela imperialização da escravidão. Para ele: “era preciso apagar todos os efeitos de um regime que, há três séculos, é uma escola de desmoralização e inércia, de servilismo e irresponsabilidade para a casta dos senhores, e que fez do Brasil o Paraguai da escravidão” (1988, p. 27).

Tasifanato, ao analisar a obra de Nabuco, afirma:

Assim, para uma obra de tamanha envergadura, o político procurava conquistar aliados, lutando contra uma “consciência nacional” em estágio embrionário, para conseguir um corpo de leis que completassem adequadamente a “dignidade humana”. Era preciso, por conseguinte, capitalizar apoios entre os mais diversos setores sociais, de modo a ajudar no desenvolvimento de uma “opinião pública” capaz de levar o Estado nacional à ação direta em favor das “reforma regeneradoras” da sociedade brasileira. O Abolicionismo foi planejado e estruturado, desta forma, para fazer eco entre senhores, representantes da Igreja, jornalistas, acadêmicos, ‘homens de letras’, ‘educadores da mocidade’ e, principalmente, “todos os depositários da direção moral do nosso povo” (2004, p. 37).

Neste sentido, os ideais republicanos vinham ao encontro das aspirações políticas dos principais expoentes da Maçonaria Brasileira. Os maçons compreendiam que:

Constituição liberal e progressista, a Maçonaria, dentro de seus princípios, sempre teve em mira o bem estar do povo, a pureza do regime, a grandeza da pátria, prestigiando com o seu poder e a sua força, os governos que se distinguem pela sua operosidade em prol da causa pública, pela sua justiça, pelo seu patriotismo (Giusti, 1922, p. 92).

No documento elaborado pelo maçom Antonio Giusti (1922), intitulado: A Maçonaria no Centenário 1822-1922, para a comemoração do Centenário da Maçonaria no Brasil fica bem claro o balanço historiográfico feito pelos maçons a respeito das ações efetuadas desde a organização até o centenário. O documento traz várias informações sobre o papel da Maçonaria nos seus cem anos de organização no Brasil. As 89 páginas iniciais do documento procuram mostrar os vários personagens da historiografia brasileira que faziam parte da Maçonaria. Todo o documento é ilustrado por fotos e informações das Lojas que se espalharam pelo Brasil durante os cem anos de organização.

Na citação acima o autor afirma que a Maçonaria sempre lutou pelo bem estar do povo, pela pureza do regime e pela grandeza da pátria. Reconhece o poder da Maçonaria e a sua contribuição para a emancipação do povo brasileiro.

Em outro documento maçônico, intitulado: A Maçonaria no Estado de São Paulo (1909), também do maçom Antonio Giusti, são apresentadas várias informações sobre a ação maçônica em várias partes do país, inclusive destacando informações sobre a ação educacional da maçonaria e outras instituições educacionais ligadas à ela.

Numa perspectiva bastante semelhante ao de Mansur, Koselleck (1979) afirma que no século XVIII a maçonaria representava a formação típica de um “poder indireto”, elaborado pela burguesia diante de um Estado absolutista. A maçonaria representava uma organização particular à nova sociedade civil. Para ele, dentro das lojas, os maçons articulavam uma forma social própria e com suas próprias leis. Este “poder indireto” praticado pelos maçons dentro das Lojas representa para o autor uma certa hegemonia diante do Antigo Regime. Era uma forma de praticar a igualdade social no interior das Lojas.

Pensando a situação de Sorocaba, podemos dizer que os dirigentes da elite procuravam mostrar de certa forma que o modelo de sociedade defendido pelo Império, juntamente com sua proposta educacional e modelo de trabalho escravocrata era ultrapassado, portanto, impedia a sociedade civil de usufruir o “progresso” e o “desenvolvimento” social idealizado por eles. A ruptura com o modelo político monárquico representou o início de uma crise da hegemonia da classe dirigente em Sorocaba. O grupo que liderava o processo de modernização da cidade de Sorocaba era um grupo dissidente da Loja Maçônica Constância, que defendia a proposta política do Império (Livro de Atas nº 2, 1876). A elite procurava através da imprensa, mostrar a importância da construção do novo regime político (Jornal Diário de Sorocaba, 17/11/1889, p. 03) . Como vimos, Sorocaba neste período tinha pelo menos duas Lojas Maçônicas: Loja Constância e Loja Perseverança III. Segundo, Aleixo (1999), a Loja Constância era a Loja Maçônica mais antiga da cidade e era ligada ao pensamento do partido conservador sorocabano. Em 31 de julho de 1869, alguns membros da Loja Constância saíram e montaram a Loja Perseverança III. Adotaram uma postura política que refletia o pensamento liberal da época (Silva, 2009, p. 36).

Segundo Aleixo (1999), a cisão que ocorreu em 1869, na Loja Maçônica Constância, era em razão de que boa parte dos agentes maçônicos pertencentes a esta Loja defendiam

ideais conservadores, neste caso o modelo político monárquico. Os dissidentes que organizaram a Perseverança III defendiam os ideais liberais e mais tarde republicanos.

Porém, no segundo Livro de Atas da Loja Maçônica Constância, observei que Maylasky e Júlio Ribeiro visitaram a Loja em algumas ocasiões. Júlio Ribeiro esteve presente na sessão de iniciação que aconteceu em 10 de dezembro de 1874:

Aos dêz dias do mês de Dezembro de mil oitocentos e setenta e quatro, era .'. vul .'. nesta Aug .'. e Resp.' Loj.'. Cap.'. Constancia do Or.'. de Sorocaba, reunidos os Iir.'. do quadro em número suficiente, e ocupados os lugares pelas LL.'. respectivas, pelo Ir.'. José Dias de Arruda 1º Vig.', servindo de Ven.'. foram aber.'. os trab.'. em ses.'. mag.'. no Gr.'. de Apr.', na forma do Veg.'. Não houve leitura de ata por inconvenientes. Informado o Ir.'. Mest.'. de Cer.'. existirem no interior do Temp.'. os Iir.'. Visit.'. Mauricio Garcia Vieira, gr.'. 3, João Lucyo Gomes e Silva e Julio Ribeiro gr.'. 18, todos do quadr.'. da Perseverança 3ª, desta cidade e o Dr. João de Cerqueira Mendes, gr.'. 18, pertencente ao quadr.'. da Loj.'. Amizade de São Paulo (1874, p. 112).

Existia de fato um clima de hostilidade entre as duas Lojas Maçônicas em Sorocaba? Nesta ocasião foi iniciado o profano Antonio Wenderich. Júlio Ribeiro estava presente nesta iniciação. Ele pertencia ao quadro da Loja Perseverança III. Encontrei também referência a respeito da presença de Matheus Maylasky na Loja Constância:

O mesmo Ir.'. Ven.'. disse estar autorizado pelo Ir.'. Luiz Matheus Maylasky a declarar solenemente em Loj.'. que, conquanto fizesse parte na instalação da Loj.'. Perseverança 3ª d'esta cidade, todavia nunca tinha deixado de pertencer ao quad.'. da Loja Constância, por isso que constava-lhe ter sido riscado de seu quad.'. sem ser ele ouvido; que por desavença pessoais com Iir.'. d'esta Offic.'. (que hoje estão fora d'ella) tinha deixado de freqüentar, mas que desejando tomar parte ativa nos trab.'. da Loj.'. o tinha encarregado e autorizado a fazer a declaração pedindo que fosse considerado de nenhum efeito a nota tomada sobre a sua exclusão do quad.'. Consultado a Loj.'. a respeito da declaração e manifestação por parte do Ir.'. Maylasky, foi unânime deliberado e resolvido que se declarasse de nenhum efeito a aludida nota, e que o Ir.'. Ven.'. transmitisse esta resolução à aquele Ir.'. (2º. Livro de Ata da Loja Maçônica Constância, 09/03/1875, p. 117).

Segundo esta nota, Matheus Maylasky tentou esclarecer o episódio que relacionava a sua pessoa na ocasião da cisão da Loja Constância efetuada pelos maçons organizadores da Loja Perseverança III. Ele afirma que foi riscado do quadro da Loja Constância sem ter sido ouvido e que deixou de freqüentá-la por desavenças pessoais com alguns irmãos da Loja Constância. O seu posicionamento levado pelo Venerável Mestre Antonio Augusto de Pádua Fleury foi aceita por unanimidade pelos irmãos que participaram da reunião realizada em 9/03/1875, reintegrando Maylasky à Loja Constância. Esta reunião precedeu a reunião do dia 13/03/1875, cujo objetivo era a eleição da nova diretoria da Loja Maçônica Constância. Nesta reunião Luiz Matheus Maylasky foi eleito venerável Mestre da Loja Constância (2º. Livro de Ata da Loja Constância, 1875, p. 118). Instalado como Venerável desta Loja em (*Ibid*,

13/06/1875, p. 123). Maylasky passa a assinar as atas subseqüentes como venerável, rompendo assim com a Loja Perseverança III, talvez porque não teve apoio para suas pretensões políticas.

A ata consultada permite perceber que Matheus Maylasky, interessado em concorrer à liderança da Loja Constância, esclarece que teve problemas pessoais no interior da Loja. Sua permanência na Loja Constância vai durar poucos anos, pois em 1878 funda a Loja Maçônica Araçoiaba, com a participação de dois membros da mesma Loja: Alexandre Marchisio e Francisco Almeida. A criação desta Loja parece estar ligada às intenções políticas de Maylasky em relação às eleições municipais que se aproximavam. A sua circulação em várias lojas maçônicas parece sugerir não somente a necessidade de estabelecer relações de poder com outros grupos, mas também, a necessidade de se obter apoio para a sua pretensão política municipal, que provavelmente, não foi apoiada pela Loja Perseverança III.

Há um conflito recorrente no campo político sorocabano entre os agentes que compunham a maçonaria sorocabana. Maylasky e Coronel Antonio Lopes entram em demanda nas páginas dos jornais da cidade. Maylasky utiliza o jornal *O Colombo* para se posicionar, enquanto Antonio Lopes utiliza o jornal *Ypanema*. O partido liberal sorocabano neste contexto apóia a candidatura de Teixeira Cavaleiros e do major Bernardo de Mascarenhas Martins. Maylasky recebe apoio de liberais de Tatui. (Aleixo, Vol I, 1999, p. 229). Em Sorocaba, Maylasky enfrentou muitas acusações sobre sua pessoa. Neste contexto, o partido liberal sorocabano estava dividido. Roberto Dias Baptista e Manuel Monteiro criaram um partido chamado Progressista. Apoiavam a candidatura de Maylasky através do jornal *O Colombo*. Os que permaneceram no partido liberal apoiavam a candidatura do Cel. Antonio Lopes de Oliveira através do jornal *Ypanema*.

É possível dizer que o campo político sorocabano estava em conflito. Estes agentes faziam parte da maçonaria sorocabana, mas por interesses políticos se dividiram neste contexto.

O historiador maçom Aleixo afirma que a Loja Maçônica Perseverança III foi organizada por defender ideais abolicionistas (Vol I, p. 58). Mas, observei também no segundo Livro de Atas da Loja Maçônica Constância um movimento neste sentido:

O Ir.º. Orad.º. propôs, á pedido do preto Bernardino, escravo do Ten. Cor. Francisco Gonçalves de Oliveira Machado, que a Loj.º. subscrevesse uma quantia qualquer para ajudá-lo em sua liberdade; que não indicava a quantia por ignorar o estado do cofre do Ir.º. de Ben.º. Informado então pelo Ir.º. Hosp.º. existir em seu respectivo cofre trinta e tantos mil réis, o Ir.º. Sa Fleury indicou que se subscrevesse dez mil réis, para ser entregue logo que se realize a alforria. Posto em disc.º. a indicação, reinou silencio, e à votos foi por unanimidade aprov.º., ficando o Ir.º. Orad.º. autorizado a despendar a

quantia indicada (2º. Livro de Atas da Loja Maçônica Constância, 29/05/1875, p. 122).

Como se percebe não é somente a Loja Perseverança III que estava imbuída no processo de libertação dos escravos. A Loja Constância também se articulava neste sentido, o que de certa forma coloca em discussão o posicionamento de Aleixo (1999), que afirma que a Loja Perseverança III foi organizada sob o binômio: educação e libertação. Outro fato interessante é que a Loja Constância também se movimenta em torno da educação. Em 27 de novembro de 1876 inaugura aulas noturnas em sua sede na rua Boa Vista. Foi contratado o professor Carlos Alberto Ferreira de Araújo. Matricularam-se 7 alunos (Aleixo, 1999, p. 183). No dia 8 de dezembro de 1876, em sessão do grau de aprendiz maçom, a Loja Constância destinou uma quantia 5\$000 réis para a manutenção da sua Escola Noturna (Livro de Atas da Loja Constância, 1876, p. 159).

Na década de 80, Maylasky já não se encontrava em Sorocaba devido aos fracassos nas eleições municipais em 1878 e por causa da acusação que pesava sobre a sua pessoa sobre desvios de verbas da Sorocabana. Diante das pressões políticas e sociais, volta com a sua família para a Europa (Badinni, 2002).

Na década de 80, o campo maçônico sorocabano se mostra dividido e começa a estabelecer estratégias em direção a um novo posicionamento no campo político.

O jornal *Diário de Sorocaba* relembra, na década de 80, as motivações políticas de 1869, mostrando Ubaldino como uma pessoa que representava o gênio da República. Vejamos a nota:

Para Sorocaba, pois, Ubaldino do Amaral representa a força e o gênio da República. Haja na memória de todos a lembrança grata de um jantar e reunião política promovidos pelo partido liberal e efetuados em casa do finado José Leite Penteadado de saudosa memória, no dia 7 de setembro de 1868. nessa reunião, convocada expressamente para acentuar a atitude do partido liberal em face dos acontecimentos políticos que determinaram a subida dos conservadores a 16 de julho daquele ano. Ubaldino do Amaral e Cândido Barata, arrojados e atrevidos obreiros do porvir, definindo as posições, concluíram apoteosando a República, e brindando-a pelo partido, êmulos dos gloriosos heróis de 1831. a essa reunião e festa política pelo futuro glorioso da pátria brasileira: Dr. Olivério Pilar,este Presidente da Câmara Municipal; José Antônio Cardoso, vereador; Francisco de Assis Machado, juiz de paz; João Lycio Gomes e Silva, empregado público (tabelião); José Antônio de Souza Bertoldo, Jesuíno Pinto Bandeira e Antonio Joaquim Lisboa Castro (19/12/1889, p. 2).

A propaganda republicana tinha como principal motivação as transformações econômico-sociais que estavam acontecendo na sociedade daquela época. Além disso, a discussão em torno da libertação de escravos na década de 80 foi mais acirrada. Era preciso

um “novo” tipo de trabalhador para um “novo” momento histórico. O processo de racionalização em desenvolvimento exigia a substituição do trabalhador escravo pelo trabalhador livre. O Jornal *Diário de Sorocaba* entre 1887-1890 começa a publicar artigos relacionados aos dois temas: libertação dos escravos e República.

Com a libertação dos escravos, esta parcela da elite sorocabana percebeu que não seria possível participar da nova configuração política nacional, se a sociedade não estivesse preparada do ponto de vista educacional. Daí, a necessidade de se criar escolas para responder as lacunas do novo momento político e econômico do Brasil.

Os dois movimentos políticos: a abolição dos escravos e mais tarde a Proclamação da República faziam parte de um mesmo projeto político e econômico. O Brasil estava sendo pressionado pela política Internacional para libertar seus escravos e participar do novo processo político e econômico Internacional. Manter escravos como produtores da mão de obra neste período era inócuo e contraproducente. O país precisava se abrir para a realidade econômica e industrial vivida em outros países. Em Sorocaba, vários industriais ligados à Maçonaria foram para países Europeus com a finalidade de trazer a nova tecnologia para a cidade. Sorocaba foi considerada a Manchester Paulista.

Em nota no *Diário de Sorocaba*, de 1º de Janeiro de 1888, vemos o seguinte pronunciamento de um membro da Loja Maçônica Perseverança III, Maneco Januário, que acentua uma crítica à monarquia e os anseios em torno do novo quadro político que se configura na cidade de Sorocaba:

Quanto as tendências políticas, as conferências públicas deixando um profundo sulco de luz nos ânimos e as inúmeras adesões ao republicanismo, deixaram patente que, enquanto a velha máquina das instituições monárquicas, não tinham o curso necessário para ganhar terreno, a república sorria acoroçoando os nossos mais caros interesses locais. Sob estes auspícios surge 1889 que representa para todos a máxima expressão de sentimentos que se prendem ao futuro! Para a vida econômica e política do monarquismo; as incertezas. Para a República, uma aspiração. Para os diversos misteres da vida econômica e social, uma esperança.

Uma efervescente tensão política começa a se configurar na cidade. O Diretório republicano é alvo de ataques ideológicos, ou seja, o campo político sorocabano é marcado por conflitos e lutas, objetivando a tomada do poder. No dia 10 de agosto de 1888, na casa de Benedito Pires, o Diretório Republicano reúne-se com a finalidade de eleger os representantes políticos no dia 31 de agosto do mesmo ano. Estavam presentes: Adolfo da Silva Gordo, Antonio Moreira e Silva, Benedito Pires, João Marcondes França, José Antonio Cardoso,

Jerônimo Antonio Gonçalves. Neste mesmo dia, instalou-se em Sorocaba o Clube Republicano.

Em 12 de junho de 1889, Saldanha Marinho através do *Diário de Sorocaba* alerta o Partido Republicano sobre o perigo representado pelo novo ministério intitulado “Gabinete do Vintém”, chefiado pelo Visconde de Ouro Preto, afirmando: “guerra contra os republicanos”.

Em 17 de agosto de 1889, Bento Mascarenhas Jequitinhonha tomou posse como Venerável da Loja Perseverança III. Nas vésperas da Proclamação da República a cidade estava calma, mais sentia aproximar um grande acontecimento que marcaria a transição política articulada no cenário nacional, mas que também fora, alvo da participação da maçonaria sorocabana.

No dia 17 de novembro, o *Diário de Sorocaba* publica um artigo intitulado: Viva à República, vejamos um trecho do artigo:

Salve 89! Acaba de se realizar a reforma mais grandiosa e por conseqüência a mais importante reclamada pela alma nacional, para dar vida a esse corpo inerte, movido apenas pelos impulsos de uma velha máquina, já gasta – a Monarquia. Somos livres, não cessamos de expansivamente repetir. Quebraram-se os ferros que nos aguilhoavam e o povo convulsionado pelo entusiasmo de momento corre às praças públicas festejando o faustoso acontecimento e dando mostra de que o Brasil, vítima até agora de certos preconceitos, embaidos pela sua educação política, hoje se ergue desiludido abrindo para seus filhos uma nova era de felicidade e recompensas. Povo! Se és livres, debes ser grande e também pela força de vontade; rasguem-se os títulos de nobreza comprada; mas ergam-se à altura de verdadeiros princípios – os títulos nobiliários que nos hão de vir – da honra e do trabalho – a nobreza inata no coração e aperfeiçoada pela consciência de nossos atos. Façamos do trabalho os degraus da escada social. Não nos arreais de que mais venham arrancar-vos os amargos frutos de vossos pungentes esforços! ... Salve, ó 15 de Novembro de 1889. Viva a República! Viva o Brasil!.

A Maçonaria sorocabana esteve presente, portanto, no movimento Republicano Nacional. O que se percebe na instauração do movimento republicano em Sorocaba é que a Maçonaria foi muito mais do que uma instituição filantrópica, ela representou um campo de poder político muito bem articulado. Vários membros da Loja Maçônica Perseverança III tinham projeção nacional. Outros estavam imbuídos na inserção da industrialização na cidade. Por exemplo: Manoel José da Fonseca além de industrial, dono da Fábrica Nossa Senhora da Ponte, criou uma Escola noturna para os seus operários, entregando-os ao cuidado do professor Horácio Ovídio de Oliveira.

Como campo de poder, a Maçonaria sorocabana conseguiu os melhores posicionamentos políticos e sociais na cidade. Ela estava muito bem articulada. Para a elite dissidente, o desenvolvimento da sociedade consistia na libertação dos escravos, na

implantação de um novo modelo político (república), na modernização da cidade e na expansão da educação escolar como instrumento capaz de legitimar os novos ideais políticos e educar o cidadão conforme os ideais republicanos. Para a solidificação da proposta foi necessário estabelecer, em vários lugares da cidade, escolas com o objetivo de atender a demanda por educação e para formar mão de obra qualificada.

1.2.1. MAÇONARIA SOROCABANA E A EDUCAÇÃO

Neste sentido, entendo que a maçonaria sorocabana no final do século XIX configurava como um campo distinto na sociedade. Isto pode ser observado através das relações de poder estabelecidas pelos maçons com vários segmentos da sociedade sorocabana que formavam a elite sorocabana: comerciantes, industriais, abolicionistas, republicanos, protestantes. Embora, a luta por um lugar no campo configurava-se no plano simbólico, neste caso, no interior da Loja Maçônica, o período enfocado, representava um momento histórico favorável devido ao contexto histórico brasileiro e pelo processo de politização que a cidade enfrentava.

Numa perspectiva diferente, o trabalho de mestrado defendido por Vanderley da Silva (2009), sobre a participação da Loja Maçônica Perseverança III na educação escolar em Sorocaba, estabelece um diálogo com alguns pressupostos abordados em artigo de minha autoria (2007), analisando o mesmo tema deste trabalho, intitulado: Apontamentos sobre a Maçonaria Sorocaba, Abolição e a educação dos filhos de escravos na cidade de Sorocaba no final do século XIX. Neste, já afirmava que a loja maçônica Perseverança III investiu politicamente no campo educacional sorocabano, pois alguns dos seus membros faziam parte da elite sorocabana e tinham interesse de adaptar a vida política da cidade de acordo com a realidade política estruturada no cenário brasileiro. Alguns membros defendiam a libertação dos escravos e a necessidade de inserir a cidade de Sorocaba no processo de industrialização. Sem esta inserção, a cidade permaneceria nas trevas do conservadorismo político e econômico, sustentado pelo partido conservador sorocabano. Silva (2009) adota uma postura mais conservadora ao discutir os interesses dos maçons sorocabanos pertencentes à Perseverança III no investimento feito na educação sorocabana. Seu trabalho descreve as iniciativas dos maçons, porém não problematiza os interesses deles em relação a educação. Entendo que ao defender a libertação dos escravos e a necessidade de educação, os maçons

sorocabanos estavam interessados em adequar a mão de obra escrava à mão de obra assalariada. Além disso, eles desejavam que seus antigos escravos fossem seus “novos operários”. Silva afirma que procurou “demonstrar que a participação da maçonaria na educação escolar em Sorocaba é um fato histórico relevante” (2009, p. 77). Neste sentido, seu trabalho mostrou-se significativo ao enquadrar a maçonaria dentro de um processo histórico. Por outro lado, mostra que o campo educacional maçônico é um campo fértil a ser ainda aprofundado na perspectiva da história da educação, neste sentido, corroborando com a posição que adotei em meu trabalho. Afirma que as fontes primárias da Loja Perseverança III não foram discutidas devido a impossibilidade de análise por não pertencer a ordem. Além disso, o autor propõe analisar os documentos transcritos por Aleixo Irmão em seu 1º volume do livro: A Perseverança III e Sorocaba. Aleixo representa um historiador “oficial” da maçonaria sorocabana, e de certa forma, seu recorte documental foi efetuado segundo seus pressupostos, que na minha maneira de entender devem também ser problematizados.

Compreendo que a aproximação com o segmento elitizado da cidade foi possível por causa das idéias, objetivos, interesses comuns e a ênfase dada à educação como instrumento instaurador da modernidade, do progresso e da emancipação do ser humano. O que aproxima das análises realizadas por Hilsdorf (1977 e 1986). Por outro lado, a aproximação foi possível também pela valorização de determinado capital cultural, social e econômico compartilhado pela elite sorocabana liderada por maçons. A relação estabelecida entre maçons e outros seguimentos da sociedade era uma relação de poder, que visava a legitimação, a dominação e um lugar no espaço social em Sorocaba, marcado pela lógica dos interesses de cada grupo.

Na reunião do dia 07/08/1869, na Loja Maçônica Perseverança III, recém organizada, Ubaldino do Amaral faz uso da palavra, afirmando:

Trago, subscrita por essa presidência, por Leite Penteado e por mim, a seguinte proposição que esperamos merecer a aprovação da oficina: 1º) a jóia da iniciação será de 25\$000; 2º) a mensalidade de 1\$000; 3º) colocar-se-á na oficina uma caixa Emancipação, na qual os iniciados, a convite do venerável e de qualquer irmão, quando queiram, depositarão suas ofertas; 4º) o produto dessa caixa será exclusivamente destinado à libertação de crianças do sexo feminino de 2 a 5 anos de idade; 5º) as crianças assim libertadas ficam sob a proteção da oficina; 6º) serão absolutamente proibidos os banquetes, ceias, copo d’água que o uso tem admitido nas iniciação, devendo o venerável convidar os recipiendários para converter em quantias que despediriam com isso em donativos à Caixa de Emancipação; 7º) serão criadas escolas para adultos e menores. As escolas serão noturnas; mantidas pela oficina para o ensino gratuito das primeiras letras.

A proposta redigida pelo Venerável Leite Penteado e por Ubaldino, aprovada por unanimidade, sugere a libertação de filhos de escravos e a construção de escolas a eles

destinadas. Para tanto, seriam proibidos os banquetes e foi sugerida a construção da caixa emancipatória, destinada à libertação de filhos de escravos. Aleixo afirma: “Essa propositura mostra a distancia entre a Perseverança e aqueles que ficaram na Constância, teimosos em não se definir, no momento histórico em que a própria política nacional impunha ação e lutar pelas reformas da estrutura social e econômica do país (1999, p. 58). Como já mencionei acima, Aleixo tenta de todas as maneiras mostrar que as duas Lojas estavam distanciadas por questões políticas e ideológicas. Porém, como já demonstrei, a Loja Constância também adotou a implantação de uma escola noturna e libertou alguns escravos que pertenciam a maçons integrantes dessa loja.

A iniciativa da Perseverança III não lhe era exclusiva, porém foi pioneira. Outras Lojas estavam adotando esta ação política³⁴: a articulação da maçonaria na construção de uma nova ordem política era ampla, portanto, não estava restrita apenas a cidade de Sorocaba, e alguns exemplos da mesma luta pode ser percebido na atuação da Loja Independência de Campinas, organizada em 1867. Em novembro de 1869, esta Loja resolveu mudar o nome do “Tronco de beneficência” para “Tronco de Libertação”, cuja arrecadação seria integralmente destinada à alforria de escravos. Em 6 de fevereiro de 1869, a Loja Independência de Campinas idealizou através do maçom e agricultor Antonio Pompeu de Camargo o colégio Culto à Ciência, que só foi organizado em 12 de janeiro de 1874 (Neto, 2008).

O trabalho de Moraes (2006), em que analisa o Ideário Republicano e a educação, mostra que o colégio Culto à Ciência foi criado por um grupo composto de fazendeiros, comerciantes, militares, intelectuais da época, que se afirmavam positivistas, maçons e republicanos. Ela afirma: “muitos dos homens implicados na fundação e na manutenção desse estabelecimento tornaram-se figuras decisivas nos primeiros governos republicanos, como é o caso de Campos Sales, Francisco Glycério, Américo Brasiliense, Prudente de Moraes, Bernardino de Campos e outros (p. 15).

Outro trabalho interessante foi realizado pela mesma historiadora em 2003, intitulado: A socialização da força de trabalho – Instrução popular e qualificação profissional no Estado de São Paulo (1873-1934). Entre outras coisas, ela também destaca a ação educacional da maçonaria na organização de escolas e cursos noturnos para os operários. Ela analisa que algumas lojas maçônicas organizaram escolas noturnas com o objetivo de atender “homens

³⁴ Giusti, Antonio. A Maçonaria no Estado de São Paulo. Revista Maçônica. Grande Oriente de São Paulo, 1918. Este órgão oficial da Maçonaria traz a ação de várias Lojas no Estado de São Paulo que implantaram escolas noturnas.

pobres de condição livre, mas também escravos (p. 90). Ela elenca as iniciativas das seguintes lojas: América de São Paulo, Loja União e Fraternidade de Mogim Mirim, Loja Independência de Campinas, Loja Cruz d'Oeste de Araraquara, Loja Regeneradora de Tatuí, Loja Constância de Sorocaba, Loja Fraternidade de Taubaté. Percebe-se, portanto, que a ação educacional da maçonaria era uma ação mais ampla, ou seja, fazia parte de um movimento educacional liderado pela Maçonaria brasileira e não um movimento isolado e independente de cada Loja.

A respeito da ação educacional maçônica em Sorocaba, podemos observar que além da Perseverança III, em 1876, a loja Constância também criou uma escola noturna, localizada na própria sede da Loja na rua Boa Vista. A idéia da criação da escola foi do professor e maçom Carlos Alberto Ferreira Araújo em sessão regular da loja no dia 25 de setembro de 1876 (2º Livro de Ata da Loja Constância, p. 155).

Outro exemplo da luta pela libertação e educação efetuada pela maçonaria, encontramos nas iniciativas da Loja América, de São Paulo. Carneiro (2008) ao analisar a ação da Maçonaria e o Republicano Paulista 1869-1899, observa a participação de 35 escravos na proposta educacional da Loja América de São Paulo. Ela afirma que:

o caminho para alcançar a liberdade e o progresso era difundir a educação, e isso era parte do projeto das lojas maçônicas paulistas. A grande campanha pela instrução do povo foi deflagrada na Província de São Paulo pela maçonaria republicana e, posteriormente, pelos clubes republicanos. As lojas maçônicas foram as primeiras a criar, na província, escolas ou aulas noturnas para alfabetização de adultos, trabalhadores livres e escravos (p. 6).

O jornal *Correio Paulistano*, publica as seguintes informações sobre a escola noturna organizada pela Loja América:

“O sr. Secretario da loja maçônica America, estabelecida nesta capital, confiou-nos os livros de matrículas das duas aulas – uma noturna e outra diurna – criadas e mantidas pela mencionada loja, dos quais extraímos o seguinte resumo: **Escola noturna** – matricularam-se 252 alunos, a saber: livres, 217; escravos 35. São: solteiros 231; viúvos 2; casados 16; de 5 à 10 anos 36; de 10 à 20, 132; de 20 à 30, 55; de 30 à 40, 16; de 40 à 70, 13. Brasileiros 222; portugueses 18; africanos 5; alemães 3; suíço 1; espanhol 1; italiano 1; militares 6; alfaiates 25; sapateiros 10; pedreiros 13; carpinteiros 20; marceneiros 10; charuteiros 3; padeiros 4; confeitiro 1; comerciantes 4; correiros 5; chapeleiros 4; ourives 1; carroceiros 5; caixeiros 3; marchante 1; agentes 2; cocheiros 4; ferreiros 8; barbeiro 1; canteiro 1; cozinheiros 2; oleiros 2; tipógrafo 1; pintores 3; serralheiro 1; lavradores 2; funileiro 1; credaos 88; sem ofício 21. Os indivíduos notados sob designação – sem ofício – são menores. Escola diurna – para menores de ambos os sexos. Matricularam-se 39 alunos, sendo: do sexo masculino, 20. Destes são escravos 2, estrangeiros 2, brasileiros 18. Do sexo feminino 19, sendo estrangeiras 2, escrava 1, brasileiras 17. A aula noturna foi aberta a 22 de abril do ano passado: funciona à rua municipal, casa nº53, das 6 às 8 horas. Os escravos somente são admitidos apresentando autorização escrita de seus senhores12:

e os menores com autorização dos pais, tutores, etc. **A aula diurna** foi aberta a 15 de junho do mesmo ano, e funciona das 8 horas ao meio dia. São professores da primeira – os senhores: Antonio José Cardoso, Henrique Antonio Barnabé Vicent, Vicente Rodrigues da Silva, Luiz Gonzaga Pinto da Gama. É professora da segunda a senhora, D. Guilhermina de Santa Anna Junker. A escola diurna funciona à rua 25 de março. Nestes estabelecimentos, além de ensino gratuito, é fornecido aos alunos todo o material do ensino.” (Correio Paulistano, 3/04/1870).

Percebe-se pela nota publicada no jornal Correio Paulistano que existiam pessoas de várias classes sociais freqüentando a escola noturna e a escola diurna organizada pela Loja América, inclusive vemos a presença de escravos, estrangeiros e pessoas oriundas de classes sociais desfavorecidas.

A iniciativa da educacional da Loja América³⁵ nasceu das iniciativas do maçom Rui Barbosa. Em 4 de abril de 1870 apresentou ao Grande Oriente Brasileiro, órgão maçônico que era responsável pelas Lojas Maçônicas no Brasil, um projeto de Abolição com o intuito de torná-lo um projeto de lei geral e obrigatória para toda a maçonaria brasileira. O projeto, composto de 12 artigos, propunha entre outras coisas a educação popular destinada aos filhos de escravos (1871).

No primeiro artigo do documento, o texto afirma que a Maçonaria deveria propagar a luta contra o servilismo e expandir a educação popular, utilizando para tanto os recursos intelectuais da imprensa, da tribuna e do ensino. O segundo artigo afirma:

Todas as Lojas maçônicas sujeitas ao Grande Oriente do Brasileiro, assim presentes como futuras, não poderão alcançar nem continuar a merecer o título e os direitos de oficinas regulares e legítimas sem que adotem pelo mesmo modo esses dois princípios sociais, comprometendo-se a trabalhar por eles com eficácia e tenacidade (BARBOSA, 1871).

³⁵ A Loja Maçônica Sete de Setembro em São Paulo fundada por iniciativa de Francisco Rangel Pestana, Campos Salles, Quirino dos Santos, Luiz de Vasconcellos, Pereira Coutinho e pelo Frei Vicente Ferreira Alves Rosário, organizada em 1862, também aderiu ao movimento de abertura de escolas noturnas motivados por várias Lojas no Brasil. Em 1918, a Loja mantinha sob sua responsabilidade 24 escolas mistas e cinco grupos escolares, perfazendo 1.967 alunos. Destes 1.967, 1.057 eram filhos de brasileiros, 101 italianos, 95 portugueses, 51 espanhóis, 6 argentinos, 2 japoneses e 2 alemães. Dos 1.967, 1.057 eram filhos de italianos, 330 de portugueses, 315 de brasileiros, 198 espanhóis, 40 filhos de sírios, 10 de alemães, 4 de belgas, 6 de argentinos, 3 de austríacos, 2 filhos de franceses e 2 de japoneses, consultar: GIUSTI, Antonio. A Maçonaria no Estado de São Paulo. Revista Maçônica. Ano VIII, julho de 1918, n. 6, p. 89. As informações foram extraídas pelos maçons do jornal *O País* que circulava no Rio de Janeiro. Eles dizem que era uma carta encaminhada por uma pessoa de São Paulo ao referido jornal. Eles reproduzem na íntegra a carta no jornal para mostrar que a Loja Maçônica Sete de Setembro tinha sido alvo de ataques dos católicos no 5º Congresso da Confederação Católica. Segundo a revista, representantes do catolicismo fizeram o seguinte pronunciamento: “O 5º Congresso da Confederação Católica reprovava como contrárias aos princípios da nossa fé e portanto vedadas aos verdadeiros católicos as Escolas Maternais, Sete de Setembro, da Associação Cristã de Moços e as chamadas Americanas”. Além da disputa de poder tanto no campo religioso, político e educacional, a carta sugere que o movimento educacional da maçonaria se estendia por outros lugares do país.

O projeto de Rui Barbosa propunha, ainda, punição as Lojas que não integrassem o movimento encabeçado pela Maçonaria. No artigo 5º afirma:

Nenhum individuo poderá mais obter o título e os privilégios de legitimo maçom sem que primeiramente, antes de receber a iniciação, declare livres todas as crianças do sexo feminino que daí em diante lhe possam provir de escrava sua (*Ibid*, 1871)

O projeto procura cercar de todos os lados e construir uma consciência libertária a partir da obrigatoriedade. Este projeto fazia parte, portanto, da construção do ideal maçônico no final do século XIX. O terceiro artigo propunha a captação de recursos financeiros pelas Lojas e a construção de uma verba especial reservada ao alforriamento de crianças escravas. Esta verba era destinada para a construção de escolas populares e escolas noturnas. As escolas populares deveriam ser freqüentadas pelas crianças e as noturnas pelos adultos. A Loja Perseverança III antes do projeto de Rui Barbosa já havia estabelecido este projeto emancipatório e educacional (Aleixo, 1999, p.60).

Esta interpretação feita por Aleixo, em mostrar que a abolição e educação foi uma postura adotada antecipadamente pela Loja Perseverança III, parece também demonstrar certa necessidade de legitimação no campo maçônico. Leite Penteado dirigiu as seguintes palavras aos dissidentes da Loja Maçônica Constância:

Amigos e irmãos, estamos aqui reunidos para discutirmos da conveniência ou não de nos separarmos da augusta e respeitável loja capitular Constância, deste vale. É assunto dos mais sérios porquanto embora timbremos em dizer que a nossa atitude não é de oposição a essa loja, poucos nisso hão de crer, procurando explorar ao máximo a atitude que iremos tomar, se se positivar a idéia da fundação d'a outra loja neste vale. Com Ubaldino estive na Loja América. Conversamos com os irmãos de lá, especialmente com o estudante Rui Barbosa, quartanista de direito, ardoroso e combativo. Todos estão animados do firme propósito de pugnar pela cada vez maior campanha de libertação dos escravos, de que faz tema principal a maçonaria brasileira, paralelamente ao da proclamação da república (Ata da Loja Maçônica Perseverança III, 1869)

Ubaldino do Amaral e Leite Penteado em visita à Loja América discutiram com Rui Barbosa as idéias que legitimariam suas ações políticas na cidade de Sorocaba. Em 7 de agosto de 1869, Leite Penteado afirma:

A luta maior da nacionalidade se aproxima. Nós somos os obreiros precursores do movimento libertário e educacional no seio das lojas. Não há ocasião mais propícia ao início das atividades referidas do que o 7 de setembro. Nestas condições, submeto à apreciação da oficina a seguinte propositura: a) que esta respeitável loja, comemorando a independência do Brasil, a 7 de setembro, nesse dia inaugure a escola noturna que se propôs estabelecer; b) que nesse dia se esforce por libertar os menores escravos que os seus recursos permitirem; c) que se alugue uma casa e se compre mobília para a oficina e para a escola (Ata Loja Perseverança III, 1869).

Ubalduino do Amaral na mesma sessão propõe um aditivo, que dizia: “no dia 7 de setembro de todos os anos é obrigatória a libertação de uma criança, ao menos. Na falta de fundos correrá uma subscrição entre os irmãos” (1º Livro de Atas – Perseverança III, 1869). A proposta foi aprovada pelos membros presentes. Nesta mesma sessão os membros da Loja fazem uma arrecadação de 1\$200 réis para a benemerência. Na sessão seguinte levantaram 10\$000 réis para a libertação do escravo José e seus filhos, propriedades de Ana do Sacramento. Nesta mesma sessão foi aprovado o regulamento da escola noturna (1º Livro de Atas, 29/08/1869).

Na sessão de 4 de setembro de 1869, os membros da Loja Perseverança III confirmam a próxima inauguração da escola noturna. Foram nomeados Antonio Joaquim Lisboa e Justiniano Marçal de Souza para cuidar da organização das salas e inauguração da escola noturna. A ata da Loja Perseverança III afirma que houve grande número de matriculados. Foram contratados dois professores: Leonel Jandovy de Abreu Sandoval e João Lycio. Leonel Jandovy foi professor até 27 de novembro do mesmo ano; do outro não há informações.

Em 1º de novembro de 1870 foi inaugurado o 1º Templo da Loja Perseverança III. Nesta sessão os maçons presentes reafirmam o binômio discutido em Loja: liberdade e educação: “De um lado da figura constituída corria de boca em boca, quase em sussurro, a palavra: Liberdade. Do outro, do mesmo modo, era repetida a sentença: Emancipação” (Ata de 01/11/1870). Nesta mesma sessão, Leite Penteado é questionado pelo venerável a respeito de quantas crianças a Loja conseguiu libertar. Vejamos o diálogo:

Consulto ao irmão Penteado se desincumbiu, com êxito, da tarefa que lhe foi confiada. **Leite Penteado** – Sim, ven. Mestre. Quatro são as crianças que a loja, hoje, pode oferecer à liberdade. **Vicente Eufrásio** – Congratulo-me com todos pela aquisição que fizemos, visando um ideal maior. As condições e os preços ficarão para serem acertados na próxima sessão econômica, uma vez que a de hoje tem o fim especial e por isso extraordinária, de regularização e sagração do templo.

Por trás da bandeira do abolicionismo estava a ação política da maçonaria sorocabana, que para garantir sua hegemonia, libertou seus próprios escravos que em breve trabalhariam em suas indústrias, como operários alfabetizados. Esta ação possibilitou a construção de um novo grupo social, a classe operária formada por ex-escravos e imigrantes, como ocorreu nas iniciativas educacionais da Loja América.

Observa-se que o grupo parece bem conscientizado a respeito do momento que se configurava na cidade. Seus porta-vozes, a que identificaremos como os intelectuais maçons, estavam cientes que aquele momento era propício a construção de um novo modelo de

sociedade, pois a Monarquia não respondia as novas demandas sociais e políticas. Neste primeiro percurso sobre o tema discutido neste trabalho, é possível compreender que a maçonaria sorocabana se configura como campo político, que mantém relações de força com várias outras instituições que formavam a superestrutura ideológica da cidade: Clube Emancipatório, Igreja, Escola, política, indústrias e outras. Estas relações possibilitaram a solidificação dos ideais de um grupo elitizado que objetivava através da sua ação a construção de uma nova ordem econômica e social, mas que por outro lado, aumentavam as contradições e as desigualdades entre as classes sociais, que eram apresentadas pelo jornal *A Voz do Povo* até determinado período.

Procurei acentuar neste tópico que as decisões estrategicamente pensadas no interior da Loja tiveram repercussões na sociedade com a finalidade de legitimar a idealização dos interesses dos agentes sociais. As iniciativas ideológicas desses agentes sociais estavam atreladas as suas convicções políticas e também aos seus interesses econômicos. Tais agentes sociais não somente eram portadores de determinado capital econômico, mas também de capital cultural e social (Bourdieu, 2004). Eles utilizaram a imprensa jornalística sorocabana como palanque na propagação da sua cosmovisão, para tanto construíram estratégias para a tomada do poder político na cidade de Sorocaba, para a modernização da cidade e para a solidificação de interesses políticos e econômicos. De certa forma esta posição de parcela da elite em Sorocaba confrontava a hegemonia do Estado-Monárquico.

O que se observou é que estes agentes sociais exerciam uma liderança no interior da própria Loja antes mesmo de conquistar o poder político da cidade. No nosso caso, a hegemonia da elite maçônica sorocabana entra numa crise em relação ao modelo político mantido pelo poder Imperial. A elite em formação, no caso, os republicanos, confrontou a hegemonia da própria elite monárquica através de reconfiguração do seu papel na sociedade sorocabana, provendo uma luta de poder dentro do próprio campo maçônico.

Os intelectuais maçons, uma vez infiltrados em diversos campos da sociedade sorocabana traçaram as estratégias de participação no poder como também seriam elementos estratégicos na manobra de conquista de posições de importância no campo político e social da cidade de Sorocaba.

1.3. OS INTELECTUAIS MAÇONS E PROTESTANTES

Inaugurada em 7 de setembro de 1869, a 1ª escola noturna não durou muito tempo. O jornal *O Ipanema* de 21/07/1870 noticiou o fim da escola criada pela Perseverança III. O historiador sorocabano José Aleixo Irmão atribui o fechamento da escola à propaganda antiprotestante que se espalhava na cidade de Sorocaba, dizendo que a escola começou a sofrer os ataques de um pequeno grupo que afirmava que o estabelecimento propagava os ensinamentos do protestantismo.

Outros jornais deram destaque ao fechamento da 1ª escola noturna:

Escola Noturna – matricularam-se desde 7 de setembro passado até 20 de julho deste ano: alunos 117. Saíram 65. Ficam 52. São freqüentes, termo médio 35. Destes que saíram, a maior parte foi pelos boatos malévolaemente espalhados na população de ser a escola protestante; mas hoje, reconhecendo que não há ali propaganda religiosa de espécie alguma, e são admitidas todas as crianças, têm voltado muitos dos que saíram. Tem-se notado grande aproveitamento dos alunos que entraram sem conhecimento do – A – lêem corretamente manuscritos e livros, fazem as 4 operações aritméticas e exercitam-se em outras contas. A off. Perseverança III dá aos alunos: mestres, livros, papel, penas, lápis, etc (*O Sorocabano*, 31/07/1870, p. 2).

A percepção de Aleixo pode ser confirmada quando se olha da perspectiva da história dos protestantes, pois, concomitante à organização da Loja Maçônica Perseverança III em 1869, aconteceu no mesmo ano a organização da 1ª Igreja Presbiteriana de Sorocaba (Silva, 2006). A organização desta Igreja se deu na casa de um membro da Loja Maçônica Perseverança III: José Antonio de Souza Bertholdo. Além de Bertholdo, identifiquei outros maçons que apoiaram das mais diversas formas, a inserção do presbiterianismo em Sorocaba: Matheus Maylasky, Ubaldino do Amaral, Francisco de Paula e Oliveira Abreu e Marciano da Silva. Talvez, por isso, a escola foi associada ao movimento protestante que se inseria neste período em Sorocaba. A posição de Aleixo parece resguardar os maçons do contato com os protestantes

No entanto, o meu entendimento é um tanto diferente. A sociedade sorocabana até a implantação da República era dirigida pelo partido conservador monárquico. Este partido estava ligado à religião oficial, o catolicismo. A crise do modelo político monárquico fez com que uma parcela da elite sorocabana reivindicasse um novo sistema de governo, a República. Com a finalidade de fazer prevalecer sua concepção de mundo e seus valores, procurou expandir sua dominação nos mais variados campos sociais. Os intelectuais desta classe se organizaram e começaram a criar suas estratégias para a tomada do poder da cidade, através da criação dos diretórios (clubes emancipatório, clube republicano, Gabinete de Leitura,

indústrias, imprensa, comércio, escolas) construíram alianças com diferentes grupos sociais, modernizaram a cidade e utilizaram a imprensa para a formação de um consenso em torno das novas ideologias.

É neste aspecto que vemos a aproximação dos protestantes com os maçons sorocabanos. Os missionários norte-americanos de certa forma tinham uma concepção de Estado já bem estruturada, fulcrada na ideologia liberal. A ideologia protestante fundamentada no liberalismo econômico, na individualidade e na ideologia capitalista veio ao encontro do modelo político que a elite sorocabana pretendia implantar (Hilsdorf, 1977, 1986; Ramalho, 1975 e Mendonça 2008).

Tanto o movimento republicano como o movimento protestante utilizaram-se da imprensa para divulgarem suas ideologias. A Maçonaria através de vários jornais, como já exposto acima, e o protestantismo através do jornal de circulação nacional, *A Imprensa Evangélica*, e dos jornais locais, *O Sorocabano* e *Gazeta Comercial*, que pertenciam a Júlio Ribeiro, intelectual protestante e membro da Loja Maçônica Perseverança III.

No contexto sorocabano, a escola era vista como um instrumento capaz de formar intelectuais de diversos níveis, qualificar os alunos para o trabalho e até mesmo de estabelecer uma sociedade moderna. Cada categoria de escola no âmbito econômico e a adversidade de aspiração das várias classes sociais determinavam a postura e a especialização do seu intelectual, estabelecendo desta forma a sua relação com o mundo da produção. Os protestantes e maçons perceberam na escola o instrumento para legitimar sua forma de dominação. O protestantismo criou uma escola voltada para a formação do ser humano através dos valores ético-morais. A maçonaria através da educação queria preparar o indivíduo para atuar naquele momento histórico marcado por profundas transformações econômicas. Ela pretendia preparar a classe dominada para a utilização das novas técnicas que o processo de industrialização exigia (Moraes, 2003).

Entendo que a relação que o intelectual estabelece com o mundo de produção é uma relação mediatizada e determinada pelo tecido social, ou seja, ele atua conforme os interesses da classe que está inserido. Do ponto de vista da dominação, o intelectual é definido pela elite como representante da sua hegemonia, agente do grupo social que pertence e responsável pelo consenso ideológico. O fato de pertencer ao campo letrado, não significa que o intelectual não possa participar de outros campos. Pelo contrário, o campo letrado e o campo político podem

se aproximar e estabelecer relações de poder através dos seus agentes, que possuem determinado capital simbólico e cultural.

Os intelectuais atuam neste contexto como produtores de capital simbólico e simultaneamente lutam pelos interesses da elite sorocabana e pelos seus próprios interesses, com a finalidade de controlarem o monopólio da produção cultural do capital simbólico. Os intelectuais assumiam o papel de porta-vozes da classe social a que pertence e para o qual suas ideologias são direcionadas. Seus interesses são materializados através dos seus discursos, artigos, idéias e posicionamentos políticos. Ao materializar determinado capital simbólico, os intelectuais sorocabanos imprimiam na sociedade sorocabana a cosmovisão pensada e articulada no campo político.

Para tanto, pretendo mostrar que os empreendimentos discursivos como também os posicionamentos políticos dos agentes eram estratégias para perpetuarem a unidade enquanto grupo, e condição para solidificarem sua posição no espaço social sorocabano.

Nesta perspectiva, centro a atenção na figura de alguns intelectuais maçons e presbiterianos que expressavam suas opiniões através dos jornais, ou que se destacaram no cenário político da cidade de Sorocaba. A historiografia maçônica elaborada por José Aleixo Irmão a respeito da atuação da maçonaria na cidade de Sorocaba dá especial destaque a essas figuras. Sua obra é composta de 6 volumes. O texto de certa forma reúne algumas informações históricas, porém não apresenta uma problematização das fontes analisadas. Apenas apresenta de forma descritiva aquilo que fazia parte das intenções políticas dos dirigentes ligados à maçonaria sorocabana, uma reprodução das ações dos maçons na cidade de Sorocaba em várias épocas.

Neste sentido, faz-se necessário analisar e problematizar tais ações no intuito de se perceber aquilo que eles pretendiam configurar no espaço social. Como já foi apontado, muitos dos interesses apresentados nos jornais ou no interior das Lojas estavam intencionalmente ligados à solidificação da hegemonia do grupo dirigente. É o caso do trio Ubaldino do Amaral, Maylasky e Júlio Ribeiro³⁶.

Ubaldino tinha em suas mãos a redação do jornal *O Sorocabano*, no qual escreveu inúmeros artigos com a finalidade de construir um consenso em relação as suas pretensões pessoais e políticas.

³⁶ Ver anexo 2, vol II, p. 5, (Foto 4): Júlio Ribeiro (1886).

Na edição de 3/06/1870, escreve um artigo sobre a necessidade que a cidade tinha de água. Nesta mesma época, ele tinha companheiros maçons na Câmara Municipal: Olivério Pillar, João de Aguiar, Fernando Lopes Souza Freire, Antonio Lopes de Oliveira. Os problemas discutidos no interior da Loja ganhavam dimensão pública através do jornal com a finalidade de construir um consenso em torno das idéias postuladas. Em seu artigo sobre a necessidade da água, Ubaldino pede o bom senso dos dirigentes políticos sobre o assunto.

Outros assuntos que aparecem no mesmo jornal faziam parte das reflexões de Ubaldino e Maylasky: a questão do matadouro (19/06/1870), o Brasil e a inquisição (29/06/1870), a industrialização (21/07/1870); neste artigo em especial, Ubaldino transcreve um texto publicado no jornal *O Americano*, onde se afirma que o industrialismo há de revigorar o mundo moral, dando-lhe alimento novo. No mesmo jornal, eles retomam a defesa do algodão, descrevendo a importância do seu cultivo. Diziam tratar dos interesses da municipalidade (*O Americano*, 03/08/1870), porém, seus artigos se relacionavam com os seus próprios interesses políticos e econômicos. O jornal de 11/03/1870 publicou os atos da Câmara dos Deputados que aprovaram o projeto de construção da estrada de ferro que ligaria Itu à Sorocaba. Defendiam a necessidade de um cemitério protestante, bandeira levantada por Julio Ribeiro em Sorocaba (*Sorocabano*, 06/10/1870). .

É no *O Sorocabano* de 23/04/1871 que começam a ser publicados alguns artigos de Julio Ribeiro. Enquanto intelectual protestante e maçom, Júlio Ribeiro defendia também os interesses de Maylasky e de Ubaldino. Estes, por sua vez, defendiam os interesses de Júlio Ribeiro ligados ao campo religioso protestante.

Segundo Lessa (1938), Júlio Ribeiro foi recebido por profissão de fé e batismo pelo Rev. Chamberlain em 17 de abril de 1870 em São Paulo. No ano seguinte, casou-se em Sorocaba com a filha do comerciante José Anthonio de Souza Bertholdo (4/2/1871). É o segundo registro de casamento não-católico que ocorre na cidade, como vemos na certidão expedida pelo celebrante, o mesmo missionário americano Rev. G.W. Chamberlain:

Eu abaixo assinado certifico, que aos quatro do mês de Fevereiro do ano de mil oitocentos e setenta e um pelas oito horas da tarde, na casa de José Antonio de Souza Bertholdo tendo corrido os proclamas de costume sem se descobrir impedimento, e vendo presentes por testemunhas os senhores José Leite Penteado, José Antonio Cardoso, Ubaldino do Amaral Fontura, José Pereira da Fonseca, e Manoel Lopes de Oliveira. Celebrei pelo Rito religioso da Igreja Evangélica, da qual sou pastor, o acto do casamento do Senhor Julio Cesar Ribeiro, estando solteiro, da idade de vinte e seis anos, filho legítimo de George Washington Vaughan e Maria Francisca Ribeiro, natural de Sabará, Minas Gerais, profissão Mestre de línguas, como domicilio em Sorocaba e morador atualmente na mesma cidade e a Senhora Dona Sophia Aureliana

de Souza, estado solteira, da idade de quatorze anos, filha legítima de José Antonio de Souza Bertholdo e Antonia Maria de Souza com domicílio em Sorocaba, e moradora atualmente na mesma cidade, do que tudo passo esta certidão que por ser verdade assino. Sorocaba quatro de fevereiro de mil oitocentos e setenta e um. Rev. Sr. G.W. Chamberlain (Livro de Registro de casamento de Nacionais e Estrangeiros, não-católicos, n. 85).

O casamento de Júlio foi celebrado pelo Rev. Chamberlain. Todas as testemunhas do casamento estavam ligadas à Loja Perseverança III, loja freqüentada por ele. A relação de Júlio com os maçons e os protestantes era bem estreita à época: seu próprio sogro era maçom, e ao mesmo tempo, a família a que foi introduzido pelo casamento foi o primeiro grupo que ingressou no presbiterianismo em Sorocaba.

Conforme o livro de matrículas da Loja Perseverança, Júlio Ribeiro entrou para o quadro da maçonaria sorocabana em 25 de fevereiro de 1871, logo após o seu casamento, certamente por influência do sogro. Nesse mesmo ano, nasceu seu primeiro filho, conforme informações do Livro de Registro de Nascimento de estrangeiros e nacionais acatólicos, que confirmam sua afiliação ao presbiterianismo nesse momento:

Aos onze dias do mês de Outubro de mil oitocentos e setenta e cinco, nesta cidade de Sorocaba, província de São Paulo, perante mim e em presença das testemunhas no fim nomeadas e assinadas, compareceu Julio Ribeiro, escritor, natural da Província de Minas Gerais, e residente nesta cidade, e declarou: Que no dia vinte e quatro de dezembro do ano próximo passado, a uma hora da madrugada, nesta cidade, nasceu uma criança de sexo masculino batizada segundo os ritos da Igreja Evangélica Presbiteriana com o nome de Jorge Washington Ribeiro, filho legítimo dele declarante e sua mulher dona Shofia A. L. Ribeiro, esta natural desta cidade e residente em companhia dele declarante, não existindo e nem tendo tido outros filhos com igual nome. São seus avós paternos Jorge Washington Vaughan e sua mulher dona Maria Francisca Ribeiro; e maternos José Antonio de Souza Bertholdo e sua mulher Dona Antonia Maria de Souza Bertholdo.- E para constar fiz este assunto que depois de lido estar conforme comigo assinado o declarante com as testemunhas Antonio Pedro Correa da Silva e Francisco de Figueira Coimbra. Eu Francisco Teixeira de Souza Leite, escrivão o escrevi (Livro para registro de nascimento de Nacionais e Estrangeiros, 1875, p. 04).

O campo intelectual era o palco de atuação de Júlio Ribeiro em Sorocaba. Além de articulista do jornal, Júlio lecionava em sua casa aulas particulares. Dava aulas de latim, inglês, francês, geografia, sistema métrico. Cobrava a quantia de 5\$000 mensais para as aulas de línguas e 3\$000 para as primeiras letras, objetivando seu sustento na cidade (O Sorocaba, 10/11/1872, p. 4). Como jornalista, Júlio foi porta voz de Matheus Maylasky e Ubaldino para propagar através da imprensa os seus ideais. Ambos necessitavam dos recursos literários e intelectuais de um companheiro maçom, dotado de capital cultural valorizado pela elite sorocabana. Desprovido de capital econômico por não pertencer a uma família aristocrática, Júlio dispunha de capital intelectual que o projetava no campo letrado sorocabano. Portanto,

para tornar-se conhecido, materializou sua bagagem intelectual na imprensa jornalística sorocabana, na produção de obras literárias e ações políticas. Mas ele não dependia somente do seu capital cultural, utilizou-se também de forma estratégica das relações de poder que lhe garantiam sua ascensão social e política. Júlio Ribeiro foi transferido da Loja América, de São Paulo, segundo Aleixo (1999, p. 103), e filiou-se à Perseverança III em 25 de fevereiro de 1871.

Bertholdo, Maylasky, Ubaldino, Júlio Ribeiro, Francisco de Abreu, Marciano da Silva e outros estavam ligados através de relações de poder estabelecidas no campo maçônico sorocabano.

Silveira (2005) afirma que:

Deve-se levar em conta que, para a compreensão da trajetória “intelectual” de Júlio Ribeiro, é inconcebível separar do nome de autor o nome próprio, ou seja, o sujeito da obra dos dados biográficos. Isso porque, tanto no âmbito “estrito” de sua produção quanto no da esfera de seu reconhecimento por outros, as intervenções e tomadas de posição do homem/escritor no cenário sociocultural da época se enredaram na trama de sua experiência individual e social. Em síntese, o nome próprio e o nome de autor foram instâncias que se mesclaram; afinal, seus escritos, fossem os do jornalista, fossem os do romancista — forma pela qual ele se expressou e se posicionou frente ao debate político —, constituíam os dados à disposição do universo letrado a partir dos quais se podia elaborar certa imagem de Júlio Ribeiro. Sobretudo, sua condição de homem de imprensa e professor dava-lhe o atributo de “homem público”, tornando ainda mais visadas suas atitudes. O nome de autor e o nome próprio, nesse aspecto, misturaram-se muitas vezes, embora nem sempre questões pessoais tenham sido, para Júlio Ribeiro, motivo para o desencadeamento de polêmicas (p. 26)

O trabalho de Silveira traz uma rica abordagem da figura polêmica de Júlio Ribeiro. Aborda sua vida e contribuição no contexto sorocabano, mostrando-o como um intelectual que se posicionou frente ao embate político na sociedade sorocabana no final do século XIX, o que é do nosso interesse destacar. A trajetória intelectual de Júlio Ribeiro poderia ser analisada através da imprensa sorocabana e nos seus escritos literários, embora tivesse uma atuação além das fronteiras da cidade de Sorocaba. Meu recorte a respeito da sua atividade intelectual em Sorocaba restringe-se, no entanto, ao enfoque que proponho neste trabalho: homem da imprensa sorocabana, quando teve a oportunidade de ser redator de dois jornais da cidade, *O Sorocabano* e a *Gazeta Comercial* e intelectual no campo literário.

Nesse aspecto, a imprensa era o cenário de batalhas apaixonadas e envolventes que muitas vezes se transformavam em verdadeiros “combates bélicos” de idéias. Júlio Ribeiro e outros contestadores da época, além de terem-se apropriado do repertório científico estrangeiro como suporte para a discussão de temas que consideravam essenciais em sua oposição ao regime imperial, incorporaram-no como valor ético e científico das polêmicas (Silveira, 2006, p. 16).

A respeito da produção literária de Júlio Ribeiro, podemos destacar algumas obras: O Padre Belchior de Pontes (1876), Gramática Portuguesa (1881), Cartas Sertanejas (1885), A Carne (1888). Segundo Silveira (2008), as obras de Júlio Ribeiro eram bem recebidas no campo letrado paulista, sobretudo o livro o Padre Belchior e a Gramática Portuguesa.

O texto padre Belchior foi publicado inicialmente na Gazeta Comercial entre 1874-1875, jornal de propriedade de Júlio Ribeiro. Silveira faz o seguinte comentário sobre esta obra:

A trama, de fundo histórico, é encenada na São Paulo colonial e inicia-se com o amor entre dois adolescentes: Belchior, português de sangue mestiço e plebeu de poucas posses, e Branca Castanho Taques, fidalga de “sangue puro”. O contraste de posições sociais já anuncia as dificuldades para a consumação daquele amor, que irá, em definitivo, ser impedido pelo ingresso de Belchior na Companhia de Jesus, a qual lhe incute a idéia de que ele era um predestinado à missão jesuítica. Isso com o fito de impedir seu casamento com Branca, pois, uma vez obrigado pelo celibato a renunciar aos desejos humanos, especialmente aos carnavais, deixaria o caminho livre para Branca casar-se com um membro da família Rodrigues. Assim, os jesuítas, na verdade, tinham interesse em unir as duas principais famílias paulistas — Taques e Rodrigues — como forma de evitar desavenças entre elas e de incitar a revolta contra a Metrópole (a Guerra dos Emboabas). Com esse plano político, traçou-se o destino de Belchior, que foi usado como brinquedo pelos religiosos. Quando, mais tarde, Belchior, já ordenado padre, descobre a manobra que o separou de Branca, denuncia a tramóia a Amador Bueno, assim referindo-se à Companhia de Jesus... Essa presença silenciosa, no entanto onipresente, da Companhia de Jesus constitui-se na matriz do romance ribeiriano. Os diversos outros elementos que compõem a trama histórica do livro, como o conflito entre paulistas e a Metrópole na disputa pelo ouro descoberto em Minas Gerais (de onde brota outro tema presente na narrativa, o da consolidação de um sentimento de nacionalidade entre os paulistas), sem falar no próprio motivo desencadeador da narrativa — o romance irrealizável entre Belchior e Branca —, estão todos subjugados a este tema mais amplo que é o da crítica à Igreja Católica, sintetizada na Companhia de Jesus (Silveira, 2005, p. 55).

Na obra *Padre Belchior*, Júlio Ribeiro como intelectual se mostra anticlerical, talvez por duas razões: por pertencer ao campo religioso protestante e por pertencer ao campo maçônico sorocabano. Campos distintos, mas que viam no catolicismo um inimigo comum. Em sua obra *A Carne*, Júlio Ribeiro retorna sua crítica ao catolicismo e talvez ao presbiterianismo no que diz respeito às proibições que estas religiões impunham sobre a liberdade humana. Nas Cartas Sertanejas, publicadas inicialmente no jornal *Diário Mercantil de São Paulo*, o intelectual Júlio Ribeiro, entre muitos assuntos polêmicos, combatia as qualidades intelectuais e o despreparo político de Campos Salles e Prudente de Moraes, eleitos para a Assembléia Geral em 1885.

Penso que a produção literária do intelectual Júlio Ribeiro apresentou-se como polêmica e apologética. Polêmico, porque trazia para o centro da sua produção assuntos que

confrontavam diretamente interesses de outros agentes sociais que não pertenciam ao campo político de Júlio. Apologético, porque externavam interesses políticos e pessoais do referido intelectual. Seu posicionamento político e ideológico foi extremamente importante para sua inserção no campo intelectual e político da cidade de Sorocaba. Seu posicionamento político levou a entender que o modelo político sustentado pelo Império era um retrocesso para o processo de modernização do Brasil, e consequentemente, para a própria cidade sorocabana. Isto vinha ao encontro dos interesses da elite sorocabana, que desde a década de 70 posicionava-se politicamente na construção de uma sociedade republicana. O modelo seria implantado muitos anos depois, mas o grupo social a que Julio pertencia nessa década de 1870 já almejava a construção de uma sociedade mais democrática e liberal. Este grupo social era formado por maçons e protestantes, que mantinham relações de poder para a solidificação dos seus interesses recíprocos. Como Hilsdorf (1977, 1986) já caracterizou como um movimento geral da sociedade paulista da época, as alianças oferecidos por maçons, liberais e republicanos ao movimento protestante, e vice-versa, aconteciam também em Sorocaba.

Como intelectual Júlio Ribeiro expôs sua opinião sobre diversos temas, que a configuração das forças desse campo fazia predominar na cidade: abolição, religião, instrução e política.

Talvez a sua obra literária e alguns dos seus posicionamentos ao longo da sua trajetória intelectual, ao confrontar diretamente algumas doutrinas do protestantismo, expliquem a sua marginalização pela historiografia protestante. Lessa o descreve como ateu: “Muito embora Julio Ribeiro tivesse vacilado na fé, sua velha progenitora D. Maria Francisca permaneceu firme em suas crenças” (1938, p. 82). Esta marginalização de Júlio no campo historiográfico presbiteriano pode ser justificada pela própria teoria do campo em Bourdieu, ou seja, quando determinado agente que pertence a um campo específico não corresponde através do seu capital social ou cultural aos interesses do campo a que pertence, ele sofre coerção interna, sendo extirpado do campo a que pertencia (Bourdieu, 2004).

Se no campo maçônico sorocabano ele garantiu prestígio ao assumir a redação de dois jornais sorocabanos, a posição de Júlio Ribeiro no campo religioso parece ter sido precária, no sentido de que, embora confessasse nesse período o presbiterianismo, tinha apoio dos membros católicos pertencentes à Perseverança III. Não obstante, através de artigos dos jornais Júlio Ribeiro mostrava-se anticlerical ao combater as posturas do clero sorocabano.

Também na sua obra “Padre Belchior de Pontes”, Julio Ribeiro deixa antever seu repúdio ao movimento jesuíta. Segundo Silveira:

Foi com esse grupo de homens que defendiam medidas “progressistas” que Júlio Ribeiro se identificou e se relacionou em Sorocaba, nos dois momentos em que atuou na imprensa da cidade. Tanto no período durante o qual trabalhou nos jornais Sorocabano e Sorocaba (de 1871 a 1872), como na época em que dirigia a Gazeta Comercial (de 1874 e 1875), demonstrou que identificava e apoiava as causas e temas que faziam parte da atividade política dos maçons de Sorocaba, entre os quais ele mesmo se incluía. Embora fossem quase todos católicos, os membros da loja Perseverança III mostravam-se solidários aos presbiterianos, sempre que os direitos dos protestantes da cidade eram feridos. Afinal, eram homens que se consideravam afinados com os propósitos do progresso e que julgavam válida a identificação da idéia de civilização com a liberdade religiosa e o direito dos cidadãos de professarem outros credos. Ainda que não constituíssem maioria, muitos maçons eram protestantes, como o autor ora em estudo (2005, p. 50).

Na trajetória intelectual de Júlio Ribeiro percebe-se uma aproximação entre presbiterianos e maçons contra um arquiinimigo comum, o catolicismo. Numa disputa de poder, no campo brasileiro, a reação católica foi desencadeada pelos seus líderes, que tentaram construir um imaginário destrutivo tanto da maçonaria como do protestantismo.

Este nome fantástico de franco-maçonaria vem-lhes, segundo parece, da Escócia. Depois que o Papa Clemente V e o rei da França Felipe, o Belo, aboliram com justíssima razão, no princípio do século XIV, a Ordem dos templários muitos destes infames fugiram para a Escócia, e ali se constituíram em sociedade secreta, votando ódio implacável e eterna vingança ao Papado e à Realeza. Para melhor disfarçar suas tramas, afiliaram-se a corporações de pedreiros, tomaram suas insígnias e gíria, e espalharam-se mais tarde por toda a Europa, protegidos pelo protestantismo (**O Apóstolo**, 8/01/1871, p.15. *Apud* BARATA, op. cit, p. 106).

A reação católica à Maçonaria pode ser vista na criação da Liga anti-maçônica. Este foi um documento oficial da Igreja aprovado pelo Padre Leão XIII publicado em Portugal em 1886.

Todo o homem quê se presa de ser amigo da ordem publica, da família e da Sociedade, muito mais o católico fervoroso e decidido, deve favorecer e apoiar- tudo o que diz respeito á conservação da mesma ordem pública, ao bem solido e verdadeiro da família e da Sociedade, e sobretudo á defesa enérgica da religião santa. Ninguém ha que ignore que a Sociedade está abalada desde os alicerces e que ameaça ruína total; ninguém ha que ignore ser a causa d'este próximo cataclismo o abandono das verdades primordiais, que são como que o eixo em roda do qual deve girar lodo o ser racional, o farol que deve guiar a humanidade. Na verdade como poder à ser feliz a Sociedade que navega desnordeada sem leme neste oceano tempestuoso? (Liga Anti-maçônica, 1886, p. 3)

Através deste documento oficial, o catolicismo levanta a luta contra a Maçonaria. Convoca os católicos fervorosos e aqueles que lutam pela conservação da ordem pública a apoiar tudo o que diz respeito a conservação da ordem pública. Mais adiante, pontua que em

meio aos crescentes ataques aos valores morais e religiosos, está a Maçonaria. O manual elaborado por Leão XIII tinha o objetivo claro de combater a Maçonaria.

A Maçonaria, brada Ele, a Maçonaria, eis o inimigo! O Manual que vamos publicar é um resumo do plano de ataque a este famoso inimigo que Leão XIII designou aos nossos tiros. Leiam-no todos e meditem-nos para que bem exercitados todos os católicos portugueses sem distinção, sejam os soldados aproveitáveis e valorosos na luta em que nos acham empenhados (Liga Anti-maçônica, 1886, p. 4).

O documento é composto de trinta e três páginas e deveria servir de direção no combate a Maçonaria. Percebe-se claramente a luta travada entre o catolicismo e a Maçonaria. A aproximação da Maçonaria com o protestantismo é citada no documento como sendo como meio de proteção a ordem maçônica.

O primeiro capítulo traz uma definição clara do que era a Liga Anti-maçônica:

A Liga Anti-maçônica é uma união de defesa e de preservação contra a Maçonaria para o bem da sociedade e dos indivíduos; uma união para aqueles países, onde infelizmente a Maçonaria já domina; união de preservação para aqueles que Ella ainda não invadiu. A Liga Anti-maçônica tem por fim combater em toda parte o poder nefasto das lojas maçônicas].

O catolicismo via a Maçonaria como uma ameaça à sociedade, ao individuo e à família e na tentativa de impedir a influência da Maçonaria na sociedade descreve-a como uma instituição destrutiva. Em artigo publicado em fins de 1870, no *Correio Paulistano*, Júlio critica a união entre o Império brasileiro com a religião oficial. O artigo é intitulado “Liberdade religiosa”:

A fonte principal das misérias de uma nação [...] Sem religião não há sociedade, e com religião de Estado não há religião nenhuma [...] Um homem que tem a desgraça de nascer em um país onde há religião de Estado, tem de herdá-la forçosamente, como o filho do [ilegível] as ulceras de seu pai. Ou perder os mais caros direitos políticos e sociais, ou ser religiosa á moda de quem o precedeu. Poucos têm a coragem de se relegar no meio da sociedade, de tornar-se país civilizado [...]. Ninguém discute que religião há de abraçar, como também não se discute o uso da casaca preta e gravata branca. São injunções a que só não pode esquivar alguém: fugindo-se a esta, atendem-se ás conveniências; escapando-se daquela, fica-se isolado. Ora, uma religião indiscutível, imposta, necessária, atrofia a consciência, mata os sentimentos. Dai essa descrença, essa falta de patriotismo, esse positivismo material que converte os estadistas em máquinas de subir. Dai essa corrupção, de costumes, esse apego ás riquezas, esse enervamento moral que degrada os homens e amesquinha a grandeza do amor da família e da sociedade. Falam todos nos Estados-Unidos: o primeiro manancial da prosperidade [...] do progresso é a liberdade de que guia em matéria de religião. Ali se apurara os sentimentos, vitaliza a energia, recende-se o entusiasmo que [ilegível] por centenas de missionários ardentes que, de Bíblia em punho, [ilegível] até o coração da Ásia e da Oceania. Tal requinte de fervor religioso não é e nem pode ser compreendido no Brasil, ou em qualquer outro país que tenha religião de Estado (Correio Paulistano, 04/10/1870).

Neste pequeno trecho, entre outras coisas, Júlio mostra o atraso que caracteriza o Brasil Imperial e faz uma apologia da nação norte-americana como exemplo de progresso e liberdade. Percebe-se, nitidamente, que Julio critica a religião católica e defende o protestantismo.

Em Sorocaba, Júlio Ribeiro lança forte polêmica contra o catolicismo. Para Júlio, o movimento jesuíta era visto como um processo de escravização da consciência, ou seja, impedia as pessoas de terem acesso a outro tipo de pensamento ou talvez de ideologia.

Outro intelectual que conseguiu lugar no campo letrado sorocabano foi o pastor presbiteriano Rev. José Zacharias de Miranda e Silva³⁷, também ligado à maçonaria e à política local. Embora não tenha publicado oficialmente nenhum trabalho literário, sua trajetória intelectual pode ser percebida em seus sermões e outras produções ligadas ao seu ministério, e àquelas manifestações na imprensa sorocabana, principalmente no período em que foi vereador da Câmara Municipal.

Zacharias de Miranda publicou vários artigos na *Imprensa Evangélica*, que estão ligados necessariamente a vida da Igreja Presbiteriana do Brasil e as polêmicas levantadas contra a Igreja Católica, que serão úteis para o trabalho quando trabalharmos a questão do campo religioso. Ele também publicou alguns textos na chamada *Revista de Missões*. Nesta atuou como redator. Exerceu também a função de redator do Jornal *O Estandarte*.

Ainda como intelectual, Zacharias de Miranda também expressou seu capital cultural na produção de artigos publicados em jornais da cidade de Sorocaba, na produção de um opúsculo intitulado: *O Culto das Imagens* e deixou uma coleção de sermões escritos que estão nos arquivos da Igreja Presbiteriana de Sorocaba. A coleção é composta de 86 sermões que foram pregados em várias regiões do Brasil: São Paulo, Sorocaba, Campinas, Santa Bárbara, Itapetininga, Atibaia, Ubatuba, Cascavel, Jundiaí, Tietê, Torre de Pedra, São João da Boa Vista, Rio Claro e outras.

Como intelectual inserido no campo político e letrado da sociedade sorocabana, Zacharias de Miranda não somente exerceu influência política na cidade, mas também cultural, religiosa e educacional. Sua atuação diferenciava-se da de Júlio apenas no fato de pertencer ao presbiterianismo como pastor, ou seja, detinha um capital cultural que lhe conferia lugar de destaque no campo presbiteriano. Júlio, enquanto porta voz dos interesses maçons e presbiterianos, fala necessariamente do campo maçônico e intelectual. Zacharias,

³⁷ Ver anexo 2, vol II, p. 6, (foto 5): Rev. Zacharias de Miranda.

além disso, falava dentro do campo religioso protestante, como um agente reconhecido oficialmente pelo campo protestante brasileiro.

Um dos aspectos não destacado na historiografia protestante é justamente a atuação do Rev. Zacharias de Miranda na vida política da cidade de Sorocaba. Isto pode ser observado nas obras dos historiadores confessionais: Themudo Lessa (1938), Júlio Andrade Ferreira (1952), Boanerges Ribeiro (1981) e Alderi Matos (2004).

Eles apenas destacam a participação de Zacharias na vida eclesiástica da Igreja Presbiteriana do Brasil. Zacharias de Miranda, segundo a apresentação historiográfica dos protestantes teve uma significativa atuação dentro da vida Igreja. Talvez a lacuna deixada pelos historiadores confessionais seja explicada pela falta de acesso às outras fontes primárias a que recorremos, como é o caso dos jornais da cidade de Sorocaba, mesmo porque fazem menção à atuação política de outros pastores e presbíteros.

De qualquer modo, o que nos interessa não é reproduzir fatos vividos por Zacharias dentro do campo eclesiástico presbiteriano, mas centrar a atenção na sua atuação política no contexto da cidade de Sorocaba, com a finalidade de entender as relações de poder estabelecidas por ele com outros grupos sociais.

O jornal *15 de Novembro*, por exemplo, de propriedade do maçom João José da Silva, circulou pela primeira vez em 22 de fevereiro de 1891. Seu nome era uma alusão clara ao movimento político republicano. João José da Silva tinha sido o proprietário do jornal *O Alfinete*, que deixou de existir a partir da Proclamação da República. O jornal apresentava-se com a seguinte posição: “Semanário político, noticioso, humorístico e literário”. Transformou-se em bissemanário, e depois, em 1895, em diário. Sua assinatura anual era de “8\$000 para Sorocaba e 10\$000 fora”. O jornal era declaradamente republicano (15/11/1892). Em 1893, o proprietário do jornal era também secretário da Loja maçônica Perseverança, conforme podemos observar no anúncio publicado no jornal, convocando os membros da Loja Perseverança III a comparecerem às reuniões (19/10/1893). Este jornal ofereceu apoio ao Rev. Zacharias de Miranda ao publicar assuntos relacionados a sua participação no campo político e educacional sorocabano.

A trajetória política de Zacharias de Miranda em Sorocaba começou em 1886, quando se filiou ao Clube Republicano. Em 28 de maio do mesmo ano, aconteceu uma reunião do Clube Republicano na casa de José Anthonio de Souza Bertholdo, ocasião em que foram eleitos para a diretoria do Clube: José Zacharias de Miranda, João Lício Gomes e Silva, Manoel Januário de Vasconcelos, Antonio Joaquim Dias e João Jorge Soares de Barros.

(Aleixo, 1999, p. 322). No mesmo dia, foram apresentadas mais três pessoas como membros do partido republicano: Francisco de Souza Oliveira, João Carlos de Campos e Francisco Rodrigues Pacheco. Os dois últimos eram líderes presbíteros³⁸ da Igreja Presbiteriana de Sorocaba³⁹. Além de pastor da igreja local, Zacharias aparece como líder do Clube Republicano em Sorocaba. Zacharias começa a dar os primeiros passos na concretização da sua estratégia em ocupar o campo político sorocabano. Ele não só foi o primeiro presidente do Clube Republicano, mas também fez com que dois membros da sua Igreja se filiassem ao Clube.

A casa de Bertholdo parece ter sido um lugar estratégico para o presbiterianismo sorocabano. Além de ficar na região central, os donos da propriedade tinham relações de poder com agentes sociais que compunham o campo político sorocabano. Houve, como mostraremos no próximo capítulo, uma crise interna no campo religioso presbiteriano na época do pastorado do Rev. Antonio Pedro de Cerqueira Leite (1874-1883), que disciplinou⁴⁰ da Igreja praticamente a família toda do José Antonio de Souza Bertholdo. Mas o fato do Clube Republicano se reunir em sua casa e contar com a presença dos líderes da Igreja Presbiteriana, faz-me pensar que Zacharias de Miranda começara a reconstruir as relações rompidas com a família no período do pastorado de Antonio Pedro de Cerqueira Leite. Zacharias demonstra ser muito mais habilidoso para tratar das questões relacionadas à expansão do presbiterianismo em Sorocaba.

Novamente reunidos nesse lugar estratégico, simbólico, os membros do Clube Republicano estabelecem sua forma de atuação no campo político sorocabano. A região central embora representasse um espaço de poder, não conferia através da sua arquitetura e aparência a posição de um espaço modernizado. Tanto que neste contexto, o jornal *15 de Novembro* lançava uma série de artigos contra a Câmara Municipal, cujos membros, na época, pertenciam ao partido conservador. Um leitor encaminhou ao jornal um texto em que criticava as condições de higiene da cidade:

³⁸ A Igreja Presbiteriana do Brasil têm três classes de líderes: pastores (presbítero docente), presbíteros (presbítero regente) e diáconos (pessoas ligados ao trabalho de assistência social da Igreja)

³⁹ João Carlos de Campo professou sua fé ao presbiterianismo em 03/05/1874, com o pastor norte-americano Chamberlain e Francisco Rodrigues Pacheco em 21/09/1871, com o mesmo pastor (Igreja Presbiteriana de Sorocaba, Livro do Rol de Membros, 1869, p. 01-03).

⁴⁰ É uma ação dentro do sistema presbiteriano que exclui a pessoa dos seus direitos eclesiásticos. Esta medida é realizada dentro de um processo de julgamento, onde se apresenta as acusações contra uma pessoa. A pessoa acusada tem o direito de apresentar sua defesa (através de testemunhas) e eleger um representante para a sua defesa. Após análise dos fatos, o tribunal reunido sob a presidência de um pastor, decide pela exclusão ou não da pessoa dos seus direitos religiosos.

É uma vergonha, uma lastima e um perigo de tornar-se aquele largo um foco de moléstias, tal a sua sujidade, tal o desleixo em que o atiram. Cães mortos, gatos, ossos podres, lixo, águas servidas, tudo quando há de imundo e pestilento é lançado ali, pois parece ter sido o largo Municipal convertido em esgotos de algumas casas da rua do Hospital (08/04/1894).

O editorial publicado na primeira página do jornal fazia-lhe coro, tecendo comentários sobre o descaso da Câmara Municipal com a vida da cidade. Além disso, o articulista criticava o poder público em cobrar impostos pesados e manter a cidade em condições precárias. A questão do imposto voltou a ocupar as páginas do referido jornal, que se dizia Órgão Republicano, no dia 25/01/1894. O artigo intitulado “A Câmara e o Comércio”, entre outras coisas, mostrava que a renda anual orçada pelo município era de 40 contos de réis, mas que neste período devido ao aumento dos impostos chegou a 80 contos de réis. Para o articulista, o aumento da arrecadação não significou melhoras à cidade. Ele pontua:

Esperava-se, por exemplo, que nas suas primeiras sessões a municipalidade procurasse um meio pratico de abastecer a cidade de água com fartura; que neste sentido, fizesse embora sacrifícios... Esperava-se que as ruas fossem mais limpas, mais asseadas, mais digna de Sorocaba, de forma que seu aspecto não envergonhasse aos olhos das pessoas vinda de fora. Esperava-se uma iluminação à luz elétrica, tal como a de muitas localidades do oeste, onde o orçamento do município não sobe tanto como aqui. Esperava-se tudo isso, mas a esperança foi vã, e a desilusão foi a única medida com que a câmara mimoseou Sorocaba (O 15 de Novembro, p. 01).

O artigo trazia assuntos pertinentes a vida da sociedade sorocabana naquele período: abastecimento de água, limpeza das ruas e iluminação pública. É possível neste artigo identificar os interesses da elite sorocabana formada por comerciantes: “O Comércio levanta-se, protesta, e num assomo de irreflexão manda um ofício à Câmara Municipal” (idem, p. 01). Eles tentavam de todas as maneiras minar as ações da Câmara Municipal e mostrar que o aumento dos impostos não representava benefício à cidade.

Como mencionei anteriormente, é válido ressaltar que boa parte dos agentes sociais morava nas ruas centrais da cidade de Sorocaba: Olivério Pilar – rua do Hospital, Manoel Nogueira Padilha – Matriz, Manoel Lopes Monteiro – Flores, José Padilha de Camargo – Comércio, José Teixeira Cavalheiros – Flores, Justino Marçal de Souza – Largo do São Bento, Antonio Joaquim Dias – São Bento, Antonio Egydio Padilha – Matriz, Manoel José da Fonseca – Rosário (Aleixo, 1994, p. 76). Isto dá significado aos assuntos relacionados à melhoria das ruas colocados nas páginas do jornal *O 15 de Novembro*, de propriedade do maçon João José da Silva.

Em meio às lutas no campo político e econômico, a Câmara Municipal através do vice-presidente Antonio Mascaranhas Camello Junior publica edital nomeando os mesários

que deveriam acompanhar as eleições municipais. A cidade foi dividida em 4 sessões eleitorais (*O 15 de Novembro*, 08/04/1894). Mas, as pressões levantadas no campo político contra a Câmara Municipal levaram alguns vereadores a renunciarem seus cargos nas vésperas de uma nova eleição:

Os vereadores oposicionistas da Câmara Municipal desta cidade, coronel Antonio de Mascaranhas Camello Junior, Theodoro Kaysel, José Manuel Soares do Amaral resignaram seus cargos, passando aquele a presidência ao coronel Manuel Nogueira Padilha. Por estes dias devem ser convocados os suplentes de vereadores, ate que se proceda a eleição para preenchimento das vagas ora deixadas (*O 15 de Novembro*, 22/04/1895, p. 2).

A renúncia dos vereadores por causa da pressão levantada nas páginas do jornal republicano *O 15 de Novembro* favoreceu Manoel Nogueira Padilha, que pertencia ao grupo republicano. O jornal dizia que os vereadores que renunciaram seus cargos faziam parte do partido oposicionista. Percebe-se claramente a luta e os conflitos dentro do campo político sorocabano.

Ainda neste contexto, o Partido Republicano convocava seus membros para eleição do novo diretório (*O 15 de Novembro*, 06/01/1894). O Partido Republicano era então dirigido por: Manoel Nogueira Padilha, Olivério Pilar, Eduardo Antero, Calisto de Paula Souza e José Loureiro de Almeida. Nesta ocasião, Olivério Pilar também era presidente do Gabinete de Leitura.

Na edição de 23/03/1894, o jornal estampa na primeira página uma convocação destinada ao eleitorado:

O Diretório Republicano abaixo assinado, tem a honra de comunicar-vos que em reunião geral do partido, realizada a 20 do corrente mês, foram candidatos para vereadores: Ten. José Loureiro de Almeida, negociante. Capm. José Vaz Guimarães, negociante. Capm. José Zacharias de Miranda, professor. Augusto da Silveira Franco, proprietário. Elias Lopes de Oliveira, lavrador. Capm. João Cancio de Azevedo Sampaio, farmacêutico. Tem. Gustavo Scherepel, negociante. Ten. Egydio Padilha, negociante.

Vemos que Zacharias aparece indicado para concorrer uma vaga a vereador da cidade. Duas coisas podem ser destacadas nesta nota. O nome de Zacharias aparece como capitão e professor. Não se associa seu nome ao presbiterianismo, talvez numa tentativa de não provocar polêmicas no campo religioso sorocabano, mas por outro lado, confere-se a ele prestígio social, posição e legitimação no campo político e educacional. Do grupo apresentado pelo partido republicano, quase todos eram maçons: José Loureiro de Almeida, Zacharias de Miranda, Augusto Silveira Franco, Elias Lopes de Oliveira, João Cancio, Gustavo Scherepel, Egydio Padilha. Egydio Padilha participou de várias ações com Zacharias.

Em 20 de maio de 1894, o jornal publica na primeira página um artigo intitulado “Reunião Republicana”. A referida reunião era para escolher os candidatos às eleições municipais.

A essa reunião de magna importância aos interesses do município, cremos, não deixará de concorrer todo o bom republicano, todo aquele que deseja ver á testa da administração municipal, homens patriotas, abnegados, que queiram lançar e queimem os últimos cartuchos, com o fim de verem realizados os melhoramentos indispensáveis de que tanto carece a cidade de Sorocaba (O 15 de Novembro, p. 01).

Eles estavam dispostos a conquistar o domínio do campo político, mostrando-se como pessoas abnegadas e patriotas. Na perspectiva do grupo a que Zacharias de Miranda pertencia, a modernização e o melhoramento da cidade só seriam possíveis através da prática política do partido republicano. Os agentes sociais que pertenciam a este partido, além de dizerem que eram homens patriotas e abnegados, insistiam em afirmar que o grupo oposicionista nada fizera enquanto estava no poder político da cidade:

Ninguém ignora a guerra viva, sem tréguas, que destas colunas fizemos á municipalidade; ninguém ignora os artigos por vezes violentos e acrimoniosos que publicamos contra a inércia prejudicial dos administradores do município; ninguém ignora que, para contrariar-nos ou antes para anular os efeitos de nossos escritos, a Câmara Municipal sustentou um jornal, pagando-lhe generosamente os seus serviços, sem contudo ter tido o prazer de ver nos um dia, uma só vez, esmagados na discussão ou na polêmica. Combatíamos com a verdade e a vitória estava sempre do nosso lado. E assim sucessivamente abandonados pela opinião publica, acusados de inertes e esbanjadores, repudiados pelos próprios amigos, cobertos de ápodos e epítetos ferinos, rolando pela lama do ridículo, ao completo desamparo, os vereadores oposicionistas viram-se na dura contingência de resignar os seus cargos, o que fizeram prestando o maior serviço que podiam prestar ao município (O 15 de Novembro, 20/05/1894 p. 01).

Desde as suas primeiras palavras o artigo é escrito em tom de luta e combate. O próprio partido republicano assumia que os artigos que publicava eram violentos e acrimoniosos. Observa-se que o campo político estava em constante luta pela dominação do poder da cidade. Conforme o discurso do Partido Republicano, é possível notar dois inimigos deste grupo social: o catolicismo e o Partido Conservador, denominado muitas vezes de oposicionista. Vários foram os artigos publicados contra o catolicismo, principalmente, questões relacionadas à Companhia de Jesus, já analisados a propósito de Júlio Ribeiro.

Como ênfase no trabalho, afirmavam:

Trabalhar eis a missão e o dever dos que tem de assumir em breve a administração do município. Trabalhar, promover melhoramentos, elevar a cidade á que ela tem direito, seja muito embora necessário crescer e multiplicar os impostos, que o povo só reclama contra os tributos lançados quando eles são gastos com desperdício, quando não revertem em bem geral, quando ao sacrifício não corresponde o adiantamento ou progresso desejado. Dos melhoramentos locais vem como corolário o progresso, o

desenvolvimento da indústria, do comércio, das letras e artes, vem a afluência de novos elementos da ida, que compensam com largueza os sacrifícios feitos pelo povo (*Ibid*, p. 01).

Nota-se que eles se diziam os portadores do progresso e do desenvolvimento da cidade. Embora criticassem o aumento dos impostos efetuados pelo grupo oposicionista, afirmavam que o aumento de impostos era importante quando bem aplicado. Afirmavam, ainda, que os melhoramentos que não foram realizados na cidade pelo grupo oposicionista eram o corolário do progresso, do desenvolvimento das indústrias, do comércio, das letras e artes. Eles se diziam em defesa do povo, mas observa-se claramente que estavam em defesa dos seus próprios interesses políticos e econômicos: a estrada de ferro, o calçamento, a lavoura do algodão.

No mesmo dia da publicação do referido artigo, ocorreu a eleição do partido republicano. Foram eleitos os seguintes candidatos ao cargo de vereadores da cidade: Tent. José Loureiro de Almeida (negociante), Capm José Vaz Guimarães (negociante), Capm José Zacharias de Miranda (professor), Augusto da Silveira Franco (proprietário), Elias Lopes de Oliveira (lavrador), Capm João Cancio de Azevedo Sampaio (farmacêutico) e Tent. Antonio Egydio Padilha, negociante (*O 15 de Novembro* 23/05/1894). No dia 04 de julho de 1894, saiu o resultado das eleições municipais, com o seguinte resultado: Antonio Egydio Padilha 239 votos, João Cancio de Azevedo Sampaio 238 votos, Gustavo Sherepel 234 votos, José Loureiro de Almeida 211 votos, José Vaz Guimarães 210, Elias Lopes de Oliveira 207 votos, Augusto da Silveira Campos 204 votos. Zacharias de Miranda teve 198 votos (*O 15 de Novembro*, 07/06/1894, p. 01).

Como podemos perceber, o partido estava bem representado pela elite sorocabana. Zacharias não é apresentado como ministro do Evangelho, conforme ele mesmo se designava no campo religioso⁴¹. Aparece como professor, o que confirma a idéia de que ele usufruía de um lugar no campo intelectual, educacional e político da cidade. No campo político o capital cultural de Zacharias era referendado pela sua participação no campo educacional. Seu capital simbólico permitiu usufruir de um lugar de prestígio no campo político e educacional de Sorocaba.

O livro de atas da Igreja Presbiteriana nada menciona a respeito da participação política de Zacharias de Miranda. Como é ele que assina as atas no seu período de pastorado na Igreja, parece que Zacharias faz uma opção histórica de não transcrever nada a respeito da

⁴¹ No primeiro livro de Atas da Igreja Presbiteriana de Sorocaba, Zacharias de Miranda ao prestar algum tipo de relatório ou descrever algum acontecimento relacionado a vida cotidiana da Igreja, utiliza o título Ministro do Evangelho.

sua participação no campo político e educacional da cidade de Sorocaba. Parece querer fazer uma distinção do campo religioso com os demais campos que pertencia, o que explica a reprodução dessa opção pela historiografia protestante, construída a partir de argumentos internos registrados nas atas. É a imprensa jornalística – que trouxemos como fonte - quem vai mostrar suas relações de poder com outros campos.

Por que Zacharias faz esta opção? Se a religião protestante era vista como modernidade em apoio a outras modernidades (plantio de algodão, estrada de ferro, escolas, melhoramento urbano, e outros), por que a Igreja não faz menção da atuação de Zacharias no campo político e educacional da cidade? Talvez seja pelo fato de que a maioria dos membros que compunha o campo religioso protestante em Sorocaba pertencesse a diferentes classes sociais. A este respeito não encontrei fontes da própria Igreja Presbiteriana de Sorocaba que pudesse mostrar a que grupo social pertencia a maioria dos seus membros. Exceto no livro de Casamentos de estrangeiros e acatólicos da Câmara Municipal, que além de registrar a cerimônia, qualificava a profissão (trabalho) de algumas pessoas pertencentes ao campo presbiteriano. O livro de Ata da Igreja, por exemplo, é muito genérico em seus registros, dando apenas o nome da pessoa, sem mencionar profissão, data de nascimento, idade. No livro de rol de membro, temos apenas o número, o nome, o ministro que oficializou o ato de profissão de fé, a data de admissão e data de exclusão. Ou seja, a opção de registro é estritamente eclesiástica. A omissão de Zacharias no contexto religioso, pode ser explicado ainda, pelo fato de estar influenciado pelo pensamento doutrinário, que o levava a fazer uma distinção entre os assuntos do mundo religioso e político.

Sobre este aspecto, Mendonça (2008), analisa que a distinção feita pelos protestantes entre o mundo religioso e o profano era fruto do conservadorismo dos puritanos calvinistas, acentuada na “Teologia da Igreja Espiritual”, que leva os seus seguidores, no caso, os presbiterianos, a se afastarem de assuntos ligados as questões relacionadas à esfera política e se preocuparem com questões relacionadas a vida espiritual. Segundo o mesmo autor: “A Teologia da Igreja Espiritual era bastante adequada para um prudente distanciamento da Igreja dos graves problemas da sociedade abrangente” (2008, p. 273).

Talvez esta consciência estivesse mais impregnada no imaginário religioso dos membros da Igreja, fruto talvez da ação religiosa dos primeiros missionários norte-americanos em Sorocaba e do pastor Antonio Pedro de Cerqueira Leite, que como veremos se demonstrou mais puritano em seu posicionamento no campo religioso presbiteriano em Sorocaba. Zacharias de Miranda, pelo contrário parece não assumir integralmente a “Teologia da Igreja

Espiritual”, quando se posiciona no campo político, maçônico e educacional na cidade de Sorocaba, ainda que o faça no campo estritamente religioso.

Mendonça também análise as estratégias de inserções do presbiteriano nos centros urbanos e rurais.

Apesar de terem eles se estabelecidos nos seus primeiros dez anos no Rio de Janeiro, São Paulo (capital e interior), Pernambuco e Ceára, seu alto índice de crescimento em relação às demais denominações e a eles mesmos nos anos anteriores deve-se ao fato de se terem embrenhado pelas zonas rurais da província de São Paulo e zonas fronteiriças da província de Minas Gerais. Aí encontramos as condições favoráveis para expandir-se e fixar-se definitivamente (2008, p. 182).

Nele o presbiterianismo encontrou condições favoráveis para sua expansão nas zonas rurais, que experimentavam a expansão cafeeira. Esta opção era uma tentativa do presbiterianismo evitar contatos com o catolicismo que tinha um domínio mais acentuado nos centros urbanos. Em relação aos centros urbanos, afirma: “o protestantismo nas áreas fora do âmbito da civilização do café foi predominantemente urbano, mas teve de aguardar momentos propícios de mudança sociais. Tais momentos só começaram a se apresentar em princípios do século XX” (Mendonça, 2008, p. 184).

Neste aspecto discordo de Mendonça. Talvez sua análise possa ser aplicada à cidade de Brotas e outras cidades rurais do interior. Porém, à cidade de Sorocaba vejo algumas restrições das suas análises. A inserção do presbiterianismo em Sorocaba ocorreu de fato em momento propício. Porém, devemos destacar, que no período delimitado neste trabalho, a cidade experimentava um processo de transformação política, econômica e social, conforme apontamos neste capítulo, ou seja, no período de inserção presbiteriana em Sorocaba, a cidade experimentava a transição do ciclo econômico centrada na Feira de Muares para o exploração do algodão e em seguida o início do processo de industrialização, que ocorreu antes do início do século XX. Outro fenômeno interessante é que o presbiterianismo em Sorocaba confrontou o espaço físico dominado pelo campo católico, como veremos no próximo capítulo. Uma das primeiras estratégias dos missionários norte-americanos e maçons em Sorocaba foi a organização de um depósito de Bíblias (1869) em frente ao Mosteiro São Bento. Este fenômeno ocorre na segunda metade do século XIX e não no início do século XX como postula Mendonça. Esta estratégia do presbiterianismo em Sorocaba foi por causa das relações de poder e do apoio que receberam dos maçons sorocabanos.

Estas relações de poder se intensificaram quando Zacharias de Miranda atua no campo político sorocabano. Eleito vereador, Zacharias de Miranda surge nas páginas do *15 de Novembro* como 1º secretário da Câmara Municipal (05/07/1894). Um dos primeiros atos da

Câmara Municipal foi a questão do abastecimento de água, luz elétrica e telefonia da cidade (15 de Novembro, 26/08/1894). A Câmara Municipal concedeu a Antonio José da Rosa o direito de instalar a rede de telefonia na cidade. A respeito do abastecimento de água, a Câmara Municipal resolveu:

Faço saber que a Câmara Municipal decretou e eu promulgo a lei seguinte: art. 1 – Fica a Câmara Municipal de Sorocaba, autorizada a lançar um empréstimo da quantia de trezentos contos de réis (300.000\$000) a juros de oito por cento ao ano no máximo; para o fim de ser aplicado exclusivamente ao abastecimento de água potável para a mesma cidade (15 de Novembro, 30/08/1894)

Zacharias de Miranda se mostra atuante na vida política da cidade neste período. Como 1º secretário, passa a assinar os Atos da Câmara publicados no 15 de Novembro. Em 05/07/1894, em reunião na Câmara Municipal, foi eleito para integrar a Comissão de instrução pública, comércio, indústrias, obras públicas e redação. Nesta mesma reunião foi integrado na comissão de exames das atas da Câmara.

Em sessão realizada no dia 06/07/1894, o vereador Zacharias de Miranda fez duas propostas:

Indico que esta Câmara tome providencias urgentes no sentido de mandar concertar as ruas da Estação, Hospital e a do Rosário, na parte compreendida entre o largo de Santa Gertrudes e a Ponte e a rua dos Prazeres na parte compreendida entre Sete de Setembro e Villa Guimarães. Sorocaba, 6 de Julho de 1894, José Zacharias de Miranda. Discutida foi aprovada unanimemente.

Indico que seja nomeada uma comissão especial para estudar parecer urgentemente sobre o modo mais pratico de levar a efeito o melhoramento inadiável de abastecimento esta cidade de água potável. Que seja posta a disposição desta comissão todos os estudos, planta, etc, já feitos neste sentido. Sorocaba, 6 de Julho de 1894, José Zacharias de Miranda. Foi aprovada e nomeada a comissão composta dos srs. Vereadores Zacharias, Francisco e Vaz Guimarães (O 15 de Novembro, 16/09/1894).

Zacharias sugere melhorias no centro da cidade e indica a formação de uma comissão para tratar da questão do abastecimento de água potável da cidade. Observa-se que as preocupações dos vereadores giravam em torno do espaço urbano, local onde se predominava o poder da elite sorocabana.

Segundo, o historiador Follis (2003), a reorganização das ruas e o abastecimento de água faziam parte do processo de modernização que a elite brasileira postulava no século XIX. O objetivo proposto em seu trabalho foi analisar como o Poder Público Municipal processou a modernização urbana de Franca no final do século XIX. Isto nos ajuda a compreender que a mesma postura política se processava na cidade de Sorocaba no final do século XIX: a elite sorocabana estava empenhada através do campo político em modernizar a cidade. A modernização, para ela, era um processo político necessário, para tanto, era

necessário combater qualquer grupo social ou instituição que representasse um impedimento para o projeto modernizador idealizado por ela. Vemos bem isso quando na mesma edição do jornal, o articulista Aquaviva ataca os jesuítas e a educação católica através do artigo intitulado “Pela Liberdade”.

O grupo social que estava no poder político da cidade tentava convencer a população que a cidade precisava se modernizar. Estas propostas faziam parte do universo político que caracterizava a cidade de Sorocaba no final do século XIX.

Segundo Souza:

A vida em muitas localidades do interior de São Paulo, no final do século passado e início deste, conservava aspectos que as assemelhavam a uma extensão do mundo rural. Na maioria dos municípios, a metade ou mais da população vivia no campo. No entanto, no final do século XIX, algumas cidades estavam também se modernizando. As fazendas, esteio da economia, transbordavam sua propriedade para as cidades, que adquiriam uma fisionomia de meio civilizado: hospitais, jardins, igrejas, escolas, palacetes, casas de comércio, calçamento das ruas, telefones, jornais, fábricas, estalagens, cortiços e, mais tarde, o cinema, o bonde (1998, p. 95).

Sorocaba era um desses municípios que estava em processo de transformação. Sua fisionomia começa a mudar no final do século XIX ou pelo menos era desejo dos agentes sociais que faziam parte do campo político sorocabano.

Na reunião ocorrida em 7 de agosto de 1894, Zacharias de Miranda fez mais duas propostas políticas relacionadas aos interesses do grupo político que pertencia:

Do vereador Sr. Zacharias de Miranda que a Câmara nomeasse uma comissão especial para entender-se com os proprietários dos prédios ns. 2 e 1 do Largo da matriz, afim de serem comprados para se poder endireitar o dito Largo. Foram nomeadas para a comissão os srs. Zacharias de Miranda, Franco e Guimarães. Do mesmo Sr. Zacharias para ser feito um bueiro que atravessando a rua do Hospital, conduza a água que vai do chafariz da Rua das Flores, e outro que conduza as águas pluviais que descem da rua do Equador. O mesmo sr. requereu urgência sobre esta indicação, pedindo que a comissão de Obras publicas desse parecer imediato. – A comissão deu parecer que mandasse fazer aqueles bueiros (15 de Novembro, 27/09/1894)

Cerca de dois anos depois, o nome de Zacharias aparece várias vezes no jornal, relacionado a três assuntos: educação, jesuítas e Câmara Municipal. Na questão da educação, o professor Joaquim Izidoro Marins afirmava que transferiu seu colégio para a Rua das Flores, no prédio em que funcionara o colégio de Zacharias de Miranda. Em relação aos jesuítas, Zacharias de Miranda faz publicar a seguinte nota:

Sr. Redator. No intuito de evitar equívocos ou apreciações menos justas, rogo vos o obséquio de declarar junto a esta, si um artigo inserto em vosso simpático jornal, de 28 de Junho p.p. sob a epígrafe *Em Defesa dos Jesuítas*, e assinado por Z é de minha lavra, ou se tive qualquer co-participação na publicação do referido artigo. Com a

publicação desta e da vossa declaração muito grave vos ficará o Vosso amigo e assíduo leitor J. Zacharias de Miranda. Sorocaba, 03 de outubro de 1894. Declaramos que o Sr. cap. José Zacharias de Miranda não é o autor do artigo que sob a epígrafe *Em Defesa dos jesuítas*, publicamos em 28 de Julho p.p. Os artigos publicados neste jornal pelo Sr. Zacharias costumam se assinados (15 de Novembro, 07/11/1894).

Zacharias procura eximir-se de um possível mal entendido em relação ao seu nome. Muito embora bastante conhecido por ter publicado vários artigos contra o catolicismo no jornal *O Diário de Sorocaba*, ele publicamente reforça sua posição de opositor ao autor do artigo publicado “Em Defesa dos jesuítas”.

A despeito das acusações levantadas pelo jornal *A Voz do Povo*⁴², a Câmara prosseguia em seus projetos políticos. Para refutar as acusações, o *15 de Novembro* publica vários artigos intitulados “Bandarilhas”. No número de 9/12/1894, foi publicado um extenso artigo falando da separação entre a Igreja e o Estado, em que afirmava a soberania do Estado sobre a Igreja, e que esta não tinha poder para questionar as ações do Estado. No número de 16/12/1894, relembra a atuação na cidade de Sorocaba de alguns personagens - Manoel Lopes de Oliveira, Matheus Maylasky, Ubaldino do Amaral, Júlio Ribeiro – seus feitos políticos, com o intuito de mostrar a contribuição de cada um para a modernização da cidade. Além disso, editou os atos da Câmara Municipal que entre eles, trazia deliberações acerca das construções das casas, alargamento da ruas e calçamento.

Follis faz um comentário interessante sobre este processo de modernização:

Nesse contexto, as cidades assumiram redobrado valor como lócus da atividade civilizatória, espaço privilegiado para usufruir o conforto material e contemplar as inovações introduzidas pela modernidade. Para isso, as cidades precisavam renovar suas feições de modo a se mostrarem modernas, progressistas e civilizadas. As cidades modernizadas constituíram então a maior expressão do progresso material e civilizatório de um período que se convencionou chamar de *Belle Époque* (2003, p. 15).

É justamente esta preocupação que fazia parte da prática política dos agentes sociais que pertenciam ao Partido Republicano Sorocabano. Para Follis, todo o processo de modernização está atrelado aos seguintes pressupostos ideológicos: embelezamento da cidade, higienização da cidade, racionalização do espaço urbano e implantação de serviços urbanos na cidade pelo poder público.

⁴² Mas, nem tudo parecia ir bem neste período na cidade de Sorocaba. A Câmara Municipal começa a receber críticas do Jornal *A Voz do Povo* sobre os aumentos dos impostos. A discussão foi publicada no Jornal *O 15 de Novembro* em 22/11/1894. Nesta edição, a Câmara Municipal ocupou a primeira página do jornal justificando suas medidas. Concomitante, ao posicionamento da Câmara, o redator do Jornal *O 15 de Novembro* coloca-se em defesa dos procedimentos adotados pelos republicanos sorocabanos. Esta questão ocuparia várias edições do jornal *O 15 de Novembro*, tentando minimizar os efeitos da crítica lançada pelo jornal *A Voz do Povo*.

De certa forma, o partido republicano estava focado no processo de modernização da cidade, idéia que, na ótica dos seus membros, não tinha sido colocado em prática pelo partido conservador. Neste período foram publicados 102 normatizações da Câmara a respeito do uso do espaço urbano, regulamento para o uso do matadouro e outros assuntos. Porém, na perspectiva dos articulistas do jornal *A Voz do Povo*, este processo era efetuado através do aumento de impostos.

Segundo Follis (2003), a modernização do espaço urbano também significava uma forma de exclusão social e de dominação do poder da elite. Há que se perguntar: a população de um modo geral, ou ainda, a camada social menos favorecida da cidade de Sorocaba usufruía do processo de modernização que aí ocorria neste período? Pelos jornais, observa-se que as práticas políticas do partido republicano estavam voltadas apenas para o espaço urbano e não para os bairros onde se concentrava a classe social mais desfavorecida, ou seja, toda a prática política do poder público objetivava o fortalecimento da própria elite sorocabana, na qual tais agentes estavam inseridos. A modernização da cidade de Sorocaba não significou benefícios para as camadas pobres. Neste sentido, a modernização não implicou necessariamente em impacto para elas, mas um continuísmo da sua exclusão social.

A Câmara Municipal de Sorocaba passa a publicar medidas sobre a vida urbana. Na ordem do dia estavam as questões relacionadas à higiene e à salubridade públicas (*O 15 de Novembro*, 17/01/1895). Os atos da Câmara são publicados em mais de 15 artigos, que normatizavam a vacinação e a utilização da água potável e outros assuntos. Ficava proibido nos lugares destinados a abastecer a população de água potável transitar com animais. A iniciativa da Câmara Municipal procurava de certa forma excluir da vida urbana qualquer resquício originário de hábitos rurais, que de certa forma contrariavam o processo de modernização defendido pela elite sorocabana, representada pelos políticos republicanos e, simultaneamente, maçons e protestantes.

A higienização e salubridade tornaram-se, também, um dos mais eficazes elementos ideológicos capaz de motivar e justificar as reformas modernizadoras da cidade (Follis, 2003). E os intelectuais republicanos doublés de companheiros maçons e aliados protestantes explicitavam isso nos seus textos publicados na imprensa jornalística ou através de atos da Câmara Municipal.

Segundo a historiadora sorocabana Baddini:

As medidas de saneamento urbano em meados do século partiram, geralmente, de imposições governamentais. Às vezes aplicadas parcialmente, ou adequadas à realidade local, não chegaram a impedir usos que garantiam os interesses dos

negociantes da cidade, como a passagem e a parada temporária das tropas nas ruas e pastos particulares e a presença de artesões no centro urbano. Devem ser interpretadas como um recurso de embelezamento e valorização da cidade, de equiparação à realidade de importantes núcleos urbanos. Nas últimas décadas do século, a limpeza urbana se firmará como instrumento de salubridade pública, e como tal será reivindicada pela população e defendida pelos governantes, revelando-se como uma finalidade da administração municipal. Norteará o desenvolvimento de importantes projetos urbanos, como o encanamento da água potável, a mudança e organização do Matadouro Municipal em lugar mais distante do centro da cidade, a estruturação do Mercado, a organização do trânsito e comércio de animais. Tais melhoramentos refletirão a busca pela racionalização dos usos e adequação de antigas práticas à modernização do ambiente e do modo de vida urbana (2002, p. 160).

Nesta perspectiva, a Câmara Municipal objetivava replanejar a cidade de Sorocaba para dar sentido ao processo de modernização em andamento. As epidemias eram um risco eminente e representava um problema à modernização do espaço urbano. Para a implantação do projeto de modernização de Sorocaba, a Câmara Municipal estabelece leis regulamentando o abastecimento de água na cidade (Lei n. 1), publicada no *15 de Novembro* (18/11/1894); política sanitária (Lei n. 2), publicando na mesma edição; regulamentação dos serviços prestados pelos empregados municipais (Capítulo I - Lei n. 3), publicado em (1/11/1894); cobrança de impostos (Capítulo II – Lei n. 3), publicado em (8/11/1894); tabelas dos impostos (Lei n. 4), publicada em (9/12/1894); higiene e salubridade pública (Lei n. 5) publicada em (17/1/1895); regulamentação para o uso do Matadouro Municipal (Lei. n. 7), publicado em (20/1/1895), regulamentação para uso do Mercado Municipal (Lei n. 8), publicada em (31/1/1895); regulamentação de arrecadação de impostos de indústrias e profissões (Lei n. 9), publicada em (18/11/1895), regulamentação de edifícios ou habitação dentro do perímetro da cidade (Lei n. 10), publicada em (27/10/1895).

As medidas faziam parte do ideário republicano para a modernização da cidade. Nota-se que elas foram publicadas quase sempre nas primeiras páginas dos jornais. Algumas dessas medidas receberam críticas do jornal *A Voz do Povo*, principalmente a relacionada ao aumento dos impostos. O poder público sorocabano atingia com essas medidas a vida de várias classes sociais: comerciantes, industriais, empregados públicos, os negociantes de animais e outros. De certa forma, estas leis interferiam na vida dos vários grupos sociais e reorganizavam a cidade de Sorocaba, com a finalidade de mostrar que a cidade estava moderna, civilizada e progressista.

A iluminação pública também fazia parte deste processo de modernização⁴³. A iluminação pública na cidade de Sorocaba era precária. Segundo Baddini: “Na tentativa de

⁴³ Para um melhor aprofundamento sobre o papel eletricidade na modernização brasileira, consultar: MAGALHÃES, Gildo. *Força e Luz*. São Paulo: UNESP, 2000.

aliviar o problema de iluminação, a Câmara determinou em 1885 a construção de um depósito de nafta contíguo ao prédio do novo Mercado Municipal, no largo de Santo Antonio, que estava em reforma” (2002, p. 190). Esta medida não foi capaz de sanear o problema de iluminação pública na cidade. Somente em 1895, a Câmara Municipal estabeleceu contrato com João de Oliveira Lacerda para a instalação e exploração da iluminação pública. Zacharias de Miranda ainda fazia parte do campo político sorocabano. Além dele, o contrato foi assinado por José Loureiro de Almeida, Augusto da Silveira Franco, João Cancio de Azevedo Sampaio, Antonio Egydio Padilha, Gustavo Sherepel, Vicente de Oliveira Lacerda, João de Oliveira Lacerda, José Bella. Assinaram o contrato como testemunhas: Octavio Bella, Ascanio Milone, Germano Petzoldt (*15 de Novembro*, 30/08/1895). Porém, “enfrentando dificuldades técnicas e financeiras, o serviço foi inaugurado, tardia e precariamente, em setembro de 1900. Em dezembro, a Câmara considerou o contrato caduco e confiscou o material de iluminação. No ano seguinte, contratou a firma de A. J. Byngton para melhorar a qualidade do serviço” (Baddini, 2002, p. 192).

A iluminação pública fazia parte do projeto de modernização liderado pela Câmara Municipal no período em que Zacharias de Miranda foi vereador da cidade de Sorocaba.

Posto isto, vemos que a necessidade de modernização da cidade passava por vários temas que faziam parte do projeto liderado pelo partido republicano na cidade de Sorocaba. Os agentes que pertenciam a este grupo mantinham suas relações de poder através de vários campos: político, econômico, maçônico, educacional, que foram percebidas pela produção intelectual e através de alianças familiares e sociais. Portanto, analisar a prática política e social de tais agentes é fundamental para a compreensão da configuração da cidade de Sorocaba, bem como a interação efetuada nos vários campos sociais. Neste sentido, faz-se necessário analisar também como se dá a configuração dos campos religioso e educacional sorocabanos, assuntos que serão abordados nos próximos capítulos, pois de acordo com a perspectiva defendida neste trabalho, este período de transição política favorece não somente o processo de modernização da cidade de Sorocaba, como também favorece a inserção de um novo modelo religioso liderado pelo presbiterianismo e a configuração do campo educacional em instituições escolares.

Portanto, proponho entender que o presbiterianismo (campo religioso) e a educação escolar (campo educacional) marcaram no final do Império e no início da República uma concepção moderna de religiosidade e de educação, especialmente vinculada à cultura norte-americana do presbiterianismo norte-americano.

2. O CAMPO RELIGIOSO NA CIDADE DE SOROCABA

2.1. A INSERÇÃO DO PRESBITERIANISMO NO BRASIL

No capítulo anterior, procurei analisar a cidade de Sorocaba como um espaço de poder construído por agentes sociais que dominavam a vida política da cidade através do campo maçônico sorocabano. A partir do conceito de campo em Bourdieu, procurei mostrar que tais agentes mantinham relações de poder na cidade de Sorocaba. Mostrei também, que o campo maçônico sorocabano era composto por negociantes, professores, lavradores, industriais, políticos, intelectuais, advogados, religiosos e outros. Isto nos ajudou a entender que a cidade de Sorocaba, enquanto espaço social se configurava no fim do Império e início da República como um campo de disputa pelo poder, de solidificação da hegemonia dominante e de exclusão de agentes sociais que não possuíam o capital cultural, social ou político exigido pelo campo político sorocabano.

Neste capítulo, proponho compreender como o campo maçônico sorocabano favoreceu a inserção de um novo campo religioso em Sorocaba, o campo presbiteriano. Parto da hipótese que estes dois campos distintos se aproximaram por algumas questões: primeiro, pela ideologia que cada campo defendia e que vinha ao encontro dos interesses dos agentes sociais que dominavam a cidade de Sorocaba no fim do Império e início da República. Segundo, pelas questões relacionadas ao conflito entre Catolicismo e Maçonaria, que favoreceu as relações de poder entre maçons e presbiterianos. A crise entre estes dois campos distintos, no meu modo de ver, facilitou a aproximação entre os presbiterianos e maçons. Estes enxergavam que a ideologia dos agentes sociais que compunham o campo religioso presbiteriano representava os ideais do progresso e da modernidade. Em contrapartida, a ideologia do catolicismo representava o retrocesso e o conservadorismo. Esta duas questões de certa forma já foram tratadas por outros pesquisadores. Hilsdorf afirma:

Além da pronta acolhida que lhes dispensaram liberais e republicanos, os protestantes tiveram o apoio dos anti-clericais e dos maçons. Até o final do século, verifica-se nos meios evangélicos grande entusiasmo pela causa maçônica; os positivistas, por sua vez, embora combatidos doutrinariamente pelos protestantes, não se recusaram a participar de suas iniciativas educacionais. Enfim, são todos aqueles que se mostram desejosos de colocar a Província à altura do século e reivindicam mudanças na sua ordem econômica, política e cultural, acreditando no poder da educação escolar para realizá-las (1986, p. 187).

Na década de 80, a referida autora apontou com muita precisão como se configurou no final do século XIX essa aproximação entre maçons e protestantes, ao apresentar a atuação política de Rangel Pestana em favor das iniciativas educacionais dos protestantes que

iniciaram sua ação missionária no Brasil na década de 60. As análises feitas por Hilsdorf referendam as questões levantadas neste trabalho. Ao analisar esta aproximação, na perspectiva das relações de poder entre presbiterianos, maçons, anticlericais, e mais tarde, os republicanos, podemos perceber que a ação presbiteriana em Sorocaba tinha praticamente a mesma estratégia de atuação e solidificação que apontada pela pesquisadora. Como um movimento geral, ao centrarmos a atenção na ação protestante no campo religioso sorocabano, respondemos a uma lacuna do campo historiográfico protestante e do campo da história da educação, pois os presbiterianos, na sua ação, utilizaram a evangelização direta e a evangelização indireta através da educação escolar.

Além disso, é válido lembrar que, na introdução deste trabalho, destaquei que existia um clima de hostilidade em relação à presença dos presbiterianos na cidade de Sorocaba. O conflito foi apresentado conforme anúncio dos redatores do jornal *O Sorocabano*, que dizia que a Escola Noturna mantida pela Loja Perseverança III não era protestante, e que não ensinava os ideais deste campo religioso. A necessidade de esclarecer a filosofia dos presbiterianos e a proposta de tal instituição levou-me a pensar que existia um movimento de resistência ao campo presbiteriano que se instalou em Sorocaba no final do Império. Este clima de hostilidade de certa forma se confirmou ao longo das análises feitas a partir da imprensa jornalística sorocabana e dos relatórios dos missionários norte-americanos encaminhado à Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos.

Este capítulo aprofundará esta questão do conflito existente no campo religioso sorocabano, pois entendo que a disputa surgia como uma atitude ideológica dos agentes sociais sorocabanos, que a partir dos seus posicionamentos defendiam seus próprios interesses. Afirmo também, que este conflito era oriundo do próprio posicionamento adotado pelo presbiterianismo de missão que se instalou no Brasil no século XIX.

O período de inserção do campo religioso presbiteriano em Brasil é marcado pelo liberalismo radical ou cientificista, adiantado, que se conecta e promove o movimento de modernização da sociedade brasileira (Hilsdorf, 2002). Para a autora, na perspectiva da educação, esses liberais apoiavam a escolarização da sociedade: escolas de estrangeiros alemães, ingleses e americanos (inclusive de protestantes). Mas, eles também apoiavam iniciativas políticas que vinham ao encontro de seus ideais e que diziam respeito à modernização do país.

Embora existisse do ponto de vista político tolerância na primeira metade do século XIX, na segunda metade deste século é que os protestantes “conquistam seus direitos” para a implantação de escolas confessionais protestantes e até mesmo de uma nova religião no Brasil. Este período do segundo liberalismo radical foi marcado por uma acentuada resistência da Igreja Católica, que após a inserção do presbiterianismo de missão se torna oposicionista aos ideais republicanos e aos ideais protestantes. O protestantismo contou com o apoio dos liberais e mais tarde dos republicanos para firmar direitos (Hilsdorf, 1987).

Por outro lado, a relação de poder estabelecida por liberais e protestantes garantia a disseminação de novas idéias no Brasil e de certa forma influenciava o modo de vida do povo brasileiro. Esta prática social, religiosa e política não somente agregava novos adeptos como também reconfigurava o campo político, social, educacional e religioso no Brasil. Portanto, é importante centrar a atenção na configuração do campo religioso protestante sorocabano no final do século XIX, pois este estava intencionalmente ligado às estratégias missionárias da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos.

Neste sentido, além da apropriação do conceito de campo em Bourdieu (2004), pretendo utilizar o conceito de processo civilizatório oriundo no pensamento de Norbert Elias (1994), que nos ajuda a entender a postura expansionista da Igreja Presbiteriana norte-americana. Elias oferece o seguinte conceito sobre civilização:

Este conceito expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo. Poderíamos até dizer: a consciência nacional. Ele resume tudo em que a sociedade ocidental dos últimos dois ou três séculos se julga superior a sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas “mais primitivas”. Com essa palavra, a sociedade ocidental procura descrever o que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível de sua tecnologia, a natureza de suas maneiras, o desenvolvimento de sua cultura científica ou visão do mundo, e muito mais (1994, p. 23)

Na perspectiva de Elias, processo civilizatório significa a consciência que determinado país tem de si mesmo em relação a outros países. Esta concepção passa necessariamente por um julgamento de superioridade que as civilizações mais civilizadas têm sobre as outras civilizações. Roger Chartier ao comentar a amplitude das concepções de Elias, afirma:

O processo civilizatório consiste, antes de mais nada, na interiorização individual das proibições que, anteriormente, eram impostas do exterior, numa transformação da economia psíquica que fortalece os mecanismos do autocontrole exercido sobre as pulsões e emoções e que faz passar do condicionamento social ao autocondicionamento. Nesse processo de longa duração, que, pelo menos tendencialmente, diz respeito a todos os indivíduos das nações ocidentais, a sociedade de corte – entendida aqui na sua acepção de configuração social específica, distinta do resto da sociedade – constitui um dispositivo central, que é simultaneamente

laboratório de comportamentos inéditos e lugar de novas normas (Chartier, 2002, p. 110).

Chartier, a partir da concepção de processo civilizatório em Nöbert Elias, entende que cada indivíduo é educado no sentido de um autocontrole individual efetuado através de um mecanismo de condicionamento social.

A presença do protestantismo norte-americano no Brasil na segunda metade do século XIX pode ser vista como um processo civilizatório, pois era portadora de concepções, idéias e conhecimentos que interferiram e influenciaram o *modus vivendi* da sociedade brasileira naquela época. As contribuições desses agentes sociais são evidentes no campo da educação e religião protestante. A mudança de comportamento não ocorreu de forma linear, mas ocorreram dentro das relações de interdependências entre os agentes sociais.

A partir do momento em que existe o domínio dos instrumentais para controle social por um determinado grupo social este domínio revela o nível de progresso de um grupo social em relação a outros. Em nosso caso, os instrumentais utilizados pelos missionários americanos se mostram a partir do domínio de novas tecnologias, de métodos educacionais considerados modernos e também de uma religião diferente à religião oficial do Brasil no período de inserção protestante.

Assim, com as melhorias nas condições de produção, pela implementação de novas tecnologias, com a implantação de escolas baseadas em métodos pedagógicos de vanguarda para a época e, finalmente, com a possibilidade de aperfeiçoar a conduta e estabelecer valores e práticas pelo novo modelo religioso, é possível percebermos que a presença dos imigrantes e missionários americanos no Brasil propiciou meios para um processo civilizador.

As inovações tecnológicas trazidas pelos americanos, em especial na educação e religião interferiram significativamente no Brasil. Na educação seus administradores e professores foram largamente requisitados pelo próprio governo brasileiro e outras escolas, tendo em vista possuírem métodos considerados modernos. Na religião, a ideologia religiosa dos missionários americanos contribuiu para a difusão de um modo de vida religioso tipicamente americano.

Portanto, em nosso caso, o conceito de processo civilizatório está associado a inserção dos missionários norte-americanos no Brasil na segunda metade do século XIX, com a vinda do Rev. Ashbel Green Simonton, em 12 de agosto de 1859.

Para entender este processo, faz-se necessário compreender como os norte-americanos resolveram propagar o Evangelho em solo brasileiro. Em 1859, a Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos manifestou o desejo de “ocupar o território brasileiro” através da proposta missionária encaminhada pela Comissão de Missão Estrangeira da USA (*Foreign Mission*), que tratava de assuntos ligados à expansão missionária da Igreja em várias localidades do mundo. Em 1858, a Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos já havia implantado o presbiterianismo em várias regiões do globo: China, Japão, África, Índia, América Latina (*Foreign Mission*, 1858).

Segundo Ribeiro (1981), em reunião ocorrida em maio de 1859, a Assembléia Geral da Igreja nos Estados Unidos aprovou o seguinte relatório:

Já há algum tempo que a comunidade cristã tem tido sua atuação voltada para o Brasil como campo atraente de trabalho missionário, com apelo especial às igrejas evangélicas deste país. O território brasileiro é mais vasto que o nosso; o clima é igualmente variado e saudável; o solo se presta tanto a produtos de clima temperado como de clima tropical; a população ainda é relativamente pequena; os recursos, ricos e vários, ainda estão em grande parte inexplorados. Mas há forças em ação, tanto na Europa como no Brasil, que rapidamente atraem ao último grande número de imigrantes. Provavelmente não está longe o dia em que o Brasil terá seu lugar entre as nações mais importantes da Terra em população e nos outros elementos de grandeza nacional. É de alta importância para seu presente e para seu bem-estar futuro, que a mente nacional esteja imbuída de idéias e princípios religiosos corretos, e estes deverão proceder, em primeiro lugar, das igrejas evangélicas de nosso país. Talvez jamais tenha havido época mais oportuna que esta para agirmos. É certo que o catolicismo romano é a religião oficial do país, mas o governo é liberal, e também o é grande parte das classes mais inteligentes; ao mesmo tempo, a tolerância religiosa é garantida por textos legais. É também digno de nota que a primeira tentativa de colonizar o país foi por um grupo de Huguenote, obrigado a deixar a pátria pela perseguição religiosa, mais ou menos na mesma época em que os Dissidentes ingleses e escoceses encontravam asilo aqui. Já foi nomeado um missionário, o Rev. A.G. Simonton, membro do Presbitério de Carlisle, e há pouco diplomado pelo Seminário de Princeton. Espera embarcar para esse novo campo missionário no começo do Verão. Sem dúvida a missão será um tanto experimental. Seus primeiros objetivos serão: explorar o território, verificar os meios de atingir com sucesso a mente dos naturais da terra e testar até que ponto a legislação favorável à tolerância religiosa será mantida. Se o resultado dessas investigações for positivo – e temos plenas razões para supor que sim – a missão poderá depois ser ampliada em termos que as circunstâncias justifiquem (Ribeiro, 1981, p. 17-18)

A proposta encaminhada pela Junta de Missões Estrangeiras trazia uma visão aprofundada a respeito do Brasil. Entre outras coisas, tecia comentários sobre o tamanho do território brasileiro, a religião oficial, a forma de governo, a tolerância religiosa, outras tentativas de implantação do protestantismo e sobre a necessidade de ocupar o território brasileiro através do Evangelho. Ao referir as tentativas dos calvinistas huguenotes, a Junta de Missão não menciona esta ação como um trabalho missionário, mas como uma tentativa de colonizar o Brasil: “É também digno de nota que a primeira tentativa de colonizar o país foi

por um grupo de Huguenotes”. Eles estavam retomando as iniciativas protestantes de expandir a proposta civilizatória em território brasileiro.

Outra parte do relatório merece destaque, quando descreve os objetivos elencados pela Junta de Missão Estrangeira para “evangelizar” o Brasil: “explorar o território, verificar os meios de atingir com sucesso a mente dos naturais da terra e testar até que ponto a legislação é favorável à tolerância religiosa. As expressões “explorar” e “colonizar” transcritas no relatório chamam atenção. Elas estão nitidamente associadas a um projeto civilizatório (Elias, 1994), além de revelarem uma intenção não muito propagada ou assumida pelos missionários norte-americanos. Neste relatório, percebe-se como o conceito de evangelização está associado ao conceito de colonizar.

A idéia de colonização expressa no relatório não está simplesmente associada a idéia de ocupação, mas, sobretudo, a um processo civilizatório, caracterizado pela visão de superioridade de uma cultura sobre a outra. Elias afirma que o conceito de “civilização inclui a função de dar expressão a uma tendência continuamente expansionista de grupos colonizadores” (1994, p. 25). Esta tendência expansionista sugere a postura adotada por determinados segmentos sociais para expandir sua visão de mundo, tecnologia, suas maneiras, sua cultura científica e até mesmo sua cultura religiosa. Ao analisarmos o início do relatório, a Junta de Missão Estrangeira revela as condições favoráveis para dar início ao processo civilizatório norte-americano no Brasil. O relatório ressalta: o clima, a terra, o solo, os vários e ricos recursos brasileiros. Além de mencionar que o Brasil atraía muitos imigrantes. Estas eram as razões pelas quais eles desejavam “ocupar” o território brasileiro.

Portanto, explorar, colonizar, evangelizar, educar expressa um processo civilizatório na inserção do presbiterianismo norte-americano no Brasil, na segunda metade do século XIX. Esta análise tem sido adotada por outros historiadores. Nascimento (2008), também analisa a ação protestante na Chapada Diamantina com um processo civilizatório norte-americano.

Civilizar significava, para eles, oferecer àquela população a salvação do espírito, através dos seus preceitos religiosos, e do corpo, pela suas instituições nas áreas educacionais e médica. Desse modo, a intervenção daqueles norte-americanos foi se estendendo a tudo o que se relacionava ao ordenamento urbano e ao “bom” funcionamento de um grupo social (Nascimento, 2008, p. 2)

O historiador Mendonça de certa forma expressou esta idéia ao apontar que a ação missionária protestante está atrelada à idéia de “Destino Manifesto”:

Pelo menos no século XIX, o melhor e mais eficiente condutor da ideologia do “Destino Manifesto” foi o protestantismo americano, com a sua vasta empresa educacional e religiosa, que preparou e abriu o caminho para o seu expansionismo político e econômico. No caso do Brasil, se no campo religioso seu sucesso foi quase nulo, na educação e na cultura em geral, para não dizer na área política e econômica, a influência americana não pode deixar de ser sentida, embora não logo após a implantação do protestantismo, mas ao longo dos centos e tantos anos de chegada (2008, p. 95).

Ao que estou chamando de processo civilizatório norte-americano, Mendonça e outros historiadores (Goldmann, 1973; Hilsdorf 1977) utilizam o conceito de “Destino Manifesto”, que representava um conceito ideológico incorporado pelo protestantismo norte-americano, que por sua vez, compreendia que era necessário implantar o Reino de Deus na terra. Portanto, os protestantes americanos entendiam que eles eram o povo escolhido para esta missão.

Este protestantismo civilizatório, fundamentado na ideologia expansionista do Destino Manifesto, chegou ao Brasil no final do século XIX, ao lado de outras religiões e inserido num movimento de aparecimento de novas idéias:

No Império a Igreja Católica Romana, embora hegemônica e garantida pela Constituição como religião do Estado, teve de começar a conviver com outras religiões que lhe faziam concorrência. Dessas, a que mais incomodava era o protestantismo, nem tanto pela conquista de adeptos em sua grei, mas pelo conjunto de idéias novas de que ele era portador. Idéias liberais ao lado de doutrinas religiosas procedentes da Reforma do século XVI e que ameaçavam uma nova convulsão sob os céus do Cruzeiro do Sul (Mendonça, 2003, p. 147).

Segundo o ponto de vista do autor, o protestantismo no Brasil não ameaçava o catolicismo com a perda de seus membros, mas por possuir no seu bojo as idéias oriundas no movimento Reformado do século XVI e do liberalismo do XIX: individualismo, liberdade, responsabilidade, progresso, democracia (Ramalho, 1976; Hilsdorf 1977; Schulz, 2002). Neste sentido, o protestantismo foi recebido como vanguarda do progresso e da modernidade, pois sua ideologia coadunava com os anseios dos liberais que faziam parte do campo político brasileiro (Mendonça, 1990, p. 13).

Segundo Hilsdorf (1977), os liberais apoiaram o protestantismo, e não a Igreja Católica, como vinha fazendo, porque esta passara de iluminista e regalista para tridentina e ultramontana. Esta orientação não permitia conciliar liberdade moderna e religião como os protestantes permitiam, favorecendo o trânsito para a constituição do homem moderno (individualista, responsável, trabalhador, ascético, honesto, progressista em busca da cultura e da educação escolarizada) e de uma sociedade moderna (capitalista, liberal, industrial e burguesa).

Na mesma linha de pensamento temos a análise efetuada por Ribeiro, o qual afirma:

Os pregadores que estabeleceram denominações evangélicas em nosso sistema religioso vieram de sociedades onde o catolicismo era minoritário e tridentino, ultramontano, submisso ao papa. Mas a Igreja Católica no Brasil era majoritária, regalista e submissa ao governo... Daí, nossos pregadores protestantes nos vieram anti-ultramontanos e, ao mesmo tempo, opostos à união regalista da Igreja com o Estado (1987, p. 1).

De fato, a propaganda protestante no Brasil, principalmente, no período do protestantismo de missão, adotará uma postura de hostilidade ao catolicismo romano. Os ataques eram direcionados à doutrina católica, à vida moral do clero e às manifestações religiosas do catolicismo popular e sincretista.

Segundo Vieira (1980), a presença do protestantismo no Brasil, na primeira metade do século XIX, foi tolerada pelos ultramontanos porque se limitava aos locais de serviço religioso dos estrangeiros, sem forma exterior de templo, e a pregação era feita em língua alienígena. Vieira (1980, p. 373) acrescenta que o direito legal dos protestantes prestarem culto em português foi estabelecido em 1860 pelo parecer de três juristas do Brasil: Caetano Alberto Soares, José Tomaz Nabuco de Araújo e Urbano Sabino Pessoa de Melo. A consulta foi encaminhada por Kalley⁴⁴ ao Ministério dos Negócios Estrangeiros. A partir deste documento, os pastores Ashbel Green Simonton e Alexander L. Blackford começaram, em 1860, a pregar o protestantismo em português no Rio de Janeiro e em São Paulo (Vieira, 1980, p. 374). As leis apoiadas pelo deputado liberal Tavares Bastos alteravam a base legal da tolerância para a liberdade religiosa, dando ao protestantismo força para atuar em solo brasileiro.

Embora respaldado politicamente, o conflito no campo religioso brasileiro permaneceu, e pode ser percebido nos relatórios dos missionários norte-americanos encaminhados à Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos. É Blackford quem, em documento enviado em 1872 para o *Board of Foreign Mission of the Presbyterian Church USA*⁴⁵, faz uma descrição detalhada da ação presbiteriana no Brasil e tece considerações em

⁴⁴ Segundo Vieira (1980), Robert Reid Kalley (1809-1888) é geralmente conhecido como o missionário que estabeleceu a mais antiga igreja protestante, a Igreja Evangélica Fluminense. Estudou na Escola de Medicina e Cirurgia de Glasgow, onde formou-se em 1829 como cirurgião e farmacêutico.

⁴⁵ SKETCH of THE BRAZIL MISSION. In.: Library of the Theological Princeton. Board of Foreign Mission of the Presbyterian Church USA. (1872). O Seminário de Princeton dispõe de alguns volumes dos relatórios dos missionários norte-americanos. No arquivo Histórico da Igreja Presbiteriana do Brasil consegui acesso apenas a alguns relatórios: The Foreign Missionary e The Missionary, porém os relatórios não são sequenciais e o arquivo não dispõe de um trabalho mais especializado. Conta apenas com a boa vontade de dois pastores. É preciso ter muita paciência na procura das fontes. Os relatórios que tenho em mãos consegui como cópia xerocada do Rev. Alderi Souza de Mattos, que em viagem aos Estados Unidos reuniu os relatórios relacionados ao Brasil entre os

tom polêmico a respeito do Catolicismo. O documento começa apresentando as questões relacionadas à situação da Igreja Presbiteriana naquela circunstância histórica, apontando o apoio e os limites oferecidos pelas autoridades à nova religião que se instaurava no campo religioso brasileiro:

O artigo 5 ° da Constituição do Brasil, do seguinte teor: "O Catolicismo Romano", continua a ser a religião oficial do Estado, todas as outras religiões serão, no entanto, toleradas, com seu culto realizado em casas privadas, e em casas designadas para essa finalidade, sem a forma exterior de um templo". Os tribunais têm decidido que a frase, "sem a forma exterior de um templo", significa que igrejas não-católicas romanas não podem ter torres ou sinos sobre elas. (Blackford, 1872, p.)⁴⁶

Porém, em relação ao Catolicismo, tece comentários em termos de evidente disputa ideológica, afirmando:

É impressionante ouvir dos homens que têm acesso à Palavra de Deus, e aos fatos da história, e ao estado atual do mundo, a tentativa de se desculpar ou mesmo defender o romanismo. Romanismo não é o cristianismo. É apenas a negação de tudo o que é distintivo no cristianismo. É a grande apostasia, o Anti-Cristo, a obra-prima do grande inimigo de Deus e do homem, para a destruição das almas e do bem-estar da sociedade humana. Não é um elemento essencial da verdadeira religião cristã, que não seja falseada, coberto, neutralizado, envenenado, e completamente anulados pelas doutrinas e práticas do sistema romanista. Além das corrupções morais e do medo que o sistema em toda parte engendra, e que não dá para ser escrito detalhadamente, alguns de seus terríveis resultados podem ser mencionados, como segue: O mais degradante ignorância e superstição permeiam as mentes das massas. O sentimento religioso no homem, se não alimentado e dirigido pelas verdades da revelação divina, será invadida pelas superstições mais degradante e ridícula. Roma procura em todos os lugares esconder a Palavra de Deus do povo. O Papado, no entanto, desmoralizou-se no Brasil. Há, em geral, muito pouco apego ao sistema romano como tal. Se o Papa deve desaparecer amanhã e seu lugar nunca deve novamente ser preenchido, não faria muito pouca diferença para a grande maioria dos brasileiros, na medida em que sua crença religiosa, sentimentos e práticas estão em causa. Os sacerdotes são, em geral, ignorantes e imorais, e frequentemente, avarentos e exigentes e, como consequência, são, na maior parte, sinceramente desprezados. Durante alguns anos sua influência caiu nas comunidades, entre os intelectuais e as classes desfavorecidas. Os frutos do romanismo são vistos não só na degradação moral, mas no estado que está por trás da cultura mental e social e do progresso material. A superioridade das nações protestantes, nestes aspectos, não resulta da diferença de raça, mas a diferença em sua religião, é o efeito do poder da verdade da Palavra de Deus sobre o intelecto e os corações dos homens, e o seu rumo e consequente sua influência sobre sua conduta e

anos de 1862-1886. Porém, as cópias foram retiradas da sua forma original de publicação. Ele apenas copiou os relatórios que diziam respeito à ação missionária no Brasil. Confrontando com as cópias que levantei no Arquivo Histórico Presbiteriano percebi que a publicação dos relatórios mencionava a ação missionária Presbiteriana em várias localidades do mundo: Japão, Índia, África e alguns países da América Latina.

⁴⁶ Texto original do relatório impresso, tradução Ivanilson Bezerra da Silva: "The 5th Article of the Constitution of Brazil reads as follows. The Roman Catholic shall continue to be the established religion of the State ; all other religions shall, however, be tolerated with their special worship in private houses, and in houses designated for this purpose, without the exterior form of a temple." The courts have decided that the phrase, "without the exterior form of a temple," means that non-Roman Catholic churches cannot have steeples or bells on them".

instituições sociais. Dez milhões de almas no Brasil necessitam urgente do Evangelho, como são os pagãos da China, a Índia ou a África (Blackford, 1872, p. 6-7).⁴⁷

Observa-se neste relatório de Blackford que a postura de antagonismo ao catolicismo estava embutida na sua ação missionária em território brasileiro. Associada a esta ideologia estava a idéia de que a religião protestante era superior ao catolicismo, dando a idéia de que a prática missionária estava atrelada a uma ação civilizatória, como expressão do Destino Manifesto. O julgamento de superioridade que faz da cultura norte-americana, em detrimento da cultura brasileira, caracteriza uma atitude civilizatória da parte de Blackford.

Em outra parte do mesmo relatório, intitulado: “*Glance at the work of the Board of Foreign Mission*”, a comissão responsável pelas missões estrangeiras faz uma análise do trabalho efetuado pelo Conselho de Missões Estrangeiras Presbiterianas, afirmando entre outras coisas, que a missão possuía 315 missionários entre homens e mulheres, e 499 pregadores nativos, professores e auxiliares, totalizando 814 pessoas integradas no projeto missionário da Igreja Presbiteriana norte-americana espalhadas pelo mundo. Para elas, o Conselho solicitava o apoio financeiro e espiritual das Igrejas sob sua jurisdição para construção de Igrejas, casas para os missionários, colégios, seminários, orfanatos, educação ministerial, hospitais, publicação, ajuda aos missionários e outros itens (1872, p. 4).

O relatório é extenso e não descreve apenas o ataque ao catolicismo, mostra também as condições de vida do Brasil Imperial, questões relacionadas a vida política do Brasil, descreve as primeiras tentativas de Evangelização no Brasil, o trabalho evangelístico de outros grupos protestantes e a organização das primeiras Igrejas Presbiterianas no Brasil, que nesse período atingiam o número de 16 igrejas organizadas, com 668 membros. O mesmo

⁴⁷Texto original do relatório impresso, tradução Ivanilson Bezerra da Silva: “It is amazing to hear men who have access to the Word of God, and the facts of history, and of the actual state of the world, attempt to apologize for or even defend Romanism. Romanism is not Christianity. It is rather the negation of all that is distinctive in Christianity. It is the great apostasy, the Anti-Christ, the master-piece of the Great Enemy of God and man, for the destruction of souls and of the welfare of human society. There is not an essential truth of the Christian religion which is not distorted, covered up, neutralized, poisoned, and completely nullified by the doctrines and practices of the Romish system. Popery has, however, demoralized itself in Brazil. There is in general very little attachment to the Romish system as such. If the Pope should disappear tomorrow and his place should never again be filled, it would make very little difference to the great majority of Brazilians, so far as their religious belief, sentiments, and practices are concerned. The priests are, in general, ignorant and immoral, and frequently avaricious and exacting, and, as a consequence, are, in most parts, heartily despised. For a number of years past their influence has been rapidly waning in the more intelligent communities and amongst the better classes. The fruits of Romanism are seen not only in the moral debasement, but in the backward state of mental and social culture and of material progress. The superiority of Protestant nations in these respects does not result from the difference of race, but from the difference in their religion ; it is the effect of the power of the truth of God's Word on the intellects and hearts of men, and its consequent bearing and influence on their conduct and social institutions. Ten millions of souls in Brazil are in as urgent need of the Gospel as are the pagans of China, India, or Africa”.

relatório traz o seguinte comentário sobre a cidade de Sorocaba: “Em Sorocaba, 60 quilômetros a oeste de S. Paulo, há uma igreja e escola. Ele é o centro natural de um vasto campo. Sr. Leite, o licenciado, reside e trabalha lá” (1872, p. 13).⁴⁸

O relatório de 1872 repetia as impressões transcritas pelos missionários norte-americanos enviado para Missão Estrangeira em 1863. Neste encontramos uma visão descrita, provavelmente por Blackford, sobre a vida religiosa no Rio de Janeiro e sobre o catolicismo, que reforça o que eu disse acima:

Consideravelmente tem sido feito no Brasil o trabalho de distribuição da Bíblia por colportores. Vários homens de bem estão envolvidos neste trabalho em diferentes partes do império, mas a semente ainda está para brotar. Desde que esse país foi descoberto, ele está nas mãos dos católicos romanos. O Catolicismo definiu seu selo em todos os lugares, coroando com conventos e igrejas, em toda a terra, literalmente, com os nomes de blasfêmia. A adoração de Santos e cultos à imagem prevalecem em sua grosseria, no entanto, é evidente para o observador mais descuidado, que esta religião não tem poder sobre os corações das pessoas. Casas, originalmente, dedicadas a fins religiosos em todo o império, são convertidas para fins seculares. Colégios jesuíticos, mosteiros, conventos e igrejas estão desertas, ou são pouco freqüentados que muitos poderiam ser fechadas. Mas isso é resultado, aparentemente, não tanto de dúvidas ou descrença do romanismo, mas da indiferença para com todas as religiões. As pessoas são amantes dos prazeres mais do que amantes de Deus, ou da “mãe de Deus” e seguem rigidamente seus sacerdotes hipócritas e de vida escandalosa. Deixamos o Rio com um quadro sombrio de sua condição social e religiosa impressa em nossas mentes. Mas as trevas da escravidão, a corrupção quase universal, a imoralidade, a idolatria, e a indiferença impassível à verdade, será aliviada em pouco de tempo com o prometido dia da gloriosa pregação, até agora o fermento evangélico está funcionando (The Foreign Missionary, outubro, 1863, p. 139)⁴⁹.

Neste relatório percebe-se claramente a visão que o autor tem a respeito da condição religiosa e social do Brasil, ao registrar a decadência do catolicismo, a hipocrisia vivida pelos sacerdotes, a idolatria, a imoralidade encontrada no país e a decadência das Instituições católicas. Mas, aponta que esta obscuridade seria preenchida com a pregação do Evangelho,

⁴⁸Texto original impresso, tradução Ivanilson Bezerra da Silva: “At Sorocaba, 60 miles west of S. Paulo, there is a church and school. It is the natural centre of a large field. Mr. Leite, the licentiate, resides and labors there”.

⁴⁹ Texto original impresso, tradução Ivanilson Bezerra da Silva. “Considerable has been done for Brazil in the way of Bible distribution and colporteur labor. Several good men are engaged in this work in different parts of the empire; but the seed has yet to spring up. Ever since this country was discovered, it has been in the hands of Roman Catholics. Catholicism set its seal every where, crowning the with convents and churches, and the whole land literally, with names of blasphemy. The adoration of saints and image-worship in its grossest prevails, and yet it is evident to the most careless observer, that this religion has no hold on the hearts of the people. They hardly pay a decent out respect to its forms. Houses originally dedicated to religious uses, all over the empire, are being converted to secular purposes. Jesuitical colleges, monasteries, convents and church are deserted, or so little frequented, many of the, that they might as well be closed. But this is result, apparently, no so much of doubts or disbelief of Romanism, as of indifference to all religion. The people are lovers of pleasure more than lovers of God, or even "God's mother", and they follow hard after their hypocritical priests in scandalous living. We leave Rio with a gloomy picture of its social and religious condition impressed upon our minds. But the darkness of slavery, corruption almost universal, immorality, idolatry, and stolid indifference to the truth, is relieved by the thought that with the lapse of time the promised day of glory is approach, and that even now the Gospel leaven is working”.

que segundo ele, era a verdade que o país carecia. Percebe-se nitidamente que ele desmerecia a religião oficial do Império brasileiro, talvez na tentativa de sensibilizar a Missão Estrangeira a fazer os devidos investimentos no Brasil e até menos de subestimar seu inimigo religioso, acenando com uma conquista fácil. Ao afirmar que o catolicismo não alcançava o coração do povo brasileiro, ele sugeria à Igreja norte-americana uma estratégia de alcançar novos fiéis.

Em 1864, Simonton, em uma atitude totalmente diferente de Blackford, ao descrever sobre a situação da Igreja implantada no Rio de Janeiro, entre outras coisas, fez a seguinte afirmação:

Certamente chegou o momento para tal publicidade. Aproveitamos para dizer que - temos amigo e apoio, o governo e o público são favoráveis, e a oposição do clero não nos prejudica se agirmos com sabedoria e prudência. Somos instados, e não podemos recusar, para se destacar perante toda a comunidade e nação como um testemunho para a verdade como ela é em Cristo (*The Foreign Missionary*, janeiro, 1864, p. 205).⁵⁰

Neste trecho do relatório, Simonton se mostra prudente em sua ação missionário em solo brasileiro. A sua estratégia era agir com sabedoria e prudência, para não despertar a hostilidade do clero brasileiro, enquanto que Blackford demonstrava uma atitude mais ofensiva.

Hahn (1989), afirma que este último missionário era um homem direto, ríspido e inflexível, que investiu boa parte do seu tempo escrevendo artigos de controvérsia e apologética. Segundo este mesmo autor, Blackford, teologicamente, tendia mais para a doutrina defendida pela Old School (Velha Escola), do que para a New School (Nova Escola). Porém, Hahn acentua que a sua “cooperação com os anglicanos na cidade de São Paulo, assim como sua adaptabilidade às condições de fronteira refletem a abertura que caracterizava a ação da Nova Escola” (1989, p. 168). A orientação de Velha Escola era fundamentada na Teologia da Igreja Espiritual, que fazia uma dicotomia entre o mundo profano e o religioso, opondo-se à orientação da Nova Escola, que tinha como ênfase doutrinária a teologia do “Evangelho Social”, com ênfase nos reavivamentos, na conversão e no interesse ligado as questões sociais.

Mendonça (2008) nos ajuda a compreender a postura adotada por Simontom em relação ao catolicismo:

⁵⁰ Surely the time has come for such publicity. We have got on the harness - we have friend and supports - the government and public are favourably disposed, and the opposition of the clergy cloud not harm us if we act wisely and prudently. We are urged, and should not refuse, to stand out before the whole community and nation as a witness for the truth as it is in Christ.

Foi notoriamente prudente nas suas referências à religião oficial no Brasil. a leitura de seus sermões, por exemplo, mostra que ele nunca se refere explicitamente à Igreja Católica, mas à “religião de nossa sociedade” ou aos “costumes religiosos deste país”. Não se nota nele espírito abertamente polêmico, mas intenção proselitista, conversionista e exortativa para os fiéis de sua Igreja, no sentido de consolidar neles os princípios distintivos da nova fé que haviam abraçados (p. 124).

Segundo o autor, Simonton não adota abertamente um espírito polêmico em relação ao catolicismo. Mendonça, a partir da análise dos sermões de Simonton, constrói o seguinte pensamento a respeito da posição teológica adotada pelo missionário:

O pensamento de Simonton era firmemente espiritualista no sentido mais rigoroso do termo, da duplicação perfeita do mundo, em que um é mau e provisório e o outro é bom e permanente. Era esse o lema da verdadeira religião para Simonton, o que desenvolve com brilho, sem dúvidas, nos seus sermões. A crença nos dois mundos pressupõe uma fé interior e uma ética que estabelece as normas para se viver no provisório com os olhos no permanente. Tal ética, que ao afirmar o permanente, nega o provisório, não pode se constituir só de regras exteriores, mas deve ser o resultado de uma disposição interior pessoal (2008, p. 278).

Para o autor, o pensamento teológico de Simonton a respeito da crença em dois mundos, fundamentava-se na doutrina da “Igreja Espiritual” que acentuava a existência de um “mundo profano” e um “mundo sagrado”. Esta teologia era defendida pelo pensamento conservador do presbiterianismo norte-americano (*Old School*), que afirmava que a Igreja não tinha nada a ver com os negócios humanos, mas exclusivamente com assuntos relacionados a Deus. Segundo Mendonça (2005), Simonton não assume integralmente a posição adotada pelos defensores da doutrina da “Igreja Espiritual”, que pode ser identificada quando assume uma postura anti-escravocrata. Numa posição contrária de Mendonça, Richard Shaul (1963) afirma que embora explicitamente contrário a escravidão, Simonton não adotou uma postura agressiva. Em contrapartida, Blackford também não seguia a risco a doutrina da Velha Escola, tendia mais a seguir a linha de pensamento da New School de Ohio, com ênfase no “Evangelho Social”, e talvez isto explique a posição de Blackford em relação ao catolicismo e as suas perspectivas educacionais.

Em outra parte do mesmo relatório (*The Foreign Missionary*, 01/1864, p. 205), Simonton dizia que não havia necessidade de temer a ação do catolicismo, pois os “padres tinham perdido o coração do povo e enquanto não ocorresse um reavivamento das massas, não era necessário temer os clérigos e os monges” (*ibid*, p. 205).⁵¹ Em seguida, afirma que tem o apoio do governo e de amigos para o desenvolvimento do Evangelho no Brasil.

⁵¹ “The priesthood have lost their control of the people, and as long as there is no revival of Romanism in the hearts of the masses, the storming of priests and monks is not to be feared”.

Quem eram estes amigos de Simonton? Em outro documento, Blackford nos ajuda a entender quem eram estes amigos, que favoreciam a inserção da proposta civilizatória norte-americana no Brasil:

A Influência da Maçonaria - No passado eu escrevi a respeito de uma visita à província de São Paulo, e apresentei alguns itens em relação ao nosso trabalho lá. O progresso do trabalho de evangelização tem sido mais acentuado nesta província do que em qualquer outra parte do Brasil. A boa mão de Deus é claramente o caminho que está se abrindo para o progresso e os triunfos do evangelho de Cristo. Um grande obstáculo para uma divulgação mais rápida da verdade em cada parte deste país é a incapacidade de grande parte das massas de ler.

Durante o presente ano foram organizadas escolas noturnas para o ensino de leitura, escrita na capital e em várias outras cidades principais. Elas são totalmente livres, e estão sob os auspícios da ala liberal da Maçonaria, geridos e sustentados pelos respectivos alojamentos das cidades em que eles existem. Eu visitei uma destas escolas na cidade de São Paulo. Foi agradável e estimulante. Cerca de 70 alunos estavam presentes, variando em idade de crianças aos mais velhos, de 70 anos, havia escravo e livre, e de todas as cores. Alguns dos professores eram apresentáveis no vestir e maneiras. O governo parecia uma espécie de quakers ou puritanos da democracia, em que o interesse em seus estudos com o chapéu, que o diretor disse que era para impedir a desordem no despedimento (de acordo com o cerimonial brasileiro, o chapéu é sempre tirado a entrar numa casa). O diretor, ou Mestre, desta escola, é um Mulato, e um dos meus velhos amigos, cujas noções racionalistas tive muitas vezes combatido. Ele disse que gostaria de ter algumas cópias de pequeno Henry e seu escudeiro, e também alguns Novos Testamentos para distribuição entre seus alunos. O irmão McKee lhe forneceu os primeiros, e o agente da Bíblia Sociedade Britânica Estrangeira com este último. Deus usa as mãos estranhas para semear a semente da verdade. Essas escolas foram vigorosamente combatidas pelo partido retrógrado na política, bem como pelos sacerdotes. Todos os tipos de histórias são contadas por eles, a fim de assustar as pessoas de freqüentarem e, sinto muito a acrescentar, com muito sucesso. A seguir mostrarei um incidente, Roma ama instrução popular, pelo menos no Brasil: Dois meninos pobres começaram a freqüentar a escola que eu descrevi, pertenciam ao coro da catedral. Embora assim utilizados para ajudar a massa a cantar em serviços de outra igreja, eles não podiam ler a sua própria língua, e os sacerdotes proibiram sua presença nesta escola, sob pena de serem expulsos do coro da catedral. Este foi o meio de subsistência, e claro eles se renderam. Eu não arriscaria oferecer um parecer sobre os méritos ou deméritos da Maçonaria. Seja como for, no entanto, é uma grande verdade e um grande poder neste país, e um dos meios mais importantes que Deus tem usado e está usando para quebrar o romanismo e proteger o coração das pessoas aqui. É detestada e amargamente denunciada pelo partido papal ou ultramontano. No entanto, cada cidade, de qualquer importância tem a sua loja, ou alojamentos, e quase todos os brasileiros, que pretendem ter o pensamento respeitado pertencem à ordem. E ainda mais, não obstante as repetidas excomunhões do Papa, muitos dos padres são membros e muitas vezes os principais homens de suas lojas. O pároco da igreja catedral de São Paulo, um dia conversando com um amigo meu, deixou transparecer que era um maçom. "É maçom e padre! Você sabe que o papa excomungou todos os maçons". "E eu me importo com o Papa?" "Respondeu:" o Papa está em Roma e eu sou um brasileiro" (Brazil Mission, 1870, p. 236).⁵²

⁵² Relatório impresso, tradução Ivanilson Bezerra da Silva. The Influence of Freemasonry – “In my last I wrote of a visit to the province of São Paulo, and gave some items in regard to our work there. The progress of the work of evangelization has been more marked in that province than in any other part of Brazil. The good hand of God is clearly the way is opening up for the further progress and triumphs of the gospel of Christ. One great hindrance to more rapid dissemination of the truth in every part of this country, is the inability of great portion of the masses to read. During the present year nigh-schools, for theaching reading, writing and accounts have been started in the capital and several of the other principal towns. They are entirely free, and are under the auspices of the liberal wing of the Freemasons, managed and sustained by the respective lodges of the towns in which they exist. I visited one of these schools in the city of São Paulo. It was a pleasing and encouraging sigh. About

Embora bastante longa, a passagem acima mereceu ser transcrita pela sua importância: como fonte inédita, pois revela a posição de Blackford, um pastor que a historiografia vem deixando à sombra da figura do pioneiro Simonton, o qual deixa bem claro no documento a participação da maçonaria brasileira no campo político, educacional e religioso no Brasil, afirmando que ela foi e tem sido o instrumento nas mãos de Deus⁵³ para combater o romanismo e proteger a vida das pessoas que o enfrentavam; e por referendar a interpretação construída por autores como Hilsdorf Barbanti (1977, 1986) e Gueiros Vieira (1981), entre outros, sobre as alianças entre maçonaria liberal e republicana e protestantismo nos campos político e educacional, e as disputas entre ambos e a igreja católica.

Respaldados por garantias constitucionais e ajuda de maçons liberais, o Presbiterianismo adotou uma posição de hostilidade para com o catolicismo ultramontano. Esta postura, na minha perspectiva, caracteriza a disputa no campo religioso brasileiro no século XIX, sobretudo se consideramos o Presbiterianismo de missão.

70 pupils were in attendance, ranging in ages from the wee urchin to the old man, of 70 years; there were bond and free, and of all colors. Some of the teachers were regular dandies in dress and manners. The government seemed a sort of Quakers or Puritan democracy, in which the interest in their studies with their hats on, which the director said was to prevent disorder at the dismissal (according to Brazilian etiquette, the hat is always taken off on entering a house). The director, or at least master spirit, of this school, is a Mullatto, and one of my old friends whose rationalistic notions I had often combated. He said He would like some copies of Little Henry and his Bearer, and also some New Testaments for distribution among his pupils. Bro. McKee supplied him with the former, and the agent of the British and Foreign Bible Society with the latter. God uses strange hands to sow the seed of truth. These schools have been vigorously opposed by the retrograde party in politics, as well as by the priests. All sorts of stories are told of them in order to frighten the people from attending; and, am sorry to add, with too much success. The following incident shows, how much Rome loves popular instructions, at least in Brazil: Two poor boys began, attending the school I have described, who belonged to the choir of the cathedral. Though thus employed to help chant the mass and other church services, they could not read their own language, and the priests forbade their attending this school, on pain of being expelled from the cathedral choir. This was their means of livelihood, and of course they yielded. I do not venture any opinion on the merits or demerits of Freemasonry. Be that as it may, however, it is a great fact and a great Power in this country, and one of the most important means God has used and is using to break the hold Romanism on the hearts of the people here. It is thoroughly detested and bitterly denounced by the Papal or ultramontane party. Yet every town of any importance has its lodge, or lodges, and nearly every Brazilian, who wishes to be thought respectable belongs to the order. And still more, notwithstanding the repeated excommunications of the Pope, many of the priests are members and often the leading men of their lodges. The curate of cathedral church in São Paulo, was one Day conversing with a friend of mine, when the fact transpired that He was a Mason. "You a Mason and a Priest! You know the Pope has excommunicated all Masons". "What do I care for the Pope?" He replied; "the Pope is Rome and I am a Brazilian".

⁵³ Mas esta perspectiva sustentada por Blackford não permaneceu por muito tempo na mentalidade do presbiterianismo brasileiro. Eduardo Carlos Pereira em 1903, época do cisma presbiteriano, afirmou que a maçonaria era a "mão do gato" que separava a Igreja naquele momento histórico. A maçonaria era apenas um dos pontos de divergência do grupo de Eduardo Carlos Pereira. A educação era outro elemento de divergência entre Eduardo Carlos Pereira e os missionários americanos, que na época tinham o apoio da maioria dos pastores (Ferreira, 1992; Lira, 1947; Lessa, 1936; Vieira, 1980; Ribeiro, 1987). Eduardo Carlos Pereira defendia que não havia necessidade da Igreja utilizar a educação como forma de evangelização indireta, mostrando-se contrário a organização de Colégios.

A respeito da prática protestante em relação ao catolicismo, Velasques Filho (1990) faz o seguinte comentário:

Era necessário desconverter cultural e religiosamente os católicos romanos, impor-lhes nova visão de mundo trazido do mundo anglo-saxônico protestante. A identificação da religiosidade popular com a cultura era vista como paganismo. Assim, a primeira função do missionário era convencer seus poucos ouvintes de que a religião (e conseqüentemente sua cultura) era pagã e isto levaria ao fogo do inferno. O anticatolicismo passa a ser uma das grandes características da pregação missionária protestante no Brasil. Não tardou a reação oficial da Igreja Católica Romana através de panfletos e artigos em jornais e livros. Mas a reação mais violenta veio por parte do clero do interior e de seus fiéis (p. 100).

Esta atitude de hostilidade para com o Catolicismo brasileiro não fazia parte somente do pensamento de alguns missionários norte-americanos, mas também norteava a ação missionária dos primeiros pastores brasileiros, formados por eles, dando uma idéia de continuidade à visão estabelecida por eles. Podemos perceber esta postura de hostilidade na ação missionária dos primeiros pastores nacionais na cidade de Sorocaba.

2.2. A INSERÇÃO DO PRESBITERIANISMO NO CAMPO RELIGIOSO SOROCABANO

Para compreender como estava configurado o campo religioso sorocabano, na segunda metade do século XIX, vale relembrar o episódio em que a escola organizada pela Loja Maçônica Perseverança III foi alvo de ataques por parte de um grupo social, que por sua vez, afirmava que a escola ensinava doutrina protestante. Sugerimos aí um indício de que no campo educacional e político da cidade de Sorocaba lavrava uma postura de hostilidade à nova proposta civilizatória protestante que se configurava no campo religioso da cidade, até aquele momento composto apenas pela hegemonia do Catolicismo Romano⁵⁴.

⁵⁴ Segundo Carvalho (2007), a presença do espiritismo pode ser acompanhada na imprensa sorocabana na segunda metade do século XIX. Uma das primeiras aparições desta filosofia religiosa na imprensa sorocabana aconteceu no jornal *A Gazeta Comercial* (25/07/1875). O proprietário de jornal era Júlio Ribeiro, que como apontamos no capítulo primeiro pertencia como intelectual ao campo religioso presbiteriano em Sorocaba. Nesta edição do jornal, Júlio Ribeiro menciona a publicação do Livro de Médiuns de Kardec, fazendo uma ressalva: “Não aconselhamos, porém, o estudo desta filosofia aos caracteres facilmente impressionáveis: não seria para admirar que a leitura dos livros de Allan Kardec, começando no concheiro do gabinete de estudo, fosse acabar em uma sala do Hospício de Pedro II”. A presença deste segmento aparece de forma mais acentuada em período posterior, nas páginas do jornal *O Operário* (1909-1913). Vale ressaltar que o protestantismo se fazia presente na cidade e nas vizinhanças de Sorocaba desde o início do século XIX, especificamente, na Fazenda Ipanema, com trabalhadores da Fábrica de Ferro criada por D. João VI (1810). Este tipo de protestantismo denominado

Na ata da Loja Perseverança III (1869), temos o seguinte relato sobre a inauguração da escola que foi realizada no dia 07 de setembro:

A luta maior da nacionalidade se aproxima. Nós somos os obreiros precursores do movimento libertário e educacional no seio das lojas. Não há ocasião mais propícia ao início das atividades referidas do que o 7 de setembro. Nestas condições, submeto à apreciação da oficina a seguinte propositura: Que esta respeitável loja, comemorando a independência do Brasil, a 7 de setembro, nesse dia inaugure a escola noturna que se propôs estabelecer, Que nesse dia se esforce por libertar os menores escravos que os seus recursos permitirem; Que se alugue uma casa e se compre mobília para a oficina e para a escola (1869, p. 10)

As palavras registradas na ata giram em torno do conceito de luta e de hostilidade. Eles estrategicamente escolherem o dia da inauguração da escola. A data, do ponto de vista dos maçons, era importante para o projeto pensado no interior da Loja. Nesta mesma sessão, Ubaldino do Amaral, como orador da Loja, pede que se acrescente um disposto a mais, a respeito das idéias lançadas pelo venerável Leite Penteado. Ubaldino faz a seguinte sugestão: “Meus irmãos. Em linhas gerais estou de acordo com a proposta. Apenas submeto à discussão e votação o seguinte aditivo: d) no dia 7 de setembro de todos os anos é obrigatória a libertação de uma criança, ao menos. Na falta de fundo, correrá uma subscrição entre os irmãos (Livro de Atas Perseverança III, p. 10). As idéias de Leite Penteado e Ubaldino foram aprovadas.

A escola não tinha nenhuma ligação com o Presbiterianismo. Mas, o fato gerador desta polêmica pode ser explicado pela aproximação e relações de poder que os dirigentes maçons tinham com o grupo protestante da cidade. Ubaldino era amigo de Júlio Ribeiro, que se casara com a filha do comerciante José Antonio Bertholdo. Na ocasião da cerimônia, celebrada pelo pastor G.W.Chamberlain, Ubaldino foi testemunha do casamento. A maçonaria através de Bertholdo e Júlio Ribeiro apoiava a nova proposta religiosa de confissão protestante que se instalará no mesmo ano da organização da Escola, em 1º. de setembro de 1869. Este apoio se desdobraria não somente em torno dos ideais relacionados à ideologia presbiteriana, mas também nas relações de poder estabelecidas por estes dois grupos. No 1º Livro de Atas da Igreja Presbiteriana de Sorocaba temos o seguinte registro:

No dia 1º de setembro de 1869 na casa do senhor José Ant. de Souza Bertholdo, o Rev. A. L. Blackford organizou uma igreja na cidade de Sorocaba Rev. de São Paulo (sic) recebendo por profissão de fé aos sacramentos de batismo e Santa ceia do Senhor ou comunhão as seguintes pessoas, a saber: Antonio Modesto Ribeiro, Antonia

Maria de Souza, Carolina Joaquina de Souza, Olympia Felisbina de Souza, Joaquim Avelino de Souza (1869, p. 1).

Neste período Bertholdo já era iniciado na Loja Perseverança III. Como comerciante, permitiu que Simonton instalasse em sua casa o depósito de Bíblias, que seriam vendidas na Feira de Muares (*Imprensa Evangélica*, 1869). As primeiras aproximações de Simonton com os liberais maçons em Sorocaba, como veremos adiante, favoreceu ao meu modo de ver, a inserção do Presbiterianismo na cidade e de certa forma apoiava o processo civilizatório norte-americano.

É válido frisar que o presbiterianismo implantado em Sorocaba foi realizado pelos missionários americanos ligados à Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos.

Segundo Mendonça:

Principalmente por causa da questão escravocrata, os presbiterianos se dividiram em 1857, formando a Igreja do Sul e a Igreja do Norte, à semelhança do que ocorreu com a maioria das denominações americanas. Embora Simonton pertencesse ao *Board* de Nova York, mantido pela Igreja do Norte, menos conservadora, suas tendências teológicas, seguindo sua experiência de conversão à maneira metodista, mostrarão uma certa ambigüidade quando se tem em vista o clima de pensamento do protestantismo americano do seu tempo, já sob a intensa influência do metodismo. A partir de 1830, os presbiterianos já se achavam teologicamente divididos. A linha mais ortodoxa da tradição escocesa-irlandesa dos puritanos da Nova Inglaterra era representada pela chamada “Velha Escola” (*Old School Presbyterians*), e a linha de tendência avivalista no espírito metodista pela “Nova Escola” (*New School Presbyterians*). Havia rachaduras mais profundas na teologia dos presbiterianos, como a negação do pecado original (2008, p. 271).

O primeiro movimento de expansão missionária presbiteriana no Brasil foi efetuada pela Igreja do Norte dos Estados Unidos (1859) através da ação missionária de Simonton e outros missionários. Somente mais tarde a Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos encaminhou seus primeiros missionários ao Brasil: G. N. Norton e Edward Lane fundaram em 26 de junho de 1870 uma comunidade em Santa Barbara e em 10 de julho em Campinas (Léonard, 1981, p. 75).

Em relação à cidade de Sorocaba, o campo religioso até 1869 era, predominantemente, católico. Segundo o Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de São Paulo (1858, p. 332) existiam as seguintes Igrejas católicas: Matriz, Santo Antonio, Bom Jesus, São Bento (mosteiro), Santa Clara (recolhimento), Capela de Santa Cruz.

Somente na década de 60, a presença do Presbiterianismo colocaria de certa forma em risco a hegemonia da Igreja Católica na cidade de Sorocaba, pois se tratava de uma ação missionária intencional, expansionista e com estratégias definidas.

Na primeira visita de Simonton na cidade de Sorocaba em 1861, ele registra as seguintes palavras:

Em consequência de não terem chegado de Santos as Bíblias que estou esperando, encontro-me no meu 28º aniversário, sob o teto do Dr. José Reinhardt um compatriota excêntrico. Passou o dia, um domingo calmo em que não tive oportunidade de pregar exceto em visita que fiz a uma família alemã (1982, p. 165).

A estratégia de Simonton foi estabelecer contato com os estrangeiros de origem norte-americana ou inglesa. Seu contato em Sorocaba foi com o Dr. José Reinhardt. Segundo o livro de Casamentos da Paróquia Nossa Senhora da Ponte (1853), o referido médico era natural da cidade de Filadélfia (EUA) e casou em 19 de outubro de 1853 com Anna Maria de Mattos. A segunda referência sobre Reinhardt encontrei na obra “O Brasil e os Brasileiros”, escrita pelos missionários Kidder e Fletcher⁵⁵. Eles afirmam que Reinhardt era um médico naturalista que viveu vários anos no Brasil Imperial (1868, p. 232).

A estratégia de Simonton para a implantação do presbiterianismo em Sorocaba foi a aproximação com o médico Reinhardt. Em seu *Diário* (1982), Simonton afirma que ele o acompanhou em uma visita à cidade de Itapetininga, onde estabeleceu contato com o Major Paulino Iris, liberal que responsabilizava o Governo Imperial por todos os males e vícios nacionais:

Saí em viagem para Itapetininga na companhia do Sr. Reinhardt, a 22 de janeiro. Passei duas noites na casa do Major Paulino Iris, “liberal exaltado” que culpava o governo por todos os vícios e deficiências nacionais, e contudo tem pouca confiança na estrada de ferro em construção. Em casa dele encontrei dois padres; discuti com o mais jovem (e mais inteligente), padre Francisco, sobre a conveniência de colocar a Bíblia nas mãos do povo. Daí passamos a outras divergências entre Católicos e Protestantes. Foi agradável e, como disse ele, proveitoso. A seu pedido enviei-lhe uma Bíblia (Simonton, 1982, p. 168).

O contato de Simonton com o médico Reinhardt foi um dos primeiros movimentos do missionário para a inserção do presbiterianismo em Sorocaba e, que de certa forma,

⁵⁵O metodista Daniel P. Kidder foi uma figura de destaque nos primórdios do protestantismo brasileiro. Viajou por todo o país, vendeu Bíblias, contactou intelectuais e políticos destacados, como o Pe. Feijó, regente do império (1835-37). Escreveu “Anotações de Residência e Viagens no Brasil”, publicado em 1845, clássico que despertou grande interesse pelo nosso país, reformulado em nova versão por James Fletcher. Consultar: Matos, Alderi Souza de. O Protestantismo no Brasil. Artigo publicado no site: <http://www.thirdmill.org>, acessado em 23/11/2009. O Rev. James Cooley Fletcher (1823-1901) foi um dos primeiros pastores presbiterianos a atuar no Brasil. Chegou no Brasil em 1851 como capelão dos marinheiros que aportavam no Rio de Janeiro e deu assistência religiosa a imigrantes europeus. Ele manteve contato com D. Pedro II e com outras pessoas de destaque da burguesia brasileira. Foi capelão da Sociedade dos Amigos dos Marinheiros e como missionário da União Cristã Americana e Estrangeira. Atuou como secretário interino delegação americana no Rio e foi o primeiro agente oficial da Sociedade Bíblica Americana. No seu livro, escrito com Kidder: *Brazil and Brazilians*, descreve vários aspectos do Brasil.

estabelecia as primeiras relações de poder com os agentes sociais da cidade de Sorocaba, que fazia parte da elite sorocabana.

Em 06/02/1861, Simonton regressa para Sorocaba:

Ceguei a Sorocaba e encontrei uma caixa de Bíblias à minha espera. Combinei de mandar um estoque de Bíblias ao Sr. Abreu, para a Feira. Meu outro agente, Marciano da Silva, tinha mandado consultar o bispo (por meio do vigário), sobre a possibilidade de venda desses livros. Mostrou-me atônito com a nenhuma importância que eu dava a bispos, papas, e quejandos; como católico, via-se no dever de obedecer-lhes. O vigário se declarou pronto a ajudar na distribuição das Bíblias, se o bispo desse licença (1982, p. 169)

Marciano da Silva, um dos agentes de Simonton se mostrou cauteloso ao afirmar que pediria autorização do bispo para a distribuição das Bíblias. Em contrapartida, Simonton, em tom de provocação, diz que não dava nenhuma importância aos bispos e papas. Tanto em Sorocaba como na cidade de Itapetininga, o missionário demonstrava uma postura de indiferença em relação ao catolicismo. Em Itapetininga conversou com os Padres a respeito da distribuição de Bíblias, além de discutir alguns pontos de divergências entre o Catolicismo e Protestantismo. Na cidade de Sorocaba já tinha, segundo sua informação, dois agentes: Sr. Abreu e Marciano da Silva. Sua estratégia era distribuir Bíblias na Feira de Muões. Uma estratégia interessante de Simonton, pois a Feira movimentava pessoas de várias regiões do Brasil. Em relação a inserção do presbiterianismo em Sorocaba, o historiador Aluísio de Almeida, faz o seguinte comentário:

O padre Conceição era amigo de famílias estrangeiras protestantes aqui domiciliadas. Citamo-las justamente para mostrar que na nossa opinião, o protestantismo entrou em Sorocaba com os alemães, parte dos quais professavam a seita luterana, antes de 1840, o que facilitou a propaganda dos presbiterianos americanos em 1863, ou pouco depois, 1º de outubro. E os ministros até o fim da monarquia foram Antonio Pedro de Cerqueira Leite, natural do sul de Minas e aqui falecido, e José Zacharias de Miranda. Os primeiros casamentos entre os presbiterianos foram os de Júlio Ribeiro e dona Sofia e Antonio Trajano (morador da Corte) com uma irmã desta, em 1873, na casa de esquina do largo S. Bento, inda existente (1951, p. 33).

Na perspectiva de Almeida, a inserção da propaganda presbiteriana norte-americana na cidade de Sorocaba estava atrelada aos primeiros protestantes de origem luterana que estavam instalados na Fábrica de Ferro da Fazenda Ipanema, que vieram no início do século XIX, em 1810. Ele também menciona o padre José Manoel da Conceição, que era sobrinho do vigário José Francisco de Mendonça. Conceição passou boa parte de sua vida na cidade de Sorocaba.

Vieira faz o seguinte comentário sobre Conceição:

O Padre José Manoel da Conceição nasceu na cidade de São Paulo, sendo filho de Manuel da Costa Santos, que era pedreiro, e de sua mulher Cândida Flora de Oliveira Mascarenhas. Depois da morte de D. Cândida, foi levado para Sorocaba, onde foi criado por um tio avô, o Padre José Francisco Mendonça, que foi também seu primeiro professor. Na escola, em Sorocaba, os dois livros de leitura de Conceição foram a Constituição do Brasil e o catecismo jansenista de Montpelier. Com a idade de 17 anos começou a ler a Bíblia, que lhe causou muita perplexidade, porque achou nesta coisas que pareciam em choque com o que tinha sido ensinado como católico. Quando terminou os estudos no Seminário de São Paulo, em 1842, foi mandado, por seu tio padre, para a vila de Ipanema na mesma província. Em Ipanema havia uma fundição de ferro, gerenciada por Friederick Von Varnhagen, pai do historiador Francisco Varnhagen. Havia 27 famílias germânicas na cidade. Morava lá também, o Dr. Theodor Johannis Langaard, médico dinamarquês. Este ensinou alemão ao jovem padre e emprestou-lhe livros alemães de história e geografia (Vieira, 1980, p. 143).

Segundo Ribeiro (1950) foi Henrique Laemmert, editor no Rio de Janeiro, que ao oferecer literatura protestante em alemão para Conceição traduzir, levou-o ao conhecimento dos princípios protestantes. Finalmente, em 04 de outubro de 1864 teve contato com Blackford. Neste mesmo período encaminhou documento ao bispo D. Sebastião abjurando sua fé.

O historiador católico Aluisio de Almeida, afirma que a inserção do presbiterianismo em Sorocaba foi facilitada pela presença do luteranismo na Fazenda Ipanema (1810), pois nesta vila, haviam vários estrangeiros alemães de profissão de fé Luterana. Segundo minha perspectiva não foram os estrangeiros Alemães de origem Luterana, que facilitaram a inserção da propaganda presbiteriana em Sorocaba, mas o contato com liberais que compunham a elite sorocabana. Somente em 1866 é que José Manoel da Conceição vai mencionar que pregou na cidade de Sorocaba para um grupo de alemães, o que pode indicar que sua ação foi posterior as iniciativas missionárias de Simonton, além do que, o grupo de luteranos de Ipanema não era proseletista.

Reforço este posicionamento, utilizando-me da análise que Hilsdorf faz sobre Simonton e o panorama religioso no Brasil em meados do século XIX:

Vivendo no Brasil no início da década de 60, Simonton pôde acompanhar as manifestações de poder e força dos Saquaremas, usufruindo da onda de progresso material que promoveram, e as mudanças no modo de pensar e sentir, expressas tanto nos movimentos de secularização da mentalidade da época quanto no ressurgimento e radicalização de posições político-ideológicas... Simonton e os liberais tinham em comum a ideologia do progresso e do individualismo, e penso que ele – como de resto as demais igrejas evangélicas que vieram a se constituir na época – manteve a expectativa de demarcar o horizonte e portanto os limites da ação presbiteriana com o apoio dessas novas forças, o que o levou a se aproximar das lideranças políticas, sociais e intelectuais liberais (2000, p. 35).

Hisdorf sustenta que Simonton e os liberais tinham em comum a ideologia do progresso e do individualismo, o que permitiu a aproximação não somente do

presbiterianismo, mas de outras igrejas evangélicas, com lideranças políticas, sociais e intelectuais. A análise de Hisldorf nos ajuda a compreender este mesmo fenômeno de inserção presbiteriana em Sorocaba, pois em 1861 Simonton estabeleceu relações políticas e sociais com outros dois agentes sociais pertencentes ao campo maçônico sorocabano: o Sr. Abreu e Antonio Marciano da Silva. Trata-se de figuras ligadas ao movimento liberal e maçom na cidade. Antonio Marciano da Silva foi eleito tesoureiro da Santa Casa de Sorocaba em 1875. Nesta mesma eleição Maylasky ocupou o cargo de Provedor da Instituição (Aleixo, 1999, p. 165). Eles pertenciam ao mesmo grupo de Maylasky, que tinha ouvido a pregação de Conceição, por ocasião da sua visita à Sorocaba (Relatório ao Presbitério do Rio de Janeiro, 28/02/1866).

Francisco de Paula e Oliveira Abreu, maçom pertencente a Loja Maçônica Constância⁵⁶, era proprietário do jornal *O Americano*. Na edição de 01/02/1872, traz dois assuntos relacionados ao presbiterianismo. O primeiro texto, assinado por ele, dizia respeito ao jornal *Imprensa Evangélica*:

Recebemos o 1º n. do Vol VIII, da Imprensa Evangélica, excelente órgão da verdade eterna, que há cinco anos, sem interrupção generosamente nos envia a sua mui ilustrada Redação. A própria luz da verdade, que difunde este ótimo periódico, como o farol que indica o seguro porto da cidade almejada, faz recomendada sua leitura. Assim, da boa árvore os bons frutos despertam fino apetite, que enche de inefável gozo, tanto aos seus prediletos cultivadores, que colhem cento por um, como também por ser do sumo agrado d'Aquele que plantou o vero Cristianismo de fraternidade, de um só Deus de sempiterno amor e verdade, cuja raiz é Ele mesmo Quem é, vendo aproveitada a sua boa árvore e a sua ceara com abundante bom trigo. Aceite, pois benigna, a Redação da Imprensa Evangélica a nossa sincera adesão, e os nossos votos de cordial gratidão, tanto pela parte que nos toca, como pelo bem geral que difunde, sob o ponto de vista – Deus e a humanidade. O. A. (*O Americano*, 1872, p. 1).

O segundo assunto tratava da Instrução em Campinas:

Os srs. Morton e Lane, ilustrados cidadãos da União Americana, convocaram em Campinas uma grande reunião para consultar a população d'aquela importante município sobre a criação de uma instituição de ensino, que começando pelos estudos secundários em seu desenvolvimento, caso, como é de esperar, seja animada pelo influxo popular, atingia proporções de uma academia em que ensinem alguns dos ramos dos estudos superiores. Pretendem ele ensinar as matérias seguintes: latim, grego, as línguas modernas, filosofia, moral, historia, literatura, retórica, economia política, matemática, filosofia natural, química, matemáticas aplicadas, engenharia civil, química analítica, industrial e agrícola. – E nos aplaudindo, sonhamos que em breve teremos uma *Universidade* em São Paulo (*ibid*, p. 02).

⁵⁶ Segundo o Livro de Tesouraria da Loja Maçônica Constância, participava do quadro maçônico da referida Loja, na qual consta pagamento das suas mensalidades. Ele não saiu com o grupo de dissidentes que formou a Loja Maçônica Perseverança III. Segundo Aleixo, permaneceu na Loja Constância até 10 de abril de 1864 – Perseverança III e Sorocaba. Vol I, 1999.

O nome do jornal é muito sugestivo, embora não saibamos as razões para tal nome. Mas, penso que o primeiro contato de Francisco de Abreu com Simonton em 1861 tenha influenciado a mentalidade deste liberal, que foi um dos primeiros vendedores de Bíblias na Feira de Muões. Observa-se pelas duas notas um explícito elogio em torno do presbiterianismo que tentava solidificar-se através de duas estratégias mencionadas: a imprensa evangélica e a educação escolar⁵⁷. A respeito da Imprensa Evangélica afirma que ela divulgava a verdade do cristianismo. Em relação ao artigo sobre a instrução em Campinas, elogia as figuras de Morton e Lane, superando as divisões entre igreja do norte e do sul⁵⁸. Francisco de Abreu publica vários assuntos relacionados ao presbiterianismo no seu jornal: ataques contra o catolicismo, defesa da liberdade religiosa, questões relacionadas à escravidão, artigos sobre assuntos religiosos, construção da Estrada de Ferro em Sorocaba liderada por Maylasky, textos de conteúdo cristão e apologia à Maçonaria.

Na edição de 24/05/1872, publica um artigo com o título “Manifesto da Maçonaria do Brasil”. Neste artigo é transcrito o pronunciamento da Maçonaria Brasileira em relação aos ataques levantados sobre a ordem.

Segundo, o historiador maçônico Aleixo, Francisco de Abreu foi desligado da Maçonaria em 10 de abril de 1874 (Vol I, 1999, p. 52) uma vez que, embora pertencesse à Loja Constância, Francisco de Abreu defendeu idéias que eram comuns ao grupo liberal sorocabano, reunido na outra Loja. Aleixo tenta mostrar de diversas formas que a Loja Perseverança III foi responsável por defender ideais liberais e republicanos, além de estabelecer escolas noturnas e a libertação de escravos. Mas, pela postura de Francisco de Abreu, a Loja Constância também congregava maçons que defendiam de certa forma os ideais liberais.

Em relação ao segundo agente que Simontou mencionou em seu diário, Marciano da Silva, responsável pela distribuição de Bíblias, encontrei a seguinte informação:

⁵⁷ Para um aprofundamento sobre a Escola implantada por Morton e Lane, consultar: BARBANTI, Maria Lucia Spedo Hilsdorf. Escolas Americanas de Confissão Protestante na Província de São Paulo: Um Estudo de suas origens. Dissertação de Mestrado apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1977, 209 p. Este trabalho acadêmico representa um dos trabalhos pioneiros sobre a história da educação protestante no Brasil e suas propostas continuam válidas, inclusive para o estudo que estou propondo nesta dissertação. Para um estudo mais específico sobre a atuação do presbiterianismo e educação em Campinas, consultar: ALBINO, Marcus. Ide por todo mundo: A Província de São Paulo como campo de missão Presbiteriana, 1862-1892. Campinas: UNICAMP, 1996, 144p.

⁵⁸ Lembramos que Morton e Lane estavam vinculados a Missão da Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos. Simonton vinculado a Missão da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos.

Falecimento – Anteontem pelas 11 ¼ horas da noite faleceu o importante capitalista Antonio Marciano da Silva. O finado era geralmente estimado, exerceu vários cargos de eleição popular e de nomeação do governo, e por longos anos foi tesoureiro do cofre de órfãos deste termo. Atualmente era tesoureiro do Hospital de Misericórdia. Foi um dos implicados da revolução de 1842 (*Gazeta Comercial*, 04/07/1875).

O segundo agente de Simonton pertencia ao grupo elitizado de Sorocaba e também ao campo maçônico, conforme Aleixo (1999, p. 168), provavelmente ligados aos liberais. Posto isto, é possível compreender que os primeiros contatos de Simonton em Sorocaba são efetuados com pessoas ligadas à elite sorocabana e com a maçonaria, o que reforça os trabalhos apresentados por Hilsdorf (1977), Vieira (1980), Gomes (2000). São estes agentes que deram suporte para a inserção do presbiterianismo em Sorocaba. Nas duas visitas à cidade de Sorocaba Simonton estabeleceu as bases do presbiterianismo em contatos com os maçons e o médico Reinhardt, que de forma direta o colocou em contato com Marciano da Silva e Francisco de Abreu.

Outro agente que serviu de apoio a inserção da proposta presbiteriana em Sorocaba foi o comerciante José Antonio de Souza Bertholdo. Encontramos menção a este personagem no relatório de José Manoel da Conceição, encaminhado ao Presbitério do Rio de Janeiro em 1866:

Cheguei em Sorocaba e preguei com geral aceitação, porquanto o povo tem por toda parte fome e sede da palavra de Deus... Pela segunda vez parti de São Paulo pelos mesmos passos já feitos, tornando a pregar até Sorocaba, onde preguei por muitos dias, havendo cada dia maior número de povo para ouvir, e não faltou interesse em nenhuma ocasião, Dei algumas Bíblias e distribui muitas folhas da Imprensa Evangélica e outros folhetos. De todos que se mostraram interessados se distinguem o Sr. Bertholdo, filhos e Luiz Delfino. Um Sr. Malasqui e alguns Alemães me ouvirão e aquele Sr. convidou-me a jantar com ele dizendo-me que era católico mas amava o evangelho de Cristo (Relatório ao Presbitério, 28/02/1866).

O relatório aponta a base de apoio estabelecida por Simonton na inserção do Presbiterianismo em Sorocaba. Maylasky é mencionado como um dos ouvintes de Conceição, juntamente com Bertholdo e Luiz Delfino.

Em 1870, a estratégia dos missionários continua na cidade de Sorocaba, quem nos elucida esta ação é o missionário Blackford numa detalhada narração:

Depois de três dias de atraso para juntar o aparato da viagem e colocá-lo em ordem, dirigi-me a cidade de Sorocaba, algo em torno de 60 milhas a Sudoeste da capital. Como esse lugar fica fora do trajeto da estrada de ferro, nós temos que voltar ao mais primitivo modo de transporte - o lombo de mula. Nós iremos ter uma para cada um, uma para meu companheiro e eu, e uma terceira com uma cela de carga, para levar nosso suprimento de livros, roupas, etc. Para comprar ferradura, sela, carregar e montar a tralha, é um processo muito mais maçante do que valise na mão, caminhar para a estação de trem e entrar num carro confortável; portanto já é avançada a tarde quando começamos. Nossa madrinha de grandes orelhas não parece ter muito gosto

pelo seu cargo e manifesta seus sentimentos com estranhos trejeitos, o que nos fez gastar algum tempo. Nós tínhamos cumprido 4 milhas quando a noite chegou e ainda tínhamos 4 milhas pela frente até que encontrássemos uma casa. Jantamos por volta das 8 horas da noite e encontramos nossas camas feitas com capachos ásperos, colocados sobre um banco. Geralmente um estrado de palha é colocado por baixo, o que deixa a cama ainda mais dura para nossos músculos e ossos já muito cansados. Precisamos levantar ao amanhecer para juntar e alimentar nossos animais e sairmos logo cedo. Após cavalgar 8 milhas paramos para o desjejum e precisamos esperar até que o mesmo fique pronto, o que inclui matar uma ave. Nossa refeição ficou pronta duas horas mais tarde. A fome é certamente um ótimo tempero e muitas vezes serve para ignorá-lo em algumas circunstâncias, isso lá em casa seria suficiente para estragar com a refeição. Estamos montados novamente antes do meio dia e depois de cavalgar por mais de 20 milhas sob sol causticante entre morros e estradas sinuosas paramos novamente para passarmos a noite com a incerteza de que seríamos nós ou nossas mulas que tivessem quem sofrido mais com o dia de trabalho. Assim que chegamos fomos conduzidos a um cômodo da casa entre a venda e a residência e inicialmente pensamos que fôssemos os únicos ocupantes. Mas logo as pulgas começaram a reagir nossa intromissão, exigindo seus direitos. Jantamos talvez uma hora mais cedo do que na noite anterior e procuramos nossas camas que hoje têm o tal estrado. Como está muito frio e as cobertas são escassas temos que nos cobrir com nossos capotes de chuva e mantas de sela. Mesmo assim, no entanto, o cansaço natural, doce restaurador vem ao nosso auxílio e deixa tudo parecer perfeito. Uma cavalgada de seis milhas nos leva na manhã seguinte até a cidade de São Roque, com cerca de mil habitantes. Aqui passamos o dia e permanecemos para pregar à noite. O Sr. Botelho visitou um número de pessoas durante o dia, vendeu alguns livros e nos relatou que um bom número de pessoas interessadas no evangelho estava fora da cidade. À noite realizamos um culto na sala de uma pensão, onde preguei para cerca de 30 pessoas que pelo menos me ouviram atentamente. A única interrupção foi a do delegado que apareceu lá fora logo que iniciamos o serviço ordenando que as janelas e portas fossem mantidas fechadas. A ordem era ilegal, mas o dono da casa ficou assustado, então permiti que isso fosse feito. O juiz municipal que era um dos nossos ouvintes mais atentos, nos disse no final da reunião, que a ordem dada pelo delegado não tinha fundamento legal. Esses delegados são geralmente, e é o caso deste, homens ignorantes e arbitrários - meros instrumentos nas mãos de políticos do distrito e às vezes do padre. Esses atos de pequena tirania, de modo geral não impedem nosso trabalho, mas pelo contrário animam ainda mais o espírito de inquietação. Esta é a cidade onde o Sr. Pires pregou para uma grande congregação durante a Semana Santa em 1867. Irá se formar aqui um interessante posto entre São Paulo e Sorocaba. No dia seguinte, 27 de Agosto, chegamos em Sorocaba a noitinha, depois de uma cavalgada de 25 milhas. O Sr. Pires tinha partido no dia anterior, após uma estadia de um mês no local, durante a qual havia pregado quase todos os dias. Nos alojamos na casa de uma família profundamente interessada na verdade e na ala de jantar dessa casa realizamos serviço todas as noites por seis dias consecutivos. A audiência ficou em média de quinze pessoas, algumas vindo de uma distância de 3 ou 4 milhas de fora da cidade. O irmão Conceição tinha passado parte de sua vida aqui, e logo após iniciar seu ministério havia servido como auxiliar de seu tio, o então vigário da paróquia. Durante sua missão itinerante em 1866, ele pregou aqui. Foi um grande privilégio visitar e pregar nesse lugar por duas vezes no mesmo ano (Blackford, 1870, p. 10-12)⁵⁹.

Blackford descreve as dificuldades enfrentadas durante a sua viagem de São Paulo à Sorocaba. A viagem foi feita no lombo de mulas; percebe-se no relatório como o missionário

⁵⁹ Carta do Rev. Blackford à missão norte americana. Relatório Impresso. BLACKFORD, A.L. The Missionary. Janeiro, 1870. p.10-12 (Editada por "The Secretary of Foreign Missions of the Presbyterian Church, USA, monthly from Richmond, Virginia). Trad.: Noemi Benevenuto Fontão. Acervo histórico da Igreja Presbiteriana de Sorocaba. Em 1876, Blackford confirma sua visão sobre Sorocaba, dizendo que era um centro natural de um vasto campo. (Ribeiro, Boanerges. Protestantismo e Cultura Brasileira. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana do Brasil, 1981).

relata com detalhes as dificuldades vividas ao longo da viagem, dando uma conotação de certo heroísmo da sua parte. Ao chegar à Sorocaba foi recebido por uma família, cujo nome não é mencionado. Na sala de jantar dessa família pregou durante seis dias consecutivos, com um auditório de 15 pessoas⁶⁰. Ele também faz uma referência ao ex-padre José Manoel da Conceição. Seu relatório acentua o apoio recebido em Sorocaba.

No mesmo relatório, encaminhado à *Presbyterian Church dos Estados Unidos*, Blackford, exterioriza sua visão a respeito do contexto urbano e econômico da cidade de Sorocaba:

Sorocaba é um ponto de grande importância para a estação missionária, e deve ser ocupado permanentemente e sem demora por um homem adequado (preparado). Uma feira acontece aqui anualmente na qual, muitos milhares de cavalos e mulas, trazidos das províncias do sul, são vendidos para seguirem para o norte. Grande número de homens então, vêm até aqui, vindos de todas as partes do império. E há um grande despertar da sociedade, não encontrado em outras partes do interior. É também um dos centros mais florescentes de plantio de algodão do país. Muitas outras cidades e vilas ficam acessíveis, uma vez que esta é uma região central. A cidade possui, eu calculo, uma população de cerca de seis a oito mil pessoas. A igreja de Sorocaba é a Sexta em conexão com nossa missão e o Presbitério. Faz apenas seis anos que nossa missão começou na província de São Paulo, e nós temos, pela benção de Deus, quatro igrejas nessa província, com uma congregação de 137 membros, além de uma outra em uma província vizinha, a de Minas Gerais, com quatorze membros. Três dessas igrejas estão sem um pastor permanente. Quem virá a estes campos brancos para a colheita? - Missão Estrangeira (*Foreign Mission*, 1870, p. 10-12)

Observa-se no relatório a importância que Blackford dá à cidade de Sorocaba do ponto de vista do processo civilizatório norte-americano: a cidade era importante para a expansão da proposta missionária pois tinha, segundo Blackford, uma população de 6 a 8 mil habitantes⁶¹. Segundo, o censo de 1872, a cidade tinha aproximadamente 12 mil habitantes (jornal *Ypanema*, 21/11/1872), quase a metade da população da Província de São Paulo. Ele também destacou a cidade de Sorocaba como centro importante dentro da Província de São Paulo, por dois aspectos: a feira de Muares e o plantio de Algodão. A feira de Muares representava, no processo de modernização discutido no capítulo primeiro, a prática econômica centrada em hábitos rurais. A exploração do algodão foi uma das primeiras iniciativas dos dirigentes da cidade no processo de modernização, juntamente, com a construção da estrada de ferro. Portanto, qual seria a razão de descrever questões relacionadas à vida econômica da cidade de Sorocaba? Penso que os missionários tinham com

⁶⁰ Júlio Andrade Ferreira (1992, p. 99), afirma que Blackford pregou para um auditório de trinta a cinquenta pessoas. História da Igreja Presbiteriana do Brasil. Vol. I.

⁶¹ Conforme, mostramos no capítulo 1, os moradores na região urbana eram 4.793, os moradores dos bairros 8.166. Deste número a cidade tinha 2.070 escravos. Não dá para saber ao certo que critério o missionário utilizou para a contagem da população.

a estratégia encontrar cidades que fossem economicamente mais favoráveis, pois além de favorecer a implantação do presbiterianismo, elas seriam um campo de irradiação da nova proposta civilizatória norte-americana. Essas cidades eram mais receptivas aos ideais modernizadores norte-americanos, porque representavam, segundo Hilsdorf (2000), um grupo social mais urbanizado e letrado.

Percebe-se que os relatórios a respeito da ação missionária no Brasil eram constantemente enviados à sede da Missão nos Estados Unidos. No relatório datado em 1862, Simonton descreve sua estratégia na expansão do Evangelho em território brasileiro com o título “Encorajamento no Brasil”, onde aponta as principais estratégias e as esperanças dos primeiros frutos do seu trabalho em solo brasileiro:

Estamos no nosso modo habitual de saúde, e nossos deveres são habituais. Tenho esperanças de que três das pessoas que receberam minhas instruções, estão sob uma convicção da importância da verdade e doutrina da salvação pela fé em Cristo. Uma delas dá prova suficiente de que o Espírito de Deus tem iluminado sua mente. Espero que possamos recebê-lo em uma profissão de fé em um curto espaço de tempo (*Foreign Mission*, 1862, p. 244)⁶².

Blackford em outro relatório encaminhado à sede da Missão Presbiteriana nos Estados Unidos, escreve um texto intitulado a “Uma Jornada no Brasil” (*Foreign Missionary*, 1862, p. 369-373). O relatório descreve suas viagens às cidades do Rio de Janeiro e Minas Gerais. No Rio, visitou a cidade de Petrópolis, onde passou 15 dias levantando questões relacionadas a vida religiosa, cultural e educacional da cidade, talvez para uma possível implantação do presbiterianismo. Segundo Blackford, na colônia germânica em Petrópolis existia uma Igreja protestante, que não tinha pastor. Depois seguiu para Juiz de Fora, onde encontrou uma colônia formada de 1.200 Alemães. Afirmava que a metade era Protestante e a outra era católica⁶³. Cada grupo tinha sua própria escola e mestre. Os protestantes tinham também a Escola Dominical. Menciona outras cidades que visitou: Barbacena, Serra da Mantiqueira, São João Del Rei⁶⁴. Nesta cidade, com carta de recomendação de um amigo do

⁶² Relatório impresso. Tradução feita por Ivanilson Bezerra da Silva. “We are in our usual health, and our usual duties are continued. I have hopes that three of those who have been receiving instruction from me, are under a conviction of the truth and importance of the doctrine of salvation by faith in Christ. One of them gives most satisfactory proof that the Spirit of God has enlightened his mind. I trust we may feel warranted in receiving him to an open profession of faith in a short time” (*The Foreign Missionary*, Vol. XX, n. 12, 1862, p. 244).

⁶³ Relatório impresso. Tradução Ivanilson Bezerra da Silva. “At Juiz de Fora the company which own this road, have settled a colony of 1200 Germans. It has been planted only two or three years. About one half are Protestant and the other Roman Catholic. Each classe has its own school-house and master. The protestants have a sunday-school also” (*Foreing Missionary*, Vol. XX, n. 12, p. 369-373).

⁶⁴ Relatório impresso. Tradução Ivanilson Bezerra da Silva. “Nov 30th I reached São João del Rei. This is reckoned one of the chief cities of the Province of Minas Gerais. I heard its population at from 4.000 to 9.000 souls. Such is the accuracy of Brazilian statistics; or to speak more properly - conjectures; for no census is ever

Rio de Janeiro, ficou hospedado durante seis semanas na casa de um médico chamado Dr. Lee. Observou que São João Del Rei era uma cidade promissora para a plantação do presbiterianismo. Observou a existência de uma escola para rapazes e três internatos femininos, além de mencionar a existência de muitas escolas públicas. Seu objetivo na cidade era estudar a língua e permanecer algumas semanas. Através do Dr. Lee, teve contato com um agente da Sociedade Bíblica estrangeira que há três ou quatro anos distribuía e vendia Bíblias. Foi informado por protestante que as pessoas não aceitariam as Bíblias por causa do posicionamento do vigário da cidade, que alegava que as Bíblias eram falsificadas.

Este relatório de Blackford a respeito da sua viagem à Petrópolis, Barbacena e São João Del Rei, é elucidativo para compreender que os missionários tinham o mesmo *modus operandi*. Comparando com o relatório em que descreve a organização da Igreja em Sorocaba, podemos notar que a forma de atuação é a mesma: ele sempre apontava o número de pessoas, escolhia as cidades com perspectivas econômicas e educacionais favoráveis, estabelecia contato com alguém que tivesse conhecimento da cultura norte-americana, observava a prática religiosa da cidade e a possível hostilidade do catolicismo. Esta postura de Blackford mostra que estava em sintonia com o objetivo estabelecido pela Comissão de Missão Estrangeira dos Estados Unidos, quando decidiu enviar Simonton ao Brasil: “A missão será um tanto experimental. Seus objetivos serão: explorar o território, verificar os meios de atingir com sucesso a mente dos naturais da terra, e testar até que ponto a legislação é favorável à tolerância religiosa” (Ribeiro, 1981, p. 18).

A ação missionária de Simonton e Blackford em Sorocaba não foi diferente. Após 9 anos da primeira visita de Simonton à Sorocaba, ocasião em que teve contato com Reinhardt, Blackford organizou em 1º de setembro de 1869 a Igreja Presbiteriana de Sorocaba, na casa de um comerciante maçom, chamado José de Souza Bertholdo. Um homem de nacionalidade portuguesa e que não tinha as qualidades da cultura norte americana, mas tinha relação de poder com comerciantes, negociantes, maçons e pessoas relacionadas ao seu círculo de convívio. Podemos ainda dizer, que ele já tinha estabelecido contato com Júlio Ribeiro através

taken in Brazil. The lower figures I judge nearer the truth. In point of intelligence and educational facilities, the citizens of this place reckon themselves foremost in the province, if not in the empire. There is here a college for young men, having an attendance of over one hundred. the course is only moderately extended, and employs six or seven professors. there are also three female boarding-schools, as many public school for children. These, I believe, in fact give the opportunities of education to all who here wish to embrace it. One object my journey being to study and practice the language, I had proposed remain in this city for a few weeks. Dr. Lee, an English Physician, residing here, and to whose wife I had a letter of introduction from a friend of one of my acquaintances in Rio, furnished rooms for me in one of his house, and put them at my disposal, during my pleasure to remain. Though a professed Catholic, he showed me the greatest generosity during my sojourn of six weeks in this place”. (ibid, p. 371).

da maçonaria. Possivelmente, Júlio Ribeiro tenha facilitado o contato de Blackford com Bertholdo, pois nesta época Júlio já residia em Sorocaba.

Podemos justificar esta possibilidade através do relatório do Rev. F. J. C. Schneider, encaminhado à Junta de Missão Estrangeira nos Estados em 1870. Schneider tecia elogios a pessoa de Júlio Ribeiro, relatando que era uma pessoa inteligente, que fala fluentemente o Latim, Francês e Português, além de ter conhecimento da língua grega, inglesa, germânica, espanhola e italiana. Além disso, ressaltava que era um estudioso do luteranismo e do calvinismo e que lia as obras de Voltaire, Volney e Renan (*Brazil Mission*, 1870, p. 259). No mesmo relatório Schneider transcreve uma correspondência que Júlio Ribeiro encaminhou para ele:

Recebi o Novo Testamento em grego, que você fez a gentileza de me enviar. Minha fé está se tornando mais forte a cada dia: Eu me sinto cada vez mais que o vazio que privou o meu coração de consolo começa a ficar cheio de alegria inefável e uma voz secreta me diz que eu sou um dos chamados e escolhidos. Esta cidade é um das mais fanáticas pela religião muçulmana e de Roma, no entanto, se houvesse entre vós um ministro dedicado, disposto a combater corajosamente os obstáculos postos em seu caminho pelos padres católicos, ele teria, acredito, provavelmente de encontrar alguns palmos de boa terra em que germinam as sementes da palavra do Filho do Homem: provavelmente mais do que uma ovelha selvagem seria recolhida ao aprisco. Quando me escrever, seja em Inglês, a fim de que a carta não seja compreendida no caso de violado (*ibid*, p. 259)⁶⁵.

Na carta⁶⁶, Júlio diz que sua fé estava cada vez mais forte. Dizia que o vazio do seu coração foi preenchido por uma alegria inefável. Pela carta, parece que na ocasião se encontrava na cidade de Taubaté, possivelmente com a finalidade de propagar o Evangelho. Na carta, Júlio parece que fazia um levantamento sobre a condição da cidade, quando afirma que a cidade de Taubaté era fanática pela religião mulçumana e pelo catolicismo e que se estivesse ocupada por um ministro dedicado e corajoso para combater a ação do catolicismo, certamente, o presbiterianismo teria algum fruto.

Pelo relatório, Schneider afirmava que gostava muito de Júlio e que ele seria um instrumento muito importante para os homens do seu país. Segundo Lessa (1938), Júlio

⁶⁵ Relatório impresso. Tradução Ivanilson Bezerra da Silva. "I received the New Testament in Greek which you were so kind as to send me. My faith is becoming stronger day by day: I feel more and more that the vacuum which deprived my heart of consolation is becoming filled with ineffable joy; and a secret voice tells me that I am one of called and chosen. This city is one of the most fanatic for the Mohammedan religion of Rome; nevertheless if there were among you a devoted minister, disposed to combat manfully against the obstacles put in his path by the catholic priests, he would, I believe, propably find some feet of good soil in which would germinate the seed of the word of the Son of Man: probably more than one wild sheep would be gathered into the fold. When you write me, let it be English, in order that the letter may not be understood if should be violated" (*Brazil Mission*, 1870, p. 259)..

⁶⁶ A carta é datada de 11 de dezembro de 1869, consultar: LESSA, Vicente Themudo. Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo (1863-1903). São Paulo, 1923, p. 80.

Ribeiro em “sua fase de propagandista teve o privilégio de atrair algumas pessoas ao Evangelho” (p. 82).

Penso que esta percepção de Schneider acerca do intelectual Júlio Ribeiro e sua relação com o presbiterianismo justifica a presença dele na cidade de Sorocaba. Provavelmente, os missionários norte-americanos tenham incentivado Júlio a vir à Sorocaba, com o objetivo de fortalecer as relações de poder com os liberais maçons e propagar a proposta civilizatória norte-americana. Lemos (2005) afirma que Júlio Ribeiro fez algumas pregações na Igreja Presbiteriana de Sorocaba.

Como analisei no capítulo anterior, a cidade estava em processo de modernização, liderado por agentes sociais que compunham vários campos sociais: político, maçônico, intelectual e educacional. Tais agentes deram o respaldo para a inserção do Presbiterianismo na cidade. Mostramos que estes agentes faziam parte da elite sorocabana, o que reforça a tese de que os missionários norte-americanos e os liberais se aproximava pela ideologia do progresso e individualismo como sugeriu Hilsdorf (1977; 2000). Esta aproximação se solidificava em torno das relações de poder que estes dois grupos estabeleceram para a possível concretização dos seus interesses, como procuro mostrar.

No contexto sorocabano, alguns destes agentes mesmo pertencendo ao catolicismo, apoiaram as iniciativas missionárias, educacionais e civilizatórias dos missionários norte-americanos, pois além da ideologia do progresso, eles tinham um “inimigo” em comum, o catolicismo ultramontano, que neste período atacava frontalmente a Maçonaria e o próprio Protestantismo, quando este começou a atuar missionariamente no Brasil. Além da educação escolar, que seria implantada mais tarde pelos presbiterianos, os missionários norte-americanos estabeleceram o 1º depósito de Bíblias na rua São Bento⁶⁷.

O local foi cedido pelo sr. José Anthonio de Souza Bertholdo. Ele era amigo de Francisco de Paula e Oliveira Abreu, Marciano da Silva, Júlio Ribeiro, Ubaldino do Amaral, Luiz Matheus Maylasky e outros.

A escolha do local parece uma estratégia ousada da parte dos missionários norte-americanos. A casa era em frente ao Mosteiro São Bento. Seria uma afronta ao catolicismo? Penso que esta ação estava atrelada à perspectiva de campo que estamos utilizando neste trabalho. Ocupar o espaço requer estratégia e luta, tomada de posição e confronto com os possíveis concorrentes. Talvez, os missionários americanos, juntamente, com Júlio Ribeiro,

⁶⁷ Ver anexo 2, vol II, p. 7, (foto 6): Casa de José Antonio de Souza Bertholdo.

Bertholdo e outros sentiam segurança da parte do grupo de maçons que os apoiavam, porque o centro da cidade de Sorocaba representava o espaço social de poder que a elite dominava. Por outro lado, estabelecer-se estrategicamente na região central, pode sugerir que a ação missionária atingiria muito mais pessoas da elite sorocabana. Era na região central de Sorocaba que circulavam as idéias, os posicionamentos políticos e as articulações da elite⁶⁸.

Este grupo dominava o espaço social e estabeleciam estratégias para a manutenção da hegemonia⁶⁹. Fenômeno parecido ocorreu no Rio Grande do Sul. Existe um trabalho acadêmico muito interessante sobre a influência da maçonaria gaúcha na segunda metade do século XIX, escrito por Elaine Colussi (1999), que justifica as minhas análises.

A escolha do local para o depósito de Bíblias, a organização da Igreja Presbiteriana, o contato com agentes sociais elitizados eram parte das estratégias dos missionários norte-americanos.

2.3. ANTONIO PEDRO DE CERQUEIRA LEITE: A DESESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO CAMPO RELIGIOSO PROTESTANTE

Contudo, esta estratégia não durou muito tempo. No primeiro livro de Ata da Igreja Presbiteriana, vemos as primeiras famílias que professaram sua fé ao presbiterianismo e que foram mais tarde expulsas do campo religioso protestante sorocabano.

Blackford faz o seguinte registro no livro de Ata da Igreja Presbiteriana:

No dia 1º de Setembro de 1869 na casa do Senhor José Ant. de Souza Bertholdo o Rev. A. L. Blackford organizou uma igreja na cidade de Sorocaba. Rev. De S. Paulo recebendo por profissão de sua fé aos sacramentos de batismo e Santa Ceia do Senhor ou comunhão as seguintes pessoas; a saber: Antonio Modesto Ribeiro, Antonia Maria de Souza, Carolina Joaquina de Souza, Olympia Felisbina de Souza, Joaquim Avelino de Souza (1869, p.1).

⁶⁸ Isto não significa que não havia resistência por parte dos grupos sociais menos desfavorecidos que não faziam parte do campo político e maçônico. Alguns jornais que circulavam na cidade noticiavam a fuga de escravos dos seus senhores, isto representa uma forma de resistência e ação contra-hegemônica contra a elite sorocabana. Não pretendo centrar a análise nesta perspectiva, pois seria necessário a elaboração de um outro trabalho acadêmico que analise este processo na ótica dos dominados.

⁶⁹ COLUSSI, Elaine Lucia. Plantando Ramos de Acácia: a Maçonaria Gaúcha na segunda metade do século XIX. Tese de Doutorado. PUC, 1999.

A família de Bertholdo foi recebida nesta ocasião como os primeiros membros da Igreja Presbiteriana de Sorocaba. Bertholdo foi recebido como membro da Igreja somente em 14/12/1873, pelo Rev. G. W. Chamberlain, e suspenso em 2 de julho de 1880, no pastorado do Rev. Antonio Pedro de Cerqueira Leite. A vida religiosa de Bertholdo, segundo os registros da Igreja, foi tumultuada. Conforme registros da Igreja, ele foi disciplinado com sua esposa e outros membros da sua família. Segundo a visão do Rev. Antonio Pedro, por mau comportamento, por não comparecer aos cultos, não comungar a Santa Ceia, por trabalhar no domingo e por desobedecer as autoridades eclesiásticas. Foram disciplinadas as seguintes pessoas: José Antonio de Souza Bertholdo e sua mulher D. Antonia Maria de Souza; Joaquim Avelino de Souza e sua mulher Antonia Cândida de Souza; João Baptista de Sant'Anna e sua mulher Carolina Joaquina de Souza, e Anna Maria de Souza (1º Livro de Atas da Igreja Presbiteriana de Sorocaba, 1880, p. 73-74).

O mesmo aconteceu com Antonio Modesto Ribeiro. Chamberlain encaminhou documento ao Rev. Antonio Pedro de Cerqueira Leite, no qual tratava de acusação contra Modesto Ribeiro. O documento foi lido no dia 1 de janeiro de 1880. O pastor americano acusava-o de maltratar a esposa, de ter usado de palavras insultantes e indecorosas, de fazer uso de bebida alcoólica, e ainda, de ter lançado mão de um canivete contra ele (*ibid*, 10/01/1880, p. 67). Nesta ocasião, Modesto morava na cidade de São Paulo. O Rev. Antonio Pedro e seus presbíteros: Francisco Pacheco e João Baptista de Aguiar resolveram esperar seu retorno à Sorocaba. Foi convocado a comparecer na reunião realizada no dia 20 de outubro de 1880, às 17h, na sala de culto da Igreja. Ele comparece no dia e na hora marcado pelos líderes da Igreja. O Rev. Antonio Pedro além de ler as acusações que recaíam sobre ele, o acusou de ter sido preso em São Paulo por ordem do Rev. Chamberlain. Antonio Pedro lembrou ainda que, na cidade de Sorocaba, o acusado perseguiu uma moça de família, ainda que de caráter duvidoso. Ele confessou os fatos, mas, segundo o relato da ata, sem achar gravidade alguma nas acusações feitas a sua pessoa. Os líderes instaram a se arrepender dos seus feitos, mas mostrou-se indiferente. A sessão resolveu suspendê-lo dos privilégios da Igreja (*ibid*, 1880, p. 81).

A família do Bertholdo se afastara da Igreja por causa do processo disciplinar efetuado pelos líderes religiosos ao senhor Justiniano Marçal de Souza⁷⁰, que segundo estes, havia deixado de frequentar os cultos e participar da Ceia do Senhor (*ibid*, 10/01/1880). No dia 11

⁷⁰ Professou sua fé no dia 20 de abril de 1878, cf. Ata da Igreja Presbiteriana de Sorocaba (p. 34). Era filho de José Anthonio de Souza Bertholdo.

de junho de 1879, os líderes reunidos, sob a presidência do Rev. Antonio Pedro de Cerqueira Leite, deliberaram

tratar ex-officio de um processo contra o membro d'esta Igreja – Justiniano Marçal de Souza, em vista dos repetidos escândalos que tem cometido, e pelos quais há levantado contra si o clamor geral (sic) da Igreja. O Memorandum (Documento nº 1) apresenta as razões que atuavam sobre a Sessão para tratar imediatamente de processo contra o Sr. Justiniano Marçal de Souza, visto ter reincidido na sua negação do Velho Testamento e na transgressão do domingo. A sessão encarregou o Moderador de citar o Sr. Justiniano sobre os seguintes pontos de acusação, bem como as respectivas testemunhas: 1º = O Escandaloso procedimento do acusado em casa do Sr. Sebastião Fogaça em quarta-feira de culto (3º de abril de 1879), em ausência do Pastor. Testemunhas: Antonio Delfino de Arruda, Pedro Fogaça de Almeida, José Felício Ribeiro. 2º = O fato de ter o acusado deixado de vir aos cultos, servindo de escândalo á igreja e de pedra de tropeço á sua própria família. Fato público e notório. 3º = O fato de ter o acusado negado de novo o Velho Testamento em casa do Sr. João de Arruda – Testemunhas João Fiel de Arruda e Antonio Carlos de Campos; e outras contrariedades feitas á palavra de Deus – Testemunhas Sebastião Fogaça de Almeida, Antonio Carlos de Campos e David Ferreira. 4º = Transgressão do domingo. Testemunhas Joaquim Manoel da S^a, João Fiel de Arruda e Antonio Carlos de Campos. Não havendo mais nada a tratar encerrou-se a sessão com oração. A. Pedro de C. Leite, Moderador (1º Livro de Ata, 1879, p. 24-26)

Justiniano foi citado pelo Rev. Antonio Pedro a comparecer na reunião marcada para o dia 27 de junho. No referido dia compareceram o pastor, os seus dois presbíteros e as testemunhas do processo, exceto Pedro Fogaça de Almeida, por estar enfermo. O acusado Justiniano não compareceu à reunião, porém encaminhou ofício em que comunicava a decisão de não comparecer a reunião, alegando improcedentes as acusações que recaíam sobre sua pessoa. Como ele não compareceu, os líderes resolveram citá-lo pela segunda vez para comparecer no dia 4 de julho. Citado pela segunda vez pelo pastor, eles se reuniram conforme data mencionada. Justiniano encaminhou novo ofício, declarando que não compareceria à reunião. Na mesma sessão foi nomeado João Fogaça de Almeida para assistir os depoimentos. No dia 08 de julho, novamente a comissão se reuniu sob liderança de Antonio Pedro. Nessa ocasião, foram transcritas as seguintes palavras:

Em vista do manifesto menosprezo do Sr. Justiniano M. de Souza para com a Sessão em recusar comparecer perante Ella (parágrafo X do IV cap. de nossa Disciplina), e provados os três primeiros pontos da acusação com o testemunho necessário, e além d'isso sendo público e notório em toda a cidade que o Sr. Justiniano tem andado de quase que de casa em casa procurando desprestigiar esta igreja e transtornar a própria fé de alguns crentes, a Sessão julgou de absoluto e rigoroso dever suspendê-lo dos privilégios que gozava como membro professo, até que dê provas cabais e sinceras de que tem arrependido, ficando o pastor incumbido de publicar a sentença em culto público (1º Livro de Atas, 1879, p. 28-29).

A sentença foi lida publicamente depois da pregação do Evangelho no culto da noite no dia 13 de julho de 1879. Justiniano Marçal de Souza era figura representativa na sociedade

sorocabana. Além de membro da família Bertholdo, no campo maçônico Justiniano fora eleito, em 1873, 2º diácono da Loja Perseverança III (Aleixo, 1999, p. 126). Em sessão realizada nesta Loja no dia 3 de janeiro de 1874, leu o documento intitulado *Quamquam Dolores*, dirigido por Pio IX a Dom Vidal, manifestando-se contrário à proibição dos religiosos católicos nas hostes maçônicas contida no texto. Vejamos as palavras de Justiniano nesta sessão:

O protesto que acabo de ler merece ser transcrito no Jornal Ipanema para conhecimento dos profanos. Então se verá o que é a maldita política que está jogando o clero contra a maçonaria. A Loja Constância e outra já se manifestaram publicamente contra o documento e pastorais dos bispos (Aleixo, 1999, p. 128).

Justiniano Marçal estava ativo na Loja Perseverança, e de certa forma, ao contrariar o posicionamento da Igreja Católica em relação à Maçonaria, exteriorizava seu posicionamento político contra o catolicismo⁷¹. Como maçom, liderou um movimento no interior da Loja contra a posição adotada pelo Catolicismo Romano contra a Maçonaria.

Para se defender das acusações que pesavam sobre ele no campo religioso, Justiniano se defende publicamente das acusações feitas à sua pessoa, usando como veículo o jornal *Ypanema*⁷², de propriedade de Manuel Januário de Vasconcelos, um confrade membro da Loja Perseverança III⁷³. Traria este conflito no interior do campo religioso implicações para a posição da Igreja Presbiteriana no campo social e religioso sorocabano? O caso repercutiu também publicamente:

A Igreja Presbiteriana de Sorocaba e seu Pastor Antonio Pedro de Cerqueira Leite. Se o Sr. Justiniano Marçal de Sousa foi expulso da Igreja Presbiteriana d'esta cidade, por que motivo o abaixo assinado e outros incursos nas mesmas culpas de faltar aos cultos e violar os Domingos não sofrem a mesma pena? Será porque S. Revma. esta desmoralizado? Deve continuar com a sua energia e ordem dos seus superiores, que não lhe deram de comissionar pessoa suspeita para condenar a um inocente; é certo que aquele que pouco colheu não lhe faltou, e o que muito colheu não lhe sobejou. Sorocaba, 9 de outubro de 1879. José de Oliveira Dias (*Ypanema*, 11/08/1879).⁷⁴

⁷¹ A Loja Maçônica Constância do Oriente de Sorocaba tinha em seus quadros alguns padres. Em 1859, Frei Ignácio de São Paio, 35 anos, presidente do Mosteiro São Bento. Em 1863, Pe. Francisco de Assumpção Albuquerque, empregado do Colégio do Lageado, 32 anos. Em 1863, Pe. Antonio Joaquim d'Andrade, 36 anos. Em 1868, Pe. João Baptista Arrojo, 35 anos. Em 1876, Pe. Francisco José Serodio, 35 anos. Livro de Matrículas da Loja Constância (1847).

⁷² Por se tratar de artigos não publicados pela historiografia protestante, eles serão colocados na íntegra no volume II deste trabalho, como anexo 3 - artigos de jornais, vol II, artigo 1, p. 18: Defesa de Justiniano Marçal de Souza, publicado no Jornal O Ypanema em 16/07/1879.

⁷³ 1º Livro de Atas da Loja Perseverança III (1869). Foi eleito secretário adjunto da Loja em sessão realizada no dia 23/06/1874.

⁷⁴ O recorte do artigo foi colado no lado direito da 1ª Ata da Igreja Presbiteriana de Sorocaba, p. 35.

José de Oliveira Dias fazia parte da Loja Perseverança III⁷⁵ e também era membro da Igreja Presbiteriana, juntamente com Justiniano e Bertholdo. Foi acusado de não comparecer nos cultos e fazer negócios no domingo (1º Livro de Ata da Igreja Presbiteriana de Sorocaba, 1879, p. 35). No dia 12 de novembro do mesmo ano foi disciplinado pelas acusações, e por não comparecer à sessão a que fora convocado.

A base de apoio oferecida pela família Bertholdo aos missionários americanos foi praticamente toda disciplinada da Igreja pelo Rev. Antonio Pedro de Cerqueira Leite. A liderança de Cerqueira Leite mostrava-se muito rigorosa. Suas ações dão pistas de que, no cotidiano da vida religiosa existia uma crise interna da Igreja de Sorocaba, além de mostrar como ela havia absorvido a mentalidade puritana da ideologia presbiteriana. Do ponto de vista do processo civilizatório, os pastores presbiterianos nacionais absorveram idéias, costumes e crenças da cultura presbiteriana norte-americana, e foram além, pois esta ruptura interna no campo religioso presbiteriano trouxe reflexos públicos. As relações de poder estabelecidas no período inicial entre missionários americanos e liberais foram desestruturadas pela posição religiosa de Cerqueira Leite e seus líderes: a postura adotada pelos líderes eclesiásticos da Igreja Presbiteriana, passados 10 anos de sua instalação em Sorocaba, soava nos dizeres dos maçons como uma atitude autoritária. Este conflito representava socialmente uma desestruturação no campo religioso presbiteriano, que não mais necessitava neste momento, segundo a postura ideológica e política dos seus líderes, do apoio dos liberais, pois tinha alcançado na perspectiva religiosa, certa autonomia. Além disso, esta postura também demonstrava uma opção política dos presbiterianos naquele momento histórico. Podemos dizer que a preocupação inicial de Antonio Pedro de Cerqueira Leite era fortalecer a comunidade internamente.

Porém, esta opção política pode também ser vista como falta de estratégia dos presbiterianos, que apesar de estarem interna e aparentemente estruturados, neste momento, no contexto sorocabano, tinham que lidar com os ataques do catolicismo sorocabano que já se anunciavam. No campo social esta atitude enfraquecia a hegemonia dos presbiterianos, mas os solidificava internamente, dando-lhes características próprias e conferindo-lhes poder e legitimação dos seus interesses religiosos, ou seja, na medida em que enfrentavam o conflito

⁷⁵ Foi indicado para pertencer a Loja Perseverança III no dia 31 de julho de 1869. Alguns nomes de profanos são apresentados, na forma do regulamento ao ingresso na instituição e dispensados da sindicância por serem demais conhecidos e de bons costumes. Entre eles: José Antonio de Souza Bertholdo, José Antonio Cardoso, Antonio Joaquim Cardoso, Antonio Joaquim Dias, Francisco Prestes, José Ferreira Prestes. (Aleixo, 1999, p. 55). Eleito com 13 votos tesoureiro da Loja Perseverança III, em 20 de dezembro de 1884. Ele estava no grau 18. Justiniano Marçal também concorreu ao mesmo cargo, mas teve 7 votos.

interno, os líderes da Igreja de Presbiteriana de Sorocaba legitimavam seu poder e autoridade sobre seus dominados. Esta postura contribuía eclesiasticamente para a perpetuação e para a reprodução da ordem religiosa. Tal situação demonstrava no interior da Igreja as relações de concorrência, que representavam simbolicamente a conquista pela autoridade espiritual (Bourdieu, 2004, p. 63). A prática religiosa mantida pelos líderes religiosos presbiterianos representava a própria lógica de funcionamento da Igreja, que nesta ocasião impunha sobre seus dominados uma forma de coerção, inerente à manutenção de uma burocracia que reivindicava o monopólio do poder religioso sobre eles.

Nos primeiros anos de desenvolvimento, o campo religioso presbiteriano em Sorocaba contou com a ajuda de vários pastores norte-americanos: Simonton, Blackford, Chamberlain, Emanuel Vanorden, J. B. Howell. Entre 1869 e 1876, antes de ter um pastor permanente, Chamberlain e Howell foram os que atuaram mais tempo na Igreja Presbiteriana de Sorocaba, pois a localidade/comunidade local integrava suas extensas zonas de pastorado. Blackford foi o organizador da Igreja. A Igreja estava debaixo dos cuidados destes missionários, porque não haviam formados ainda os primeiros pastores nacionais. Embora ordenado ministro do Evangelho pelos missionários em 16 de dezembro de 1865, José Manoel da Conceição não chegou a liderar a Igreja Presbiteriana de Sorocaba, apenas pregou na cidade em algumas ocasiões. Os primeiros pastores nacionais - Modesto Perestrello Barros de Carvalhosa, Antonio Bandeira Trajano, Miguel Gonçalves Torres e Antonio Pedro de Cerqueira Leite⁷⁶ – somente foram preparados a partir de 1867, no seminário organizado no Rio por Simonton.

Antonio Pedro tinha sido recebido como membro da Igreja Presbiteriana em 30 de dezembro de 1866, pelo próprio Simonton. No dia 22 de julho de 1873, o Rev. John Beatty Howell, pastor norte-americano que trabalhou alguns anos com Chamberlain na Escola Americana em São Paulo, o que sugere que adotava as suas iniciativas educacionais, convidou Antonio Pedro para ser pastor da Igreja Presbiteriana de Sorocaba (Livro de Atas da Igreja Presbiteriana de Sorocaba, 1873, p. 3). Nesta ocasião, ele ainda realizava seus estudos teológicos para ser pastor, e passou a maior parte da sua licenciatura na cidade de Sorocaba, sob a supervisão de Blackford.

Antonio Pedro de Cerqueira Leite e sua esposa Palmira Rodrigues residiam em Sorocaba em 1873. O Rev. J.B. Howell batizou num salão do teatro, cedido para os cultos, o

⁷⁶ Ver anexo 2, vol II, p. 8, (Foto 7): Blackford e seminaristas.

primeiro filho do casal, Filúvio. Antes de fixar residência em Sorocaba, Palmira fora professora da Escola Americana em São Paulo, onde o casal se conheceu.

No período do trabalho missionário americano, segundo o Livro de Rol de Membros (1869-1922), a Igreja tinha as seguintes pessoas arroladas como membros:

Nome	Nacionalidade	Data de profissão	Pastor
Antonio Modesto Ribeiro	Brasileira	01/09/1869	A. L. Blackford
Antonia Maria de Souza	Brasileira	01/09/1869	A. L. Blackford
Carolina Joaquina de Souza	Brasileira	01/09/1869	A. L. Blackford
Olympia Felisbina de Souza	Brasileira	01/09/1869	A. L. Blackford
Joaquim Avelino de Souza	Brasileira	01/09/1869	A. L. Blackford
Maria Eufrozina de Souza	Brasileira	Ignorada	H. W. Mackee
Rita Etelvina Schreiner	Brasileira	Ignorada	H. W. Mackee
Sofia Aureliana de Souza	Brasileira	05/02/1871	G. W. Chamberlain
Maria Magdalena de Campos	Brasileira	05/02/1871	G. W. Chamberlain
Francisco Rodrigues Pacheco	Brasileira	28/09/1872	G. W. Chamberlain
João B. de Sant'Anna	Brasileira	16/03/1873	G. W. Chamberlain
João Fogaça de Almeida	Brasileira	16/03/1873	G. W. Chamberlain
José Antonio de S. Bertholdo	Portuguez	14/12/1873	G. W. Chamberlain
Joaquim Manuel da Silva	-	14/12/1873	G. W. Chamberlain
Brandina Maria Pacheco	Brasileira	14/12/1873	G. W. Chamberlain
José Carlos de Campos	Brasileira	03/05/1874	G. W. Chamberlain
João Baptista de Aguiar	Brasileira	03/05/1874	G. W. Chamberlain
Salvador Marques Camargo	Brasileira	03/05/1874	G. W. Chamberlain
Eleuterio José de Oliveira		03/05/1874	G. W. Chamberlain
Joaquim Estanislau de Arruda	Brasileira	09/05/1875	G. W. Chamberlain
Sebastiana Idalina Vieira	Brasileira	09/05/1875	G. W. Chamberlain
Remegidio M. Cerqueira Leite	Brasileira	09/05/1875	G. W. Chamberlain
José Antonio de Barros	Brasileira	13/05/1875	G. W. Chamberlain
Pedro Fogaça de Almeida	Brasileira	10/10/1875	J. B. Howell
Salustina Maria de Jesus	Brasileira	10/10/1875	J. B. Howell
Delphina Eulalia de Oliveira	Brasileira	10/10/1875	J. B. Howell
João Fiel de Arruda	Brasileira	10/10/1875	J. B. Howell
Roque Paes da Silva	Brasileira	10/10/1875	J. B. Howell
Guilhermina Eulalia Oliveira	Brasileira	10/10/1875	J. B. Howell
Constantina M. Espirito Santo	Brasileira	11/10/1875	J. B. Howell
Maria Rita do S. Camargo	Brasileira	11/10/1875	J. B. Howell
Gertrudes Maria de Arruda	Brasileira	12/12/1875	J. B. Howell
Francisca de Paula Ribeiro	Brasileira	12/12/1875	J. B. Howell
Joanna Rosa Oliveira Campos	Brasileira	12/12/1875	J. B. Howell
Maria da Conceição Teixeira	Brasileira	12/12/1875	J. B. Howell
Joaquim Benedito Guavino	Brasileira	13/02/1876	J. B. Howell
Maria Thomazia Annuniação	Brasileira	14/05/1876	J. B. Howell
Ana Augusta de Campos	Brasileira	14/05/1876	J. B. Howell
Balbina Amelia Paz Campos	Brasileira	30/07/1876	J. B. Howell
João Antonio de Camargo	Brasileira	30/07/1876	J. B. Howell

Em 7 anos de ação missionária americana em Sorocaba, os pastores conseguiram agregar na Igreja 40 pessoas. O livro de Rol de Membros não menciona as crianças que foram batizadas neste período. Elas são mencionadas no Livro de Atas da Igreja. O referido livro não menciona nada sobre a vida profissional destas pessoas, apenas registra o dia da profissão de fé, o nome da pessoa e o ministro que a recebeu. Tais fontes não nos ajudam a caracterizar a comunidade presbiteriana de Sorocaba. As únicas informações sobre a profissão que consegui levantar foram através do Livro de Registro da Câmara Municipal (1875) que menciona o nascimento dos filhos de nacionais e estrangeiros que não professavam a religião oficial. Levantei os seguintes nomes ligados ao presbiterianismo sorocabano e suas profissões: Francisco Rodrigues Pacheco (marceneiro), João Fogaça de Almeida (carpinteiro), José Antonio de Barros (carpinteiro), Julio Ribeiro (escritor), Eleutério José de Oliveira (pedreiro), Joaquim Avelino de Souza (artista), João Baptista de Sant'Anna (marceneiro), Roque Paes da Silva (lavrador), Joaquim Estanilau de Arruda (lombilheiro), Frederico Menzen (negociante), Sebastião Machado de Almeida (carpinteiro), José Carlos de Campos Júnior (Oleiro), Elentério José de Oliveira (coveiro), Augusto Brushen (empregado da Companhia Sorocabana), João Fiel de Arruda (lombilheiro), José Carlos de Campos Filho (Oleiro), João Martins da Cruz (lombilheiro), Sebastião Machado de Almeida (carpinteiro). O livro traz o registro dos nascimentos efetuados até 1892⁷⁷.

Como acentuei, Antonio Pedro, o primeiro pastor nacional que liderou a Igreja Presbiteriana em Sorocaba, a partir de sua cosmovisão religiosa puritana começou a confrontar as atitudes de alguns membros da Igreja que trabalhavam aos domingos, o que, na perspectiva presbiteriana, representava a quebra da guarda do dia do Senhor. Estes membros eram proprietários de estabelecimentos comerciais na cidade de Sorocaba. Esta atitude

⁷⁷ Como podemos observar, as profissões relacionados ao campo religioso protestante são variadas: temos negociante, lavradores, marceneiro, carpinteiro, artista, lombilheiro, coveiro e pedreiro. Todas as profissões ligadas a vida urbana, embora nem todas no mesmo patamar. Seria interessante em outro trabalho aprofundar a questão dos vários grupos sociais que pertenciam ao campo religioso protestante. Teria o presbiterianismo sorocabano prestado duplo serviço ao alcançar pessoas de diferentes classes sociais ou pertencentes a campos sociais distintos? Para ser mais próximo da questão levantada por Thompson: Como foi que o Metodismo conseguiu desempenhar com tamanho êxito o duplo papel da religião dos exploradores e dos explorados? Se isto aconteceu em Sorocaba é possível analisar a ação presbiteriana a partir das análises levantadas por Thompson no livro *a Formação da classe operária inglesa* (1987), principalmente nas problematizações levantadas no capítulo *O Poder Transformador da Cruz* (Volume II, 1988) em que mostra que o Metodismo Inglês conseguiu exercer com êxito o duplo papel da religião dos exploradores e dos explorados, ou na perspectiva de Bourdieu dos dominadores e dominados. Será que para o grupo acima mencionado, Igreja Presbiteriana em Sorocaba além de um edifício, sermões e práticas religiosas ofereceu aos diferentes grupos sociais um lugar de pertencimento e uma religião que tinha um duplo sentido, ou seja, a de legitimar os interesses dos dominantes e para os dominados um fator para manter a disciplina do trabalho? Estes dominados, do ponto de vista da experiência social, não tinham condições para se sentir “eleito”, mas talvez na perspectiva da doutrina da eleição ou predestinação, o presbiterianismo dava aos mais humildes a esperança de atingir esta condição.

também, de certa forma, servia como um meio de salvaguardar o direito dos trabalhadores de não trabalharem no domingo, ou era fruto de uma concepção puritana? Penso que a postura de Antonio Pedro estava mais ligada a sua concepção puritana, relacionada a sua formação teológica.

Mendonça faz a seguinte análise sobre o puritanismo:

É importante não esquecer que na base dessas organizações eclesiásticas estava a Teologia do Pacto: cada congregação é composta por “santos visíveis”, que têm um pacto individual com Deus e com ninguém mais. A congregação é que determina quem são os santos, estabelece a disciplina e exclui seus membros quando julga necessário (2005, p. 67).

Antonio Pedro fez uma opção teológica que repercutiu no campo político de não manter relações de poder com os agentes sociais que haviam servido de apoio aos missionários americanos. Sua esposa Palmira de Cerqueira Leite, influenciada pela ação educacional americana em São Paulo, daria uma projeção diferente ao presbiterianismo em Sorocaba no campo educacional, conforme veremos no próximo capítulo. Entendo que ela, e não seu esposo, foi responsável por manter as relações de poder com a elite sorocabana.

Podemos perceber que neste período a preocupação dos agentes presbiterianos era o fortalecimento da hegemonia no campo religioso e não necessariamente o fortalecimento da sua posição no espaço social sorocabano. Penso que este posicionamento religioso e também político estava relacionado à cosmovisão religiosa dos próprios líderes presbiterianos. Mas, também acentuo que esta posição política era fruto do próprio caráter do Rev. Antonio Pedro de Cerqueira Leite, que segundo a historiografia protestante demonstrava ser uma pessoa temperamentalmente acanhada (Ferreira, 1992, p. 136). Talvez isto dificultasse suas relações com os agentes sociais da cidade de Sorocaba. Neste sentido, cabia a sua esposa através do campo educacional dar projeção e posicionamento político do grupo presbiteriano no campo social sorocabano. Ela era reconhecida pela imprensa jornalística sorocabana e demonstrava mais articulada para lidar com as questões relacionadas ao campo social por possuir um capital econômico, social e cultural privilegiado, obtido durante sua formação intelectual na Inglaterra (Lemos, 2005, p. 79)

A única foto⁷⁸ que temos dos membros da Igreja é de 1877. Embora não contenha nenhuma identificação dos nomes, podemos contar os membros, que somam uma cifra expressiva: 98, entre adultos e crianças.

Nesse período do pastado de Antonio Pedro, no Livro de Rol de Membros da Igreja Presbiteriana de Sorocaba (1869-1922), temos as seguintes pessoas:

Nome	Nacionalidade	Data de profissão	Pastor
José Carlos de Campos Júnior	Brasileiro	17/09/1876	A. P. C. Leite
Lino Soares	Brasileiro	19/11/1876	A. P. C. Leite
Umbelina Innocencia de S'Anna	Brasileira	10/12/1876	A. P. C. Leite
Maria das Dores	Brasileira	07/01/1877	A. P. C. Leite
Antonio Carlos de Campos	Brasileiro	11/03/1877	A. P. C. Leite
Maria Gertrudes	Brasileira	11/03/1877	A. P. C. Leite
Sebastião Machado de Almeida	Brasileiro	11/03/1877	A. P. C. Leite
João Soares	Brasileiro	11/03/1877	A. P. C. Leite
David Ferreira	Brasileiro	11/03/1877	A. P. C. Leite
José de Oliveira Dias	Brasileiro	11/03/1877	A. P. C. Leite
Francisco de Oliveira Campos	Brasileiro	02/09/1877	A. P. C. Leite
Maria do Rosário Camargo	Brasileira	02/09/1873	A. P. C. Leite
João Antunes de Moura	Brasileiro	02/12/1877	A. P. C. Leite
João Martins da Cruz	Brasileiro	02/12/1877	A. P. C. Leite
Samuel Prestes	Brasileiro	06/12/1877	A. P. C. Leite
Gertrudes Laureana	Brasileira	06/01/1878	A. P. C. Leite
Anthero Mendes Antunes	Brasileiro	06/01/1878	A. P. C. Leite
João Joaquim de Oliviera	Brasileiro	24/02/1878	A. P. C. Leite
Rita Maria	Brasileira	24/02/1878	A. P. C. Leite
Eduardo Antunes Camargo	Brasileiro	10/03/1878	A. P. C. Leite
Anna Maria de Souza	Brasileira	10/03/1878	A. P. C. Leite
Antonia Candida de Souza	Brasileira	10/03/1878	A. P. C. Leite
Justiniano Marçal de Souza	Brasileiro	21/04/1878	A. P. C. Leite
José Carlos de Campos	Brasileiro	21/04/1878	A. P. C. Leite
Luiz Antonio Vieira	Brasileiro	05/05/1878	A. P. C. Leite
Joviniana de Souza	Brasileira	05/05/1878	A. P. C. Leite
Raphael Antunes de Moura	Brasileiro	21/07/1878	A. P. C. Leite
João Thomas de Almeida	Brasileiro	21/07/1878	A. P. C. Leite
Maria Virginia Antunes	Brasileira	21/07/1878	A. P. C. Leite
Anna Rosa da Conceição	Brasileira	21/07/1878	A. P. C. Leite
Eliza David Antunes	Brasileira	01/09/1878	A. P. C. Leite
Rita Maria de Moura	Brasileira	01/09/1878	A. P. C. Leite
Leopoldina Augusta Medeiros	Brasileira	01/09/1878	A. P. C. Leite
Egydio Antunes de Moura	Brasileiro	01/09/1878	A. P. C. Leite
Luiz de Oliveira Campos	Brasileiro	01/09/1879	A. P. C. Leite
Benedicto Soares de Camargo	Brasileiro	01/09/1878	A. P. C. Leite
José Felício Ribeiro	Brasileiro	01/09/1878	A. P. C. Leite

⁷⁸ Ver anexo 2, vol II, p. 9, (foto 8): Membros da Igreja Presbiteriana de Sorocaba 1877.

Anna Candida de Arruda	Brasileira	12/01/1879	A. P. C. Leite
Clemencia Teixeira de Queiroz	Brasileira	12/01/1879	A. P. C. Leite
Antonio Delfino de Arruda	Brasileiro	12/01/1879	A. P. C. Leite
Antonio Pinheiro de Carvalho	Brasileiro	24/08/1879	A. P. C. Leite
Josepha de Barros Leite	Brasileira	24/08/1879	A. P. C. Leite
Maria da Conceição Ribeiro	Brasileira	24/08/1879	A. P. C. Leite
Antonio Laureano Camargo	Brasileiro	01/08/1880	A. P. C. Leite
Maria da Conceição	Brasileira	01/09/1880	A. P. C. Leite
Isadoro Manuel Martins	Brasileiro	15/05/1880	A. P. C. Leite
José Mendes Corrêa	Brasileiro	18/05/1882	A. P. C. Leite
Olympia Maria Barbosa	Brasileira	18/05/1882	A. P. C. Leite
Anna Maria das Dores	Brasileira	23/07/1882	A. P. C. Leite
Maria Dolada de Moura	Brasileira	23/07/1882	A. P. C. Leite
Francisco Barnabé da Silva	Brasileiro	23/07/1882	A. P. C. Leite
Marcellino Gomes da Silva	Brasileiro	23/07/1882	A. P. C. Leite
Anna Maria Rosa	Brasileira	08/10/1882	A. P. C. Leite
Joaquim Mendes Rosa	Brasileiro	10/12/1882	A. P. C. Leite
Caetana Maria Paes	Brasileira	31/12/1882	A. P. C. Leite
Benedicta Maria de Camargo	Brasileira	20/05/1883	A. P. C. Leite
Maria Olympia Camargo	Brasileira	20/05/1883	A. P. C. Leite
Hygina Maria Vieira	Brasileira	20/05/1883	A. P. C. Leite

É interessante ressaltar que não temos a presença de estrangeiros⁷⁹ no campo religioso presbiteriano em Sorocaba. Mas, o mais importante para nossa linha de raciocínio é perceber que, apesar do rigor religioso de Antonio Pedro de Cerqueira Leite em relação aos episódios de disciplinamento, a Igreja cresceu. A desestruturação das relações de poder efetuadas por Antonio Pedro e, que foram construídas no período de inserção do presbiterianismo em Sorocaba pelos missionários norte-americanos, não afetou diretamente a projeção social da comunidade presbiteriana, possivelmente, porque no campo social, o presbiterianismo nesta ocasião, contava com as relações de poder mantidas pela Palmira Cerqueira Leite.

Até 1883, a Igreja ficou sob a responsabilidade de Antonio Pedro de Cerqueira Leite e de sua esposa Palmira, que além dos trabalhos de evangelização, cuidavam também da Escola Americana que organizaram na cidade. Como veremos no próximo capítulo, a Escola Americana estava sob a responsabilidade da educadora Palmira, pois seu marido cuidava das ações relacionadas ao desenvolvimento do campo missionário. “O vasto campo de Antonio

⁷⁹ Porém, segundo o Livro de Registro de casamentos da Igreja, Antonio Pedro de Cerqueira Leite realizou alguns casamentos de estrangeiros residentes em Sorocaba. Entre eles, estavam: Wilhenlm Schiniming, natural da Prússia, casou-se com Therese Alvine Lippel (22/05/1877). Carlos Ziegenbalg, natural da Saxônia, casou-se com a senhora Luise Kaiser, natural de Westphalia. José Wey Meyer casou-se com Guilhermina Sophia Wilke, natural de Kemme (Alemanha).

Pedro também incluía localidades como Tietê, Tatuí, Itapetininga, Guareí, Lençóis, Paranapanema, Rio Novo, Capão Bonito e Apiaí” (Matos, 2004, p. 329).

Antonio Pedro se mostra um pastor puritano, que não faz polêmica contra o catolicismo e nem ligação com outros setores da cidade. Então, por que se envolve com a educação escolar? Seria por que acreditava nessa linha de atuação da Igreja ou por que encontrava nela uma forma de sustentar sua família?

Outra ação de Antonio Pedro para o fortalecimento interno do campo religioso protestante pode ser observada na ação para a construção do 1º Templo Protestante na cidade de Sorocaba⁸⁰. Isto nos ajuda a entender que a sua opção política de estruturar internamente o campo presbiteriano passava pela construção de um espaço simbólico religioso, que era o templo. Este demarcava estrategicamente um lugar de poder dos presbiterianos. O Primeiro Livro de Ata da Igreja (1869-1887), mostra que os presbiterianos não tinham um templo. Os cultos eram realizados nas casas de alguns membros e lugares públicos. A construção de um templo deu legitimidade à posição do grupo no campo religioso. Como podemos ver na foto abaixo, o templo não tinha características de uma Igreja. Não possuía torre e nem cruz, ou qualquer outro símbolo protestante.

Antonio Pedro faz a seguinte publicação na imprensa sorocabana:

De 1º de outubro em diante, o culto evangélico celebrar-se-á em a nova capela, sita à rua Boa Vista. Haverá culto e pregação do evangelho três vezes por semana – aos domingos e quartas-feiras. Nos domingos, as 11 horas da manhã e as 7 da noite, e nas quartas as 7 da noite. Designarei a hora para a “escola dominical”. As segundas-feiras, sempre que for possível, teremos ensaio de música sacra as 7 da noite para o exercício dos nossos cantores. A nossa humilde capela não está ainda acabada, nem temos por enquanto os utensílios necessários, como bancada apropriada, etc; mas, ainda assim, convido o povo Sorocabano a vir assistir nossas reuniões e a honrar-nos com a sua presença. A entrada é franca para todos, sem distinção de crença. Depois de amanhã terá, pois, lugar a primeira reunião. Sorocaba, 29 de setembro de 1882. Antonio Pedro de Cerqueira Leite – Ministro da Igreja Evangélica (Diário de Sorocaba, 1882, p. 4).

Como podemos perceber, o lugar de culto foi apresentado como uma capela, talvez na tentativa de não chamar a atenção dos agentes pertencentes a outros grupos religiosos, talvez pela atitude não polemista de Antonio Pedro, ou ainda, para não afrontar a legislação regente. O lugar de culto dos presbiterianos era modesto e não tinha forma de templo religioso, mas o fato de estar localizado na região central sugere pensar que os presbiterianos demarcaram posição no espaço de poder da cidade de Sorocaba.

⁸⁰ Ver anexo 2, vol. II, p. 10, (foto 9): Primeiro templo da Igreja Presbiteriana de Sorocaba (1883-1886).

Antonio Pedro, além de construir com os membros da Igreja Presbiteriana de Sorocaba o 1º templo protestante local, toma outra iniciativa para fortalecer internamente o campo religioso protestante, a organização em 1876 do 1º Coral Evangélico do Brasil (Matos, 2004, p. 327).

Mendonça (2005) sugere uma classificação do protestantismo através da análise que elaborou sobre a hinologia protestante. Ele identifica primeiramente um “protestantismo pietista”, fundamentado na teologia da cruz, ou seja, com ênfase no sofrimento e morte de Cristo. Tais hinos tinham como objetivo conduzir à conversão e ao avivamento. O segundo estilo é intitulado de “protestantismo peregrino”, que fazia a distinção entre a realidade mundana e a espiritual. Dava a idéia de que o crente era como um peregrino na terra rumo à “Nova Jerusalém”. O terceiro tipo é o “protestantismo guerreiro”, que caracteriza a luta do cristão contra o paganismo e a sua missão de expandir o Evangelho na terra. O quarto tipo é o “protestantismo milenarista”, que tem origem no movimento norte-americano que surgiu em reação ao liberalismo teológico do século XIX. Este tipo de hinologia era um misto de nostalgia e esperança em relação ao reino de Deus que seria implantado.

Através desta análise é possível afirmar que o pensamento religioso de Antonio Pedro de Cerqueira Leite se fundamentava no “protestantismo pietista e peregrino”. Isto pode ser observado em dois hinos⁸¹ de sua composição, intitulados: Prece e Salmo 1. O primeiro pede que Deus demonstre sua misericórdia ao fiel. O segundo, faz uma distinção entre a vida do “ímpio” e a do cristão, talvez esta posição justifique sua opção de não se envolver no campo político sorocabano.

Velasques Filho (1990), referendando as análises de Mendonça, afirma que a análise da tipologia do protestantismo é construída a partir da teologia que cada ramo do protestantismo defende.

A influência da cultura norte-americana pietista e peregrino no presbiterianismo em Sorocaba, no pensamento de Antonio Pedro e dos primeiros membros da Igreja Presbiteriana, pode ser notada numa correspondência⁸² em que ele encaminha em 1882 a um membro desta comunidade em que ressalta os valores morais e religiosos de alguns membros: alma cristã, coração bondoso, gentil, honrado, leal, agradável, gracioso, entre outros.

⁸¹ Anexo 4 (hino 1 e 2), vol II, p. 50-51 Hinos de Composição de Antonio Pedro de Cerqueira Leite.

⁸² Anexo 5 (Carta), vol II, p. 52-53: Carta de Antonio Pedro de Cerqueira Leite.

2.4. ZACHARIAS DE MIRANDA: A REESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO CAMPO RELIGIOSO PROTESTANTE E A LUTA CONTRA O CAMPO RELIGIOSO CATÓLICO

Com o falecimento de Antonio Pedro de Cerqueira Leite, em 1º de setembro de 1883, o pastor José Zacharias de Miranda e Silva foi designado pelo Presbitério do Rio de Janeiro a pastorear a Igreja Presbiteriana de Sorocaba (Livro de Atas da Igreja Presbiteriana, 1869, p. 105).

No período de pastorado de Zacharias de Miranda⁸³, o rol de membros da Igreja teve a inserção de mais 105 pessoas adultas, totalizando 203 membros, conforme podemos observar na tabela abaixo:

Nome	Nacionalidade	Data de profissão	Pastor
Manoel Carlos de Campos	Brasileiro	06/01/1884	J. Z. de Miranda
Maria Francisco Pacheco	Brasileira	06/01/1884	J. Z. de Miranda
Eulalia de Oliveira Campos	Brasileira	06/01/1884	J. Z. de Miranda
Claudiana de Oliveira Campos	Brasileira	06/01/1884	J. Z. de Miranda
Francisca de Oliveira Campos	Brasileira	06/01/1884	J. Z. de Miranda
Margarida Maria Menzen	Brasileira	03/08/1884	J. Z. de Miranda
Leopodina Brasília Osse	Brasileira	03/08/1884	J. Z. de Miranda
João Antonio de Camargo	Brasileiro	14/09/1884	J. Z. de Miranda
Ida Amélia de Camargo	Brasileira	14/09/1884	J. Z. de Miranda
Francisca Lina de Camargo	Brasileira	14/08/1884	J. Z. de Miranda
Francisca Proença A. Souza	Brasileira	22/02/1885	J. Z. de Miranda
Eloy Ribeiro de Almeida	Brasileira	22/02/1885	J. Z. de Miranda
Agostinho de Azevedo Coutinho	Brasileiro	02/08/1885	J. Z. de Miranda
José Maria de Oliveira	Brasileiro	02/08/1885	J. Z. de Miranda
Idalina Flora de Oliveira	Brasileiro	02/08/1885	J. Z. de Miranda
Antonia Soares da Rosa	Brasileira	30/08/1885	J. Z. de Miranda
Henriqueta Isaura Miranda	Brasileira	03/11/1886	J. Z. de Miranda
Joaquim Antonio de Moraes	Brasileiro	12/12/1886	J. Z. de Miranda
Antonia Maria Leme	Brasileira	01/05/1887	J. Z. de Miranda
Antonio Duarte de Oliveira	Brasileiro	17/07/1887	J. Z. de Miranda
Maria Duarte de Oliveira	Brasileira	17/07/1887	J. Z. de Miranda
Christiano Luiz Vieira	Brasileiro	21/08/1887	J. Z. de Miranda
José Gabriel de Carvalho	Brasileiro	02/10/1887	J. Z. de Miranda
Salvador Antunes Ribeiro	Brasileiro	04/12/1887	J. Z. de Miranda
Benedicta Delphina Ferreira	Brasileira	08/01/1888	J. Z. de Miranda
Americo Jacintho Fernandes	Brasileiro	04/03/1888	J. Z. de Miranda
Rita Maria Leme	Brasileira	04/03/1888	J. Z. de Miranda
Jacob Antonio Leme	Brasileiro	19/08/1888	J. Z. de Miranda
Gertrudes Maria Leme	Brasileira	19/08/1888	J. Z. de Miranda

⁸³ Ver anexo 2, vol II, p. 11, (foto 10): Zacharias de Miranda e família.

Claudiana A. Abrão Souza	Brasileira	02/12/1888	J. Z. de Miranda
Anna Brasilia da Silva	Brasileira	13/01/1889	J. Z. de Miranda
Maria Joaquina Leme	Brasileira	13/01/1889	J. Z. de Miranda
Antonia Mendes Corrêa	Brasileira	02/06/1889	J. Z. de Miranda
Manuel Joaquim Leme	Brasileiro	07/07/1889	J. Z. de Miranda
José Antonio Sewaybricker	Brasileiro	11/08/1889	J. Z. de Miranda
Maria Isaura de Miranda	Brasileiro	29/09/1889	J. Z. de Miranda
Angelo Joaquim de Oliveira	Brasileiro	07/06/1890	J. Z. de Miranda
Anna Prestes	Brasileira	26/10/1890	J. Z. de Miranda
Balbina Laurenão	Brasileira	26/10/1890	J. Z. de Miranda
Maria Damaris de Campos	Brasileiro	26/10/1890	J. Z. de Miranda
Alberto Dias de Assumpção	Brasileiro	21/12/1890	J. Z. de Miranda
Luiza Cecília de Assumpção	Brasileira	21/12/1890	J. Z. de Miranda
Izabel Emydia Dias Aguiar	Brasileira	21/12/1890	J. Z. de Miranda
Amelia Hortencia de Camargo	Brasileiro	03/01/1892	J. Z. de Miranda
Joanna Annuniação	Brasileira	01/05/1892	J. Z. de Miranda
Tiburcia Eufrasia de Campos	Brasileiro	01/05/1892	J. Z. de Miranda
Anna Camilla Pacheco	Brasileiro	01/05/1892	J. Z. de Miranda
Hipolita Monteiro	Brasileira	05/06/1892	J. Z. de Miranda
Odorico Martins de Oliveira	Brasileira	05/06/1892	J. Z. de Miranda
Demitilda de Arruda Vieira	Brasileira	05/06/1892	J. Z. de Miranda
Maria Teixeira da Silva	Brasileiro	05/11/1892	J. Z. de Miranda
Maria Emilia Ribeiro	Brasileiro	01/01/1893	J. Z. de Miranda
Laurinda Candida Pedroso	Brasileira	01/07/1893	J. Z. de Miranda
Joaquim Marciano da Silva	Brasileiro	11/06/1894	J. Z. de Miranda
Loyde de Oliveira Campos	Brasileira	07/10/1894	J. Z. de Miranda
Francellina Eulalia Oliveira	Brasileira	07/10/1894	J. Z. de Miranda
Casemira Silva Camargo	Brasileira	07/10/1894	J. Z. de Miranda
Maria Claudina dos Passos	Brasileira	07/10/1894	J. Z. de Miranda
Anna Prestes	Brasileira	07/10/1894	J. Z. de Miranda
Bonifacio Soares de Camargo	Brasileiro	07/10/1894	J. Z. de Miranda
Gabriellina Corrêa de Mello	Brasileira	23/12/1894	J. Z. de Miranda
Maria Gomes da Silva	Brasileira	23/12/1894	J. Z. de Miranda
Anna Joaquina Pereira	Brasileira	08/09/1895	J. Z. de Miranda
Francisco Soares de Carvalho	Brasileiro	02/08/1896	J. Z. de Miranda
Olympio Soares de Carvalho	Brasileiro	02/08/1896	J. Z. de Miranda
Lourenço do Prado Ferreira	Brasileiro	02/08/1896	J. Z. de Miranda
Fabílla Prado Ferreira	Brasileira	02/08/1896	J. Z. de Miranda
Joanna Helena Laureano	Brasileira	02/08/1896	J. Z. de Miranda
Maria Laureana	Brasileira	02/08/1896	J. Z. de Miranda
Guilhermina Maria Prestes	Brasileira	02/08/1896	J. Z. de Miranda
Daniel Prestes	Brasileiro	05/10/1896	J. Z. de Miranda
Francisco Laureano	Brasileiro	05/10/1896	J. Z. de Miranda
Moysés de Aguiar	Brasileiro	05/10/1896	J. Z. de Miranda
Isabel de Aguiar	Brasileira	05/10/1896	J. Z. de Miranda
Eunice de Aguiar	Brasileira	05/10/1896	J. Z. de Miranda
Raymundo Prestes	Brasileiro	06/12/1896	J. Z. de Miranda
Isaac Rodrigues Pacheco	Brasileiro	06/12/1896	J. Z. de Miranda

Maria Menzen Pacheco	Brasileira	06/12/1896	J. Z. de Miranda
Anna Brasilia Osse	Brasileira	06/12/1896	J. Z. de Miranda
Etelvina Maria Prestes	Brasileira	06/12/1896	J. Z. de Miranda
João Mauricio Paes	Brasileiro	03/01/1897	J. Z. de Miranda
Maria Joaquina Silva	Brasileira	03/01/1897	J. Z. de Miranda
Antonio Pereira	Brasileiro	06/06/1897	J. Z. de Miranda
João Celestino Mendes	Brasileiro	18/07/1897	J. Z. de Miranda
Antonio Joaquim de Moraes	Brasileiro	03/10/1897	J. Z. de Miranda
Ezequiel Furquim Arruda	Brasileiro	03/10/1897	J. Z. de Miranda
Salatiel Carlos Campos	Brasileiro	03/10/1897	J. Z. de Miranda
Seraphina Laureano Soares	Brasileira	09/01/1898	J. Z. de Miranda
Paula Maria	Brasileira	09/01/1898	J. Z. de Miranda
Joaquim Innocencio da Silva	Brasileiro	09/10/1898	J. Z. de Miranda
Ismael Estanilao Arruda	Brasileiro	11/06/1899	J. Z. de Miranda
Carlos Menzen	Brasileiro	11/06/1899	J. Z. de Miranda
Firmino Martin de Oliveira	Brasileiro	11/06/1899	J. Z. de Miranda
Sarah Felix de Arruda	Brasileira	11/06/1899	J. Z. de Miranda
Maria Fogaça	Brasileira	11/06/1899	J. Z. de Miranda
Firmina Fogaça	Brasileira	11/06/1899	J. Z. de Miranda
Anna Fogaça	Brasileira	11/06/1899	J. Z. de Miranda
Sofia Fogaça	Brasileira	11/06/1899	J. Z. de Miranda
Damaris Maria de Arruda	Brasileira	11/06/1899	J. Z. de Miranda
Rachel Aguiar de Campos	Brasileira	11/06/1899	J. Z. de Miranda
Joaquim Anthero de Barros	Brasileiro	11/06/1899	J. Z. de Miranda
Quintiliano de Queiros	Brasileiro	11/06/1899	J. Z. de Miranda
Josias Carlos de Campos	Brasileiro	11/06/1899	J. Z. de Miranda
Gamaliel Prestes	Brasileiro	19/06/1899	J. Z. de Miranda
Claudiana Loureana	Brasileira	19/06/1899	J. Z. de Miranda

Observa-se que no período do pastorado de Zacharias de Miranda (1883-99) famílias inteiras foram inseridas no campo religioso presbiteriano. É interessante observar que houve ano em que a Igreja não teve a inserção de nenhuma pessoa; em contrapartida, no ano de 1899, o da sua saída da cidade de Sorocaba, a Igreja passou por um período de crescimento, talvez por causa da presença mais efetiva do ministro no campo sorocabano.

A postura política e eclesiástica de Zacharias de Miranda foi diferente daquela adotada pelo pastor Antonio Pedro. Embora tenha dado continuidade ao projeto educacional e tenha mantido o coral⁸⁴ organizado pelo casal Cerqueira Leite, ele usa com mais frequência do que Antonio Pedro a imprensa sorocabana e estabelece de forma mais hábil as suas relações de poder na cidade de Sorocaba.

⁸⁴ Segundo a historiografia presbiteriana Zacharias de Miranda era músico (Ferreira, 1952).

Sua principal estratégia no campo religioso sorocabano foi a reaproximação com os liberais maçons que integravam o movimento republicano sorocabano. Em 1886, a reunião do Clube Republicano foi na casa da viúva de José Antonio de Souza Bertholdo (Aleixo, 1999, p. 322). Esta reaproximação era fruto das suas convicções políticas e religiosas, que o diferenciava do seu antecessor, Antonio Pedro de Cerqueira Leite. A casa de Bertholdo não somente foi um lugar politicamente estratégico para os missionários americanos e para os presbiterianos, mas também para o movimento político republicano. Seu filho Justiniano Marçal ainda pertencia ao campo maçônico sorocabano, continuando a adesão paterna, o que talvez justifique a opção do Clube Republicano em se reunir na casa de Bertholdo.

É no período da liderança de Zacharias de Miranda que vemos o presbiterianismo envolver-se e ganhar tons políticos. Neste sentido, parece que Zacharias participa mais da vida social da cidade e das demandas políticas da sua época, o que não ocorre no período de liderança do Rev. Antonio Pedro, que também participa da vida de Sorocaba, só que em outros campos sociais, optando por desenvolver sua ação nos campos religioso protestante e educacional da cidade. Com Zacharias de Miranda, o presbiterianismo em Sorocaba teve uma atuação mais política. Talvez isto se explique pelo fato de Zacharias pertencer publicamente ao campo maçônico e político sorocabano, características das quais não podemos fazer nenhuma atribuição a Antonio Pedro. Isto sugere pensar que as ideologias destes campos influenciaram seu pensamento e suas práticas sociais.

Zacharias em 1884 participou da reunião do Clube Republicano na casa do José Antonio de Souza Bertholdo. Esta postura política de Zacharias leva-me a entender que ele procurou reconstruir as relações eclesiais com a família de Bertholdo, embora as atas da Igreja não relatem o regresso da família para o campo religioso presbiteriano. Do ponto de vista político, esta reaproximação era importante para a aceitação de Zacharias no campo político, religioso e educacional em Sorocaba. A família embora disciplinada da Igreja tinha relações de poder com a Loja Maçônica Perseverança III. Boa parte dos agentes sociais com os Zacharias de Miranda estabeleceu relacionamento pertencendo ao campo maçônico sorocabano.

É o caso, por exemplo, de Manoel Januário de Vasconcellos, proprietário dos jornais *Diário de Sorocaba* e do *15 de Novembro*, e João José da Silva, do *O Diário de Sorocaba*, ambos maçons e amigo de Zacharias de Miranda. João José da Silva era sogro de Justiniano Marçal de Souza (Livro de Casamentos da Igreja Presbiteriana, 1873), que havia sido

disciplinado da membresia da Igreja no pastado de Antonio Pedro de Cerqueira. Ao se aproximar do proprietário do referido jornal, Zacharias de Miranda reestruturava as relações de poder com o grupo social sorocabano e garantia o apoio necessário para as suas disputas no campo religioso sorocabano. Esta reaproximação política e estratégica permitiu que ele expressasse seus posicionamentos na imprensa sorocabana e ganhasse projeção social no campo político e religioso.

Em 1886, Zacharias de Miranda começa a escrever no *O Diário de Sorocaba* uma série de artigos intitulada: “A Tradição”, em resposta a uma questão levantada por um articulista do jornal *A Imprensa*, da cidade de Tietê. Embora os ataques partissem de outro espaço social de poder (cidade de Tietê), é no campo religioso sorocabano que Zacharias refuta as argumentações feitas pelo articulista. As primeiras inserções do presbiterianismo em Tietê foram feitas por Antonio Pedro de Cerqueira Leite. Porém, foi Zacharias quem consolidou o trabalho na cidade⁸⁵, daí o seu protagonismo no episódio.

Nas páginas do *Diário de Sorocaba*, ele começa seu primeiro artigo com as seguintes palavras:

Acaba de me vir às mãos o n. 17 do excelente jornal “A Imprensa”, que se publica em Tietê, e nele deparei com a continuação de um artigo sob a epígrafe A Tradição, assinado pelo sr. C., conhecendo eu já o primeiro escrito por esse senhor. Era meu propósito, logo que li o primeiro destes artigos, refutar as arguições que o sr. C. levantava contra o protestantismo, em igual pé de autoridade como as Escrituras Sagradas. Uma coisa, porém, me obstava. Sempre tive uma certa repugnância de travar discussões com anônimos, porque o pseudônimo nem sempre é o véu com que se ocultam modestamente os caracteres que, pugnando pelos princípios, não ambicionam glórias. Esse motivo cessou, porém, desde logo, porquanto, pessoa que me merece todo o conceito, garantiu-me que o indivíduo que ocultava-se sob aquela inicial era um cavalheiro distinto por suas qualidades e ilustração e altamente colocado na estima e consideração do povo tietense. Vencida esta relutância momentânea, só me faltava conhecer os argumentos e as razões em que se estribava o sr. C ao atacar o protestantismo. No primeiro artigo que eu li, não havia matéria suficiente para dar uma idéia bem clara das bases em que apoiava-se o ilustre oponente do protestantismo, visto como ele ali apenas tocou de leve na matéria. Hoje, porém, que tenho em mão o segundo artigo que, se me não engano, é também o último, julgo-me mais ou menos informado das opiniões do sr. C. sobre as Tradições em relação ao protestantismo, e no caso portanto de começar a minha tarefa. Ao encetar uma refutação aos argumentos do sr. C., inspirado unicamente na legitimidade dos princípios que advogo, não deixo de reconhecer a desvantagem com que eu entrar na luta, inclinando-me por mais de um motivo o pendor da vitória para o lado do meu distinto antagonista. Anima-me, porém, a certeza de ter a verdade do meu lado. Cavalheiro distinto por suas qualidades e ilustração, gozando por mais de um título da simpatia do povo que reside, tem por certo o sr. C. a opinião pública de seu lado. Ancião que gastou os dias da sua juventude na aquisição do saber; veterano

⁸⁵ Segundo Ferreira (1952), as primeiras prédicas de Zacharias foram feitas em Tietê na Câmara Municipal, espaço cedido pelo presidente da Câmara. As primeiras famílias que aderiam ao campo religioso presbiteriano em Tietê foram: família Almeida (São Paulo), Franklin de Cerqueira Leite (Brotas), um oficial de registro de Hipotecas, e Alberto Dias de Assunção, fazendeiro em Laranjal

talvez de muitas campanhas e amadurecido nas lides da controvérsia teológicas, é por certo, o sr. C., um paladino que está na altura de manejar com toda a perícia as temíveis armas da lógica. Além disso, o sr. C, escreve contra o protestantismo que soube estar entre nós em minoria, no ponto de vista numérico, e não ser apadrinhado pelo Estado, tem ainda de lutar contra preconceitos mal entendidos, tendo muita vez que arcar com acusações improcedentes torpemente assacadas contra ele por espíritos mal intencionados (*Diário de Sorocaba*, 11/02/1886).

Indicando o que viria ser sua linha de ação mais característica - a polêmica - Zacharias, antes de entrar no assunto levantado pelo sr. C, coloca-se retoricamente em desvantagem em relação ao seu antagonista, dizendo que este, além de possuir habilidades intelectuais, tinha a seu favor o fato do protestantismo ser uma minoria no campo religioso brasileiro, mas que ele, vendo nos ataques efetuados ao protestantismo uma declaração de luta, apesar de estar do lado da minoria, ele não fugiria à luta e enfrentaria seu antagonista, pois tinha ao seu lado a “verdade”.

Os artigos da série “A Tradição” foram publicados sequencialmente no jornal *Diário de Sorocaba*, em 11, 12, 13, 14, 17, 21, 22 e 24 de fevereiro de 1886, totalizando 9 artigos sobre o assunto. Ele faz as seguintes refutações: as tradições da Igreja Romana não estão acima das Sagradas Escrituras, a Bíblia deveria ser lida por todas as pessoas independentemente da classe social e não somente pelo clero, as tradições mantidas pela Igreja Católica não são a verdadeira doutrina cristã, a Igreja Católica através das suas tradições dominava e explorava o povo, a Bíblia é a arma utilizada pelos protestantes para combater os seus antagonistas, as tradições do catolicismo não tinha nenhuma autoridade bíblica, os protestantes não reconheciam a autoridade das tradições católicas pois eram espúrias, o clero distorceu a Palavra de Deus de acordo com as suas necessidades, a adoração de santos e santas é uma tradição da Igreja Católica e não uma doutrina bíblica, o purgatório não tem fundamento bíblico, criticava as missas feitas para os mortos e o preço cobrado por tal celebração, enfim, afirmava que as Escrituras condenavam as tradições.

No último artigo publicado no jornal *Diário de Sorocaba*, faz a seguinte afirmação:

Peço agora permissão ao sr. C., para recapitular, em poucos traços, os argumentos que apresentei contra a aceitabilidade das Tradições da Igreja Católica.

1º - Demonstrei com muitíssimos textos e argumentos, que Jesus e seus apóstolos puseram as Escrituras nas mãos dos fiéis e recomendaram-lhes a leitura delas.

2º - Demonstrei que Jesus e os apóstolos quando tinham de decidir qualquer questão, apelavam uniformemente para as Escrituras como Regra de Fé única, infalível e completa, mas nunca fizeram qualquer alusão a outra regra existente ou por existir.

3º - Provei que o sistema de conservar e propagar doutrinas por Tradição foi inteiramente desconhecido da Igreja Primitiva

4º - Provei que muitos dos Padres Ortodoxos, tais como Irineu, Tertuliano, Gregório de Niza, Cirilo de Jerusalém, Teófilo de Alexandria, Euzébio, Bispo de Cesaréia, em nome de 318 bispos reunidos em Concílio, e muitos outros, ao passo que

preconizavam as Escrituras como uma Regra perfeita de Fé, profilizaram o sistema de estabelecer dogmas sob qualquer outra autoridade, mormente não escrita.

5º - Demonstrei que a autoridade das Tradições é de época recente, pois foi só estabelecida em 1546 no Concílio de Trento, de onde se conclui que essas tradições não são apostólicas, mas sim uma inovação.

6º - Demonstrei a insensatez de uma tal idéia, de querer conservar através dos séculos e das gerações um corpo de doutrinas não escritas, inalteradas em sua pureza primitiva. Fiz sentir como os padres não deixaram de tirar partido dessa vantagem, tornando essas doutrinas subservientes a seus interesses particulares; pois eles não trepidam em falsificar as Escrituras, como eu demonstrei como provas, não deixaram também de forjar diariamente pretextos para tornar as Tradições apropriadas a todos os seus interesses,

7º. – Demonstrei a desarmonia que há entre as Escrituras e as Tradições, de sorte que ambos os sistemas não podem ter sido procedentes do Espírito de Deus. Zacharias de Miranda – ministro do Santo Evangelho (Diário de Sorocaba, 24/02/1886).

Zacharias no último artigo recapitulou os principais pontos dos seus artigos que combatiam a posição tomada pelo sr. C em defender as tradições da Igreja católica e de combater o protestantismo. O fato de recapitular os principais pontos da sua disputa ideológica e religiosa nos sugere pensar que desejava reafirmar seus principais pontos de vista acerca do catolicismo e de suas tradições, mas ao mesmo tempo fortalecia o campo religioso presbiteriano ao enfatizar publicamente, a sua aversão ao sistema romano. Os artigos escritos dentro do campo religioso sorocabano em resposta aos ataques de um agente social pertencente ao campo religioso católico de Tietê, não tiveram naquele momento reação do campo religioso católico de Sorocaba. Pelo menos o jornal *Diário de Sorocaba* não menciona nada a esse respeito. Mas a polêmica o legitimava internamente, para a realização de outra atividade de que se ocupou, no campo religioso protestante, nesse mesmo ano de 1886: Zacharias cuidava da organização do Estatuto da Igreja (Livro de Atas, 1869, p.150). Esta atitude interna representava a sua preocupação em solidificar, organizar e estruturar o presbiterianismo sorocabano.

Em 1887, Zacharias utilizando-se da imprensa jornalística sorocabana volta a atacar o catolicismo romano ao escrever alguns artigos no jornal *O Diário de Sorocaba*, com o título “*Fiat Lux*”⁸⁶. Ele começa sua série de artigos com o seguinte texto:

Tendo-se propalado por ocasião da festividade do S.S. Coração de Jesus, nesta cidade, que o Revdo. Padre Camillo Passalacqua, em discurso proferido na Matriz, desafiara-me para uma discussão, eu que nunca temi discussões no terreno dos princípios religiosos que adoto; mas muito pelo contrário desejo-as, escrevi para ser publicado no Diário de Sorocaba, uma nota ao revdo. Passalacqua que estava a suas ordens para o dia, lugar, hora e assunto que ele dignasse designar-me. Entretanto minha declaração ao sr. Manuel Januário de Vasconcellos, redator-proprietário do Diário para inseri-la

⁸⁶ Anexo 3 (artigos de jornais): vol II, artigo 2, p. 20. Fiat Lux – disputa entre Zacharias de Miranda e o padre Camilo Passalacqua.

no seu jornal, disse ao mesmo sr. Vasconcellos que deseja ir pessoalmente entender-me com o Revdo. Passalacqua para convencionarmos sobre as bases da discussão e darmos a ele uma direção proveitosa; pelo que, como não tinha o prazer de conhecer o Revdo. Passalacqua, pedia ao sr. Vasconcellos o obséquio de acompanhar-me e apresentar-me ao Revdo. O sr. Vasconcellos, porém, ouvindo-me e lendo a minha declaração, respondeu-me francamente que achava inoportuno tais medidas, visto como ele podia assegurar-me que a notícia que me foi dada acerca da provocação era inteiramente sem fundamento. Não houve, disse-me, tal provocação nem qualquer cousa que se pudesse traduzir em desafio. Em vista, pois, desta declaração formal, e como o cidadão Januário de Vasconcellos me merece todo o conceito, desisti de fazer qualquer declaração. Como, porém, fui ultimamente avisado que continuam por ali a dizer eu fui desafiado e fugi a discussão, eu apelo para o testemunho do sr. Manuel Januário de Vasconcellos, pedindo que ele sirva-se de declarar si eu estava ou não pronto a aceitar o desafio, si tal desafio tivesse tido lugar. Confiando, pois, no cavalheirismo e nunca desmentida lealdade do mui digno redator-proprietário do Diário de Sorocaba, ousou pedir-lhe que queira declarar ao pé desse, si é ou não verdade o que acima fica dito (*Diário de Sorocaba*, 12/07/1887, p. 3).

Afirmava, retoricamente, que não tinha certezas das provocações efetuadas pelo Padre Camilo Passalacqua. Mas, Zacharias parecia estar pronto para o debate relacionado aos princípios religiosos que defendia. Ele dizia que as provocações foram feitas pelo padre em um discurso proferido na Matriz e para autenticar a exatidão das provocações feitas buscou o testemunho do maçom e proprietário do jornal *Diário de Sorocaba*, Manuel Januário de Vasconcellos, que por sua vez, afirmava que não existiram tais provocações. No texto publicado no jornal, Zacharias reconhece a lealdade do referido proprietário e que seu testemunho serviria para esclarecer os boatos em torno da sua pessoa e princípios religiosos. Logo abaixo da publicação feita por Zacharias, Vasconcellos faz a seguinte declaração: “Em virtude do pedido supra, cumpre-me declarar que é pura verdade o que relata o sr. José Zacharias de Miranda” (*Diário de Sorocaba*, 12/07/1887, p. 3).

Padre Camilo Passalacqua, adversário de Zacharias de Miranda, era um renomado professor da 4ª cadeira da Escola Normal de São Paulo. Em 1887 publicou uma obra intitulada “Pedagogia e Metodologia”, que entre outras coisas, defendia que a disciplina escolar não podia mais ser pautada em castigos físicos, mas por uma disciplina de caráter interno marcada por ensinamentos de ordem moral (Hilsdorf Dias, 2002).

O oponente de Zacharias de Miranda não dominava apenas o capital cultural e intelectual do campo religioso, mas também do campo educacional. Era uma pessoa bem articulada e que teve uma contribuição no campo educacional brasileiro ao escrever um “Manual de Pedagogia e Metodologia”, usado na Escola Normal de São Paulo. Representava, portanto, um adversário de projeção no campo educacional brasileiro e religioso católico.

A reação do padre foi publicada⁸⁷ no mesmo jornal com as seguintes afirmações:

Eu disse, e meus ouvintes são testemunhas, que dividia os católicos em duas classes: ilustrados e ignorantes.

A estes era de meu caridoso dever doutrinar, aos outros, porém, dissipar-lhes as dúvidas por meio de argumentos teológicos, históricos e científicos. Desejoso de que minhas instruções aproveitassem, como graças ao S.S. Coração de Jesus aproveitaram, a todos indistintamente, não podia ser outra minha linguagem, que, mercê de Deus, é filha da mais sincera e refletida convicção, em face do mais importante e capital problema social e religioso, qual era o que eu estava explicando ao meu auditório.

Lembro-me, como se tivera sido ontem, que eu disse, e o digo mil vezes, se preciso for, que a convicção e muito menos a persuasão acerca das verdades religiosas não se impõem; que a prevenção e a pertinácia calculada são obstáculos insuperáveis para a aquisição de qualquer doutrina mesmo científica. Uma conversão, seja qual for, é sempre produto racional da humana liberdade e o desprendimento total do estado primitivo, que se deixou. Além disso, prevenir-se contra quaisquer conclusões e proclamar de antemão a impossibilidade delas é inutilizar toda a argumentação, seja ela do espírito mais robusto. Ora, se o Sr. Zacharias de Miranda, está tão aferrado á sua nova religião, que não cogita da existência da verdade do catolicismo, e por conseguinte nem admite a possibilidade de erro no protestantismo; claro está ainda uma vez que, se Jesus Cristo viesse em pessoa pregar-lhe uma doutrina que não a professada por SS. o Sr. José Zacharias de Miranda recusaria formalmente ao próprio Deus a adesão de sua inteligência, com a persuasão de sua vontade. E estaria no seu direito Sr. Zacharias, ainda quando de fato lhe custasse a perdição de sua alma e das almas a quem houvesse arrastado na corrente de suas doutrinas. Já vê, pois, S.S. que eu não podia desafiá-lo. Tendo desde longos anos por hábito respeitar a quem quer que seja em suas convicções, ainda as mais opostas ás minhas, não podia mais uma vez desafiar. Padre Camillo Passalacqua. São Paulo, 14 de Julho de 1887 (*Diário de Sorocaba*, 17/07/1887).

Pelo texto publicado no jornal, o padre Camilo Passalacqua não confirma as acusações feitas por Zacharias de Miranda para discutir assuntos relacionados ao campo religioso. Mas, também não se exime de enfrentá-lo num possível debate. Chega em determinado momento a dizer que Zacharias teve a “felicidade de ter nascido católico, mas não teve a ventura de viver no catolicismo”. Após afirmar que respeitava o ministro presbiteriano como cidadão, esperava que um dia ele se tornasse um fervoroso católico. Após tecer seu comentário sobre o texto publicado, afirma que não tinha tempo para discutir as questões levantadas. Conforme, o próprio texto, Passalacqua não residia em Sorocaba. Ele morava em São Paulo. A polêmica levantada nas páginas do jornal *Diário de Sorocaba* estava relacionada a uma visita feita na cidade de Sorocaba, ocasião em que discursou na Matriz, em que afirmou que existiam duas classes de católicos: ilustrados e ignorantes. Nesta ocasião, parece que ele teve um encontro com Manuel Januário de Vasconcellos. Este parecia estar no meio desta polêmica ou mal

⁸⁷ Ver anexo 3 (artigos de jornais): vol II, artigo 3, p. 23: Resposta do Padre Camilo Passalacqua a Zacharias de Miranda publicado no Jornal Diário de Sorocaba 17/07/1887.

entendido, tanto que Zacharias lhe pede uma posição que foi acima mencionada. Em contraposição, Zacharias provoca a continuação da polêmica:

CARTA AO SR. CAMILLO PASSALACQUA

Rev. Sr. Prevalendo-me do amistoso convite que V.S. teve a amabilidade de fazer-me em seu artigo publicado nesta folha a 17 de Julho p.p., tomo a liberdade de comunicar a V.S. que no dia 25 do corrente irei a S.Paulo e ali me acharei durante todo o dia 25 á disposição de V.S., no edifício do internato do Colégio Americano, sito á rua de D. Maria Antonia – Consolação. Esperando, pois, que V.S. digne-se cumprir a promessa que tão graciosamente me fez, desde já me confesso grato por tão manifesta prova de consideração. Sorocaba, 22 de Agosto de 1887 - J. Zacharias de Miranda (Diário de Sorocaba, 24/08/1887, p. 3).

Zacharias propõe o local do possível encontro, o “Colégio Americano” em São Paulo. Lugar estratégico, pois associado às atividades presbiterianas na capital paulista. Portanto, representava um lugar de poder do ponto de vista do campo religioso e educacional. Passalacqua compareceu ao encontro, conforme publicação feita no jornal (*Diário de Sorocaba*, 25/08/1887), também demarcando com isto sua posição no campo religioso e educacional.

Na edição posterior Zacharias escreve o seguinte texto:

O SR. CAMILLO PASSALACQUA

O público de Sorocaba está informado por um telegrama publicado nesta folha, no dia 25 do corrente, que o Sr. Camillo Passalacqua visitou-me em São Paulo; sabe mais o público que eu não quis anuir á proposta do Sr. Passalacqua, para discutirmos em particular. Como, porém, o telegrama do Sr. Passalacqua não informou o público sorocabano acerca da verdade inteira, porque isso ficaria muito... caro, eu me proponho trazer a campo algumas particularidades mais salientes do nosso encontro, particularidades essas, a cujo respeito o telegrama é inteiramente omisso.

Em primeiro lugar, cumpre-me cientificar ao público que a notícia dada pelo telegrafo não é rigorosamente verdadeira. O Sr. Passalacqua principiou, senão por faltar, ao menos por alterar a verdade. (Desculpem-me este cavaco).

O que ouve foi o seguinte: depois de termos debatido durante hora e meia, tentando o Sr. Passalacqua provar a infalibilidade do papa, (o que, seja dito aqui á puridade, é o maior atentado que se possa cometer contra a historia, e um insulto ao bom senso) disse eu ao meu ilustre contendor que não me satisfazia com uma discussão em particular, nem mesmo tive em vista aceitá-la; queria sim, desejava mesmo, uma discussão perante o público e em Sorocaba, porque eu estava certíssimo do resultado.

A resposta que o ilustre corifeu do romanismo deu ao meu convite é que eu desejava fosse publicada por telegrama ou de qualquer outro modo, pois o Sr. Camillo Passalacqua teve o bom senso de recusar terminantemente o meu convite. Não estranhe o público a minha linguagem, nem o ter eu sublinhado esta sentença. Em vão fiz eu sentir ao Sr. Passalacqua a conveniência de uma discussão perante o público: o Sr. Passalacqua foi inflexível, e isto por um motivo muito evidente: a idéia de discutir perante o público, de ter de responder ás arguições de um adversário fazia-lhe muito mal ao sistema nervoso. Cheguei mesmo no extremo de dizer ao Sr. Passalacqua que ele tinha medo da discussão, porque sabia que estava pisando em terreno escorregadio; que ele estava convencido da insustentabilidade dos seus princípios religiosos perante as Escrituras, e por isso temia perder terreno com a discussão, não consegui estimular-lhe o animo; somente respondia-me: “Não tenho terreno a perder” (textual)!... Já vê o público que não é inteiramente verdade que eu não quisesse aceitar

a discussão em particular, visto como discutimos; o que é verdade é que o Sr. Passalacqua teme a discussão pública!...

Direi em segundo lugar que o Sr. Camillo Passalacqua foi muito sensato em não aceitar a discussão pública, porque realmente não está preparado para um tal certamente; somente tenho de notar-lhe a versatilidade do seu espírito. No mês passado mostrou-se tão bizarro, tão guapo, propondo-se a dissipar minhas dúvidas sérias com argumentos teológicos, históricos e científicos, levando a generosidade ao ponto de prontificar-se a vir a Sorocaba, nas próximas férias de Janeiro a Março; agora a cousa é outra: como peguei-lhe na palavra, o Sr. Passalacqua foge espavorido! Pois fuja, muito embora, se algum dia voltar-lhe o ânimo, depois de melhor preparado, e quiser voltar á carga, levarei a minha generosidade a ponto de recebê-lo com gosto.

Mas estude melhor a matéria para não cometer os erros crassos que cometeu no dia 25. Se também quiser trazer ordenança como naquele dia, não faço questão. Aconselho outrossim a S.S. que consulte os dicionários para ficar conhecendo melhor as diversas acepções da frase – dar culto – de sorte que não venha de novo afirmar que essa frase não refere á adoração religiosa que devemos a Deus. Será bom também que lance algumas olhadelas para o capítulo 22 do evangelho de S. Lucas para livrar-se de cometer outro fiasco, como o que fez no dia 25, quando afirmou que as palavras: Simão, Simão, eis ali vos pediu Satanás etc... (S.Lucas 22:31 e 32) foram proferidas depois da queda de Pedro. Em suma o Sr. Passalacqua estude mais a matéria e venha se quiser: cresça e apareça. *Res, non verba volo*. Sorocaba, 29 de Agosto de 1887. J. Zacharias de Miranda (*Diário de Sorocaba*, 31/08/1887).

Fica evidente que, nos dois convites para o encontro, o articulista protestante desejava trazer o debate (que girou em torno da infalibilidade do Papa), para o seu campo de poder, lugar em que tinha mais domínio e prestígio. Dizia que o melhor era debater o assunto diante do público sorocabano. Que público era esse? Quem se interessaria por esta discussão em Sorocaba? Os protestantes? Os liberais? Penso que eram os dois grupos, pois tanto o presbiterianismo como os liberais ligados ao campo maçônico sorocabano não aceitavam a autoridade papal. Os liberais por entenderem que o catolicismo se apresentava como uma religião autoritária e centralizadora, e os presbiterianos por não reconhecerem o poder papal.

No meio desta polêmica, no campo religioso, surge um texto dirigido a Zacharias de Miranda em forma de conselho, dado por uma pessoa intitulada “Lutero”:

CONSELHO DE UM ESPIRITO
(Á J. ZACHARIAS DE MIRANDA)

Filho: Desta urna funerária, se faz mister que eu te dirija um conselho.
É idôneo... é sábio... é bom!

Ei-lo: Não te exponhas a uma depressão moral e muito menos a concorrer para que se derroquem os alicerces que construí sabe Deus como, de 1517 a 1546, conferenciando e escrevendo. Olha, tu não estás no caso de discutir com o Padre Passalacqua. Querê-lo, é muita ousadia tua! Não devia dizer-te isto de um inimigo como aquele, mas que fazer?! É verdade. Aquele Romano é um dos que sabem onde trazem as ventas. Tu, por enquanto, só deves procurar este povo... medíocre, para discussão, sabes? Não quereis começar por onde terminei. Passalacqua pode inutilizar-te no começo da tua vida, assim como Bossuet o fez, a meu pesar, depois da minha. Deixe o padre por enquanto, Zacharias, aceite um conselho prudentíssimo. Estimo-te deveras, vejo que tens vontade de fazer valerem as leis do meu catecismo reformador; mas que fazer? Tu te expões ao ridículo, em detrimento teu e meu, e cada lugar onde estou tenho tido,

seriamente, vexames por ti. A principio muito ria-me; supunha que essa tua bravata não passava de troça, mas agora que elevaste a mania a ponto de ir a S.Paulo provocar o padre, compreendo o meu dever de repreender-te e abrir-te os olhos em tempo. Estude, Miranda! Estude filho... então acachaparás com certeza esse clérigo, porém assim... agora... digo-te aqui muito em segredo. Lê ... lê muito, mesmo muito, que isso se faz mister. Sepulcro, 25 de Agosto de 1887 – Luthero (Diário de Sorocaba, 28/08/1887).

O autor do artigo utiliza o nome de Lutero parece ironizar a postura de Zacharias de Miranda, além de fazer uma distinção intelectual dos dois agentes religiosos, mostrando que Passalacqua era intelectualmente superior. É interessante o jogo de palavras contidas no texto, em que ora parece o articulista se posicionar a favor do catolicismo ora do protestantismo. Além de suas palavras soarem como deboche e ironia. Seria este articulista algum agente social pertencente a algum outro campo religioso, talvez o espiritismo?

Zacharias não escreveu uma resposta longa a este articulista de nome “Lutero”, talvez com o objetivo de ignorá-lo. Porém, afirma que não responderia as palavras de alguém que vivia no sepulcro (*Diário de Sorocaba*, 07/09/1887, p. 3).

Inconformado com as publicações e atitude do pastor nas páginas do jornal, o articulista reage:

RESPOSTA D’UM ESPIRITO
A J. ZACHARIAS DE MIRANDA

Nada perdeu quem não enxergou os anti-diluvianos artigos com que o patusco do meu Zacharias de Miranda tem amoldado a paciência dos leitores do Diário de Sorocaba. São eles compridos e chatos como a espada de Carlos Magno!... Naturalmente o presbiteriano foi beber a amenidade e a correção daquele estilo no contato constante das mais fulgentes obras. Sua linguagem é filha legítima da dos contos da Princeza Magalona ou da Donzela Theodora. A cousa melhor de todos os seus escritos é o post-scriptum publicado a 31 do findo. A cousa toca-me! Diz que não responde-me; que vivo no sepulcro; que tenho um cinturão com letra aberta e outras ratices desse naipe. Não sei com o que ficar! Se com o facínora que traz a letra metálica ou com o cadáver derruído pelos vermes. Parece-me cousas inteiramente diversas e quase antitéticas. Mas o Sr.Miranda quer dar-me ao mesmo tempo esses dois predicados! Paciência... que vá tudo por conta e risco do presbiterianismo. Diz que não responde-me! Ora...ora...ora...ora! e eu com tantos desejos de ouvir a resposta do Sr. Ministro Zacharias!!! Que ingrato não!... Continue com os post-scriptuns que eu, por minha vez, refrescalo-ei com estas chasquinadas. Mas olhe, não venha zangado, ouviu?!... Tome uns pós de Luiz Carlos e uma injeção de malvaisco antes de ler os meus artigos e assim, com a cabeça fresca, verás que não tens tanta razão para querer mal o antigo chefe de tua seita. Responda, meu Mirandinha de minh’alma. Então porque nas há de responder?... Que mal faz que te escreva eu dentre os vermes?!... Ora que venha de lá a honra de sua respostazinha!... Terei muito prazer de, por distrair-me, ler os teus despropósitos. Escreve, pois, alguma cousa que me faça rir...anda!... Ao Diário... ao Diário!... Deixa-te de luxos... Ora não seja rogado!... Publica as tuas enormidades, pode vir mesmo em ceroulas ou em fralda de camisa como da vez passada. Nada de cerimônias.

Um favor desde já te peço: Explique-me que diabo de moxinafada fizeste com Pedra e Pedro ao teu primeiro artigo da “Igreja Cristã?” Ah, Zacharias! Tu não te emendas... É

natural que, por delicadeza ou compaixão, o padre Passalacqua ainda não tenha dito que tu não escreves senão absurdos. Teus artigos são seletos... são enormes pelo lado do pilherio! Pois então, tu, que ainda ontem foste, em Sorocaba, segundo constou-me, examinador numa banca de latim, na qual, honra seja feita fizeste um papelão(!?), tiveste coragem de vir dizer que pedra está na terceira pessoa?! “Que não pode concordar com Pedro e sim com Cristo por ser pedra feminino”. Ora que queiras, segundo pensam alguns, reformar religiões... porém que queira introduzir em nossa pacífica língua, coitada, tão crasso despropósito e um atentado digno de um saco de força!... É atropelar o senso comum!... Que o diga qualquer menino de escola. Ah! Judeu de uma figa!... A tua monomania de reformas chegou a ponto de querer fazer do Filho de Deus vivo um nome epiceno?... Jesus Cristo macho!... Jesus Cristo fêmea!... Pobre Nazareno!

Quando julgais que, além de crucificado, serias, 1854 anos depois, considerado um macho-fêmea pelo notável gramático e polemista Zacharias de Miranda?!... A não ser assim, então, segundo as teorias gramaticais do sábio ministro, pedra é masculino para poder concordar com o filho de Maria!

Sendo assim, porque motivo nos concordará com Pedro, se a questão de gênero é a única que confunde o Sr. Ministro do Presbiterianismo?!... Nunca mais afirme despropósitos desse jaz, Sr. Zacharias... S.S. que quer discutir com o padre Passalacqua saiba de mais esta... aprenda. Se disser essa monstruosidade diante dele fará um tremendo fiasco!... O texto da escritura está claríssimo! Aguarde sua notabilíssima ilustração para cousas de mais utilidade. Não queira fazer um nó gardio de cousa tão simples (Diário de Sorocaba, 07/09/1887).

O articulista de nome Lutero parece inconformado com o silêncio de Zacharias a respeito das suas provocações. Em tom irônico provoca o pastor presbiteriano na tentativa de convencê-lo a responder suas idéias. O silêncio de Zacharias parece uma postura política e estratégica, talvez na tentativa de não abrir uma nova discussão no campo sorocabano ou ainda como uma atitude de menosprezo aos escritos do autor. Esta postura provocou ainda mais a hostilidade do “misterioso” articulista, que passa a ridicularizá-lo através de algumas palavras, tais como: “íngrato”, “Mirandinha”, “judeu de uma figa”. Percebe-se a disputa ideológica violenta no campo religioso sorocabano, ou para se aproximar das análises de Bourdieu, tratava-se de uma violência simbólica⁸⁸.

Isto pode ser explicado, quando no mesmo jornal, Zacharias passa a escrever vários artigos sob o título “Igreja Cristã”⁸⁹. Ele estava mais preocupado em responder às questões levantadas pelo Padre Passalacqua, pois este se constituía de fato um inimigo para a proposta presbiteriana em Sorocaba, dado seu acentuado capital cultural, social e religioso.

⁸⁸ Segundo Bourdieu: “A violência simbólica que se exerce, se assim podemos dizer, *segundo as* forma, dando forma. Dar forma significa dar a uma ação ou a um discurso a forma que é reconhecida como conveniente, legítima, aprovada, vale dizer, uma forma tal que pode ser produzida publicamente, diante de todos, uma vontade ou uma prática que, apresentada de outro modo, seria inaceitável (essa é uma função do eufemismo). Esta força propriamente simbólica que permite à força exercer-se plenamente fazendo-se desconhecer enquanto força e fazendo-se reconhecer, aprovar, aceitar, pelo fato de que se apresentar sob uma aparência de universalidade – a da razão ou da moral” (2004, p. 106). Violência simbólica é uma forma de coerção “velada” e um meio de exercício de poder sem o uso da força física.

⁸⁹ Anexo 3 (artigos de jornais): vol II, artigo 4, p. 25-37: A Igreja Cristã.

Na série “Igreja Cristã” publicada em várias edições do *Diário de Sorocaba* (2, 4, 6, 8, 13, 15, 17 e 18 de setembro de 1887), Zacharias de Miranda retoma o combate ao catolicismo e a defesa do presbiterianismo como a verdadeira Igreja de Cristo. Este posicionamento no campo religioso sorocabano demonstra a sua posição política no contexto social sorocabano e um posicionamento político coerente com o posicionamento adotado pelos missionários americanos como Blackford em relação ao catolicismo brasileiro. Para expandir a proposta civilizatória norte-americana no Brasil era preciso combater a ideologia do catolicismo. Postura que não fora adotada por Antonio Pedro de Cerqueira Leite em Sorocaba.

Zacharias começa o primeiro artigo com uma pergunta: “Será a igreja romana é a verdadeira Igreja de Cristo? Sim, não há dúvida, dizem os seus defensores, porque ela tem a sua frente o papa romano que é o legítimo sucessor de São Pedro a que Cristo escolheu e exaltou a dignidade de chefe e fundador de sua Igreja”. Para ele, esta doutrina da Igreja estava completamente distorcida e representava uma heresia sustentada pelo catolicismo, para tanto, utilizou-se de referências bíblicas e de interpretações gramaticais para sustentar seus argumentos e combater o catolicismo romano, mostrando que Pedro não foi instituído por Cristo como o primeiro papa da Igreja Católica.

Os seus textos não provocaram reação antagônica por parte do clero sorocabano, conforme observei no jornal, porém outro articulista de cognome Demócrito II apresenta algumas críticas aos escritos de Zacharias, afirmando:

CIRCULAR

SRS. PROFESSORES DE PORTUGUEZ!

Ponde á margem todas as seletas portuguesas que tendes adotado até hoje!

Queime a epopéia de Camões!!!... Nada disso servirá de hora avante, para analyse, aos teus alunos. O Sr. José Zacharias de Miranda, ministro protestante em Sorocaba, começou a dar a luz, na folha que ali se publica, a uma série de artigos clássicos, onde vem observados os mais difíceis e modernos preceitos do léxico. Eu, que desde já vou tendo o cuidado de fazer estudos sobre tais escritos irei, por minha vez, publicando a par deles os devidos comentários para facilitar a analyse. Por exemplo: Na parte publicada, a 2 do corrente, na supradita folha, onde diz: “São esses dois versículos da Escritura a vara mágica que nas mãos dos romanistas tem o condão de apagar...etc.”. Que idéia fazes aquela vara mágica, oh! Srs. Gramaticologistas?... Pensais acaso que é ela os versículos da Bíblia?!... Pois estais enganados: Versículos é masculino e plural e segundo as teorias presbitero-filólogo-Mirandinas, vara concorda com Cristo, que será conforme a necessidade da analyse, macho ou fêmea, singular ou plural d’ora avante, no discurso!... Sempre que encontrardes dificuldade d’este naipe, atirai-as para o filho de Maria que tem a obrigação de agüentar a carga, uma vez que veio ao mundo para sofrer por nós. Prometo falar-vos, de hoje em diante, de modo a tornar fácil a analyse da sintaxe de Dantas, digo de Zacharias de Miranda. De VV.SS. Admirador e velho amigo - Demócrito II (*Diário de Sorocaba*, 11/09/1887, p. 3).

Com este pequeno trecho, o articulista tenta de certa forma minar a postura adotada por Zacharias no campo religioso sorocabano. É interessante que o texto foi endereçado aos professores de português. Por que o articulista remete a luta no campo religioso para o campo educacional? Quem fazia parte do campo educacional sorocabano? Qual seria a razão? Por que o articulista não discute o assunto no campo religioso sorocabano?

Podemos responder estas questões quando vemos, situamos o texto à época, Zacharias aparece, nas páginas dos jornais, também no campo educacional sorocabano, como professor:

A Câmara Municipal da cidade de Sorocaba faz saber que, conforme foi deliberado em sua sessão de hoje, terá lugar o concurso de exame dos cidadãos que se ofereceram ao cargo de professor da cadeira do Liceu Municipal, no dia 23 do corrente, às 11 horas da manhã no Paço de suas sessões, sendo examinadores os doutores Joaquim de Toledo Piza e Almeida, Antonio José Ferreira Braga, José Francisco de Uchoa Cavalcanti e o professor particular José Zacharias de Miranda; portanto convida aos opositores apresentados a comparecerem no dito lugar, dia e hora mencionados para o dito fim. Para constar mandou passar este, que vai assinado pelo seu presidente, afixado no lugar de costume e publicado pela imprensa. Sorocaba, 15 de agosto de 1887 – Eu, Antonio Gonzaga Sêneca de Sá Fleury, secretário da Câmara (Diário de Sorocaba, 18/98/1887).

A Câmara Municipal nomeou uma comissão que trataria de realizar os exames no Liceu Municipal para a escolha de professores. Concorriam ao cargo: Arthur Gomes e Ernesto Babo. Zacharias de Miranda fez parte desta comissão e é apresentado como professor particular. Neste período, ele já dirigia o “Colégio Sorocabano” (*Diário de Sorocaba*, 24/12/1885). A comissão examinadora apresentou o seguinte relatório:

Adotando o programa dos exames gerais de preparatórios, organizado para o corrente ano, submeteu-os a uma hora de prova escrita e vinte minutos de prova oral em que um argüia o outro. Colhidas, rubricas e examinadas as provas escritas e apreciadas as orais, a comissão pelo merecimento de cada um vem apresentar o “veredictum”. Em português, os candidatos fizeram boas provas, ficando em primeiro lugar Arthur Gomes, em 2º lugar, Ernesto Babo. Em Frances exibiram também boas provas, ficando em primeiro lugar Arthur Gomes, em 2º lugar Ernesto Babo. Em inglês, as provas foram sofríveis, ficando em primeiro lugar Arthur Gomes, em segundo lugar Ernesto Babo. Em latim, porém, as provas foram más, sem classificação possível, pois a prova escrita de Gomes foi nula, a de Babo foi má e má a oral produzida por ambos, o que os inabilita para o ensino dessa matéria. A comissão com esta envia as provas escritas. Sorocaba 24 de agosto de 1887 – Joaquim de Toledo Pisa e Almeida – José Zacharias de Miranda, Antonio José Ferreira Braga e José Francisco Uchoa Cavalcanti (Diário de Sorocaba, 26/10/1887).

A comissão não aprovou o nome dos dois candidatos, porém a Câmara nomeou Arthur Gomes como professor interino do Liceu Municipal. Isto nos ajuda a entender que embora Zacharias de Miranda estivesse em conflito no campo religioso, no campo social e educacional da cidade, estava bem posicionado, o que lhe conferia poder para escrever os artigos publicados na imprensa sorocabana. Seu grupo social lhe conferia poder e legitimação

no campo político e educacional sorocabano, o que nos leva a pensar que esta era a razão pela qual seus opositores tentavam desprestigiá-lo no campo intelectual e educacional sorocabano. O articulista de cognome “Lutero” sabia que o ministro protestante fazia parte do campo educacional:

Teus artigos são seletos... são enormes pelo lado do pilheiro! Pois então tu, que ainda ontem foste, em Sorocaba, segundo constou-me, examinador numa banca de latim, na qual, honra seja feita fizeste um papelão, tiveste coragem de vir dizer que pedra está na terceira pessoa (*Diário de Sorocaba*, 7/09/1887).

O que estava nas entrelinhas desta discussão, não era a questão de Lutero ter razão ou não, se Miranda sabia latim ou não, mas a dinâmica de disputa que caracteriza o campo social sorocabano. O autor do texto, de cognome Lutero não estava preocupado com o presbiterianismo, mas desqualificar o professor, o intelectual, talvez para atacar o religioso, a política, a maçonaria que garantiam seu lugar de prestígio no campo social sorocabano.

As relações de poder que apresentei neste trabalho e as disputas nos mais variados campos da cidade de Sorocaba reforçam as análises feitas por Hilsdorf em 1977. Ela analisou que as alianças entre maçons e protestantes surgiram em torno dos princípios de democracia, individualismo, igualdade de direitos, liberdade de consciência e de crença, bem como fazer frente comum ao regime monárquico e a sua religião oficial, que por sua vez, também se opunha vivamente as essas aspirações.

O pastor maçom, Jorge Buarque Lira, faz o seguinte comentário sobre a relação em o presbiterianismo e a maçonaria sorocabana:

Na infância do Evangelho em Sorocaba, há, nos arquivos da Loja Perseverança III, o registro de uma série de acontecimentos memoráveis que muito devem enaltecer a Maçonaria aos olhos da Igreja Cristã. Esses acontecimentos se prendem, quase todos, às multifárias atividades dessa benemérita Instituição, na defesa dos evangélicos oprimidos naquele rincão de nossa Pátria. Distingue-se a figura veneranda do ilustre maçom Ubaldino do Amaral naquela oficina heróica. Foi de tal monta a atuação da Sublime Ordem em Sorocaba, que foram conseguidos todas as garantias para os evangélicos e o braço único de que Deus serviu para esse fim nobilíssimo foi o da Maçonaria através da Loja. Não só. Aquela oficina tornou-se o quartel general da defesa em todo o Estado, por suas constantes correspondências com o Grande Oriente do Brasil e com as co-irmãs nos diversos setores do Estado, onde os cristãos eram atrozmente perseguidos (1947, p. 258).

Apesar do tom um tanto quanto romanceado, as questões ressaltadas por Lira confirmam as relações de poder estabelecidas por presbiterianos e maçons na cidade de Sorocaba.

Ainda no *Diário de Sorocaba*, Zacharias de Miranda escreve vários artigos relacionados ao episódio acontecido em Rio Feio, envolvendo a instalação do protestantismo. As publicações foram feitas no campo religioso sorocabano, mas combatiam a perseguição efetuada contra os presbiterianos em Rio Feio (atual Porangaba), novo campo de exploração e expansão do presbiterianismo. Segundo o historiador Júlio Manoel Rodrigues (2008, p. 58), o presbiterianismo chegou em Rio Feio em 1886, primeiramente através do trabalho do Rev. João Ribeiro de Carvalho Braga, mas solidificando-se com o trabalho missionário do Rev. Zacharias de Miranda. Os acontecimentos descritos no jornal *Diário de Sorocaba* nos ajudam a entender que Zacharias ampliava o campo religioso em outras regiões e que ao trazer para o contexto sorocabano, mostrava que o campo religioso católico era o inimigo contumaz do presbiterianismo, a quem perseguia sistematicamente. Fazia-se necessário, portanto, combater aqueles que impediam a expansão do processo civilizatório norte-americano, em parte significativa representado pela religião protestante.

A década de 80 foi marcada por vários episódios de perseguição por parte do clero. Em Minas Gerais, o Rev. Chamberlain pregou na cidade de Caldas. Sua visita aquela cidade foi interpretada como uma provocação ao bispo de São Paulo D. Lino, que naquela ocasião visitava a cidade. A casa do Rev. Miguel Torres, onde ele se hospedava, foi apedrejada (Lessa, 1938, p. 183)

Segundo a interpretação do historiador confessional Themudo Lessa, o ano de 1886 foi o “ano das perseguições”.⁹⁰ Mas, segundo Leonard (1981) não houve um esforço sistemático de extermínio. A reação era principalmente clerical. Em seu livro “O Protestantismo Brasileiro”, o referido autor mostra as várias cidades brasileiras em que ocorreram episódios de perseguição aos protestantes de várias confissões: metodistas, batistas e presbiterianos. A reação protestante foi utilizar a imprensa para se defender dos ataques do catolicismo ultramontano e solicitar providências das autoridades competentes. Ainda a respeito das perseguições, Ferreira (1992, p. 219) mostra que elas eram mais intransigentes em localidades rurais. No espaço urbano, o povo era mais consciente dos direitos alheios. De fato, não identifiquei clara e diretamente uma reação direta e ostensiva por parte do clero sorocabano contra o protestantismo, o que sustenta a observação feita por Ferreira. Porém, isto não representa a inexistência do conflito no campo religioso sorocabano. Neste período,

⁹⁰ Este historiador afirma que a perseguição aos protestantes também aconteceria no período da República: “O fato teve larga repercussão na imprensa de vários matizes. Na Câmara temporária, Saldanha Marinho, o paladino da liberdade de consciência, tomou a defesa dos perseguidos, requerendo que, por intermédio do ministério do império, fossem tomadas informações sobre as ocorrências na cidade de Caldas, em Minas Gerais, contra o pastor protestante naquela localidade. Hoje em plena república são maiores ainda as violências contra os protestantes e muitas delas ficam impunes, principalmente na terra mineira” (Lessa, 1938, p. 183).

dentro do campo sorocabano, Zacharias tinha muito mais visibilidade e projeção social, por estar ligado ao campo maçônico e político do que o clero católico.

Em outras palavras, no campo social sorocabano, ele estava mais referendado e tinha, ao seu lado, agentes sociais de prestígio, o que de certa forma ofuscava um posicionamento mais contundente por parte do clero sorocabano. Por outro lado, é válido ressaltar que as bases do presbiterianismo em Sorocaba eram mais antigas e estavam mais solidificadas do que nas regiões em que ocorreram os conflitos religiosos e as perseguições, tais como: Tietê, Tatuí, Itapetininga e Rio Feio, cidades em que a proposta missionária presbiteriana chegou na década de 80, e encontrava nelas uma resistência por parte do catolicismo ultramontano. Ribeiro (1952) mostra que as perseguições aconteceram na cidade de Guareí, Itapetininga, Tatuí e Rio Feio (1888).

Em Rio Feio, Zacharias encaminhou um ofício ao Presidente da Província solicitando providências a respeito dos ataques que sofreu na cidade. Sobre este episódio, temos os artigos do *Diário de Sorocaba* e o ofício encaminhado ao Presidente da Província. Este foi transcrito pelo historiador presbiteriano Julio Andrade Ferreira no livro “A Galeria Evangélica” (1957, p. 141). No ofício, Zacharias afirma que foi ameaçado de morte por alguns moradores da cidade de Rio Feio. Em uma parte do ofício o ministro presbiteriano escreve:

Exmo. Sr., em tão grave atentado contra a sua pessoa e contra o grupo presbiteriano representava um atentado contra a própria vida e contra a propriedade do cidadão e ainda contra as leis do país, atentado que rebaixava aos olhos das nações civilizadas que julgavam haver liberdade no Brasil, mormente depois da promulgação da Lei de 13 de Maio que concedeu liberdade aos escravos, vê se que cidadãos livres nem têm, ainda hoje, a liberdade de adorarem a Deus no recinto de sua habitação, conforme lhes dita a consciência. Atentado tão monstruoso não pode, não deve ficar impune (Ferreira, 1957, p. 143).

Nos artigos publicados no jornal, Zacharias mantém a mesma linha de pensamento ao afirmar que o catolicismo não representava a verdadeira Igreja de Cristo, além de acentuar que esta religião representava o inimigo do progresso e do próprio presbiterianismo: Vejamos o primeiro deles⁹¹:

SECÇÃO LIVRE

O CASO DO RIO FEIO

A Gazeta de Tatuhy em artigo editorial inserto, em seu n. 47, traz a campo sob a rubrica – Os Protestantes – a questão do Rio Feio, de triste celebridade. Fiquei

⁹¹ Os demais estão como anexo 3 (artigos de jornais): vol II, artigo 5, p. 38- 49: **O caso do Rio Feio.**

sobremodo surpreendido ao apreciar os exercícios de alta prestidigitação exibidos pelo autor do mencionado artigo que, em frase apaixonada, procurou com uma semcerimônia que causa pasmo inverter os papéis, convertendo os meus perseguidores em vítimas muito inocentes de desacatos engendrados por algum fantasista, avançando inverdades clamorosas, adulterando fatos conhecidíssimos, emprestando aos protestantes a paternidade das cenas de selvageria, dos atos de vandalismos praticados pelos bons católicos do Rio Feio. A minha surpresa subiu de ponto quando passei da leitura do editorial da gazeta ao officio-informação dirigido pelo delegado de Tatuí ao sr. Chefe de Policia, e que vinha apenso ao mesmo editorial, documento esse que servia de base as afirmações inexatas da Gazeta.

Eu não devia tomar á sério os avançamentos inexatos, inverossímeis da Gazeta, conquanto essas inexatidões visassem um duplo objetivo:

Exercer influência e fazer pendor no animo do Dr. Juiz de Direito, para dispô-lo em favor dos criminosos, e estimular os homens do Rio Feio e incitá-los a novas tropelias contra mim, pois precisamente na ocasião em que a Gazeta achou conveniente tratar do assunto e pelo modo que o fez, sabia o seu redactor que eu achava-me no Rio Feio ou pelo menos nas suas proximidades; mas, esse acervo de inexatidões está baseado em um documento official que a seu turno falseia a verdade de um modo deplorável, julgo de rigoroso dever dar um desmentido formal a Gazeta e ao officio do delegado de Tatuhy.

O atentado monstruoso que teve lugar na noite de 10 de Novembro p. p. em Rio Feio, e que visava tolher aos protestantes o livre exercício de seu culto, é bem conhecido; a imprensa sensata e criteriosa da província bem como a da Corte o divulgou, verberando ao mesmo tempo energicamente aos seus autores, e é de admirar que haja gente de coragem tão fria que tente com fim e intenção calculados adulterar fatos tão recentes e bem averiguados, no intuito de embair a opinião pública, inocentar os criminosos e tornar-lhes favorável a sentença a longo tempo esperada, do processo instaurado pela justiça publica contra os turbulentos do Rio Feio.

O publico deve ter ainda bem presente a lembrança das tropelias mandadas pôr em cena no Rio Feio, por pessoa que tinha grande interesse de obstar o progresso da propaganda evangélica ali, mas para boa ordem e clareza das retificações que me proponho fazer, das falsidades contra nós assacadas pela Gazeta de Tatuhy, farei ainda que a largos traços, um apanhado dos principais acontecimentos que precederam ao atentado ou tiveram lugar na ocasião, analisando em seguida os avançamentos monstruosos da Gazeta de Tatuí bem como as inexatas informações ministradas pelo delegado ao dr. Chefe de Policia.

De volta a uma viagem a Faxina, onde fui em visita pastoral à Igreja Evangélica ali existente, tinha eu de passar pelo Rio Feio onde existe também, uma comunidade evangélica da qual tenho a honra de ser ministro.

Pregar ali o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo; instruir os membros da comunidade das verdades da religião cristã, administrar-lhes os Sacramentos e celebrar um casamento, eis os motivos que me levaram ao Rio Feio.

De Guareí e de Itapetininga acompanharam-me dois amigos membros da Igreja Evangélica, um moço e duas meninas, pessoas essas que aproveitavam o ensejo de minha estada em Rio Feio para ir visitar a família Amaral de que são amigos e ao mesmo tempo assistir aos cultos que ali deviam ter lugar.

Foram estas e unicamente estas pessoas que me acompanharam de Guareí e que constituía a capangada de que fala o delegado de Tatuhy em seu officio-informação dirigido ao dr. Chefe de Policia.

Quando partimos de Guarehy, ignorávamos absolutamente que em Rio Feio se maquinasse um plano de assalto contra os protestantes e principalmente contra mim, com o fim, de obstar que eu celebrasse o casamento ali planejado bem como o culto evangélico.

A primeira noticia que tivemos da conspiração foi a duas léguas distante de Rio Feio e só fomos bem informados do plano de agressão, em casa do sr. Feliciano do Amaral, onde pernhoitamos nesse dia.

No dia seguinte, a tarde, partimos da fazenda em direção à povoação onde se deviam realizar as reuniões para o culto bem como o ato de casamento, sendo o grupo que me acompanhava formado das pessoas já mencionadas e mais alguns membros da família Amaral, muitos dos quais eram senhoras e crianças.

Para evitar o brutal atentado tive a prudência de enviar na véspera, um officio ao dr. Antonio Candido de Almeida e Silva, Juiz de Direito da comarca; informando-lhe da agressão que se planejava contra mim e pedindo providencias garantidoras de minha liberdade e dos direitos que, baseado em lei, me assistem no desempenho do meu ministério.

Cumpre-me dizer aqui que o meu officio nenhum resultado produziu. Ao chegar próximo a povoação encontramos o caminho guardado por homens armados, capitaneados por Francisco Manuel e seu genro, segundo nos informaram mais tarde pessoas insuspeitas, e que ali montavam guarda desde a véspera, jurando pelos nomes de seus maiores, que o ministro protestante tinha de ficar em pedacinhos.

Apesar da attitude ameaçadora do grupo postado na estrada e confiando na proteção divina passamos a ponte defendida, e o fizemos com toda a ordem sem partir do nosso lado uma só palavra de provocação, um só gesto que se pudesse traduzir em ameaça.

Na povoação hospedamo-nos em casa do sr. Geraldo do Amaral, onde deviam celebrar também as reuniões para o culto.

Logo após a nossa chegada notamos uma certa agitação, um movimento ameaçador na rua: eram alguns dos capangas do sr. Francisco Manuel que a percorriam a galope para baixo e para cima, em aprestos para o assalto, era o mesmo sr. Francisco Manuel de Oliveira que andava de casa em casa convidando, segundo me disseram, o rapazio do lugar para ajudá-lo na piedosissima tarefa de atirar pedras na casa onde eu me achava hospedado e insultar com palavras torpíssimas aos protestantes ali reunidos.

A agressão realizou-se logo ao anoitecer quando ainda não tínhamos começado o nosso culto e não depois que “começou a prédica” como, para não sair de seus moldes habituais, afirma a Gazeta de Tatuhy.

Das cenas de vandalismo dignas só de selvagens, dos insultos grosseiros, das palavras torpíssimas, das ameaças de morte que então partiram desse povo eminentemente católico, desse homem distintissimo, como com muita graça os qualificam a Gazeta e o delegado, o publico já foi em tempo, bem informado, e hoje ainda todo homem honesto, ordeiro e que não malbarateia adjetivações, sente subir-lhe ás faces o rubor da vergonha, por ver que ainda se pratica em nosso país, na antepenúltima década do século XIX, em poucas palavras, a exposição fiel dos acontecimentos tristes que se deram no Rio Feio, e que segundo consta, foi mandado por em cena por certa entidade que, ardendo em desejos de abafar o movimento protestante naquele lugar e não estando na altura de o fazer pela palavra, pela persuasão, pelo convencimento, como fazemos a nossa pacífica propaganda, não trepidou ante a negra ação de abusar da ignorância de um povo e comprometê-lo ou estimulando-o a cometer um crime.

Rememorando assim em poucas palavras o caso do Rio Feio, passarei a apreciar sem raiva, com animo desprevenido, o capcioso editorial da gazeta e o não menos inexato officio-informação que ao dr. Chefe de Policia dirigiu o delegado de Tatuhy e que se acha apenso ao mesmo editorial (Diário de Sorocaba, 18/08/1889).

Em sua extensa manifestação, Zacharias combate as informações publicadas na Gazeta de Tatuí sobre os acontecimentos que ocorreram em Rio Feio e apresenta a sua versão dos fatos, atribuindo-os à intolerância da igreja católica.

Em um trecho de artigo subsequente, sobre o mesmo tema, escreve:

Grande iniquidade, disse eu, e disse muito bem, porque a Gazeta deve saber que conquanto sejamos nós cidadãos e brasileiros e que como tais concorremos com o nosso contingente para o engrandecimento da pátria, pagando o nosso tributo pecuniário e, quando preciso para a defesa nacional, pagando também o nosso tributo de sangue, somos todavia excluídos dos privilégios e regalias concedidas a outros que, muitas vezes, hipócritas, arrastam sua consciência na lama, ante a imposição despótica de uma religião privilegiada, sendo a nossa crença religiosa apenas tolerada, como nossa carta de alforria (vulgo Constituição), negando-se, não raras vezes, os poderes constituídos, a dar-nos as garantias a que temos direitos como cidadãos e até mesmo

procurando exercer pressão sobre as nossas consciências! E nós é que somos intolerantes! E nós é que queremos nos impor! (*Diário de Sorocaba*, 21/08/1889).

Zacharias não admitia as acusações feitas pelo jornal *A Gazeta de Tatuí*, invoca seus direitos de cidadão, que pagava seus impostos e que procurava com a sua ação engrandecer a Pátria. Por essa razão não admitia não gozar dos mesmos privilégios constitucionais dos católicos, que eram, na sua perspectiva, intolerantes e déspotas. Como reforço aos seus argumentos, Zacharias recorre a episódios mencionados pela historiografia, e cita até a atitude da Igreja Católica em relação ao ex-padre José Manoel da Conceição:

Intolerante é a igreja que mandou perseguir, a ferro e fogo, aos Valdenses que, por motivo de consciência, não quiseram submeter-se ao jugo prepotente dos homens de Roma.

Intolerante é a igreja que alagou as ruas de Toulouse com o sangue dos Albigenses; que mandou matar sem piedade aos huguenotes; que mandou desenterrar os ossos de Wickliff queimá-los na praça publica para saciar o seu ódio; - que mandou queimar vivos a João Huss e a Jeronymo de Praga; que fez acender as infernais fogueiras do hediondo tribunal ao qual por uma ironia blasfêmia, denominaram Santo Offício!...

Intolerante é a igreja que, em nome do Deus de Amor, em nome d'Aquele que do alto da cruz implorou a Deus o perdão de seus algozes, mandou assassinar nas fogueiras, nos cárceres, á fome, á sede, a fogo lento, com azeite fervendo, nos suplícios do povo, desconjuntando os membros, triturando-os, e por outros suplícios inventados com o maior requinte de mavaldez, aqueles que dela dissentiam porque não podiam admitir que um indivíduo se opusesse a certos dogmas seus, extravagantes:- intolerante, direi enfim para não cansar o leitor, é essa igreja que, não há muitos anos, mandou desenterrar do cemitério do Campinho (província do Rio de Janeiro) os ossos do ex-padre José Manuel da Conceição e atirá-los ao campo, porque esse homem, espírito superior, não pode, em consciência, continuar a fazer parte de uma igreja que sustenta e propaga doutrinas subversivas dos verdadeiros princípios evangélicos ensinados por Cristo e seus discípulos!

Mais uma vez desafiamos a Gazeta a precisar fatos que comprovem a nossa intolerância e imposição, pois se o não fizer será tida por caluniadora e indigna da consideração dos homens sensatos – José Zacharias de Miranda (*Diário de Sorocaba*, 21/08/1889)

A respeito da acusação de que os protestantes tentavam conquistar as cidades, afirma que tinha o objetivo era apenas de propagar o Evangelho de Jesus Cristo, que representava a virtude de Deus para a salvação de todo o que crer. Mas, não refuta a acusação de que se tratava de um processo civilizatório, pois segundo o próprio Zacharias, o Evangelho era uma condição indispensável para que o povo se tornasse um povo feliz, ordeiro, empreendedor e progressista, vejamos:

Tenho a dizer que, não cogitamos de conquistas; propagamos o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, primeiramente porque – “ele é a virtude de Deus para dar salvação a todo o que crer”; - depois porque é nossa convicção que, o Evangelho, contra o qual os homens de Roma votam tão decidida aversão, é a condição necessária e indispensável para que o nosso povo venha a ser um povo feliz, ordeiro, empreendedor, progressista; para que o nosso país seja livre da prepotência clerical, e ocupe, como a grande União Norte-Americana, o lugar de honra a que tem direito na vanguarda das nações adiantadas (*Diário de Sorocaba*, 23/08/1889).

Neste trecho, além de afirmar que o Evangelho era o meio indispensável para tornar o povo progressista, mostra também que era o meio para tornar o país livre da influência clerical e colocá-lo num lugar de honra diante das nações “adiantadas”, inclui “como a grande União Norte-americana”. Ele compara a nação brasileira como sendo uma nação inferior a outras nações, inclusive a norte-americana. Por que ele afirmava que os Estados Unidos eram uma grande nação e um modelo de progresso? Como liberal, os ideais trazidos pelos missionários norte-americanos vinham ao encontro da visão política, religiosa e social de Zacharias de Miranda e do grupo político e social que pertencia. Podemos afirmar ainda, que ao comparar a realidade social brasileira com a nação norte-americana, ele demonstrava que seu posicionamento religioso e político estavam em consonância com a proposta norte-americana, demonstrando nesta atitude sua fidelidade aos ideais civilizatórios dos missionários norte-americanos.

Outra acusação que a *Gazeta de Tatuí* fazia contra os protestantes residia no fato de pregavam contra a adoração de imagens. Sobre este assunto, ele afirmava que não incentivava o povo a odiar imagens, mas o fato de um povo que se dizia cristão adorar imagem, era uma calamidade. Sua propaganda era contra qualquer tipo de erro, inclusive a adoração de imagens, vejamos:

Não votamos ódios às imagens, se bem que seja uma verdadeira calamidade para um povo que se diz cristão, adorar ídolos. Fazemos propaganda contra o erro sob qualquer forma que ele se apresente; e cremos que, quando raíar para o adorador de ídolos a luz da verdade, quando os ídolos de seu coração tiverem sido expulsos, quando ele tiver aprendido a adorar a Deus em espírito e verdade, não precisamos de nos incumbir da tarefa de estragar imagens que outra coisa não são senão – insígnias do erro:- o mesmo dono das imagens, que as comprou com o seu dinheiro, incumbir-se-á e muito espontaneamente de dar-lhes – destino conveniente (*Diário de Sorocaba*, 21/08/1889)

Além de mostrar que a adoração de imagens representava a calamidade de um povo, Zacharias se mostra consciente das restrições que a Lei brasileira impunha aos protestantes. Vejamos sua colocação:

Portanto só fica de pé a primeira parte da preposição que é quase rigorosamente verdadeira:- “exercem livremente o seu culto com as restrições da lei”; - quase, dizemos, porque o – livremente – nem sempre é verdadeiro. Com as restrições da lei, sim, e quer dizer:- “culto domestico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo, (Art. 5 da Constituição). Foi exactamente como procedemos no Rio Feio.

Logo o ofício do delegado de Tatuí, publicado na *Gazeta* faltou a verdade quando falou em “extrema tolerância do povo do Rio Feio”, porque esse povo nos agrediu quando estávamos dentro dos limites da lei; faltou a verdade quando disse que as agressões partiram dos senhores protestantes. Se como diz a *Gazeta*, e é verdade, “celebramos o nosso culto em Rio Feio, com as restrições da lei”. A agressão não foi consequência legítima de minha muita imprudência, e nem foi ainda represália proporcional, etc... mas sim um verdadeiro atentado, preparado com cálculo e ódio.

Os povos católicos ali não reagiram porque estávamos no uso de um direito legítimo, garantido por lei; eles provocaram, insultaram, cometeram um crime que, se ainda há juízes em Berlim terá sua justa e merecida punição – J. Zacharias de Miranda (Diário de Sorocaba, 23/08/1889, p. 2)

Zacharias demonstrava uma pessoa articulada em suas idéias e posicionamentos. Conhecia seus direitos constitucionais e sabia fazer uso da sua posição política, pois pertencia ao partido republicano da cidade de Sorocaba, campo político que garantia poder para combater seus adversários.

Nesta altura, talvez a pergunta que esteja na mente do leitor é: Como estes fatos repercutiram no campo sorocabano? Não demorou para que o jornal *Diário de Sorocaba* publicasse a reação de um leitor sobre os acontecimentos que envolviam Zacharias em Rio Feio. Por se tratar de um texto que contrariava os argumentos de Zacharias, citarei na íntegra. Vejamos:

SECÇÃO LIVRE

Ilmo. Sr. J. Zacharias de Miranda: - Não é despeito e nem a inimizade que dirige-se a S.S. para fazer-lhe um reparo sério e fora de todo o sentimento de religiosidade, pois nunca levei o sentimento á altura do fanatismo. Tenho assistido algumas vezes ao seu culto embora eu seja, quero dizer – sigo as doutrinas de católico romano, portanto, não tenho em mente ofender ou insultar protestante, porque senhor padre manda, é apenas o defensor de uma causa justa, porque o é verdadeiramente; venho, talvez, perturbar o seu espírito, com razão preocupado pelos seus muitos afazeres, perdoe-me se lhe estou causando esse contra-tempo, embora não o vá ofender com ditérios insultuosos só próprios de homens mal educados.

Não, longe de mim tal idéia, nunca pretendi defender a causa que me impus – como advogado com linguagem própria só de lavadeiras que mais compromete a causa que a defende, respeito a S.S. porque a educação que tive isso me impõe rigorosamente, principalmente quando se trata de um cidadão digno de todas as considerações; de um ministro de uma religião embora não pertença a ela, enfim, um homem.

S.S; desculpe tamanha ousadia, rematou um ponto do seu primeiro artigo, publicado a 18, desta série de artigos que atualmente se está publicando nesta folha, sob a epigrafe – O caso do Rio Feio – onde diz “para honra e glória da Igreja Romana” - Que S.S. faça as suas apreciações quanto ao Dr. Juiz de Direito porque não deu as providências necessárias a fim de evitar as violências de que foram vítimas S.S. e seus prosélitos, ao delegado porque o denunciou injustamente ao Dr. Chefe de Polícia a Gazeta porque informado pelo delegado deu uma adulterada notícia a seu respeito, é direito e direito incontestável – mas S.S. julgar que atos de selvageria praticados no Rio Feio, a 10 de Novembro próximo passado, servem para - honra e glória – da Igreja de Roma, merece enérgica contestação.

Do artigo publicado a 21, é este o pedaço que achei mais interessante: “Nunca procuramos nos impor a consciência; fazemos a nossa propaganda convencendo e instruindo, e só se unem á igreja evangélica aquelas pessoas que, comparando a religião romana com a evangélica, e vendo que aquela não está de acordo com os ensinamentos claros e terminantes da Palavra de Deus (Bíblia) que é a base doutrinária fundamental da religião cristã, não podem mais continuar a viver no erro visto como não adotam a religião como objeto de luxo”. Objeto de Luxo?!... remata esse período do seu segundo artigo. S.S. replica severamente a Gazeta de Tatuí por tê-lo classificado de - intolerante e imprudente – mas diga-se a verdade, este pequeno tópico que transcrevi grifando-o por minha conta, serve de forte atenuante para a Gazeta quanto ao qualificativo de – intolerante e imprudente.

Pergunto: - S.S. teve certeza, de que os atos de selvageria praticados no Rio Feio contra S.S. e seus crentes, por – homens ignorantes, açulados por indivíduos que

quase sempre infestam uma pobre terra que tem a desgraça de possuí-los em seu seio, partiu da Igreja de Roma? A sede da igreja, porventura, será no Rio Feio? S.S. algum dia sofreu nesta terra e em muitas outras por onde tem celebrado as cerimônias de sua religião, violência ou qualquer cousa que se parecesse com hostilidade?

Não predomina nesses lugares onde S.S. tem feito tranquilamente seus cultos, a Igreja de Roma? Diga!... diga pelo amor da verdade, (base fundamental do Evangelho), que S.S. prega constantemente. Agora no jornal de hoje, encontrei o seguinte pedacinho, que achei gaiato por partir de um pregador da igualdade, fraternidade e mais ainda humildade. Ei-lo no grifo, porque é preciso que vá saliente: “Tornem estes homens bons protestantes e eu garanto á Gazeta que eles os serão então, mas só então, um povo eminentemente cristão”. S.S. tem a certeza de que este ponto não vai de encontro com o Evangelho, que diz ser base fundamental de sua Igreja, e, sendo S.S. protestante e observando restrita e rigorosamente as doutrinas evangélicas, que diz que – não farás garbo de suas orações. S.S. como protestante que é, não devia avançar em dizer que – para ser eminentemente cristão precisa professar o protestantismo. Terminei estes meus rabiscos, dizendo-lhe que S.S. fez com a Igreja Romana o mesmo que a Gazeta e o delegado de policia de Tatuí fizeram-lhe. A Igreja Romana nada tem com as violências, com os abusos praticados contra a Constituição, na pessoa do sr. Zacharias de Miranda e os seus amigos. O. (Diário de Sorocaba, 24/08/1889, p. 2)

No artigo supracitado, o articulista de nome O., além de contrariar alguns posicionamentos adotados por Zacharias, afirmava que havia participado de alguns cultos na cidade de Sorocaba dirigido pelo referido ministro, mas era católico romano e que suas críticas não eram por inimizade. Ele faz a seguinte pergunta para Zacharias: É a sede da Igreja Romana em Rio Feio? Para ele, aquele episódio era uma reação isolada e não representava a atitude da Igreja Católica em Sorocaba e em outras localidades. Como apontamos acima, detectado através das fontes, percebeu-se uma reação ostensiva do catolicismo e do clero sorocabano, interpretada como violência simbólica, que nos ajuda entender que existia um conflito recorrente no campo religioso sorocabano, ora velado ora mais aberto.

O fato de não existir uma reação direta por parte do clero local através da imprensa sorocabana, não representa necessariamente a inexistência do conflito. Encontrei na *Imprensa Evangélica* um artigo escrito por Zacharias de Miranda intitulado “Sorocaba”. Era uma resposta do referido ministro contra um católico anônimo, que escreveu no jornal *A Província de São Paulo* (26/09/1885), atacando a reunião do Presbitério do Rio de Janeiro acontecida em Sorocaba⁹². Sobre este evento, realizado em setembro de 1885, temos uma única foto⁹³, em que Zacharias de Miranda aparece com vários outros líderes presbiterianos. Ele se encontra no centro do grupo, numa posição acima dos demais líderes. Interessante notar que ele está com a mão direita no peito, ao lado do coração.

⁹² No 1º livro de Atas da Igreja Presbiteriana de Sorocaba vemos a presença de alguns líderes da Igreja Presbiteriana no dia 30/08/1885. Nesta ocasião o Rev. Modesto Perestrello B. Carvalhosa, a pedido do Rev. Zacharias batizou a sua filha: Carmelina. Nesta mesma ocasião celebrou a Santa Ceia o Rev. Eduardo Carlos Pereira e Rev. J. M. Kille. A reunião do Presbitério do Rio de Janeiro aconteceu no mesmo período.

⁹³ Ver anexo 2, vol II, p. 12, (foto 11): Reunião do Presbitério do Rio de Janeiro em Sorocaba (1885).

Segundo Zacharias, a estratégia católica foi o clero local organizar a Festa de São Roque, com a finalidade de evitar que a população participasse das atividades promovidas pela Igreja Presbiteriana, naquela ocasião. Zacharias em seu artigo afirma que se o clero estivesse convencido das verdades que defendia, não devia temer as ações dos presbiterianos na cidade de Sorocaba, que se reuniam para estabelecer as estratégias de expansão do Evangelho no Brasil. Em seguida, Zacharias de Miranda, marcando sua postura de polemista, convida o referido articulista do jornal *A Província de São Paulo* para um debate público, cuja lista de 10 assuntos ele já propunha como tópicos do debate: tradições católicas, livros apócrifos, os sacramentos, a missa é um ensinamento estranho à Palavra de Deus, purgatório, invocação de santos, idolatria, confissão auricular, doutrina da transubstanciação, Pedro não foi considerado o primeiro papa (*Imprensa Evangélica*, 03/10/1885, p. 149-150).

Seriam então os articulistas não identificados, pessoas ligadas diretamente ao clero católico?

A resposta de Zacharias ao sr. O., não demorou a ser publicada no *Diário de Sorocaba*, o que evidencia a disputa e o conflito no campo religioso sorocabano. Ele afirmava que previa que a luta não seria travada apenas com a Gazeta de Tatuí, ou seja, compreendia que a luta também ocorreria no campo religioso sorocabano. O sr. O., apontara através do seu artigo, que a reação ou a interpretação apresentada por Zacharias no jornal, em relação a Igreja Católica, representava as mesmas reações de intolerância publicadas pela *Gazeta de Tatuí* e praticadas pelas autoridades civis e o povo de Rio Feio.

Vejamos a resposta de Zacharias:

SECÇÃO LIVRE UMA BREVE RESPOSTA

Quando empreendemos a tarefa de oferecer uma contradição às inexatas afirmações da Gazeta de Tatuí já prevíamos contestações, isto é, prevíamos que a luta não seria travada só com aquele jornal, e não nos enganamos.

Acabamos de ler no Diário um artigo em estilo epistolar, escrito por cavalheiro cujo nome oculta-se sob o pseudônimo – O. Pensávamos, porém, que havia de surgir-nos pela frente um sujeito colérico, enfezado, servindo-se de fel por tinta, como de ordinário tem acontecido. Enganamo-nos: o cavalheiro que tomou a si a tarefa de contraditar os nossos humildes acertos colocou-se a altura de uma questão séria como é a de que nos ocupamos; delicado, atencioso, molhando, por vezes, a pena em mel, exceção feita a uns pequenos grifos, cumpre bem o seu dever de católico romano que nunca levou o sentimento de religiosidade a altura do fanatismo...

Á pergunta – se algum dia sofreremos nesta terra... alguma violência – respondemos:

O fato de não termos sofrido violências aqui é devido a circunstâncias especiais e não prova que a agressão em Rio Feio não fosse mandada executar por agentes que sabem escolher os lugares apropriados para pôr em cena a política da intolerância religiosa...

Depomos a pena afagando a esperança de que S.S. meditando com mais madureza e isenção de animo sobre o que havemos dito, nos fará justiça, dando-nos inteira razão – J. Zacharias de Miranda. (*Diário de Sorocaba*, 27/08/1889, p. 2).

Neste artigo, o próprio Zacharias afirma que não tinha encontrado hostilidade por parte do catolicismo sorocabano por estar em condições especiais. Quais seriam estas condições especiais? Seria o fato de pertencer à Maçonaria Sorocabana? Interpretava o episódio em Rio Feio como uma intolerância religiosa, que segundo a sua visão, representava uma continuação natural do procedimento da Igreja romana em todos os tempos e que este episódio tinha uma ligação lógica com o modo como ela tratava os que discordavam da sua visão. Zacharias dizia que negar estes fatos históricos era rasgar a História. Mas, na cidade de Sorocaba, embora predominasse o mesmo princípio religioso da cidade de Rio Feio, reconhecia que a intolerância encontrava barreiras tanto na civilização do povo quanto na administração da justiça, cujas autoridades criteriosas e justiceiras garantiam a liberdade de todos os cidadãos de qualquer campo religioso.

Quem eram as autoridades criteriosas e justiceiras que garantiam a liberdade dos cidadãos sorocabanos?

Tudo indica que eram pessoas ligadas ao campo maçônico e político sorocabano. Por essa razão, Zacharias não criticaria a cidade de Sorocaba. Desde 1886 fazia parte do diretório do Partido Republicano e em 1887, assume a sua presidência (*Diário de Sorocaba*, 15/05/1887). Em 18 de junho de 1888 foi reeleito na diretoria do diretório, juntamente com Olivério Pilar, José Antonio Cardoso, Brasilico de Barros e João Lycio Gomes e Silva. No ano de 1889, contava com o apoio dos políticos sorocabanos e da própria Maçonaria, ou seja, estava estrategicamente bem posicionado. Alguns dos amigos ocupavam posições privilegiadas no campo sorocabano: Ten. Cel. Fernando Martins França era o presidente da Câmara Municipal, Manoel Nogueira Padilha era juiz de paz e vice-presidente da Câmara Municipal, Olivério Pilar era presidente do Gabinete de Leitura e presidente do diretório republicano, Bento Jequitinhonha era tesoureiro do Gabinete de Leitura e venerável da Loja Perseverança III (Aleixo, 1999).

Em 26 novembro de 1889, a Câmara Municipal fez a seguinte nomeação: Delegado de polícia - Olivério Pilar; suplentes: José Antonio Cardoso, Antonio Joaquim Dias, João J. Soares de Barros; subdelegado: José Zacharias de Miranda; suplentes: Francisco José Fontoura, Justiniano Marçal de Souza, Antonio Lopes Machado; escrivão: José Bella (Aleixo, 1999). Zacharias é indicado para o cargo de subdelegado da cidade de Sorocaba. Um dos seus suplentes é Justiniano Marçal de Souza, filho de José Antonio de Souza Bertholdo. Vale a

pena ressaltar a aproximação política de Zacharias de Miranda com a família Bertholdo, disciplinada no período do pastorado de Antonio Pedro de Cerqueira Leite. Por essa razão, Zacharias apresenta o povo sorocabano como um povo civilizado e que não lhe oferecia oposição religiosa. Seus principais amigos dominavam o campo político sorocabano, além de partilharem algumas idéias e de estarem inseridos em relações de poder e de compromissos políticos.

Respalado politicamente pelo grupo social e político a que pertencia, Zacharias continua a publicar seus artigos sobre o episódio em Rio Feio. No artigo publicado no *Diário de Sorocaba* DE 25/08/1889, ele direciona seu ataque ao Delegado de Polícia da cidade de Tatuí, afirmando que suas acusações feriram a liberdade de culto garantida pela Constituição e que sentia ter que desmentir um documento escrito por uma autoridade oficial, pois estas deveriam ser respeitadas. Sua posição demonstrava certa subordinação à ordem vigente, porém demonstrou-se crítico ao afirmar que o posicionamento adotado pelo delegado contrariava os direitos e a liberdade da Igreja Evangélica. O referido delegado, cujo nome não é mencionado, acusava Zacharias de Miranda de ter planejado e instaurado um processo judicial por danos. Sobre este assunto Zacharias faz a seguinte pergunta: “Ignorará por ventura a autoridade policial que o processo que correu perante o foro de Tatuí e que hoje está pendente da sentença do Dr. Juiz de Direito foi instaurado ex-officio”?

Em outro trecho do artigo, Zacharias de Miranda sai em defesa do pastor Horace Lane, ao fazer a seguinte referência:

Abespinha-se o Delegado porque o Dr. Lane, a quem ele, por equívoco nada católico chama:- o sr. Laude, escrevendo ao General Couto Magalhães usasse da frase:- um tal Chico Manuel.

Porque tanto, azedume por uma coisa tão fútil? É ou não é o homem em questão, conhecido e tratado ali pelo nome de Chico Manuel? Há porventura algum pesar em tratar-se um individuo pelo apelido que ele trouxe do lar? Pois porque tratar de desprezo nada evangélico o modo como o Dr. Lane escreveu o nome pelo qual é ali vulgarmente conhecido e tratado o homem em questão, quando o delegado não considera desprezo nada evangélico que outros, que todos ali o tratam pelo seu nome vulgar:- Chico Manuel?

Ficaria grato em extremo ao Delegado se ele me indicasse quais os insultos por mim atirados contra o catolicismo, precisando mesmo as palavras insultuosas que usei? Não costumamos insultar; respeitamos as opiniões de todos e de cada um, o que não impede que profliguemos os erros o que nunca pode ser tachado de insulto (*Diário de Sorocaba*, 25/08/1889).

Zacharias não somente defende o campo religioso protestante como também defende alguns dos seus principais agentes: Horace Lane, diretor da Escola Americana em São Paulo. Zacharias pertencia ao grupo de Horace Lane que defendia a utilização da educação como meio de evangelização indireta. Encerra seu artigo pedindo ao Delegado que indicasse os

insultos que ele havia feito contra o catolicismo, afirmando que não fazia parte da sua postura insultar, pois respeitava as opiniões de todos.

A polêmica em torno do episódio de Rio Feio invade o ano de 1890. O articulista denominado O. retorna ao palco da polêmica, escrevendo um artigo intitulado “Aos Sr. Presbiterianos”, no qual os ataca frontalmente ao interpretar um episódio que ocorreu em Londres contra um arcebisbo chamado Walsh:

A Gazeta de Tatuí, com referência a um dos membros da propaganda evangélica, foi porque vi nesses referidos pontos, a intolerância implantada neles, digo – em geral, nos crentes da religião que pretende propagar, para provar do que avanço transcrevo uma notícia que li neste Diário, publicada este último domingo, essa notícia vai grifada por minha conta, para que fique saliente e dê na vista dos crentes da propaganda evangélica e não passam bradar a boca alheia – que a intolerância é filha legítima da Igreja Romana e que o erro é só próprio dos católicos romanos e o espírito obscuro predomina no catolicismo romano! Segue-se a notícia: “Cá e Lá”? Deu-se em Londres o seguinte caso: “O arcebispo monsenhor Walsh dirigia-se à Catedral em carroagem, quando esta foi seguida de grande número de populares que apedrejaram o arcebispo”. Estas manifestações eram acompanhadas de gritos: “Morra o Arcebispo! Morra o Papa!” O arcebispo ainda foi colhido por uma pedra, ficando ligeiramente ferido. Este Diário comenta da seguinte maneira: “Vá com vistas os protestantes para que se consolem com alguma cousa que sofrem por cá”. Até na culta Inglaterra apedreja-se por motivos religiosos. “O mais forte sempre há de oprimir o mais fraco em questões desta ordem”.

Pois bem, fiquem os srs. Presbiterianos sabendo, que Rio Feio jamais se pode comparar com Londres, onde é presumível que haja mais civilização do que qualquer uma cidade cá do interior. Fica também patente, que o autor do artigo que acima referi, teve razão – quando num de seus artigos dissera – que a Igreja essencialmente cristã, era a Evangélica prova matematicamente em Londres, o verdadeiro evangelismo! É verdadeiramente cristã, srs crentes?... (Diário de Sorocaba, 01/01/1890).

O fato do sr. O ocultar-se sob pseudônimo pode sugerir a idéia de que era uma pessoa conhecida de Zacharias ou um representante do próprio catolicismo romano em Sorocaba, ou até mesmo um livre pensador, que não gostava de discussões em torno de assuntos religiosos. O conflito estava instaurado no campo religioso sorocabano. Ele entendia que a ação de Zacharias fazia parte da propaganda protestante com a finalidade de ocupar o campo católico. Afirma que como católico jamais se converteria a uma religião que - afirmava ironicamente - sendo “essencialmente cristã”, promovia episódios de intolerância religiosa como os ocorridos em Londres.

A resposta de Zacharias ao articulista foi escrita em São João Del Rey (Minas Gerais) em 29 de janeiro de 1890, e publicada no *Diário de Sorocaba* de 07/02/1890. O ministro presbiteriano deveria estar em alguma viagem missionária ou atendendo algum campo missionário naquela cidade. Há tempos, a cidade fora analisada por Blackford (*The Foreign*

Missionary, 1862, p. 370), que apontou as condições favoráveis à evangelização, pois despontava como um centro de efervescência intelectual e educacional. Basicamente a resposta de Zacharias fundamentava-se nos mesmos argumentos já discutidos. Porém, afirmava que o articulista atribuía erroneamente aos protestantes os episódios ocorridos em Londres, afirmando improcedentes as acusações. Chama a atenção do público que lia os jornais para se posicionar diante dos debates neles levantados, afirmando:

Eis o que se deu; e se as informações que me deram são exatas, e presumo que o sejam, segue-se: Monsenhor Walsh não foi apedrejado por protestantes, mas por católicos. Monsenhor Walsh não foi apedrejado por Ingleses, mas por Irlandeses; Monsenhor Walsh não foi apedrejado, segundo informaram, em Londres, mas sim na católica cidade de Dublin. Monsenhor Walsh não foi vítima de uma perseguição religiosa, mas sim política, provocada por sua atitude covarde e traiçoeira. Em suma, Monsenhor Walsh, arcebispo católico, foi apedrejado por católicos, em país católico e por motivo puramente político (Diário de Sorocaba, 07/02/1890).

Zacharias tenta eximir o protestantismo dos feitos ocorridos em Londres, mostrando que o acontecimento era de caráter político e não religioso.

Já no ano de 1894, a crítica ao catolicismo no campo sorocabano não está nos escritos de Zacharias de Miranda, mas procede de um membro do grupo político a que pertencia⁹⁴. Neste período, Zacharias não era somente membro do diretório republicano, mas vereador da cidade (*O 15 de Novembro*, 07/06/1894). Neste mesmo jornal, na primeira página, começa a ser publicado uma série de artigos intitulados “Pela liberdade”. O articulista começa com a seguinte pergunta: “Poderemos encarar com indiferença a invasão de jesuítas em nosso município”? O articulista de nome Aquaviva afirmava que, como republicano, sua intenção sempre foi lutar pela liberdade e por essa razão não podia silenciar diante da invasão dos jesuítas em Sorocaba, que representavam na sua visão, os inimigos da república. Esta invasão corporificava-se na organização de uma nova escola, que estava sendo organizada na cidade.

Após ter publicado três artigos contra os jesuítas, o jornal *O 15 de Novembro* publica artigo em defesa deles, intitulado “Pela Verdade”, assinado por A. Ferreira de Oliveira. O artigo foi publicado nas duas páginas do jornal, no dia 28/06/1894. Ferreira de Oliveira, segundo o periódico, era articulista do jornal *Verdade*, de orientação católica. O articulista, em apologia aos jesuítas, afirmava que em todo território brasileiro existiam colégios organizados pelos jesuítas e que estes não representavam um modelo educacional e religioso ultrapassado. Estes intelectuais, em respostas às acusações estampadas no *O 15 de Novembro*,

⁹⁴ Os artigos “Pela Liberdade” escritos por Aquaviva, foram publicados em algumas edições do jornal *O Estandarte*, criado pelo Rev. Eduardo Carlos Pereira. Consultar: (*O Estandarte*, 26/01/1895, anno III, p. 01-02) , (*O Estandarte* 16/02/1895, ano III, p. 01-02), (*O Estandarte*, 20/04/1895, p. 2). O que reforça a idéia de que Aquaviva tinha relações de poder com Zacharias de Miranda em Sorocaba.

lutavam mediante os seus discursos na imprensa, tentando fazer imperar seus ideais políticos, educacionais e religiosos. A discussão entre Aquaviva e Ferreira se estende por mais alguns números dos respectivos jornais. Isto significa que o conflito entre dois campos distintos dominava o contexto sorocabano na tentativa de ocupar um lugar de dominação no campo.

No *15 de Novembro* de 08/07/1894, por exemplo, Aquaviva retoma as discussões contra o movimento jesuíta que se instalava na cidade. Neste artigo afirma que não confessa a religião protestante: “Não somos protestantes, no sentido que vulgarmente se dá a esta palavra, e por isso mesmo podemos imparcialmente entrar nesse assumpto” (p. 01). Ele procura mostrar que o Catolicismo estava vinculado, por opção política, à Monarquia. Afirma que a Monarquia era o regime que mais convinha ao catolicismo.

Mas os embates contra o movimento jesuíta e a organização de colégios realizados por este grupo católico percorrem várias edições do *15 de Novembro*. A insistência em publicar os artigos relacionados ao movimento jesuíta nos sugere pensar que este movimento representava um problema político e religioso a ser combatido pela elite sorocabana, que entendia que este movimento contraria seus ideais de modernização da cidade.

Zacharias pelo menos nas páginas dos jornais não discutia a questão da presença da ideologia dos jesuítas em Sorocaba. Neste período suas ações estavam concentradas no campo político de Sorocaba, onde atuava como vereador.

É válido frisar que a imprensa sorocabana desde a década de 70 estava empenhada em fazer uma campanha ideológica contra o movimento jesuíta em Sorocaba. O fato de não termos apresentado este raciocínio anteriormente, foi em razão de concentrarmos a atenção nos conflitos relacionados ao campo religioso protestante e católico. Agentes sociais pertencentes ao campo político expressavam suas opiniões através da imprensa. É o caso do jornal *O Sorocabano*, dirigido por Júlio Ribeiro, Maylasky e Ubaldino do Amaral. Eles combatiam o movimento católico (17/07/1870) como a ideologia de uma sociedade conservadora, inimiga dos ideais maçônicos e do progresso social que eles idealizavam através das suas práticas políticas e sociais. A crítica, portanto, acontece muito mais no campo político do que religioso. O jornal *O Americano* (1872) publicava artigos relacionados à Inquisição, realizada pela Igreja católica em várias partes do mundo. Na mesma linha de pensamento, o jornal *O Colombo* lança críticas ao movimento jesuíta, publicando artigo intitulado “O jesuitismo” (23/11/1876). O jornal era de propriedade de Domingos da Costa e Silva.

O mesmo acontece com o jornal *A Imprensa Evangélica*, órgão oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil, organizado por Simonton. Nas páginas dos jornais vemos vários artigos que contrariavam o catolicismo: papismo, clericalismo, o clero e a nova propaganda, o ultramontanismo,

O próprio Zacharias de Miranda publica na *Imprensa Evangélica* de 21/06/1885, um artigo intitulado “A propaganda protestante perante o público”. Este artigo se apresenta como uma resposta às acusações feitas por um certo Dr. Carvalhaes. Zacharias retoma a linha de pensamento teológica que não admitia a adoração às imagens de santos, afirmando que esta era uma das razões do povo católico permanecer na ignorância e no erro. Para ele, a única maneira do povo ser civilizado era aceitar a proposta evangelizadora do presbiterianismo.

Tentei neste capítulo mostrar que a presença presbiteriana de Sorocaba fazia parte da proposta missionária norte-americana. Nos primeiros anos de formação, o presbiterianismo em Sorocaba contou com apoio dos próprios missionários americanos e de agentes sociais pertencentes a vários segmentos da sociedade sorocabana. No período missionário de Antonio Pedro, procurei mostrar que o presbiterianismo em Sorocaba optou por ter uma projeção social através do campo educacional e não necessariamente através do próprio campo religioso que representava. No período do trabalho missionário de Zacharias de Miranda, o presbiterianismo teve projeção social em três campos: educação, religioso e político. No campo religioso, o presbiterianismo adotou características combativas, aproximando das atitudes adotadas por Blackford em relação ao catolicismo brasileiro.

Em Sorocaba, além da presença americana que estabeleceu as bases do presbiterianismo, tivemos a presença de dois pastores nacionais: Antonio Pedro de Cerqueira Leite e José Zacharias de Miranda Silva. O primeiro teve uma atuação mais voltada para o fortalecimento interno do campo religioso protestante, que resultou na desestruturação das bases estabelecidas pelos missionários americanos, por causa da sua opção religiosa fundamentada de certa forma na ética puritana. O segundo, o pastor Zacharias de Miranda, diferentemente do seu antecessor, procurou reconstruir as relações de poder estabelecidas pelos missionários norte-americanos, aproximando-se do grupo elitizado na cidade de Sorocaba, permitindo dessa forma o fortalecimento do presbiterianismo no campo religioso sorocabano. Para tanto, utilizou-se do campo político, no qual atuava como vereador. Dentro deste campo estabeleceu relações de poder que lhe deram suporte para expandir a propaganda protestante em outras cidades: Tietê, Faxina, Itapetininga, Tatuí, Rio Feio. Nestas cidades enfrentou maior resistência por parte dos agentes religiosos pertencentes ao campo católico.

Porém, foi na cidade de Sorocaba que ele polemiza pela imprensa, as questões relacionadas às perseguições sofridas, talvez com o objetivo de consolidar a sua atuação política e religiosa pelo papel do intelectual. Confrontando as fontes da imprensa sorocabana com a imprensa evangélica, conseguimos mostrar que o campo religioso sorocabano se apresentou, como havíamos pensado, num campo de conflito ostensivo e direto à propaganda protestante. Os que se posicionavam em favor do catolicismo ocultavam-se em pseudônimos ou em iniciais, o que dificultou a identificação desses agentes. Mas, de certa forma, podemos notar que a luta no campo religioso político em Sorocaba era diferente das cidades em que a proposta civilizatória protestante estava em processo de inserção. Em Sorocaba, o presbiterianismo estava mais solidificado do ponto de vista político e religioso. Os conflitos em outras regiões mais rurais estavam relacionados ao início da proposta civilizatória realizada por Zacharias de Miranda. Além disso, na cidade de Sorocaba, Zacharias de Miranda contava com o apoio da elite que ocupava naquela ocasião vários campos. Isto significa dizer que ele estava melhor posicionado na cidade de Sorocaba e contava com o prestígio do grupo que pertencia.

No próximo capítulo, tentarei demonstrar como o presbiterianismo se inseriu no campo educacional sorocabano através de uma proposta educacional escolar protestante.

3. O CAMPO EDUCACIONAL NA CIDADE DE SOROCABA

Vimos no capítulo anterior que a inserção do Presbiterianismo em Sorocaba na segunda metade do século XIX ocorreu através das relações de poder estabelecidas entre os missionários norte-americanos com um grupo elitizado da sociedade sorocabana, que neste contexto tentava através da sua prática política ocupar o espaço social de Sorocaba. Como mostramos, este grupo era formado por maçons pertencentes às Lojas Maçônicas de Sorocaba: Constância (1847) e Perseverança III (1869)⁹⁵. Sustentamos no capítulo anterior, que a inserção do presbiterianismo no Brasil e, especialmente, em Sorocaba, reconfigurou o campo religioso sorocabano. Neste sentido, tentamos analisar quais foram as estratégias utilizadas pelos agentes sociais pertencentes ao campo religioso católico e presbiteriano. No caso do catolicismo, os agentes sociais se posicionaram diante da proposta protestante que se instaurava na cidade de Sorocaba com o objetivo de garantir sua hegemonia. No caso dos presbiterianos, estes estabeleceram relações de poder com grupos sociais que viam no catolicismo um modelo religioso ultrapassado e conservador, que afrontava os ideais modernizantes que eles defendiam, mas que encontravam apoio no modelo religioso protestante.

Neste capítulo, minha intenção é mostrar que os agentes sociais que dominavam o espaço de poder sorocabano também lutavam pela dominação do campo educacional, que no período delimitado neste trabalho, passava por um acentuado processo de escolarização. Existiam várias instituições escolares, inclusive uma instituição que oferecia uma proposta educacional protestante. Tomo como hipótese que a proposta educacional religiosa protestante vinha ao encontro dos anseios dos agentes sociais que pertenciam à Maçonaria sorocabana e que tais agentes estabeleceram as alianças através das relações de poder para concretizarem sua dominação. Esta relação de poder, como acentuei nos capítulos anteriores, começou a ser configurada em dois campos distintos: campo político e campo religioso, mas que se aproximavam na medida que os agentes estabeleciam suas estratégias com agentes sociais pertencentes a estes campos. Para eles, a educação era um instrumento indispensável para o processo de modernização da cidade. Esta concepção modernizadora, na perspectiva dos agentes sociais, fazia parte da proposta educacional protestante, que a oferecia através da sua metodologia pedagógica norte-americana inovadora a tão idealizada modernização da sociedade. Acentuo ainda que a cidade como espaço de poder era favorável à proposta

⁹⁵ Ano de organização das duas Lojas.

educacional protestante por representar um contexto político em transição e um período marcado por um acentuado processo de escolarização.

Portanto, no campo educacional sorocabana entre o fim do Império e início da República, a Escola Protestante era uma estratégia dos presbiterianos para legitimar os seus interesses, contribuir para a formação intelectual do grupo elitizado, alcançar novos adeptos através da evangelização indireta e oferecer um modelo pedagógico moderno, reforçando análise feita Hilsdorf (1977).

3.1. AS ESCOLAS EM SOROCABA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Como demonstrei nos capítulos anteriores, a cidade de Sorocaba entre o fim do Império e início da República passava por um acentuado processo de transformação política e religiosa. Na perspectiva política, a cidade passava pela transição do modelo monárquico para o republicano e pelo fim da mão de obra escrava para a mão de obra assalariada. Na perspectiva religiosa, vimos o surgimento de um novo segmento religioso proselitista, fruto de missão de origem norte-americana, que teve sua primeira inserção na cidade em 1861, com a visita do missionário Rev. Simonton.

Nossa atenção agora se centra no campo educacional em Sorocaba na segunda metade do século XIX, com o objetivo de mostrar ao leitor que a cidade também estava vivenciando um processo de escolarização, acompanhando o movimento mais geral da sociedade paulista (Hilsdorf, 2003, caps 4 e 5). Dentre as instituições escolares do período, terá o seu lugar uma iniciativa protestante presbiteriana.

Na perspectiva da história da educação, temos vários trabalhos que caracterizam o processo de escolarização da educação em Sorocaba. Um dos primeiros foi realizado pelo historiador sorocabano Og Menon⁹⁶ (2000), a quem recorri em busca de informações. Utilizei principalmente os capítulos 1 e 3, que citam as escolas. Por outro lado, acentuo que revisei algumas das fontes utilizadas pelo autor, principalmente, os relatórios e os jornais da época, o que me possibilitou acrescentar algumas informações, que julguei importantes. Seu trabalho tem como objetivo estudar a instrução escolarizada na cidade de Sorocaba no período compreendido entre 1870 e 1906. Além de mostrar as várias escolas da cidade de Sorocaba,

⁹⁶ MENON, Og Natal. Educação escolarizada em Sorocaba entre o Império e a República. São Paulo: PUC (Tese de Doutorado), 2000. Disponível no site: http://www.create.com.br/og_tese.htm.

ele também analisa a legislação brasileira que direcionava o funcionamento de tais instituições educacionais. Seu trabalho reúne também os principais relatórios dos professores encaminhados ao Inspetor da Província. Menon (2000) aponta a existência das seguintes escolas neste período: Escola Alemã, Escola Teuto-brasileira, Colégio Neuberth, Lyceu Municipal, Externato São Luiz, Escola Noturna Perseverança III, Grupo Escolar Antonio Padilha dentre outras.

Em 1868, em ofício ao Inspetor da Instrução Pública, a Professora de Primeiras Letras Maria Flora de Souza comunica que fora aberto um colégio de meninas instituído e dirigido por Da. Gertrudes de Almeida Pillar. O Dr. Ubaldino do Amaral Fontoura era o Professor de Primeiras Letras e de Francês, e suas irmãs, Da. Maria Gertrudes e Da. Narciza, “eram respectivamente as mestras de música, de prendas domésticas e dança”. Tinha 11 alunas, sendo 5 internas e 6 externas e o estabelecimento se intitulava Colégio de Nossa Senhora Aparecida de Sorocaba. É importante frisar que Ubaldino do Amaral era um dos agentes sociais, que saiu da Loja Constância fundou com outros maçons a Loja Perseverança III. Ele não somente circulava no campo maçônico como também já se projetava em 1868, no campo educacional sorocabano.

Em 1869, a maçonaria sorocabana também liderou algumas iniciativas educacionais⁹⁷, criando uma escola noturna. Segundo Menon (2000), os maçons foram os pioneiros no ensino primário particular gratuito, com a introdução da escola noturna voltada especialmente aos analfabetos adultos e adolescentes que trabalhavam durante o dia, mas desejavam frequentar os bancos escolares à noite. Ela teve pouca duração, fechando em 1870.

Em 1874, era fundado o Colégio União Sorocabano para ambos os sexos, mas já em 1875, continuou só com a seção feminina, dirigido pelas professoras norte-americanas H. Wullul e Anna Wilk. Não há evidências que elas estavam ligadas ao presbiterianismo em Sorocaba.

Em 1876, a Loja Constância também criou uma escola noturna, localizada na própria sede da loja, na rua Boa Vista. A idéia da criação da escola foi do professor e maçom Carlos Alberto Ferreira Araújo em sessão regular da loja, no dia 25 de setembro de 1876 (2º Livro de Ata da Loja Constância, p. 155).

⁹⁷ Para um aprofundamento, consultar: Ivanilson B. da SILVA, Apontamentos sobre Maçonaria, Abolição e a educação dos filhos de escravos na cidade de Sorocaba no final do século XIX. *REVISTA HISTEDBR on line*, 27 (2007): 95-111; e Vanderley Silva, A participação da Loja Maçônica Perseverança III na Educação Escolar em Sorocaba: do final do segundo reinado ao final da primeira República. Dissertação de mestrado defendida na Universidade de Sorocaba, 2009.

Em 1882 Manoel José da Fonseca, membro da Loja Maçônica Perseverança III, criou uma escola noturna para os seus operários e escravos entregando-a aos cuidados do professor Horácio Ovídio de Oliveira. Manoel Fonseca era o proprietário da fábrica nossa Senhora da Ponte, inaugurada em 02/09/1882. Vários membros desta Loja estiveram ligados ao movimento que instaura a industrialização na cidade de Sorocaba.

Ainda por iniciativa dos maçons sorocabanos da Loja Perseverança foi criada em 1888 a sua Escola Popular. Segundo Aleixo:

Em sessão de 16 de junho, o venerável Padilha comunica à loja haver cedido 'a sala de entrada' a uma associação que se formou visando manter aula noturna aos libertos. Com a palavra, João José da Silva concitou a loja a apoiar referida associação cujo fim nobre, por si só, justificava a solidariedade maçônica, cuja associação aceitara o 'encargo de dar o pão do espírito àqueles que, além dos muitos trabalhos, permaneceram na mais crassa ignorância' e terminou apelando para que a loja também fornecesse a iluminação.

Essa entidade, sob o nome de 'Escola Popular', foi constituída pelos srs. Arthur Gomes, Adolfo Osse, Antonio Egídio Padilha, Benedito Cordeiro e João Padilha, sob o nome significativo de 'Luz e Liberdade'. Visava 'disseminar a instrução pelas classes que não a podem obter por deficiência de recurso'.

Passou a funcionar a partir do dia 2 de julho, em sala da Perseverança III, estando matriculados 75 alunos nesse dia (1999, p. 388).

Poucos meses depois, alegando falta de recursos, os responsáveis pela escola comunicam o fechamento da escola, publicando uma nota na imprensa sorocabana:

A sociedade Luz e Liberdade, por deliberação dos seus fundadores, resolveu suspender temporariamente as aulas noturnas que mantinha nesta cidade, a expensas suas e da Loja Perseverança 3ª, por causa do recrutamento que se está procedendo neste município. Cumpre acrescentar que essas aulas estabelecidas para os libertos, operários e meninos que não pudessem freqüentar as diurnas, eram freqüentadas por grande numero dos mesmos, atingindo o número dos matriculados a cento e trinta e sete, e desde a notícia do recrutamento o número destes desceu a menos da quarta parte. Outrossim, a Escola popular conta três professores assíduos e esforçados que ensinam gratuitamente. Assim crê a sociedade haver dado ao público satisfatória razão ao repentino fechamento de sua escola (*Diário de Sorocaba*, 20/10/1888).

Em 05 de janeiro de 1889, a escola retornou suas atividades educacionais com os mesmos objetivos anteriores, porém fechou em dezembro do mesmo ano.

Em 1896, a Loja Perseverança III organiza mais uma escola noturna. A proposta foi feita por Amaro Egídio e João Clímaco de Camargo Pires, no dia 23 de setembro de 1895 com as seguintes cláusulas que regeriam esta instituição escolar:

- 1) Que devia funcionar na sala do prédio desta Loja; 2) que funcione diariamente com a exceção dos dias de trabalho da Loja; 3) que seja regida por um irmão ativo; 4) que o dito professor estabelecerá as horas de trabalho, com aprovação do irmão venerável devendo ser de duas e meia horas de serviço, 5) que os irmãos se cotizem para pagamento de um professor que receberá seu ordenado todos os dias

dez de cada mês, em que apresentar o movimento diário da mesma escola, podendo o irmão venerável passar um atestado; 6) para dar execução a este projeto, será nomeada uma comissão com caráter definitivo composta de três membros sendo um diretor, outro procurador e outro mesário que agirão por si mesmo no sentido de propor as reformas que achar melhor, e finalmente; 7) no dia marcado para a instalação da aula, haja uma sessão solene para bem patentear os intuitos que animaram os membros desta oficina (Aleixo, 1994, vol II, p. 121).

Em relatório encaminhado ao Inspetor Geral de São Paulo, Joaquim Silva afirma que a Loja Perseverança III inaugurou a Escola Noturna Perseverança no dia 15 de novembro de 1896 e começou a funcionar no dia 15 de janeiro de 1897 com 18 alunos matriculados. Segundo o mesmo relatório em maio do mesmo ano contava com 28 alunos, em junho contava com a presença de 92 alunos matriculados. Neste período a responsabilidade educacional esta sob a responsabilidade do professor normalista Álvaro de Moraes Rosa. (Arquivo do Estado de São Paulo, 19/04/1899, ordem 5110). Em 1898, deixou a direção da escola, assumindo seu lugar o maçom Otto Wey. Ao mencionar o programa Joaquim Silva escreve:

O programa, como se vê abaixo, é muito resumido: nem de outra forma pode ser o de uma escola que se dedica ao ensino de quem não dispõe para o estudo senão do tempo em que está na escola, como sucede aos alunos da Perseverança em sua quase totalidade empregados nos estabelecimentos industriais da cidade... Programa. Português: noções gramaticais, exercícios de leitura, declamação e redação. Aritmética: estudo prático dos números até operações sobre juros. Geografia: idéia geral sobre o mundo, noções de geografia do Brasil e de São Paulo. História Pátria: explicações das datas nacionais e educação cívica (Arquivo do Estado, 19/04/1899, 5.110).

Além de afirmar que a escola estava em constante crescimento, acentua que quase todos os alunos se encontravam empregados nas indústrias de Sorocaba. Pelo relatório podemos observar que os alunos eram oriundos das camadas desfavorecidas da cidade e que não tinham condições de arcar com o material exigido no programa curricular. Para se matricular na escola noturna, os operários precisavam trazer o cartão das respectivas fábricas em que trabalhavam (*O 15 de Novembro*, 14/02/1897).

Diante disso, Joaquim da Silva, afirma que o material escolar era fornecido pela Perseverança III. As carteiras eram fornecidas pelo poder público. O ensino era totalmente gratuito e declara que a escola noturna não recebia nenhum auxílio financeiro dos cofres públicos. Neste período, a escola contava com 48 alunos matriculados e com uma frequência regular de 40 alunos. Segundo o relatório, as aulas funcionavam diariamente das 6h:30min às 21h:30min, exceto aos sábados, domingos e segunda-feira. A idade média dos alunos

matriculados é 13 a 22 anos. Estavam matriculados 37 brasileiros e 11 estrangeiros. Um dos textos utilizados para a leitura era a “cartilha nacional” de Júlio Ribeiro.

Joaquim Silva, em tom retórico e crítico, termina o relatório com as seguintes palavras:

Estes são os dados que ao governo pude fornecer como professor da escola sustentada pela benemérita associação que lhe dá o nome, e que não fosse sua iniciativa, condenaria ao exílio das trevas aqueles que não tem recursos para pagar professores ou que acham impossibilitados de freqüentar as aulas diurnas, principalmente depois que o governo do estado não mais reabriu a escola que aqui sustentava (Arquivo do Estado de São Paulo, 1899, 5110).

O relatório ainda traz a seguinte relação de alunos matriculados na Escola Noturna Perseverança:

Nº	Nome	Filiação	Idade	Naturalidade
1	Alberto Mentone	Luiz Mentone	9	Sorocaba
2	Arthur Malanconi	Raphael Malanconi	12	Sorocaba
3	Aristides Dias	Frutuoso Dias	11	Sorocaba
4	Antonio Marrone	Constantino Marrone	11	Itália
5	Abel Fogaça	Pedro Fogaça de Almeida	12	Sorocaba
6	Adonias Fogaça	Pedro Fogaça de Almeida	10	Sorocaba
7	Augusto Nogueira	Francisco Nogueira	13	Sorocaba
8	Alfredo Rodrigues Padilha	João Rodrigues de Oliveira	12	Sorocaba
9	Antonio Rolim de Oliveira	B. Rolim de Oliveira	11	Itapetininga
10	Antonio Juliano	J. Juliano	13	Sorocaba
11	Benedicto Félix dos Santos	Joaquim Pedro dos Santos	14	Sorocaba
12	Benedicto Rodrigues Amorim	Anna G. de Moraes	7	Sorocaba
13	Benedicto Paulo da Rosa	Maria C. Conceição	13	Sorocaba
14	Benedicto Schultz	Júlio Schultz	12	Sorocaba
15	Carlos Schultz	Júlio Schultz	13	Sorocaba
16	Cândido Silva	Denictina Silva	13	Sorocaba
17	Edmundo Malanconi	Raphael Malanconi	10	Sorocaba
18	Gabriel Osse Padilha	Adolpho Osse	8	Sorocaba
19	Gilberto Benedicto de Souza	Benedicto de Souza	17	Sorocaba
20	Hermenegildo Gomes	Eduardo Pinto	13	Portugal
21	Isaltino Vieira	Antonio José	18	Sorocaba
22	Isaías Soares	José R. Soares	10	Sorocaba
23	Juvenal R. Camargo	Joaquim Rodrigues Camargo	10	Sorocaba
24	João Rodrigues E. Santo	Messias J. do Espírito Santo	12	Sorocaba
25	João Barbo	Theodoro Barbo	13	Sorocaba
26	João Juliano	José Raphael Juliano	13	Sorocaba
27	Jeronymo Pires de Andrade	Anna Rocha	12	Sorocaba
28	José Palotta	Antonio Palotta	12	Itália
29	José Facio	Thomaz Facio	9	Itália
30	José Mentoni	Luiz Montoni	11	Itália
31	Joaquim Barbosa	Manuel Serrulha	14	Sorocaba

32	Luiz Osse Padilha	João Osse	8	Sorocaba
33	Leopoldo P. Porto	M. P. Porto	21	R. G. Sul
34	Lourenço Cunazzi	Constantino Cunazzi	13	Itália
35	Moysés Aguiar de Campos	João B. de Aguiar	22	Sorocaba
36	Mazzini Scatta	Frederico Scotta	19	Itália
37	Manoel F. Gaspar	J. Antonio Gaspar	13	Portugal
38	Pedro Luiz de C. Araújo	Florentino Neves de Araújo	18	Sorocaba
39	Pedro Monteiro	Joaquim Monteiro	8	Sorocaba
40	Pedro Soares	A. Soares	7	Sorocaba
41	Raphael Canineo	Philomeno Canineo	11	Itália
42	Sylvio Dias	I. Dias	12	Sorocaba
43	Umberto Canineo	Philomeno Canineo	14	Itália
44	Vicente Eugênio de Paula	Tutor: J. Nóbrega Almeida	15	Sorocaba
45	João Soares	José R. Soares	12	Sorocaba
46	Achilles Sampaio	Joaquim F. de Sampaio	16	Sorocaba
47	Sylvino Sampaio	Joaquim F de Sampaio	18	Sorocaba
48	Gregório Facio	Thomas Facio	16	Itália

Ao trazer a relação dos nomes dos alunos que pertenceram a Escola Noturna Perseverança, este trabalho avança nas análises feitas pelo historiador Vanderley da Silva (2009), que não trouxe para a sua discussão nenhuma menção dos alunos que faziam parte desta escola. Talvez por opção ou até mesmo por desconhecer o relatório elaborado por Joaquim Silva.

Além disso, pude observar que dos nomes acima mencionados encontrei três alunos ligados ao presbiterianismo em Sorocaba: Abel Fogaça, Adonias Fogaça e Moysés Aguiar de Campos. Os dois primeiros eram filhos de um dos líderes da Igreja Presbiteriana de Sorocaba, diácono Pedro Fogaça de Almeida. Moysés Aguiar de Campos era filho João Baptista de Aguiar, presbítero da Igreja Presbiteriana de Sorocaba. Os pais dos alunos foram líderes na Igreja Presbiteriana tanto na liderança de Antonio Pedro, bem como na liderança de Zacharias de Miranda. Como veremos abaixo, a escola de Zacharias de Miranda já não funcionava neste período. Este relatório nos sugere uma pista a respeito daquilo que postulamos, que Zacharias de Miranda ao encerrar seu período de pastado em Sorocaba deixou seus alunos aos cuidados da educação maçônica e do Grupo Escolar Antonio Padilha. Os líderes da igreja local, acima mencionados, apoiavam as iniciativas políticas do pastor Zacharias de Miranda.

Além disso, é válido ressaltar que 9 alunos eram de nacionalidade italiana, 2 de nacionalidade portuguesa e os demais brasileiros. Segundo o relatório acima analisado todos eram de origem pobre ou não tinham condições de pagar seus estudos. Além disso, o relatório afirma que muitos deles trabalhavam nas indústrias em Sorocaba.

O trabalho do historiador Vanderley Silva (2009), mostra a continuidade da Escola Noturna Perseverança no início do século XX, destacando entre outras coisas, a grande procura de pessoas interessadas em se matricular, o auxílio oficial do Município e do Estado (1904-1914), além do apoio financeiro da sociedade sorocabana.

Retornando a década de 80, apareceram várias escolas que atendiam a comunidade de cultura germânia da cidade, além das ligadas à maçonaria. Em 1886, a Escola Alemã fundada por iniciativa de alemães residentes em Sorocaba, entre eles: Theodoro Kaysel, João Spänner e Julio Schultz. Estava localizada no Largo do Rosário, e posteriormente, na Rua São Bento, n. 11 (*Diário de Sorocaba*, 09/07/1886). Mais tarde esta escola passou a se chamar Colégio Montbé, por iniciativa do professor Frederico de Montbé (*Diário de Sorocaba*, 06/08/1887).

Na década de 80, temos ainda, a escola Teuto-brasileira, localizada na rua das Flores, n. 11, dirigida Emílio Cillis (*Diário de Sorocaba*, 27/02/1887). O jornal ainda aponta a existência do Colégio Neuberth dirigido pela professora Maria Emília Jacob Neuberth, organizada em 1888 e localizada na rua do Hospital, n. 7 (*Diário de Sorocaba*, 18/07/1888). Segundo Aluísio de Almeida,⁹⁸ Maria Neuberth era uma professora belga, que abriu sua escola para meninas e oferecia curso primário e secundário, oferecendo o seguinte currículo e preços:

Curso primário: leitura, cálculo mental, gramática portuguesa, doutrina cristã e português. Curso secundário: francês, alemão, geografia, aritmética, história sagrada, pátria e universal. Pensão por mês para internas e externas (preço das aulas). Curso primário: 4\$000; curso secundário: 6\$000; piano 5\$000. Internas por trimestre com piano 90\$000. Roupas lavadas por mês 4\$000 (*Diário de Sorocaba*, 22/10/1965).

Apesar de belga, possivelmente, sua escola também foi criada para atender os imigrantes alemães em Sorocaba. Ela tinha na sua proposta curricular o ensino de alemão, além de ensinar doutrina cristã e história cristã, o que significa que as famílias das alunas pertenciam à religião católica.

Em 1886, a Câmara Municipal organizou o Liceu Municipal. Menon faz o seguinte comentário a respeito:

A Câmara Municipal resolve criar em 1872, uma escola municipal de ensino secundário, gratuita e destinada ao sexo masculino. No entanto, problemas políticos não permitiram que a Comissão nomeada para estudar a sua implantação se reunisse. Mas, diante do aumento da pressão social, que reivindicava insistentemente uma escola de ensino secundário, a Câmara Municipal, finalmente, em 1886, cria a escola que recebe o nome de Liceu Municipal e a inaugura em 05 de novembro de 1887.

⁹⁸ Aluísio de Almeida publicou em 1965 uma série de artigos no jornal *Diário de Sorocaba* sobre a instrução pública local.

Nesse dia, a Câmara se reuniu solenemente para ouvir “o presidente apresentando o seguinte Programa de ensino: Português, Francês, Inglês e Latim” (2000, p. 60).

Em 1887, conforme relatório encaminhado à Inspeção Geral de Instrução Pública, o campo educacional sorocabano era composto das seguintes escolas particulares:

Relação dos Estabelecimentos de Ensino Particular existentes no Município de Sorocaba anteriormente ao regulamento de 22 de agosto do corrente ano:

1º. Colégio Montbé, sob a direção de Francisco Montbé destinado ao ensino secundário do sexo masculino; sendo professores o Diretor e Luiz Mesquita Barros.

2º A escola regida por Benedicto Estevam Cordeiro, destinada ao ensino primário de sexo masculino

3º. Liceu regido pelo professor Ignácio Azevedo Coutinho, destinado ao ensino primário do sexo masculino, sendo seu proprietário o mesmo professor

4º. O Colégio Santíssimo Coração de Jesus, sob a direção de D. Brazília Dultra e Silva, destinado ao ensino primário e secundário do sexo masculino; sendo seu professor a própria diretora.

5º. A Escola mista, regida pela professora Joaquina E. de Oliveira, destinado ao ensino primário, sendo sua proprietária a mesma professora.

6º. A escola mista regida pela professora D. Vicência Wuzershs Durski, destinada ao ensino primário, sendo sua proprietária a mesma professora.

7º. A escola regida pelo professor Alfredo Ferreira de Queiroz, destinada ao ensino primário e secundário do sexo masculino, seu proprietário é o mesmo professor.

Existem neste município, além destes, mais dois estabelecimentos de ensino particular, por terem sido inauguradas após a publicação do regulamento supra referido, segundo consta ao relatório por este conselho enviado em 3 de novembro último (Arquivo do Estado, 16/09/1887, 5110).

Em relação às escolas públicas em Sorocaba, na década de 70 existiam quatro escolas de primeiras letras mantidas pela Província, conforme ofício encaminhado pelo inspetor do distrito de Sorocaba Luiz Augusto Ferreira ao inspetor geral da instrução pública Francisco Aurélio de Souza Carvalho (Arquivo do Estado, 03/11/1874, 5110), com 248 alunos matriculados.

Na década de 80, conforme ofício manuscrito encaminhado pelo inspetor do distrito, Antonio Gonzaga Seneca de Sá Fleury para o inspetor geral da instrução pública da Província de São Paulo, Francisco Aurélio de Souza Carvalho, existiam 12 escolas públicas primárias, sendo 8 destinadas ao sexo masculino e 4 para o sexo feminino. Há um total de 556 alunos, dos quais, 438 são considerados freqüentes e 75 não freqüentes, além de 43 eliminados. Do sexo masculino havia 378 alunos matriculados e eliminados 37, freqüentes 289 e não freqüentes 52. Do sexo feminino tinha 178 alunos matriculados, sendo 149 freqüentes e 23 não freqüentes (Arquivo do Estado de São Paulo, 25/11/1883, ordem 5110). Vejamos o número de alunos matriculados e freqüência:

Nº	Cadeira	Matric.	Eliminados	Frequência	Faltaram
1	1ª Cadeira cidade, sexo masculino	30	=	30	=
2	2ª cadeira sexo masculino	100	18	70	12
3	3ª cadeira sexo masculino	80	18	51	11
4	4ª cadeira sexo masculino	26	=	26	=
5	Cadeira Capela do Cerrado sexo masculino	32	1	29	2
6	Cadeira de Capela de Aparecida sexo masculino	25	=	22	3
7	Cadeira do Bairro de Jundiaquara, sexo masculino	35	=	30	5
8	Cadeira do Bairro de Sarapuhý, sexo masculino	50	=	31	19
9	1ª cadeira da cidade sexo feminino	43	6	30	7
10	2ª cadeira da cidade sexo feminino	58	=	56	2
11	3ª cadeira da cidade sexo feminino	57	=	43	14
12	4ª cadeira da cidade sexo feminino	20	=	20	=
	Total	556	43	438	75

No mesmo ofício, o inspetor do distrito apresentou uma relação dos seguintes professores de instrução pública para alunos do sexo masculino:

Nº	Cadeira	Professor	Localidade
1	1ª cadeira	Professor Manoel Joaquim de Souza Guerra	cidade
2	2ª cadeira	Professor Antonio Augusto Lessa	Idem
3	3ª cadeira	Professor Manoel dos Reis	Idem
4	4ª cadeira	Professor José Francisco Marcondes Domingues	Idem
5	Cerrado	Professor Joaquim Gonçalves Pacheco	Capela do Cerrado
6	Aparecida	Professor João Pires de Lemos	Capela de Aparecida
7	Jundiaquara	Professor Pedro Manoel de Toledo – substituto Professor Joaquim Belchior Martins	Bairro Jundiaquara
8	Sarapuhý	Professor Joaquim Isidoro Marins – substituto Professor Francisco José das Chagas	Bairro de Sarapuhý

Em relação aos professores de instrução pública para alunos do sexo feminino, apresentou as seguintes informações:

Nº	Cadeira	Professora	Localidade
9	1ª cadeira	Professora D. Adelina Carolina da Silva Abreu Substituta: Malvina Cecília Lobo	Cidade
10	2ª cadeira	Professora D. Januária de Oliveira	Idem
11	3ª cadeira	Professora Gertrudes Pires de Almeida Mello	Idem
12	Cerrado	Professora D. Zulmira Ferreira do Valle	Capela do Cerrado

No final da década de 80, existiam 13 escolas públicas, sendo 366 alunos do sexo masculino e 242 do sexo feminino, totalizando 608 alunos matriculados nos estabelecimentos de instrução pública. Observa-se que houve pouca mudança em relação ao número de escolas públicas na cidade de Sororoca, teve o acréscimo de apenas 1 escola pública. O ofício manuscrito também apresentou a existência de 9 escolas particulares, que por sua vez, tinham 186 alunos matriculados (Arquivo do Estado, 15/11/1887, ordem 5110).

Na década de 90, Menon (2000) afirma que além de grandes estabelecimentos religiosos, existiram outros colégios que tiveram pouca duração: Externato Santa Clara (1894), organizada pelo casal Eugênio e Ângela de Moraes, à rua Padre Luiz; Colégio São João (1894) de Maria Gonçalves e Joana de Carvalho, à rua São Bento; Colégio São Paulo organizado em 1898 pela professora Garibaldina Pinheiro Machado, situada no Largo do Rosário. Temos ainda a existência da escola São Vicente de Paula, criada em 1899, pela Sociedade São Vicente de Paula. A respeito da educação confessional católica, o mesmo historiador afirma a presença da educação confessional católica em três fases:

A educação confessional católica, em Sorocaba, abrange três fases distintas: a primeira, de 1669 a 1805, foi dada pelos monges beneditinos e destinava-se aos meninos; a segunda ocorreu em dois momentos: de 1897 a 1898, com o Colégio Diocesano e de responsabilidade também dos monges, e de 1900 a 1906, com a abertura do Colégio Nossa Senhora da Consolação, pelos padres agostinianos espanhóis, destinados ambos os colégios aos meninos; e a terceira fase em 1906, com a fundação do Colégio Santa Escolástica, pelas Irmãs beneditinas e destinado às meninas (Menon, 2000, p.).

Og Menon foi um dos primeiros pesquisadores sorocabanos a apontar a participação dos protestantes na educação escolar sorocabana. Ele faz a seguinte observação a respeito:

A escola, como as demais em todo o país, tinha como objetivo atender aos alunos que sofriam, nas escolas públicas, coações, em função da intolerância religiosa e política que atingia por essa época aqueles que professavam outra religião que não a católica e que, politicamente, se mostravam favoráveis à mudança do sistema político então vigente. A escola presbiteriana, em Sorocaba, estabelecida junto à igreja, localizada à Rua das Flores, hoje Monsenhor João Soares, introduzia o método estadunidense de estudo, isto é, o costume da leitura em voz alta e da decoração é substituído pelo sistema intuitivo e pela leitura silenciosa; o programa de ensino baseava-se em

compêndios próprios “como as gramáticas de Júlio Ribeiro e de Eduardo Carlos Pereira, a aritmética de Antônio Trajano, as obras de Otoniel Mota e os livros de leitura de Erasmo Braga”; o calendário escolar, com 190 dias letivos e com aulas de 2ª a 6ª feira, sendo o sábado livre; a introdução da sala de aula para ambos os sexos; a proibição de qualquer tipo de castigo físico. Embora constasse de seus princípios estar aberta a todas as tendências políticas e credos religiosos e à indistinção de cor e raça, a escola era freqüentada somente por protestantes que propagandeavam a república, por elementos brancos como portugueses, alemães e suíços e por aqueles que detinham certo poder aquisitivo, já que a escola era paga. Frequentavam a escola, ainda, os filhos dos maçons, em função da grande interação existente entre eles. (Menon, 2000, p. 74)

O trabalho de Og Menon é importante, porém acredito que seja necessário aprofundar alguns aspectos levantados em seu trabalho. As primeiras observações levantadas por Menon nos ajudam a entender alguns aspectos da educação protestante em Sorocaba, porém seu trabalho tinha objetivos muito mais amplos e não se debruçou na análise da educação protestante que postulamos neste trabalho, ou seja, as relações de poder que ela construiu com os diversos campos na cidade de Sorocaba. Além disso, Og Menon afirma que a escola protestante em Sorocaba foi criada enquanto reação, para atender crianças perseguidas, ou seja, ele elimina a possibilidade da estratégia de evangelização pela escola, que já pontuamos acima. Acentua ainda, que os textos de Erasmo Braga circulavam na escola protestante em Sorocaba, posição um tanto anacrônica, visto que a referida obra de Erasmo Braga começou a circular no Brasil em 1910 (Matos, 2008, p. 179)⁹⁹. Também não existem evidências que a gramática de Julio Ribeiro foi usada na escola protestante em Sorocaba. Ele reúne as informações sem utilização de fontes específicas sobre educação protestante, e sem muita noção do transcurso histórico que marcou a presença protestante em Sorocaba, reunindo aspectos de outras instituições protestantes de confissão presbiteriana e informações que estão atreladas a outro período histórico, que transcende o período de existência da escola em Sorocaba.

As observações levantadas acima dão algumas pistas sobre a cidade de Sorocaba enquanto uma cidade com a oferta de algumas possibilidades educacionais, visto contar com iniciativas públicas e privadas.

No entanto, em 1870, o inspetor do distrito de Sorocaba, Messias José Corrêa, encaminha um relatório ao Inspetor Geral de Instrução Pública afirmando que a cidade de Sorocaba tinha 323 alunos, sendo 204 nas escolas públicas (2 masculinas e 2 femininas) e 119

⁹⁹ Para uma melhor compreensão do trabalho de Erasmo Braga consultar: MATOS, Alderi Souza. Erasmo Braga, o protestantismo e a sociedade brasileira: perspectivas sobre a missão da Igreja: São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008, 443p. Na perspectiva da história da educação consultar: MASSOTI, Roseli de Almeida. Erasmo Braga e os valores protestantes na educação brasileira. Dissertação de Mestrado: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2007, 181p.

nas particulares (4 masculinas e 1 feminina). Para o inspetor, a questão da pouca frequência de alunos nas escolas sorocabanas acompanhava uma situação apresentada em todo o território brasileiro (Arquivo do Estado de São Paulo, 1870, 5110).

Porém, na ótica do professor Venâncio José Fontoura, em relatório sobre a situação de sua aula, indicava outra razão:

Existem 77 alunos matriculados, dos quais 64 freqüentes. Este número ainda está longe de ser proporcional à população de Sorocaba, mesmo levando em conta as matrículas das outras aulas. Deve-se, todavia, atender (?) a uma circunstância, e é que este município eminentemente agrícola, tem os seus habitantes disseminados em uma vasta área, e o cultivo do algodão proporciona trabalho às crianças, que deveriam acorrer às escolas (Arquivo do Estado, 1870, 5110).

A pouca frequência nas escolas estava relacionada segundo o professor Fontoura às dificuldades que os habitantes tinham em freqüentá-las, pois moravam em lugares distantes e as crianças realizavam trabalhos no plantio de algodão. Vemos que o professor era mais realista do que o inspetor, que desculpava o próprio exercício mal feito de fiscalização.

Na década de 80 a realidade era um pouco diferente. Como vimos acima em relação às escolas particulares, a escolarização da educação em Sorocaba fizera saltar os números e a cidade contava aproximadamente 794 alunos, sendo 12 escolas públicas e 10 escolas particulares:

Um relatório remetido pelo Conselho Municipal ao diretor geral da instrução pública da província mostra que em novembro de 1887 Sorocaba possuía 8 escolas públicas para o sexo masculino, com 366 alunos, 4 do sexo feminino com 242; havia 5 colégios e aulas particulares para o sexo masculino com 131 alunos e 5 para o sexo feminino com 55, dando, portanto, o total de 794 alunos para o município (Aleixo, 1999, p. 360).

Em 1894 ocorreria a fundação do primeiro Grupo Escolar da cidade, denominado Antonio Padilha.

O arrolamento das escolas na segunda metade do século XIX, feito neste tópico, nos ajuda a ter uma visão panorâmica das várias instituições escolares da cidade de Sorocaba e mostra que algumas escolas existiram por iniciativa particular de alguns professores e outras para atender grupos específicos, como é o caso das escolas alemãs, da escola noturna, da escola italiana, e da escola protestante, que ainda será analisada. Segundo a discussão acadêmica de historiadores sorocabanos que avançam o trabalho pioneiro de Og Menon, estas instituições contribuíram com as mudanças ocorridas na cidade no período apontado, não só preenchendo a lacuna deixada pelo ensino público como tomando a iniciativa para atender a

uma demanda e um grupo sócio-cultural específicos: os estrangeiros, as mulheres, os trabalhadores.

Do ponto de vista bibliográfico, existem já vários trabalhos realizados por pesquisadores sorocabanos que apontam em perspectivas diferentes a importância do processo de escolarização em Sorocaba.

Carmo (2006) faz uma análise da relação educação e trabalho no final do Império e na gênese da industrialização em Sorocaba, mostrando que a educação teve papel fundamental e estratégico na estruturação do capital e dos interesses de classes.

O trabalho de Gonzáles e Sandano (2004) discute a formação da educação pública em Sorocaba entre 1850-1880, postulando que a escolarização, como campo específico de estudo, representa o espaço da produção da política e da valorização do trabalho como elemento que funda a prática social; dos processos históricos, da racionalidade escolar, das formas privilegiadas de ensino-aprendizagem e de fatores que atuam sobre o cotidiano escolar.

O trabalho de Boschetti (2006) analisa os aspectos da educação profissional em Sorocaba e sua ligação com as fases de desenvolvimento econômico da cidade. Segundo a autora, existe uma ligação entre as atividades de produção com a necessidade de escolarização.

Temos ainda o trabalho de Barreira (2002), que discute entre outras questões, a relação entre escola, periodismo e vida urbana. A partir da imprensa operária, o referido historiador mostra a formação da classe operária em Sorocaba e a sua luta pela educação. Foi um dos primeiros pesquisadores a resgatar a participação dos operários na cidade de Sorocaba.

Outro trabalho realizado por pesquisadores sorocabanos analisa a imigração italiana na cidade de Sorocaba e a experiência escolar no final do século XIX e início do século XX: trata-se do texto de Carmo, Silva e Sandano (2008). Apontamos neste trabalho que os primeiros registros sobre a imigração italiana na cidade de Sorocaba são de 1885, período em que já se constata a forte influência dessa gente no processo de industrialização, no movimento operário e na educação. Quando aqui chegaram foram persuadidos pela necessidade de mão de obra na nascente indústria paulista e Sorocabana e para as fazendas de café. Não trouxeram somente sua força de trabalho, mas sua cultura e formas de pensar e agir. Na cidade de Sorocaba, como também em outras cidades, os imigrantes assumem outros contornos em forma de movimentos e associações operárias ligados à produção e passaram a fundar, no final do século XIX e início do século XX, escolas livres com o objetivo de

alfabetizar os operários e seus filhos. Especificamente, esse trabalho teve as seguintes preocupações: verificar as atividades desses imigrantes quanto a sua inserção e contribuição no processo de industrialização; constatar as suas formas de movimentos e associações operárias ligados à produção e por fim, examinar a questão escolar, com destaque para as ligadas ao “ensino livre” na cidade de São Paulo e Sorocaba entre os anos de 1900 – 1920. Toda essa preocupação foi norteadada pelo conceito de “experiência”, entendida como um processo realmente vivido pelos seres sociais e que modifica efetivamente a consciência social e processo educacional.

Alguns dos trabalhos acadêmicos supracitados chegam até apontar a questão de disputa ideológica das classes sociais, mas em período posterior ao delimitado neste trabalho, como é o caso do trabalho feito por Carriello (2006).

A existência de várias instituições escolares na segunda metade do século XIX configura um campo educacional sorocabano? Creio que sim, o fato de não existir lutas ou conflitos entre as várias instituições escolares em Sorocaba explicitamente documentados nas fontes consultadas, como a imprensa jornalística, para esse período, não significa que não existia concorrência entre elas. Pelo contrario, na perspectiva das relações de poder postulada neste trabalho a existência das instituições escolares supracitadas pode implicar aquilo que Bourdieu (2007) chama de luta da concorrência, ou seja, a forma como as instituições, organizações e classes sociais se posicionam em determinado momento histórico com o objetivo de garantir seu lugar no campo e com o objetivo de atrair para dentro dela determinado grupo de pessoas. Bourdieu observou que:

As estratégias de reconversão são apenas um aspecto das ações e reações permanentes pelas quais cada grupo se esforça para manter ou modificar sua posição na estrutura social ou, mais exatamente, em um estágio de evolução das sociedades divididas em classes em que é impossível conservar a não ser pela modificação, modificar para conservar. No caso particular – embora seja o mais freqüente - em que as ações pelas quais cada classe, ou fração de classe, trabalha para conquistar novas vantagens, ou seja, levar vantagem em relação as outras classes, portanto, objetivamente, para deformar a estrutura das relações objetivas entre as classes – aquelas que registram as distribuições estatísticas de propriedades – são compensadas (portanto, anuladas ordinalmente) pelas reações, orientadas para os mesmos objetivos, das outras classes, a resultante de tais ações opostas, que se anulam no próprio movimento que elas suscitam, é uma translação global da estrutura entre as classes, ou frações de classes, dos bens que fazem parte do jogo de concorrência (2007, p. 151).

Neste jogo de concorrência, as classes sociais ou instituições procuram conquistar vantagens em relação às outras. Segundo Bourdieu, sempre que as forças e os esforços de grupos em concorrência por determinada espécie de bens tendem a equilibrarem-se como em

uma corrida, as diferenças iniciais entre elas acabariam por manter-se, ou seja, os grupos situados acima deles na hierarquia social ou à sua frente na corrida são praticamente compensados para conservar a raridade e a distinção de seus bens e diplomas.

Observa-se que as várias instituições escolares na segunda metade do século XIX, representavam uma diversificação dos ramos de ensino na cidade de Sorocaba.

Bourdieu esclarece:

Mas a diversificação oficial (em ramos de ensino) ou oficiosa (em estabelecimentos ou classe escolares sutilmente hierarquizados, em especial através das línguas vivas) tem também como efeito contribuir para recriar um princípio, particularmente dissimulado, de diferenciação: os alunos “bem nascidos”, que receberam da família um senso perspicaz do investimento, assim como os exemplos ou conselhos capazes de ampará-los em caso de incerteza, estão em condições de aplicar seus investimentos no bom momento e no lugar certo, ou seja, nos bons ramos de ensino, nos bons estabelecimentos, nas boas secções, etc.; ao contrário, aqueles que são procedentes de famílias mais desprovidas e, em particular, os filhos de imigrantes, muitas vezes entregues completamente a si mesmos, desde o fim dos estudos primários, são obrigados a se submeter às injunções da instituição escolar ou ao acaso para encontrar seu caminho num universo cada vez mais complexo e são, assim, votados a investir, o contratempo e no lugar errado, um capital cultural, no final das contas, extremamente reduzidos (Bourdieu, 1998, p. 223).

A existência de várias escolas na segunda metade do século XIX pode então sugerir a existência de instituições educacionais escolares destinadas a atender grupos sociais portadores de diferente capital cultural e social: escola para alemães, italianos, operário, elite, para católicos, para protestantes e outras; e ainda em vários níveis: a escola elementar, o colégio, a escola noturna e outras. O capital cultural da família direcionava o tipo de estabelecimento educacional que seria freqüentado por seus filhos.

Apenas para tomarmos três das forças representativas do campo religioso na cidade, na época, podemos dizer que, na perspectiva das relações de poder, ocorrerão sim disputas no campo educacional sorocabano entre maçonaria, catolicismo e presbiterianismo¹⁰⁰.

Como já pontuei, existia uma controvérsia relacionada à primeira iniciativa da oferta educacional maçônica em 1870, ocasião em que circulava nos jornais locais a insinuação de que escola era protestante.

Do mesmo modo, em 7/06/1894, o jornal *O 15 de Novembro* começa a publicar um editorial intitulado: “Pela liberdade”, relacionado com a presença de jesuítas na cidade. Ele

¹⁰⁰ Já em período posterior ao delimitado neste trabalho, o jornal *O Operário* (1909-1912), apresenta a aproximação entre o movimento operário e a maçonaria sorocabana. O jornal em algumas edições chega elogiar as iniciativas educacionais da maçonaria sorocabana: “Ora aqui em Sorocaba, temos uma ótima escola noturna mantida pela Loja Maçônica Perseverança III, desta cidade, sob o regime de três hábeis professores, e no entanto, os alunos que trabalham nas fábricas, não possuem tempo suficiente para freqüentá-la, devido as horas demasiadas de trabalho, pois entram as cinco horas da manhã e retiram-se as sete ou oito da noite” (06/03/1910, p. 2)

faz a seguinte pergunta: “Poderemos encarar com indiferença a invasão de jesuítas em nosso município”? O articulista, de nome Aquaviva, afirmava que como republicano sua intenção sempre foi lutar pela liberdade e por essa razão não podia silenciar diante da invasão dos jesuítas em Sorocaba, que representavam na sua visão, os inimigos da república. Esta invasão significava a organização de uma nova escola: “Trata-se da fundação, nesta cidade, de um colégio dirigido por jesuítas e cujo corpo docente se compara de jesuítas, nada mais” (*ibid*, p. 1). Ele faz uma crítica aos jesuítas considerando três aspectos: educacional, religioso, político e discute a questão dos jesuítas nesses três campos distintos. No campo educacional levanta a questão: “Terá o jesuíta habilitações para ensinar hoje, no século XIX?”. Sobre esta questão discorre que os jesuítas fundamentavam sua ação pedagógica em métodos ultrapassados, pois desconheciam: Garret, Herculano, Eça de Queiroz, Guerra Junqueira, Zola, Daudet, Flaubert, Kant, Comte, Littré, Spencer, Darwin:

A vista do que atrás fica, concluímos que o jesuíta, falando em geral, podia ser um sábio no século XVI, mas no século XIX não passa de um ignorante, incapaz de desempenhar os deveres de educador consciencioso, pois faltam-lhe as qualificações indispensáveis para esse encargo. Assim sendo, o jesuíta não é o mestre de que nós carecemos, pois falta-lhe a orientação moderna, única que pode dirigir o pedagogo de uma nacionalidade (*ibid*, p. 1).

No mesmo jornal, na página 2, foi publicada uma nota referente ao colégio dirigido por Zacharias de Miranda, falando da contratação de um novo professor:

O Colégio Sorocabano, acreditado estabelecimento de instrução que funciona nesta cidade, acaba de fazer a aquisição do conhecido e ilustrado professor Antonio Nogueira, moço que tem dado brilhantíssimas provas no magistério, tanto em São Paulo como em Minas Gerais, onde ultimamente lecionava num importante colégio. Ao ilustrado, diretor do colégio Sorocabano, capitão Zacharias de Miranda, enviamos por esse motivo sinceras felicitações (O 15 de Novembro, 07/06/1894, p. 2).

A presença dos jesuítas no campo educacional sorocabano foi visto como uma ameaça pelo grupo de Zacharias de Miranda, representado pelo mencionado periódico. Neste, ao mesmo tempo em que afirmavam que os jesuítas não possuíam habilidades (capital cultural) para ensinar, mostraram que o Colégio de Zacharias de Miranda era um estabelecimento de instrução que estava sempre se modernizando, neste caso, com a contratação de um “brilhante” educador detentor de capital cultural comprovado pela sua atuação no magistério em São Paulo e Minas Gerais. Note-se que o jornal ocultava o fato de Zacharias ser ministro presbiteriano, apresentando-o apenas como “capitão”.

Fica evidente que a luta no campo educacional não somente legitimava as ações do grupo¹⁰¹, como marginalizava outras ações educacionais lideradas por agentes sociais que não pertenciam ao grupo de Zacharias de Miranda.

Como veremos a seguir, a escola protestante teve dois períodos. No primeiro período, ela se chamava Escola Americana (1874-1884). Neste período, a responsável pela proposta educacional protestante era a professora Palmira Rodrigues de Cerqueira Leite. No segundo período, a escola passou a se chamar Colégio Sorocabano (1884-1895), estava sob a liderança do professor José Zacharias de Miranda.

Por isso, faz-se necessário aprofundar a análise em profundidade das duas escolas para verificar se as duas tinham os mesmos objetivos, a mesma função na cidade, o mesmo modelo pedagógico, se mantiveram a mesma relação com a maçonaria e o catolicismo nessa perspectiva da relação de poder.

3.2. AS PRIMEIRAS ESCOLAS PROTESTANTES AMERICANAS NO BRASIL

A historiografia da educação protestante tem sido discutida por vários historiadores. Entre os teóricos confessionais temos os trabalhos de Ribeiro (1981); Hack (1985); Mendonça (1993); Matos (1999), Gomes (2000). Entre os teóricos não confessionais, destacamos os trabalhos de Ramalho (1975); Teixeira (1975); Hilsdorf Barbanti (1977); Sellaró (1987), Mesquida (1994); Batista (1996); Leal (1999); Machado (1999), Laguna (1999); Novaes (2001); Rega (2001); Schulz (2004); Nascimento (2005) e Mendes (2007).

Segundo Hilsdorf (2000), as escolas americanas foram extremamente importantes nas iniciativas inovadoras promovidas pelo segundo liberalismo. Elas precisam ser retomadas como objeto de análise e de investigação quanto ao papel que assumiram no processo de escolarização da sociedade brasileira e as possíveis transformações efetuadas na sociedade. Além disso, Hilsdorf (1977) havia apontado que a clientela destes colégios era composta das vanguardas políticas e culturais paulistas: fazendeiros de café, médicos, advogados,

¹⁰¹ No mesmo jornal, publica uma nota abrindo espaço para as pessoas fizessem refutações acerca do que foi escrito sobre os jesuítas. No dia 21/06/1894, no Jornal 15 de novembro, ano II, n. 91, p. 3, um leitor se posiciona em favor dos jesuítas, afirmando: “o protestantismo veio caído de avivamento em aviltamento desde Lutero até aos nossos dias, porque fez o humilde escravo do poder civil. A Igreja Católica nunca, nunca se prestou a semelhante papel”. Nos jornais n.88, 89, o articulista de nome Aquaviva publica os artigos contra os jesuítas criticando suas ações no campo religioso e político.

jornalistas, comerciantes e outros, com a finalidade oferecer apoio mútuo entre esses grupos e os pastores protestantes:

O apoio das vanguardas políticas e culturais da Província assegurou a essas primeiras escolas protestantes americanas a maior parte de sua clientela escolar ao longo das primeiras décadas de funcionamento. Os representantes dessas vanguardas não apenas matricularam seus próprios filhos, mas graças à liderança na sociedade provincial, conseguiram a adesão de correligionários, parentes e amigos que lhes seguiram o exemplo. As escolas protestantes americanas eram pagas, mas essa condição não lhes obstou a frequência visto que as vanguardas políticas e culturais da Província de São Paulo compunham também os quadros das novas elites econômicas de raízes urbanas que se estavam formando nas últimas décadas do século. (p. 161).

Os missionários norte-americanos no Brasil motivados pela própria ação da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos utilizaram como estratégia a organização de escolas em território brasileiro.

Nesta perspectiva Cussi (1997) afirma que:

A fundação destes colégios foi, antes de tudo, com o intuito de servir como estratégia de divulgação dos trabalhos missionários, visando promover, ainda que simultaneamente, os valores protestantes. Utilizados como forma de proselitismo religioso, estes colégios americanos foram sendo incorporados pela elite local, embora esta não necessariamente se tornasse protestante (p. 110).

Embora a preocupação inicial fosse expandir o Evangelho no Brasil, os missionários associaram a esta ação *missionária, a prática educativa*. O evangelismo através da educação era uma propaganda indireta que tinha como objetivo atrair as elites nacionais para o presbiterianismo (Léonard, 1981, p. 134). Alguns autores como Schulz (1999) e Ramalho (1975) defendem que a prática educacional protestante no Brasil estava atrelada à cosmovisão da Reforma Protestante e a ideologia liberal, que se iniciou na Europa no século XVI e ganhou terreno fértil na América do Norte.

A Igreja Presbiteriana norte-americana reconhecia a importância da educação no processo de expansão do cristianismo. Um relatório educacional elaborado por Rev. Samuel Miller e Rev. J. J. Janeway, membros da Comissão de educação da Igreja Presbiteriana norte-americana, encaminhado à Assembléia Geral da Igreja e ao Sínodo de New Jersey em 1840, trazia em suas linhas as razões pelas quais a Igreja adotava este instrumento como meio de expansão do cristianismo e qual a forma de melhorar as condições de aprendizado dos fiéis. O relatório tem 80 páginas. Está dividido em duas partes: a primeira é elaborada pelo Rev. Samuel Miller e trata da educação religiosa cristã em geral (p. 5-40), e a segunda (p. 41-80), elaborada por Br. J.J. Janeway, trata da questão das escolas paroquiais.

Do texto elaborado pelo reverendo Miller, a parte introdutória traz a seguinte orientação:

Na Geral Assembléia de 1839, foi aprovada a seguinte resolução, a saber: "Resolve, que o Rev. Samuel Miller, Archibald Alexander, Charles Hodge, J. Addison Alexander, e Janies Carnahan formam uma comissão para tomar medidas a serem adotadas, para garantir às crianças e jovens de nossa Igreja um maior aproveitamento das vantagens proporcionadas pela educação cristã. Por força do exposto foi feita a nomeação e o seguinte relatório foi apresentado ao Assembléia Geral, em suas sessões no 1840, pelo presidente da comissão, o Rev. Samuel Miller, D. D. por resolução unânime foi encaminhada à Câmara de Publicação, com vista à sua publicação (Miller, 1840, p. 05)¹⁰²

Como podemos observar, em 1839, a Assembléia geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos nomeou uma Comissão composta pelos seguintes pastores: Samuel Miller, J.J. Janeway, Archibald Alexander, Charles Hodge, J. Addison Alexander e Janies Carnahan. A comissão deveria tomar medidas para garantir um melhor aproveitamento das crianças e jovens da Igreja em relação à educação. Entre os membros da Comissão se encontrava Charles Hodge, teólogo presbiteriano que influenciou o pensamento teológico de Simonton e possivelmente tenha influenciado sua perspectiva educacional. Segundo Mendonça (2008), Hogde foi professor de Simonton em Princenton e pertencia a Velha Escola, que defendia a teologia da Igreja Espiritual e a teologia do Pacto.

A primeira parte do relatório vem com uma extensa argumentação a respeito da importância da educação dos filhos com fundamentação teológica e histórica. Nesta última, evoca-se o princípio da Reforma Protestante do século XIX, afirmando que a educação também era um princípio fundamental do movimento reformado e uma ação constante da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos desde a sua origem.

O Relatório possui 13 recomendações, e a respeito da educação temos as seguinte afirmações, a partir da terceira recomendação:

III. Recomenda-se, que cada congregação deve criar uma ou mais escolas da Igreja, adaptados ao ensino de crianças entre seis e dez anos de idade. Estas escolas primárias devem ser dirigidas por mulheres, decididamente piedosas, inteligentes, e com conhecimento das doutrinas da nossa Igreja. Essas professoras devem ser escolhidas pela Igreja, e regidas por regras formadas

¹⁰² Relatório impresso. Tradução Ivanilson Bezerra da Silva. Seu uso é inédito na perspectiva da história da educação. MILLER, Samuel; JANEWAY, J.J. The Christian education of Children and youth. Report to the General Assembly on Christian Education. Philadelphia: Presbyterian Board of Publication, 1850. 80p. No original: "In the General Assembly of 1839, the following, Resolution was adopted: Resolved, That the Rev. Samuel Miller, Archibald Alexander, Charles Hodge, J. Addison Alexander, and Janies Carnahan, be a committee to inquire whether any, and, if any, what measures ought to be adopted for securing to the children and young people of our Church more full advantages of Christian education than they have hitherto enjoyed. In pursuance of the foregoing appointment, the following Report was presented to the General Assembly, at their sessions in 1840, by the chairman of the committee, the Rev. Samuel Miller, D. D. and by a unanimous resolution it was referred to the Board of Publication, with a view to its publication" (Miller, 1840, p. 05)

por esse organismo. Nessas escolas, as mulheres seriam preferidas como professoras, porque elas podem, na maioria das vezes, ter melhores resultados do que os professores de outro sexo, e porque, se tem um bom caráter, elas vão estar aptas para treinar os seus alunos com mais habilidade e de maneira mais prazerosa. Como as crianças de tenra idade não podem viajar até a escola, devem existir várias dessas classes de escolas em cada congregação de qualquer porte, a não mais do que vinte e cinco, ou, no máximo, trinta alunos desta idade, sob a responsabilidade do professor. Nestas escolas, a Bíblia deve ser utilizada todos os dias, e o Breve Catecismo da Igreja recitada pelo menos uma vez por semana, o pastor e os anciãos (presbíteros) devem frequentemente visitar tais escolas, a fim de ver se os professores são fiéis, e se os métodos de instrução empregados são os melhores, e que o treinamento tem utilidade para tornar os costumes e hábitos das crianças úteis neste momento e para a família de Cristo, mais adiante. Nestas escolas menores, pode ser bom que as mulheres, a critério das professoras se envolvam com atividades de costura e outras atividades adaptáveis ao gênero feminino. Os exercícios, todos os dias, devem ser iniciados e encerrados com a oração.¹⁰³

Este item descreve muito bem a intencionalidade dos presbiterianos americanos em relação à educação: para eles, cada Igreja deveria ter sua própria escola. Estas escolas seriam melhor dirigidas por professoras. A Bíblia seria utilizada todos os dias. O Breve Catecismo, texto de conteúdo doutrinário que expõe os principais princípios da doutrina reformada calvinista, deveria ser recitado pelo menos uma vez por semana. Além das atividades curriculares usuais, as alunas deveriam aprender atividades de costura. A oração deveria ser feita no início e abertura dos trabalhos.

Até que ponto esta recomendação orientou a prática educacional dos missionários norte-americanos no Brasil? Sem dúvida, podemos dizer que este princípio norteou o modelo educacional implantado no Brasil. Portanto o modelo único de acordo com o relatório é o das escolas junto das igrejas e entendo que essa foi a posição dos missionários que chegaram aqui Simonton, Blackford e outros, porém, não foi a posição adotada por outros educadores que se envolveram com a igreja, como Chamberlain e Horace Lane (Hilsdorf, 1977, 2000).

¹⁰³ Relatório impresso. Tradução Ivanilson Bezerra da Silva. III. "It is recommended, that every congregation shall establish one or more Church Schools, adapted to the instruction of children between six and ten years of age. These primary schools had better, usually, be taught by females, decidedly pious, intelligent, and of known attachment to the doctrines and order of our Church. These teachers ought to be selected by the church session, and governed by rules formed by that body. Females would be preferable as teachers in such schools; because they may, for the most part, be had on more economical terms than teachers of the other sex; and because, if of a suitable character, they will be apt to train up their pupils with more soft and gentle manners. As children of this tender age cannot travel far to school, there ought to be several of this class of schools in every congregation of any size; as not more than twenty-five, or, at most, thirty scholars of this age ought ever to be placed under one teacher. In these schools, the Bible ought to be used every day, and the Shorter Catechism of the Church recited at least once every week; and the pastor and elders ought frequently to visit them, and see that the teachers are faithful; that all the methods of instruction employed are of the best kind; and that the manners and habits of the children are such as become those who are training up for usefulness here, and for the family of Christ hereafter. In these lower schools, it may be proper that the females be some. Times employed, at the discretion of the teachers, in sewing, and in other occupations adapted to their sex. The exercises, every day, should be opened and closed with prayer" (1840, p. 27-29).

O relatório prescreve, primeiramente, a aceitação da educação escolar. Depois, boa parte das escolas era dirigida por mulheres, embora a responsabilidade burocrática recaísse sobre o pastor. Este estava mais envolvido com a evangelização direta. Alguns dos pastores sequer tinham tempo necessário para educarem os alunos e alunas das escolas no Brasil, por motivo muito pragmático, eles tinham um campo de evangelização muito extenso. Alguns ficavam muito tempo distante da Igreja local, visitando outros campos missionários. Neste caso, as mulheres eram responsáveis por instruírem as crianças e jovens nestas escolas.

É o caso, por exemplo, da Escola Americana em Sorocaba, dirigida por Palmira Cerqueira Leite. Seu esposo Antonio Pedro de Cerqueira Leite tinha um trabalho itinerante, muito extenso, percorrendo até o sul da Província de São Paulo. Além das suas atividades como missionário itinerante, foi colaborador da *Imprensa Evangélica*. Dentro desta perspectiva, não tinha tempo hábil para dedicar-se à Escola Americana em Sorocaba, ficando esta sob a responsabilidade de sua esposa, como recomendava a decisão da Igreja. Esta informação pode ser observada no jornal *Ipanema* (7/06/1874, p. 2), que afirmava que escola era dirigida por Palmira, informa também que ela foi organizada para educar meninas.

Através do jornal *A Imprensa Evangélica* o presbiterianismo insistia em mostrar que a base da sociedade era a família, e a desta, a educação. Em 1885, o periódico publicaria um artigo intitulado “A educação da infância”, afirmando a responsabilidade que a família tem a respeito da educação dos filhos:

A mulher pela amenidade de sua expressão é a pessoa mais apta para educar a criança, porque só ela tem a virtude de dominar pelo amor e sobre a infância a brandura e a paciência podem mais que o rigor e a razão. “A mãe, disse um hábil escritor, possui o segredo de vazar o coração do filho pelo molde do seu, animando-o com sua ternura, exortando-o com exemplo, e convencendo-o com o homem, agrilhado, pelos seus inúmeros afazeres de que tira os meios necessários à manutenção da família, não pode incumbir-se com a vigilância precisa da educação dos filhos, em consequência de estar ausente do recinto doméstico: sobre a esposa, que representa seu papel no próprio no lar, recai quase toda a responsabilidade dessa espinhosa quão edificante tarefa (*Imprensa Evangélica*, 02/05/1885, p. 67).

O assunto é retomado poucas semanas depois (*Imprensa Evangélica*, 21/06/1885, p. 95). Na mesma edição é publicado um texto sobre a instrução pública, afirmando entre outras coisas, que as escolas na província de São Paulo estavam em péssimas condições, funcionavam em casas de professores, não tinham fiscalização adequada, os professores não tinham habilitações e o programa educacional era defeituoso (*ibid*, p. 93). Ao criticar as instituições públicas, provavelmente, os presbiterianos desejam mostrar a superioridade das suas instituições escolares e atrair pessoas às suas escolas.

Outra recomendação, além de reforçar a questão da escola junto à Igreja, aponta como as escolas deveriam ser estabelecidas nos grandes centros¹⁰⁴:

IV. Recomenda-se, que em cidades populosas, escolas infantis sejam estabelecidas na medida em que circunstâncias admitir. Estas, naturalmente, devem ser colocadas sob a direção de piedosas e iluminadas mulheres, e é importante que os exercícios religiosos que ocorrem nelas estejam em conformidade com os usos da nossa própria igreja, e não será admitido qualquer tendência que introduza formas de outras denominações. Nestas escolas infantis, as porções mais simples das Sagradas Escrituras, o "Catecismo para crianças", fornecida pela Assembléia da Câmara de Publicação, e tal como instrução oral podem ser adaptadas para os que têm capacidade inferior, devem ser dado constante atenção.

Conforme o item III, eles recomendavam que cada igreja deveria ter sua escola, não importando se ela estivesse localizada na cidade ou no campo. No item IV, afirmam que nas cidades populosas as escolas deveriam ser implantadas na medida em que as circunstâncias permitissem, portanto sendo facultativas.

A proposta da comissão tecia, para os presbiterianos, as bases da educação que influenciaria a educação religiosa norte-americana no Brasil. Percebe-se, pelo relatório a forma como eles criam a própria identidade educacional, pois as escolas não deveriam imitar os métodos e ensinamentos de outras denominações. O uso da Bíblia e do Catecismo sugere a inculcação de valores morais, éticos e religiosos que deveriam nortear a prática educacional.

No item V (p. 29), a recomendação impõe que nas escolas estabelecidas pela Igreja e Presbitérios tenham uma classe especial para o estudo do Catecismo Maior, que deveria ser estudado para que os alunos se adaptassem aos princípios da Igreja Presbiteriana. Percebemos com isso, o objetivo de perpetuar as práticas religiosas da Igreja. A reprodução dos princípios da Igreja na prática educacional manteria o domínio sobre os alunos. Uma prática nítida da sua natureza como instituição missionária, catequética e revivalista no século XIX.

A historiadora Esther Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento em artigo intitulado "A pedagogia dos catecismos protestantes no Brasil Católico", mostra, entre outras coisas, que: "Dos impressos protestantes, os catecismos funcionaram como um instrumento prescritivo de inculcação de hábitos, de valores que deveriam ser externados através de atitudes e comportamentos, demonstrando o caráter do verdadeiro cristão" (2008, p. 8).

¹⁰⁴ Relatório impresso. Tradução Ivanilson Bezerra da Silva. IV. "It is recommended, that in populous towns, infant schools be established as far as circumstances will admit. These of course, should be placed under the direction of pious, enlightened females; and it is important that all the religious exercises which take place in them be in conformity with the usages of our own church; and that nothing be admitted which will have a tendency to introduce forms which distinguish other denominations. In these infant schools, the simpler portions of the Holy Scriptures, the "Catechism for Young Children," furnished by the Assembly's Board of Publication, and such oral instruction as may be adapted to the weakest capacities, ought to be constantly employed" (1840, p. 29).

A leitura do Catecismo era uma prática nas escolas de confissão protestante. A *Imprensa Evangélica* (04/07/1885, p. 97) traz na primeira página dessa edição, o texto sobre o lançamento da pedra fundamental do novo edifício da Escola Americana, na rua da Consolação. Nele, os redatores mostram que desde a organização da Escola em 1870, a Bíblia e o Catecismo eram utilizados pela escola. Para justificar o posicionamento adotado pela escola, fundamentou a argumentação no episódio que marcou a visita do Imperador na escola (1878), ocasião em que o imperador, segundo o articulista, perguntou o que se ensinava na escola. A prática pedagógica das escolas americanas no Brasil coadunava com as diretrizes estabelecidas pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos.

No item X, a comissão alerta os pastores para que vigiem as instituições escolares no cumprimento das suas obrigações religiosas e educacionais (p. 37). No item XIII, a Comissão afirma que todas as recomendações sejam observadas pelos missionários que realizam missões estrangeiras (p. 39).

Na segunda parte do relatório, elaborada por Janeway, temos a seguinte orientação na parte introdutória:

O Sínodo de Nova Jersey, em sessão em New Brunswick, de 16 de outubro de 1844, passou a seguinte resolução: Considerando que a educação cristã das crianças e jovens da igreja situa-se na fundação de sua prosperidade e que este assunto tem sido, e continua a ser, deploravelmente negligenciado na maioria de nossas igrejas e que não há probabilidade de que este objeto possa melhor atingido, a menos que seja sistematicamente prosseguido e pacientemente pelo líderes da Igreja. Portanto, resolve, que Drs. Janeway, Davidson, Magie, e Murray, Ministros e Srs. John J. Bryant e James Crane, anciãos, formar uma comissão para investigar, e se for caso disso, que outras medidas devam a ser adotadas para garantir a formação de um sábio e eficiente plano em relação a este assunto, e para transportar o mesmo em execução, e fazer relatório na próxima reunião do Sínodo. Nestes termos, a comissão apresentou o seguinte relatório ao Sínodo em sua sessão de 1845, que foi aprovado, e ordenou a ser impresso sob a direção e a revisão da Comissão.¹⁰⁵

O relatório sobre as escolas paroquiais feito por Janeway aponta como deveria ser realizada tal educação. Este relatório tece primeiramente algumas argumentações a favor do

¹⁰⁵ “The Synod of New Jersey, in session at New Brunswick, October 16, 1844, passed the following resolution : Whereas the Christian Education of the children and youth of the church lies at the foundation of her prosperity; whereas this matter has been, and continues to be, deplorably neglected in most of our churches and whereas there is no probability that this object can be in any good degree attained, unless it be systematically and patiently pursued by the Judicatories of the Church, Therefore, Resolved, That Drs. Janeway, Davidson, Magie, and Murray, Ministers, and Messrs. John J. Bryant and James Crane, Elders, be a Committee to inquire whether any, and if any, what further measures ought to be adopted to secure the formation of a wise and efficient plan in regard to this subject, and for carrying the same into execution, and to make report at the next meeting of Synod. In pursuance of the above appointments, the following Report was presented to the Synod at their Session in 1845, was adopted, and ordered to be printed under the direction and revision of the Committee” (Janeway, 1840) .

relatório apresentado pelo Rev. Samuel Muller. Descreve também como os demais países desenvolveram tal perspectiva de ensino. O plano educacional intencionava oferecer aos filhos cristãos uma profunda formação religiosa e moral da infância até à maturidade, sob a supervisão dos pais e funcionários da Igreja (Janeway, 1844, p. 05). Para a viabilidade do plano educacional, a comissão aprova o relatório apresentado pelo Rev. Samuel Miller e faz as seguintes recomendações aos líderes e pastores:

1. Resolveu recomendar a todos os pastores, anciãos, e pessoas inteligentes em nossas congregações, para a avaliar e cuidadosamente ler o relatório sobre educação cristã feito para a Assembléia de 1840, e publicado, em conformidade com a sua resolução, pela Câmara de Publicação.
2. Resolve, que será recomendado a todos os pastores, pertencentes ao Sínodo, pregar numa primeira temporada, sobre o tema relacionado à Educação cristã das crianças, visando chamar a atenção das pessoas para esta importante questão, e de produzir em suas mentes uma convicção do seu valor inexprimível.
3. Resolve, recomendar aos pastores e sessões para envidar esforços para estabelecer, em suas respectivas congregações, o tipo de escolas recomendadas pela comissão..
4. Resolve, que os Presbitérios deste Sínodo serão orientados com a finalidade de saberem o que fazer anualmente ao educador cristão de crianças, através dos seus pastores e sessões.
5. Resolve, que este Sínodo irá instaurar um debate anual sobre o assunto (*Ibid*, p. 27-28) ¹⁰⁶

O relatório em suas considerações finais pede o esforço dos pastores, Igrejas e Presbitérios na concretização do plano educacional. Através dos sermões, os pastores orientariam os membros sobre a importância do assunto. No tópico 3, a Comissão recomenda aos pastores e Igrejas que envidem esforços para estabelecer o tipo de escolas recomendado pela Comissão. Esta afirmava que a organização das escolas paroquiais nas igrejas americanas não seria dispendiosa para a missão, pois a ação justificava todo investimento feito (p. 27). Algumas destas escolas nos Estados Unidos, e mais tarde no Brasil, contaram com o investimento da própria missão norte-americana.

Esta mentalidade norteava as ações educacionais em solo brasileiro. Nos primeiros anos da missão presbiteriana no Brasil vemos a implantação de escolas junto às igrejas. A

¹⁰⁶ 1. Resolved that it be recommended to all the pastors, elders, and intelligent individuals in our congregations, to purchase and carefully read the report on the subject of Christian Education made to the Assembly of 1840, and published, in conformity to their resolution, by the Board of Publication.
2. Resolved, that it be recommended to all the pastors, belonging to the Synod, to preach at an early season, on the subject of a proper Christian education of children, with a view to calling up the attention of their people to this important matter, and of producing on their minds a conviction of its unutterable value.
3. Resolved, that it be recommended to the pastors and sessions to endeavour to establish, in their respective congregations, that class of schools recommended by your committee.
4. Resolved, the Presbyteries of this Synod be directed to inquire annually what is doing in regard to the Christian education of children, by their pastors and sessions.
5. Resolved, that this Synod will institute annually an inquiry on this object (*Ibid*, p. 27-28)

legislação da província de São Paulo na época permitia a organização das escolas particulares de confissão protestante. Segundo Hilsdorf:

No entanto, mesmo procedendo com prudência e cautela, as atividades docentes dos presbiterianos não passaram despercebidas aos olhos das vanguardas liberais e democráticas de São Paulo. Quem sabe não foi essa presença que espicacou os ânimos liberais, contribuindo para a aprovação da Lei no. 54, de 15 de abril de 1868, que instituiu na província a desoficialização dos estudos secundários e a liberdade de atuação do ensino privado, entendida como isenção da fiscalização pelas autoridades provinciais? Em vista da autorização contida no artigo 15º, os proprietários de escolas não dependiam mais da prévia autorização da Inspetoria da Instrução Pública para a instalação de seus estabelecimentos de ensino, nem tinham mais os professores avulsos que apresentar os atestados de moralidade e capacidade até então exigidos. Essas prescrições da lei liberalizavam e legalizavam as atividades de ensino já concretamente praticadas por estrangeiros acatólicos, responsáveis pelo funcionamento de parte dos mais de 80 colégios e centenas de escolas elementares particulares então existentes na província.

Talvez possamos ver aí um dos primeiros sinais do acordo de representações que, incitando os americanos de confissão protestante a uma maior presença deles no campo da educação escolar, lhes ofereceu ao mesmo tempo uma base para a reorientação de suas práticas de evangelização. Representada e aceita como um ato de apoio, aquela medida possibilitava a abertura de escolas para os não crentes como a outra opção viável de propaganda e proselitismo, para além das escolas auxiliares à manutenção dos cultos, preferidas pelo pioneiro Simonton.

Foi assim que os missionários presbiterianos das igrejas norte-americanas vieram a constituir os seus colégios na província de São Paulo, desde o ano de 1870. Mas, é notável perceber que esse caminho continuou sem foros de unanimidade. Pelo contrário, havendo luta de representações acerca dos meios de evangelização, observa-se que a tendência da evangelização indireta pelos grandes colégios abertos foi sendo posta em prática pelos pastores e missionários, mas sob constante questionamento das igrejas: uma parte de seus dirigentes via a estratégia dos grandes colégios como uma realização da Igreja Secular, dotada de visão pedagógica, mas sem força teológica, e por isso temida como fator do fracasso do protestantismo como fenômeno religioso no Brasil (2009, p. 8).

Na perspectiva dessa historiadora (Hilsdorf, 1977, 2000 2009), destaco dois modelos de escolas organizados na segunda metade do século XIX no Brasil pelos missionários norte-americanos: as escolas paroquiais ao lado de cada Igreja e os colégios voltados para um grupo elitizado. As escolas paroquiais voltadas para os filhos dos próprios crentes; e os colégios abertos, voltados para os não-crentes, tais como: Escola Americana em São Paulo (1870), Colégio Internacional (1873) em Campinas, Escola Americana em Sorocaba (1874), que tiveram início modesto, e com o transcorrer dos anos foram melhor articuladas pelos seus agentes, evoluindo para grandes estabelecimentos de ensino elementar e secundário.

Os colégios abertos na década de 70 eram uma proposta educacional diferente da defendida por Simonton em 1859, por Blackford 1860 e por Schneider 1861, que defendiam as escolas juntas a Igreja (Mendonça, 1995). Na década de 70, Simonton que sustentava esta

modalidade educacional de acordo com a proposta de 1840, já havia morrido, daí a abertura dos colégios acima mencionados.

Para Mesquida (1994), as escolas paroquiais¹⁰⁷ não são um tema fácil para ser analisado, tendo em vista a escassez de informações deixadas pelos missionários e pelos pastores nacionais. Porém sugere três funções atribuídas às escolas paroquiais: instrução dos próprios fiéis da igreja, centro de difusão do Evangelho e centros de formação e seleção de pessoas para a “Igreja e para a nação”.

Mendonça também afirma que as “escolas paroquiais permanecem ainda misteriosas quanto aos seus objetivos principais, métodos, currículos, professores, etc” (2008, p. 146). Para ele:

se a escola paroquial estava ligada diretamente à atividade de introdução e permanência da nova forma de fé, pela leitura da Bíblia e participação no culto, a ação educativa dos colégios tinha como meta o estabelecimento de uma “civilização cristã, de um Reino de Deus na terra segundo os ideais norte-americanos, que vinham na esteira de seu sistema econômico, em plena expansão em fins do século passado (*ibid*, p. 153).

Léonard (1981) afirma que a prática educativa dos protestantes reproduzia a técnica educativa dos católicos:

Não há dúvida de que as missões americanas prestaram algum serviço multiplicando as instituições de ensino a um tempo em que ainda eram pouco numerosas. Mas, se tratava-se de uma obra desinteressada, melhor seria que os esforços das Igrejas se houvessem destinado, normalmente, a manter a própria evangelização. E se o propósito era o de uma propaganda indireta ainda assim há reservas a serem feitas e que podem ser concretizadas nesta observação: a técnica de propaganda indireta, procurando atrair as elites nacionais para os meios protestantes, submetendo-as, então, à influência protestante por ocasião da educação geral – e não digamos sob pretexto – já havia sido a técnica dos jesuítas desde o século XVI (p. 131).

Isto representa que a prática educacional católica e protestante eram estratégias missionárias prolecionistas.

Hilsdorf nos dá o seguinte esclarecimento sobre as escolas abertas:

Assim, escolas abertas para os não crentes, de iniciativa pessoal de pastores ou mesmo de leigos de origem protestante e americana – e posteriormente assumidas pelas igrejas como instrumentos de evangelização - foram instaladas em núcleos urbanos que tinham, além de imigrantes compatriotas, representantes dos grupos sócio-culturais letrados que podiam lhes dar os alunos de que precisavam. Os presbiterianos do norte ficaram na capital, com a “Escola Americana” (1870); os presbiterianos do sul, com Campinas, núcleo de cafeicultores que estavam transitando do liberalismo adiantado para o republicanismo, onde abriram o “Colégio Internacional” (1873); e os metodistas, com Piracicaba, no interior da província, onde contavam com a proteção

¹⁰⁷ Ele concentra a sua análise nas escolas metodistas.

dos influentes irmãos Prudente e Manoel de Moraes Barros para o seu “Colégio Piracicabano” (1881). Nesses três centros, a mediação entre imigrantes, missionários e liberais e republicanos foi feita, no privado, pela maçonaria, e no público, pela imprensa republicana liderada por Rangel Pestana (2009, p. 11)¹⁰⁸.

Estrategicamente, os colégios abertos utilizaram a evangelização indireta, a fim de atrair as elites. Os prédios eram bem localizados, quase sempre no centro dos aglomerados urbanos. Do ponto de vista arquitetônico, eram bem construídos e de certa forma simbolizavam o poder e a posição social dentro da sociedade. Outras escolas tiveram seus prédios alugados, como é o caso do colégio em Sorocaba, mas instalados em lugares estratégicos, como nas principais ruas dos centros urbanos. Diferentemente, as escolas paroquiais estavam localizadas mais em zonas rurais, ou nos prédios onde funcionavam os salões de culto.

Em 1867, por ocasião da Reunião do Presbitério no Rio de Janeiro, Simonton apresenta um relatório intitulado “Os meios propícios para plantar o Reino de Jesus Cristo no Brasil”. Ele apresenta seis estratégias para se plantar o Reino de Deus: 1) pregação fiel do Evangelho, 2) distribuição de Bíblias, livros e folhetos; 3) Evangelização através da amizade; 4) Pregação do Evangelho por pessoas bem preparadas; 5) Evangelização indireta através de escolas e 6) O poder da oração na evangelização do Brasil.

Sobre o quinto item, a evangelização indireta através de escolas, afirma:

Outro meio indispensável para assegurar o futuro da igreja evangélica no Brasil é o estabelecimento de escolas para os filhos dos seus membros. Em outros países é reconhecida a superioridade intelectual e moral da população que procura as igrejas evangélicas. O evangelho dá estímulo a todas as faculdades do homem e o leva a fazer maiores esforços para avançar-se na senda do progresso. Se assim não suceder entre nós a culpa será nossa. Se a nova geração não for superior a atual não teremos preenchido o nosso dever. É de confessar que a educação há de encontrar grandes obstáculos provenientes de muitas causas. Muitos pais de famílias são descuidados a este respeito nem querem fazer os sacrifícios preciosos para educarem seus filhos. Estes da sua parte não estando acostumados a obedecerem a seus pais não gostam do regime de uma escola bem dirigida. Os costumes dos pais e a falta de confiança e moralidade não permitem que uma escola central seja freqüentada por todos como sucede nos Estados Unidos. Faltam professores e professoras com a prática necessária para bem desempenharem esta missão e o governo ainda não admite a instrução livre. Mas é necessário não cedermos a nenhum obstáculo. Embora não seja possível desde já fazer o que se quer, devemos ter sempre em vista como alvo a instrução e a educação da nova geração. Sendo este meio indispensável, temos razões para esperar que Deus preparará os meios necessários para atingi-lo (Simonton, 1867, p. 100-102).

Com esta argumentação, Simonton afirma que a estratégia missionária no Brasil deveria ter como alvo a instrução e a educação. Dizia que este meio era indispensável para o progresso do Evangelho no Brasil, mas estava consciente das dificuldades ligadas ao contexto

¹⁰⁸Texto não publicado. Aula ministrada no Programa de Pós-Graduação da FEUSP, 2009.

brasileiro. No início da inserção da Igreja Presbiteriana no Brasil existia uma preocupação de implantar no lado de cada Igreja uma escola, segundo a ordem da reunião de 1840. Primeiro, responsabiliza os pais por não cuidarem da educação de seus filhos. Segundo, responsabiliza os filhos por não gostarem do regime de uma escola bem dirigida. Terceiro, afirma que os costumes dos pais, a falta de confiança e moralidade não permitem que uma escola central seja freqüentada por todos como acontecia nos Estados Unidos. Quarto, afirma que não existiam professores e professoras preparados para desempenharem essa missão. Quinto, responsabiliza o governo por não admitir a instrução livre.

Na mesma reunião no Rio de Janeiro, Blackford apresenta um relatório intitulado “Algumas considerações sobre os obstáculos do progresso do Evangelho no Brasil”. Ele destaca os seguintes obstáculos: 1) oposição nata do coração humana e a astúcia e o ódio do demônio, 2) falta de instrução do povo, 3) superstições enraizadas no espírito do povo, 4) medo dos padres, 5) conveniências das famílias, sociais e políticas, 6) outro meio que serve de obstáculo para o Evangelho no Brasil é vício¹⁰⁹ encontrado em todas as classes sociais, 7) descrença e indiferença, principalmente nas classes mais instruídas.

Sobre o item 2, a falta de instrução do povo, afirma:

Um impedimento de grande alcance que encontro é a falta de instrução e o pouco desenvolvimento intelectual de muitas pessoas entre as classes mais acessíveis e inclinadas ao Evangelho. Esta circunstância impede a muitos o grande proveito que se tira da leitura do Evangelho, e livros evangélicos, e torna-se tanto mais sensível pela grande falta de pessoas que se dediquem a instrução particular e a pregação pública do Evangelho (...) É bem palpitante a necessidade de fazer previsão para a instrução do povo (Blackford, 16/07/1867, p 67).

O relatório de Blackford é muito significativo para as questões que estamos apontando neste trabalho. Ele apresenta sete impedimentos para a expansão do evangelho no Brasil. Menciona que a instrução do povo era um dos grandes impedimentos encontrado nas camadas sociais mais acessíveis (pobres). Por essa razão, seria necessário pensar na instrução do povo. Por outro lado, critica os hábitos sociais e políticos das classes mais instruídas (ricos). Sobre esta classe afirma que muitos não aceitavam a proposta protestante porque não queriam abrir mão das negociações realizadas aos domingos. Afirma ainda, que muitos empregados também não aderiam a nova proposta religiosa porque temiam perder seu emprego, que era a forma de sustentar suas famílias. Outros não aceitavam a nova proposta religiosa porque temiam

¹⁰⁹ Blackford não só menciona a corrupção no Brasil, mas destaca o fato do povo não “guardar o domingo”. Afirma que muitas pessoas realizavam negociações neste dia. Como apontamos no capítulo II deste trabalho, esta foi uma das questões do Rev. Antonio Pedro de Cerqueira Leite ter disciplinado a família de José Antonio de Souza Bertholdo.

perseguições do clero. No final do relatório, Blackford menciona que apresentaria os “remédios”, que ajudariam no progresso do Evangelho do Brasil.

Observa-se que existia certa concordância entre o relatório de Blackford e o relatório de Simonton. Ambos entendiam a necessidade de instruir o povo, ainda que o discurso e linguagem usados são totalmente diferentes.

Tanto que na cidade do Rio de Janeiro, Blackford inaugurou uma escola diária para meninos apenas em 1869, após a morte de Simonton. O governo concedeu autorização para a implantação da escola apenas para meninos. A responsabilidade desta escola era da professora Gervásia Neves e a direção principal estava nas mãos de Modesto Perestrello Carvalhosa. Com o desenvolvimento da escola, a missão norte-americana nomeou Mary Dascomb.

Blackford afirma:

Até o fim do ano passado o número de alunos não excedia de 7 a 8. Desde janeiro deste ano tem sido escrito 27 ou 28 alunos. A mesa administrativa em New York já nomeou uma mestra para esta escola Miss Mary Dascomb, a qual esperamos em setembro ou outubro próximo. Nutrimos esperanças de ver esta escola aumentar-se e de que há de auxiliar muito a causa do Evangelho naquela cidade (Relatório ao Presbitério do Rio de Janeiro, 1869, p. 10)

O missionário americano entendia que a escola era um instrumento de auxílio na pregação do Evangelho na cidade do Rio de Janeiro. Percebe-se claramente que o missionário entendia a educação para fins proselitistas¹¹⁰.

Ainda sobre a cidade do Rio de Janeiro, em outro relatório encaminhado ao Presbitério do Rio de Janeiro (1872), Blackford afirma que não tinha conseguido autorização para a criação de uma escola para meninas. Atribuía as dificuldades às leis e regulamentações do governo. Entendia que esta situação frustrava o plano de estabelecer escolas filiadas ou “auxiliares” em diversos lugares da cidade:

Não foi possível até agora obter licença para uma escola de sexo feminino; e tem sido frustrado os planos que tivemos de estabelecer filiadas ou auxiliadas em diversas sessões da cidade. As leis e regulamentações do governo sobre a instrução são os maiores impedimentos ao seu desenvolvimento e progresso no município neutro (Blackford, 19/08/1872, p. 5).

Esta situação não aconteceu em São Paulo, como mostrou Hilsdorf (1977). Nesta cidade houve apoio de liderança políticas, culturais e protestantes.

Em 1874, em relatório apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro, Blackford confirmava que a escola havia passado por dificuldades. O professor principal foi suspenso do

¹¹⁰ Neste mesmo relatório relata que esteve nos Estados Unidos, ocasião em que pregou em várias Igrejas sobre a expansão do Evangelho no mundo e inclusive no Brasil. Além disso, conseguiu verbas destinadas para a publicação dos sermões de Simonton e para o investimento na escola recém inaugurada no Rio de Janeiro.

rol de membros da Igreja. A ação do missionário norte-americano resultou na saída do professor da escola e de alguns alunos. Como diretor da escola, ele suspendeu as atividades e afirmou que retornaria a organizá-la (Blackford, 1874, p. 4). A escola do Rio de Janeiro era uma escola junto a Igreja, diferente da escola organizada em São Paulo, que tem o modelo de grande colégio.

Esta escola inaugurada pelo casal Chamberlain em 1870. Sua esposa lecionava aulas para meninas em sua própria residência. No mesmo ano, o número de freqüentadores já excedia o espaço destinado para a escola na residência do casal. Chamberlain solicitou em 1871 o apoio da Junta de Missões da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (*Board of Foreign Mission*), que segundo Garcez (2004), condicionou seu apoio à escola protestante aos seguintes princípios:

Observar o sistema de ensino americano: escola mista para ambos os sexos; liberdade religiosa, política e racial. Educação baseada nos princípios da moral cristã, segundo as normas das Santas Escrituras, atendendo ao conceito protestante que exclui da Escola a campanha religiosa, limitando-se às questões de moralidade ética no ensino de Cristo.

O ensino não será gratuito, cobrando a Instituição apenas o necessário para as despesas de custo.

A escola não terá fim lucrativo; não poderá distribuir dividendo ou lucro, sob qualquer modalidade, às pessoas ou instituição laicas ou religiosas. Os professores e funcionários receberão o que for estipulado previamente.

As anuidades da Escola poderão ser acrescidas até 15% de seu valor “custo-ensino” para custear bolsas de estudos para estudantes verdadeiramente pobres, quando estes não puderem prestar serviços ao estabelecimento.

O patrimônio da Instituição será formado por doações, legados, subvenções de poderes públicos ou particulares, e ofertas que forem compatíveis com os fins da Escola e serão aplicadas para a melhoria do ensino.

Sendo a precípua finalidade da Missão do Brasil a pregação do Evangelho, os missionários prestarão concurso à obra educacional leiga, a título de eventual cooperação, sendo pagos pela Junta (p. 71).

Em 1873, no relatório apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro, Chamberlain faz a seguinte afirmação sobre a escola:

A escola diária tem florescido e acha-se atualmente freqüentada por 56 alunos que mostram notável aproveitamento não só nos estudos seculares mas no conhecimento da Lei de Deus vivo. Fundada no intuito de ministrar não somente o entendimento mas à alma inteira dos que as freqüentam, tenho procurado na qualidade de Diretor dar tal direção as aulas que a escola viesse a ser conhecida como uma que preparava os seus alunos para dois mundos – para o cumprimento dos seus deveres na sociedade de homens e de anjos. A não poder dirigi-la assim consideraria o tempo que ela me furta como roubado do serviço do Senhor, e fechá-lo-ia para cuidar de outros trabalhos (Chamberlain, 1873, p. 15).

Chamberlain não parecia muito animado com a escola, achava que o tempo oferecido a frente desta instituição roubava-lhe o tempo que deseja dedicar aos trabalhos de cunho

missionários. Em 1875, a Igreja compra um terreno para a construção da escola situado na Rua São João esquina com a rua Ipiranga, na quantia de 500 mil réis. Afirmava ainda que a escola sob os cuidados do Rev. J. B. Howell continuava a florescer. Acrescenta ainda que a escola necessitava de um diretor que não tivesse as responsabilidades ministeriais dos pastores, e que somente assim ela teria a importância que a Província de São Paulo merecia. Chamberlain faz um apelo ao Presbitério, lembrando a existência de um plano estabelecido por este concílio em organizar um Instituto Literário e uma Escola Normal na Província de São Paulo com a finalidade de preparar os futuros ministros e os futuros mestres do ensino. Esta ação contribuiria para a expansão do evangelho em todo território brasileiro e conforme suas palavras “quicá em toda a parte em que for falada a bela língua Lusitana” (Chamberlain, 1875, p. 19-30).

Mais tarde Chamberlain consegue apoio de Horace Lane, que passa a dirigir a Escola Americana em São Paulo (1885-1912). Durante sua dinâmica gestão, a Escola Americana em São Paulo, em 1886, passou a se chamar *Mackenzie College*. Horace Lane enfrentou forte oposição de líderes subordinados à visão de Eduardo Carlos Pereira, que defendia um sistema educacional voltado apenas às necessidades dos crentes. Este posicionamento de Eduardo Carlos Pereira confrontava diretamente a posição adotada por alguns missionários e educadores norte-americanos, que defendiam a educação escolar em grandes colégios abertos para filhos de não crentes como meio de evangelização (Hilsdorf Barbanti, 1977).

Segundo Laguna (1999), os relatórios que Horace Lane enviava para o *Board* de Nova York mostram o recorrente esforço dele para convencer os dirigentes de que o trabalho escolar dos protestantes norte-americanos devia ser mantido, devido a sua importância para a afirmação da recém-proclamada república brasileira, o que confirma o entendimento apresentado pela historiografia (Hilsdorf Barbanti, 1977).

Em 1875, à frente da Escola Americana em São Paulo, Howell afirmava que ensinava durante uma hora por dia aulas de inglês e o Breve Catecismo. Relatava que no início do ano tomou medidas para reorganizá-la, estabelecendo um curso progressivo de estudos e efetuou mudanças nos termos de matrículas, exigindo de todos, com exceção de alguns filhos de membros pobres da igreja, o pagamento de uma mensalidade. Segundo sua análise, estas mudanças resultaram no aumento da matrícula e a escola tornou-se mais apreciada pela população. Matricularam-se nesta ocasião 79 alunos; a frequência diária era de 52 alunos. O valor cobrado nos últimos três meses era de 200\$ (duzentos réis) por mês, que chegava a cobrir quase todas as despesas (Howell, 05/08/1875, p. 66).

A cidade de Campinas também foi alvo da educação confessional presbiteriana. Em 1873, George Nash Morton e Edward Lane organizaram o Colégio Internacional, estando à frente do Colégio entre os anos de 1873 e 1879. Segundo a bibliografia (Hilsdorf Barbanti, 1977 e 1986, Bencostta, 1996) Rangel Pestana lecionou no Colégio Internacional durante o ano de 1875, juntamente com os seguintes professores: Julio Ribeiro, John Dabney, Emílio A. Henking, J. Boyle, C. Thorman, C. Bacharelly e Nash Morton. Nesta época, Rangel Pestana era editorialista, articulista e redator do jornal *Gazeta de Campinas*, e no ano seguinte, do jornal *A Província de São Paulo*, estabelecido na capital, de onde vinha duas vezes por semana para lecionar no colégio. Essa imprensa de matriz liberal e republicana apoiava as iniciativas de Morton e Lane, pelo desejo que a elite intelectual da cidade tinha de se identificar com as sociedades civilizadas, sendo a educação um dos aspectos: Hilsdorf (1986) relata inúmeras demonstrações de apreço da parte desses grupos em Campinas e São Paulo, entre os anos 1869-1889, e Bencostta (1996, p. 73) transcreve artigo do republicano Jorge Miranda, defensor dos ideais do liberalismo, que interpretava a iniciativa educacional desses protestantes como lucrativa para a sociedade de Campinas.

Enfim, nos Estados Unidos, o ensino como que faz timbre por assinalar e justificar o papel tão preconizado que a geração moderna conferiu ao século dezenove. Pois bem: é o ensino assim concebido e como realiza a América do Norte, que os srs. Lane e Morton pretendem fundar e seguir no Colégio projetado. Sua importância, evidentemente, está justificada até pelos mais incrédulos (*Gazeta de Campinas*, 30/11/1874).

Em Brotas, segundo Boanerges Ribeiro (1981), foi criada uma constelação de escolas. Algumas escolas foram organizadas em sítios. O Rev. Lennington¹¹¹ em seu relatório de 1871-1872, encaminhado para o Presbitério do Rio de Janeiro, afirma que a escola tem sido um grande sucesso.

Em 1872, Dagama chegou à cidade de Brotas, relatando em agosto que a escola era freqüentada por 30 a 35 alunos. Fora da cidade organizou escolas nas seguintes localidades: **Sítio de Henrique Gomes:** estabeleceu uma escola (1872) com 27 alunos, e aulas noturnas com 19 adultos. No **Sítio de Manoel de Toledo Magalhães:** funcionava uma escola com 8 alunos; tinha reunião duas vezes no domingo, e uma vez na quarta-feira. Ali também funciona uma escola dominical. **A oeste do sítio da Figueira:** pregou várias vezes a uma boa porção de ouvintes e expressa a intenção de implantar uma escola nesta localidade. No **São Carlos do Pinhal, sítio do Monjolinho:** pregou 4 vezes nesta localidade. Das 200 pessoas que moravam naquela localidade, nenhuma sabia ler e escrever. Então, manifesta o desejo de

¹¹¹ O relatório é manuscrito.

instalar uma escola nesta localidade, com a finalidade de instruir as pessoas no evangelho. Depois de dois anos, Dagama registra a instalação de uma escola e a organização de uma Igreja (Dagama, 1872, p. 1-6). No **Sítio do Rosário, no Rio Novo**: em 16 de março de 1873, organizou uma Igreja e no dia 14 do mesmo mês e ano, instalou uma escola, cujo professor era Vieira Bizarro. A escola tinha 17 crianças de dia, e afirma que a escola estava indo bem. No **Sítio Bom Jardim**: afirma que a escola instalada nesta localidade funcionava com 14 “discípulos e discípulas” (Dagama, 1873, 4 p.)

Eneida R.Figueiredo (2001) em seu trabalho acadêmico intitulado “As Escolas Paroquiais Protestantes em Brotas no final do século XIX”, afirma que Dagama foi o responsável pela expansão das escolas paroquiais em Brotas (p. 52), confirmando as posições adotadas por Ribeiro (1981).

Na cidade de Rio Claro, Dagama afirma que em 27 de fevereiro de 1873 estabeleceu uma escola e culto regular duas vezes ao domingo. A escola iniciou com 9 alunos; no dia 23 de julho, chegou a 76 alunos, indicando que a escola estava ganhando a simpatia de muitas famílias. Dagama foi o principal responsável pelo desenvolvimento da proposta educacional nesta cidade. Afirma, ainda, em seu relatório que contava com a ajuda de duas educadoras: Mary Dascomb e Elmira Kuhl. Ao lado do curso primário, organizou um internato (orfanato) em que recolhia crianças pobres, inclusive órfãos e as mantinha durante três anos num regime espartano de trabalho e estudo. Vejamos a declaração de Dagama:

Olhei em roda e vi as crianças; imediatamente pensei numa escola, e prometi mandar alguém que lhes lesse a Bíblia. Ao chegar em casa ponderei a dificuldade de evangelizar o interior. Imediatamente concluí que a solução seria um internato para essa pobre gente. Consultei amigos, mas a todos a empresa pareceu demais: excesso de trabalho e de despesas. Não me animaram; mas a necessidade era evidente. A 9 de janeiro de 1872 eu já tinha casa pronta, e comecei o “Internato para crianças pobres, e Órfãos”, com nove crianças, meninos e meninas. Antes de prosseguir, explico porque esse nome. Era apenas para crianças pobres, e órfãos desamparados; mais ninguém; e apenas crianças do interior distante onde havia tanta necessidade de alguém que lesse a Palavra de Deus (Relatório ao Presbitério do Rio de Janeiro, 1872).

Dagama descreve em seu relatório, as condições para o ingresso dos alunos na escola em Rio Claro:

1º. Apenas crianças pobres, e poucas de cada lugar, 2º têm de ficar três anos na escola, e durante esse tempo não visitam a família. 3º nesses três anos, se são nominalmente católicos, não podem ir à igreja católica, nem fazer rezas; 4º admitem-se crianças sadias, e os pais não têm controle sobre elas enquanto estão na escola.

Como são muito pobres, nós lhe fornecemos tudo de que precisam. Tem de trabalhar duas horas por dia, para aprenderem a trabalhar. Os meninos

trabalham no quintal e partem lenha; as meninas cuidam da casa, costuram e aprendem trabalhos de fantasia (bordados), o máximo possível para elas em três anos.

Esse sistema tem-se demonstrado o melhor meio de preparar campos para uma farta colheita de almas. Após os três anos as crianças voltam para casa, e como vieram do distante interior, levam consigo para lá a boa semente. Podem cantar e ler a Palavra de Deus para seus parentes e vizinhos. Desse modo o conhecimento das Escrituras se dissemina em toda parte. Quando terminam, as crianças saem e abrem vagas para outras. Várias sociedades (senhoras presbiterianas norte-americanas) estão sustentando 24 crianças. Há mais nove que precisam dessa ajuda (Relatório ao Presbitério do Rio de Janeiro, 1872).

A escola aparentava ter um sistema rígido, um pouco diferente das escolas organizadas em outras localidades. Mas, observa-se que a intencionalidade da escola estava em evangelizar as crianças e estas evangelizarem seus pais e outras pessoas.

No relatório é possível observar o cotidiano da Escola:

Às 5 ½ da manhã toca o sino para acordá-los; café às 6, e depois, trabalho. Às 7 ½, a refeição matinal. Das 8 às 9 estudam e se aprontam para a escola. Às 9, o culto da família. 9 1/2, aula, até 2 da tarde. 2 e 15, jantar. 3 a 4, estudo, (e alguns expõem suas lições). Às 4 os meninos vão para seu trabalho e as meninas para a costura, até às 5. Brincam de 5 a 6; estudam das 6 a 7. Ceiam às 7 e 20. De 7 e 40 às 8, culto, e depois vão dormir, sendo que cada criança faz suas orações, antes.

No sábado é diferente, pois é preciso esfregar e limpar a casa, e pôr tudo em ordem. Alguns meninos racham lenha. Então as crianças tomam seu banho e deixam tudo limpo na casa. Em geral, sábado à tarde vão passear com uma das professoras, até à noite.

Domingo o sino toca às 6. Tomam café e, todos, decoram versos da Bíblia até à hora do breakfast, às 7 e meia. Às 9, culto da família, e depois estudo do Catecismo e de versículos da Escritura. Então se aprontam para ir à Igreja; às 11 vão para a Igreja, dois a dois, com as professoras. Assentam-se na igreja e ficam quietos durante o culto; daí, voltam para casa, na mesma ordem da ida. Jantar às 2. Das 3 ½ às 4 ½ vão para as classes, estudar a lição da Escola Dominical. Às 5 saem para a Escola Dominical, que começa às 5 ½ e acaba às 6 ½. Em regra geral, recitam de cor, entre 300 a 400 versículos da Escritura, cada domingo. Às 7 há culto, até 8 e 15, que as crianças suportam sem dormir. Prestam atenção no culto, comportam-se bem na igreja; e parece que entendem o sermão e gostam dele tanto ou melhor que os adultos, porque têm familiaridade com a linguagem da Bíblia, o que falta aos adultos.

Como se observa, a rotina da escola era muito rígida. Os horários eram metodicamente seguidos. Havia pouco horários para o lazer, e as crianças passam a maior parte do tempo fazendo tarefas manuais e escolares. A escola permaneceu em Rio Claro até os anos de 1886, contando com o auxílio da missão norte-americana.

Em Borda da Mata, os membros da Igreja mantiveram à sua custa nos primeiros 5 ou 6 meses desse mesmo ano uma escola para seus filhos (Carvalhosa, 09/08/1873, p. 41).

Segundo comenta Hilsdorf (2009), em Brotas, as escolas de Dagama tinham o perfil das escolas paroquiais, criadas em bairros rurais e voltadas para as camadas populares, com o

objetivo de ensinar a leitura aos fiéis analfabetos. Diferenciando das escolas paroquiais, a escola criada em Rio Claro tinha um modelo mais próximo de uma instituição mista, na forma de um Instituto Pedagógico que oferecia instrução aberta para crianças de ambos os sexos, mas visava a formação de futuros obreiros.¹¹²

Outras escolas foram instaladas em várias localidades: segundo Blackford (1872, p. 1-5), a de Petrópolis (1871) estava sob os cuidados de Cândido Joaquim de Mesquita. A escola era um externato para meninos e meninas. Em 1873, tinha aproximadamente 30 alunos. Comenta também que pagava aulas para algumas meninas pobres que freqüentavam as aulas. Pedia ao Presbitério que desse maior atenção ao trabalho educacional realizado em Petrópolis.

Na Bahia, em relatório encaminhado ao Presbitério do Rio de Janeiro (1872), o Rev. Francis Josef Christopher Schneider afirma que estabeleceu uma escola para meninos e meninas:

Minha senhora há quase um ano estabeleceu uma escola de meninos e meninas que costumam reunir-se duas vezes por semana e ao domingo para a Bíblia, o Breve Catecismo e o Catecismo para meninos, aprendendo alguns a lerem. O numero de alunos varia de 4 a 12 (Relatório ao Presbitério do Rio de Janeiro, 1872).

Vê-se claramente que, nas primícias do trabalhado na Bahia, a escola presbiteriana tocada pela esposa do missionário era do tipo junto-a-igreja.

Em Lorena, segundo relatório do Rev. Modesto P. Barros Carvalhosa, existia uma escola na cidade em 1872: “Superintendo a escola diária instituída em Lorena no começo deste ano presbiterial, a qual conta presente 24 meninos; e ensino do sr. Telesphoro Lobo da Silva” (Carvalhosa, 19/08/1872, p. 44). Além de afirmar a existência da escola, o referido pastor dizia que realizava estudos do Breve Catecismo com os membros da igreja de Lorena. Percebe-se claramente que a escola tinha a finalidade de preparar os alunos na linha do ensino religioso. No ano de 1873, a escola tinha 23 alunos. Carvalhosa deseja que a escola fosse um meio de espalhar a verdade (09/08/1873, p. 39).

Em 20 de novembro de 1873, a escola contava com a presença de 23 alunos. Em pesquisa realizada no Arquivo do Estado de São Paulo encontrei a seguinte relação de alunos da escola presbiteriana dirigida por Carvalhosa¹¹³: João da Silva Tavares (11 anos), João V. da Silva Pereira (15 anos), José Luiz Tibúrcio do Prado (12 anos), Alfredo Tibúrcio do Prado (8 anos), José Rodrigues Gomes (7 anos), Benedicto Caetano dos Santos (8 anos), Benedicto Carolino Alves (8 anos), José de Paula (10 anos), Maria Severina do Prado (11 anos), José

¹¹² Texto não publicado. Aula ministrada no Programa de Pós-Graduação da FEUSP, 2009

¹¹³ Escolas Particulares da Província de São Paulo, Arquivo do Estado de São Paulo, data 1887-1894. Ordem 5111.

Caetano dos Santos (5 anos), Anna Justina da Conceição (10 anos), Saturnino Vaz dos Reis (9 anos), Américo José Alves da Silva (6 anos), Frederico José Alves da Silva (7 anos), João T. dos Reis (8 anos), Delmina da Silva (11 anos), João Primo de Carvalho (11 anos), Emerenciana Olinda do Prado (5 anos), Bento Pereira Rosa (10 anos), Maria Pereira Rosa (10 anos), Francisca Rosa de Carvalhos (11 anos), José Carlos (12 anos), Idalino Alves da Silva (11 anos), Domingos Carlos (12 anos), Antonio José Pires (16 anos), José Thms (13 anos) e Frederico Carlos (5 anos). Ao lado dos nomes dos alunos, estão elencados os nomes dos pais. Observa-se que as idades variam muito, entre 5 e 16 anos. A maioria dos alunos era de meninos, havia apenas 6 meninas.

Mais tarde, por falta de professor habilitado e instruído, a escola foi fechada. Os membros da Igreja sentiram profundamente o fechamento da escola destinada aos seus filhos. Além disso, Carvalhosa afirmava que ela tinha sido muito importante para a causa de Jesus Cristo, ou seja, a pregação do Evangelho (Carvalhosa, 10/08/1875, p. 54)

Em Petrópolis, a escola era regida por C.J. Mesquita, candidato ao ministério. Na Bahia, pela senhora Schneider, em Botucatu, pelas missionárias e professoras Mary Dascomb e Elmira Kuhl. Em todas elas, além das primeiras letras, ensinavam-se a Bíblia e o Breve Catecismo, ou seja, elas estavam em consonância com o relatório da Igreja Presbiteriana norte-americana nos Estados Unidos elaborado pelos pastores: Samuel Miller e J.J. Janeway em 1840.

A cidade de Botucatu também tinha uma escola, iniciada anos antes, e dirigida até então (década de 1890), pelo Rev. João Ribeiro de Carvalho Braga:

Escola de Botucatu.

Esta escola, que tem estado há anos sob a gestão eficiente do Rev. Sr. Braga e sua esposa, está sendo remodelada e agora está a cargo das *misses* Henderson e Dascomb. Rev. Sr. Braga foi designado para trabalhar em tempo integral no seu vasto campo e em rápido crescimento. Sua esposa, que, para além dos encargos de esposa de um pastor, que são excepcionalmente pesados em um novo campo, como o de Botucatu, tem sido o principal esteio da escola, foi liberada para uma temporada de descanso, da qual necessitava muito. Propõe-se fazer desta escola uma escola seriada e ter uma escola paroquial no distrito subordinado a ele. Não há nenhuma pergunta sobre os alunos, há muitos deles, mas os professores – Onde eles estão? Esse é o obstáculo (Brazilian Missions, 1890, p. 66)¹¹⁴.

¹¹⁴ No original impresso. Tradução: Ivanilson Bezerra da Silva. **Botucatu school**. “This school, which has for years been under the efficient management of Rev. Mr. Braga and his wife, is being remodeled and is now in charge of Misses Henderson and Dascomb. Rev. Mr. Braga is released to devote his entire time to his large and rapidly growing field. His wife, who, in addition to the burdens of a pastor’s wife, which are exceptionally heavy in a new country like Botucatu, has been the mainstay of the school, is also released for the season of rest she so greatly needs. It is proposed to make this school a graded school and have the parochial school in that district

O relatório publicado nesse boletim da igreja tece elogios ao pastor e sua esposa, Alexandrina T. da Silva Braga. A respeito do pastor, afirmava que realizava uma gestão eficiente e trabalhava em tempo integral no seu vasto campo, que estava em crescimento. Segundo o relatório, Alexandrina Braga era o esteio da escola, com a ajuda de duas missionárias americanas. Os responsáveis pela direção da escola tinham como objetivo torná-la uma escola seriada, ou seja, com várias classes, e organizar outra instituição, no modelo da escola paroquial, destinada para os filhos dos crentes.

Algumas destas escolas tiveram existência curta. Muitas desapareceram no decorrer dos anos. Como podemos ver, algumas foram fechadas por falta de professores, recursos e dificuldades enfrentadas pela missão norte-americana no Brasil, outras porque sua função já não era mais necessária. Normalmente, onde tinha um grupo razoável de convertidos abria-se uma escola. O sustento da escola recaía sobre os pais, mas contava com os investimentos da missão norte-americana. É possível afirmar, pelas entrelinhas dos relatórios dos missionários, que existia um plano elaborado para a implantação de escolas no Brasil. Alguns dos missionários manifestavam claramente que a educação era um instrumento para a propagação do Evangelho no Brasil, além de manutenção da fé. Eles entendiam que as escolas não somente atendiam as pessoas ligadas às igrejas, mas também seria um instrumento para atrair as pessoas da sociedade brasileira¹¹⁵. Observa-se esta mesma ideologia nos relatórios encaminhados à Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos:

Educação e Evangelização

Muitas das acusações levantadas contra a importância do trabalho educacional como instrumento para a obra de evangelização no campo missionário parece ser baseado em um equívoco muito prevalecente da verdadeira natureza da educação. Alguns professores consideram seu dever cumprido quando eles insistem dominar seus alunos no latim, matemática ou ortografia. Dizem com grande satisfação que todos os Departamentos da sua instituição estão fazendo o trabalho "semelhantemente bom" e respondem com uma honesta surpresa o que mais se espera. Seus esforços terminam em seus departamentos e a realização mental é o objetivo dos seus desejos. Quando os instrutores voltam sua atenção ao manual de formação, é ainda com a idéia de que a função de uma escola é transmitir conhecimentos. Que os alunos devem aprender com o mesmo esforço de um bom carpinteiro, esta é a graduação desejada. Escolas, assim, abertas são insatisfatórias, se localizado em Nova Jersey ou no Brasil, e seus efeitos no trabalho evangelístico será nulo.

O verdadeiro objetivo da educação é o desenvolvimento ou criação, se necessário, do caráter. A função da escola é a formação e conservação de um ambiente em que cada tendência boa é estimulada e toda a tendência mal reprimida. Os esforços de um

subordinate to it. There is no question about the pupils, there are too many of them, but the teachers – Where are they to come from? That's the rub".

¹¹⁵ As análises levantadas sobre estas escolas foram extraídas dos relatórios pastorais dos missionários norte-americanos e brasileiros, e encaminhados para o Presbitério do Rio de Janeiro com a finalidade de mostrar o trabalho missionário no Brasil e foram reunidos numa coleção intitulada "Relatórios Pastorais (1866-1875)", organizado pelo Rev. Modesto P. B. Carvalhosa, que se encontra em boas condições no Arquivo Histórico da Igreja Presbiteriana do Brasil. Seu uso é inédito na história da educação.

professor devem encerrar em seus alunos, deve ser adaptada ao indivíduo e deve ser direcionada tanto para a moral e para o crescimento intelectual. Este ponto de vista da educação não abre nenhuma porta para os instrutores incompetentes em seus assuntos, mas proporciona à classe cuidadoso trabalho, o objeto na aula é a rigor, tão essencial para o sucesso na vida.

Escolas permeadas com essa idéia de educação devem ser de valor inestimável para o trabalho evangelístico dentro ou fora da casa. Amaldiçoados por incompetência moral hereditária, e rodeados por tentações peculiares ou intensificadas por seus vizinhos sem Cristo, os filhos de famílias recém-convertidas precisam de toda a força de caráter que a formação cuidadosa do "Coração, cabeça e mão" podem dar. Se os filhos dos convertidos devem ser salvos dos pecados de seus pais, um ambiente cristão deve substituir, pelo menos em parte, a casa natal. Se os professores e evangelistas cristãos estão a ser levantados, que dirá a cada um em sua própria língua pregar as maravilhas de Deus, eles devem ser instruídos sob a pressão total das simpatias raça, e pleno poder da verdade do Evangelho. Para todo este trabalho nada pode substituir a escola cristã. A missão da igreja será sempre chamar novos trabalhadores nativos. Com eles a missão ou atividade neste hemisfério visa a criação e o reforço do propósito cristão, e que o esforço para construir o caráter cristão se torna uma possibilidade. **Precisamos no campo missionário de vários tipos de atividades educacionais**, a escola paroquial para orientar as etapas da infância, a escola de instrução manual para ajudar no domínio da alma, a escola normal para fazer "aptos para ensinar" ou qualificados no ensino, o colégio e o seminário, como coroamento inseparável do sistema, para fornecer líderes para as atividades seculares e profetas para trabalharem na Igreja de Deus, todos equipados por professores que sentem sua responsabilidade para com os seus alunos e seu Deus (Brazilian Missions, 1890, p. 100-101, grifos nosso).¹¹⁶

¹¹⁶ Relatório Impresso. Tradução Ivanilson Bezerra da Silva. "Education and Evangelization: Many of the objections urged against the importance of educational work as auxiliary to the work of evangelization in the mission field seem to be based upon a very prevalent misconception of the true nature of education. Some instructors consider their duty discharged when they have insisted upon their students mastering more or less Latin, mathematics or spelling. They tell you with great satisfaction that all departments of their institution are doing similar "good work" and ask with honest surprise what more you expect. Their efforts terminate upon their departments and mental achievement is the goal of their desires. When such instructors turn their attention to manual training, it is still with the idea that the one function of a school is to impart knowledge. That the boy learns to drive a nail straight is the effort and an expert carpenter is the desired graduate. Schools thus manned are bound to be unsatisfactory, whether located in New Jersey or Brazil, and their effect in evangelistic work will be nil. The real purpose of education is the development, or creation if need be, of character. The function of a school is the formation and conservation of an environment in which every good tendency will be stimulated and every evil tendency repressed. The efforts of a teacher should terminate upon his students, should be suited to the individual and should be directed as much toward moral as toward intellectual growth. This view of education opens no door for instructors incompetent in their subjects, but elevates careful class-room work from mere "grinding" to object-lesson is the thoroughness so essential to success in life. Schools permeated with this Idea of education must be of inestimable value to evangelistic work abroad or at home. Cursed by hereditary moral incompetency, and surrounded by temptations peculiar to or intensified by their Christless neighborhood, the children of newly converted families need all the strength of character that careful training of "Heart, Head and Hand" can give. If the children of the unconverted are to be saved from the sins of their fathers, a Christian environment must replace, in part at least, the native home. If Christian teachers and evangelists are to be raised up, who shall tell to every man in his own tongue the wonderful works of God, they must be instructed under full pressure of the race sympathies, and full power of the Gospel truth. For all this work nothing can replace the Christian school. Without this the mission church forever must stagnate and forever draw new workers from the home land. With it that hemisphere or mission activity which seeks the creation of Christian purpose is vastly strengthened, and that which strives to build up Christian character becomes a possibility. We need then in the mission field every type of education activity, the parochial school to guide the steps of childhood, the manual training school to add hand to the dominion of soul, the normal school to make the "apt to teach" skilled in teaching, the college and the seminary, inseparable crown of the system, to provide leaders for secular thought and prophets of the work to lead the Church of God, all manned by teachers who feel their responsibility to their pupils and their God". (Rev. W. A. Waddell, Brazilian Missions, 1890, p. 100-101).

Este relatório escrito pelo Rev. Willian Alfred Waddell em 1890 deixa bem claro que, como em 1840, a educação era um instrumento indispensável na expansão da obra missionária. Ele aponta também as diretrizes que deveriam permear a ação educativa: a educação deveria centrar no aluno, na formação do seu caráter moral e intelectual. Além disso, mostra as várias modalidades educacionais que o trabalho missionário deveria realizar: trinta anos depois das primeiras iniciativas das escolas paroquiais ou junto-das-igrejas, propunha-se uma diversificada rede de instituições escolares, mais ou menos formalizadas: em escola paroquial para orientar as etapas da infância, escola para instrução manual, escola normal para preparar os professores, colégios para preparar líderes na realização de atividades seculares, seminários para a formação dos líderes da Igreja. Estas instituições educacionais deveriam ser equipadas com professores altamente preparados e focados nos seus alunos e em Deus.

O período da elaboração deste documento também é importante. Na década de 90, a igreja começa a experimentar uma crise na perspectiva educacional. Horace Lane, Waddell, Chamberlain, Gammon, Kolb, Carvalhosa e outros líderes defendiam a educação como meio de evangelização indireta, ou seja, a manutenção de colégios e escolas abertas aos filhos de não crentes. O grupo liderado por Eduardo Carlos Pereira, incluído nele o pastor de Sorocaba, Zacharias de Miranda¹¹⁷, João Ribeiro de Carvalho Braga, Alvaro Reis, Kyle, Smith e outros pastores nacionais e missionários estrangeiros achavam desnecessário tanto investimento em escola, para poucos resultados em termos religiosos, no sentido da fraca ocupação do campo religioso brasileiro pela igreja presbiteriana. Consideravam que eram poucas as conversões, o número de fiéis arrolados, e os candidatos ao ministério, após tantos anos de trabalhos missionários. Esta discussão praticamente permeou a vida eclesiástica e educacional do presbiterianismo no Brasil ao longo da década de 1890. Eduardo Carlos Pereira através do jornal *O Estandarte*¹¹⁸ lançava dúvidas a respeito das qualidades morais de Horace Lane e Waddell, que nesta ocasião estavam à frente do *Mackenzie College* de São Paulo Segundo Ferreira (1981), concordando com Hilsdorf Barbanti (1977), não havia neste contexto apenas lutas pessoais, mas lutas de duas concepções: os que defendiam a evangelização direta e os que defendiam a evangelização indireta:

¹¹⁷ Talvez esteja aqui uma das razões pelas quais o Colégio Sorocabano dirigido por Zacharias fechou suas portas em 1896. Discutiremos esta questão ainda neste capítulo. Pelo menos nesta questão Zacharias apóia os posicionamentos de Eduardo Carlos Pereira, e mais tarde (1903), terá divergências em relação à Maçonaria.

¹¹⁸ Criado pelo pastor Eduardo Carlos Pereira em 1893, que substituiu o jornal *A Imprensa Evangélica*, obra do pioneiro Simonton. Nos primeiros anos de organização deste jornal, Zacharias de Miranda era dos colaboradores, juntamente, com João Ribeiro de Carvalho Braga, Álvaro Reis, Herculano E. Gouvêa, Benedito Ferraz de Campos, Dr. Bernardino da Silva, José Primênio, B. de Araújo César, Joaquim Ribeiro e David dos Santos.

A evangelização deve ser direta ou indireta? Por evangelização direta estamos entendendo a ação do missionário junto aos pecadores na difusão da Bíblia, na explicação da mesma, seja onde for. Por evangelização indireta, estamos entendendo o gasto do dinheiro da Missão em obras sociais, em colégios, por exemplo, onde há cultos regulamentares, mas a liberdade de consciência a ser garantida não pode fazer com que a ação evangelística vá além da influência espiritual dos mestres quando são estes cristãos (Ferreira, 1981, p. 417).

Eduardo Carlos Pereira também defendia a educação teológica para a formação dos pastores e a escola paroquial voltada para os filhos dos crentes tomando como parâmetro (negativo) a educação neutra oferecida pelo ensino oficial, nas escolas públicas. Através da imprensa presbiteriana, ele expressava a seguinte definição sobre a escola paroquial, deixando bem claro o conceito de educação que defendia:

Escola paroquial é a escola instituída pelas Igrejas particulares para o serviço da própria comunidade, é aquela que se ergue ao lado do templo para a instrução primária dos filhos menores da Igreja. Não podemos, sem grave perigo, entregar nossos filhos em seus verdes anos, à influência de professores incrédulos e romanistas. Nesta idade proeminente plástica, o espírito tenro se deixa subjugar facilmente do meio em que vive (O Estandarte, 09/11/1895, p. 1).

Eduardo Carlos Pereira temia a “má influência” que a instrução pública, isto é, oficial, podia trazer aos filhos dos crentes, por isso, defendia a necessidade de a Igreja cuidar da formação intelectual e religiosa dos seus filhos em escolas fechadas, através das escolas paroquiais. Em outra edição do jornal *O Estandarte*, ele continua sua apologia à organização dessas escolas paroquiais:

Em face da neutralidade irreligiosa das escolas públicas e da facilidade plástica do espírito da infância, mostramos a necessidade urgente de cada comunidade evangélica instituir suas próprias escolas primárias, logo que puderem. Estas escolas paroquiais penetradas não somente, pela idéia de Deus, mais ainda pelo ensino francamente cristão, devem conservar, aprofundar e amadurecer a educação religiosa da família e da igreja. Esta última parece-nos que, só por si, deve falar-nos da necessidade de tais escolas. De fato, ainda mesmo que as escolas públicas sejam meramente negativas em referência à religião; ainda mesmo que sua neutralidade não tenha nenhuma feição hostil à religião de nossos filhos, prevalece, todavia, a imperiosa necessidade de reforçar as piedosas influências da família e da igreja. Se na melhor hipótese, a imparcialidade das escolas do governo não contraria o desenvolvimento de seus alunos; não vai, com certeza, a ponto de favorecer esse desenvolvimento. Mesmo, pois, nesta hipótese, que é a mais favorável possível em nosso meio social, permanecem em vigor todas as razões para levantarmos nossas escolas paroquiais. É de fundamental importância a cooperação das escolas primárias na educação religiosa da infância (O Estandarte, 16/11/1895, p. 1).

Por ambas as razões apontadas, Eduardo Carlos Pereira entendia que a educação dos filhos da Igreja deveria ser efetuada pela própria Igreja através das escolas paroquiais. Deseja que, num futuro próximo, cada Igreja tivesse uma escola paroquial para cuidar da educação religiosa das crianças, e evitar que estas recebessem “influências negativas” do meio social.

Em relação a perspectiva da ação missionária da Igreja ele não era partidário da perspectiva educacional que a Igreja tinha através dos “colégios abertos”, para não crentes, nem da educação neutra das escolas oficiais, mas defendia a evangelização direta, através da Bíblia, pregação e folhetos, práticas formadas nas escolas paroquiais para leigos e nos seminários para os pastores. Numa perspectiva, totalmente, diferente, Horace Lane e outros missionários defendiam a educação através dos colégios voltados para a sociedade. Para eles, estes colégios proporcionariam uma maior participação indireta da Igreja na vida social, ao cultivaram um caráter moral de base cristã e uma mentalidade evangélica nos seus alunos.

O que levou Eduardo Carlos Pereira e demais companheiros a este posicionamento? Seria a sua visão de mundo, posicionamento político e até mesmo a dificuldade de estar à frente de uma dessas instituições educacionais da Igreja? A não aceitação de escolas ou colégios para os não crentes expressava uma concepção dicotômica, que separava a Igreja do mundo?

Bourdieu (2004) de certa forma nos ajuda a dar uma resposta a esta disputa no campo religioso presbiteriano.

Esta crise pode ser interpretada como uma desestruturação do campo religioso presbiteriano. A luta pela tomada de poder no campo religioso presbiteriano estava, no final da década de 90, entre seus próprios agentes, por divergências ideológicas, disputa de poder e posicionamentos políticos dentro do campo presbiteriano. As estratégias de tais agentes e das instituições que estavam envolvidos dependiam da posição que ocupavam na estrutura do campo, ou seja, na distribuição do capital simbólico específico, institucionalizado ou não (reconhecimento interno ou notoriedade externa), e que através da mediação das disposições constitutivas de seus *habitus*¹¹⁹, motivou-os a conservar ou a transformar a estrutura dessa distribuição. Conseqüentemente, a perpetuar as regras do jogo ou subvertê-las. Neste caso, alguns optaram por perpetuar e outros em subverter as regras do jogo. Estas estratégias, alvos da luta entre dominantes e pretendentes, as questões a propósito das quais enfrentavam, direcionavam um novo espaço de tomadas de posição e, conseqüentemente, a formação de um novo campo religioso presbiteriano, que ocorreu com a formação, em 1903, da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Estar dentro de um campo é também aceitar ou não tacitamente as regras inerentes ao jogo ou à disputa de poder. A tensão entre as posições

¹¹⁹ É um conjunto de esquemas implantados desde a primeira educação familiar, e constantemente repostos e reatualizados ao longo da trajetória social restante, que demarcam os limites à consciência possível de ser mobilizada pelos grupos, sendo assim responsáveis, em última instância, pelo campo de sentido que operam as relações de poder (Bourdieu, 2004).

tomadas dentro do campo é o que determina sua mudança ou até mesmo a criação de um novo campo (Bourdieu, 1996), o que aconteceu em 1903, com a organização da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil por Eduardo Carlos Pereira.

Gostaria de chamar ainda a atenção para mais uma proposta educacional que circulava no ideário presbiteriano, a educação técnica. Sobre este perfil educacional, temos o trabalho da historiadora Esther Fraga Nascimento (2005), que em sua tese de doutorado, faz uma análise da proposta pedagógica do “Instituto Ponte Nova”, organizado na Bahia, no início do século XX, que tinha como objetivo preparar técnicos agrícolas, enfermeiras e professoras. Segundo Hilsdorf (1986), existe a percepção de que o Colégio Internacional de Campinas, subtraído à influência do educador Nash Morton em fins de 1879, também redefinira suas prioridades como um colégio confessional com vocação para a agricultura.

Podemos constatar e reforçar o posicionamento das duas historiadoras através da leitura dos relatórios dos missionários americanos e do jornal *A Imprensa Evangélica*. Organizado por Simonton com a finalidade de divulgar a ideologia do presbiterianismo em solo brasileiro. Este periódico trouxe nos fins dos anos 80 a sua contribuição ao debate da educação presbiteriana, publicando alguns artigos a respeito da modalidade de educação técnica. Em 9 de janeiro de 1886, a *Imprensa* publica um extenso artigo com o título “A Escola”. O artigo começa com uma série de questionamentos a respeito da missão da escola:

Qual é a missão da escola para com a massa do povo, - deixando de lado as considerações teóricas da religião, moral e ética, que aliás são importantíssimas, e encarando as cousas de um lado real e material, de um ponto de vista prático e econômico? Que se está fazendo hoje com a escola para o homem produtor-industrial? A escola está ajudando de alguma maneira, a restaurar o equilíbrio entre a produção e o consumo? Devemos considerar a educação do aperfeiçoamento do homem, como o fim, ou simplesmente o meio, e o homem como parte integrante do maquinismo industrial? (*Imprensa Evangélica*, 09/01/1886, p. 12).

Observando que a concepção educacional estava relacionada à perspectiva econômica e produtiva, o articulista, não identificado, dizia que, para ele, a educação “completa” era aquela que desenvolvia atributos morais, intelectuais, psíquicos e, principalmente, aquela que não perdia do ponto de vista educacional as suas relações sociais e industriais.

Em outra parte do texto afirma:

O estabelecimento de escolas de ensino manual-industrial fará mais do que qualquer outro passo para destruir o preconceito que existe entre o povo contra o trabalho, como degradante e só próprio ao escravo, que é tão fatal ao desenvolvimento de qualquer país. Um dos resultados dessas escolas seria fazer respeitar e enobrecer o trabalho, aviltar e tornar desonroso a ociosidade e a vadiagem. Aumentaria o número de produtores e diminuiria o dos consumidores (*ibid*, p. 13).

Seria esta concepção uma das ideologias que norteavam a prática educacional presbiteriana no Brasil? Parece-me que a proposta educacional protestante além da vertente proselitista, moral e religiosa fundamentava-se pelo menos nessa década de 1880, na perspectiva econômica. É interessante que o articulista afirmava que o ensino manual-industrial aumentaria o número de produtores e diminuiria o dos consumidores. A lógica na perspectiva capitalista é totalmente diferente. Quanto mais capital cultural e econômico um indivíduo tem, mais consumidor ele se torna (Bourdieu, 1996).

Na edição subsequente, de 16/01/1886, é publicado outro artigo com o mesmo tema do anterior. O articulista afirma que a missão da escola é produzir homens educados para que possam combinar sua inteligência com trabalho e o capital, evitando-se dessa forma utilizar seus recursos com desperdícios. Em nova edição, o articulista mostra o exemplo dos Estados Unidos, afirmando:

Mas talvez não haja país no mundo onde se tem feito tanto como nos Estados Unidos, como se vê nos fatos que adiante transcrevemos: Mr. Willian Marther, comissário real da Inglaterra, no seu relatório, publicado em 1883, sobre a “Educação Técnica” nos Estados Unidos e Canadá, depois de um exame minucioso, viajando por toda parte da União Americana, fazendo um estudo especial das relações entre as escolas públicas e os estabelecimentos industriais do país, chegou à conclusão que a proeminência do povo americano nas indústrias mecânicas e no desenvolvimento agrícola por meio de novos e engenhosos instrumentos da lavoura era devida ao grande número de Escolas livres em todos os ramos dos conhecimentos humanos e para todas as classes do povo (Imprensa Evangélica, 23/01/1886, p. 27).

O autor, ao comparar a realidade americana com a brasileira, mostra que esta estava completamente atrasada e necessitava despertar para tal realidade. No final do seu artigo coloca as seguintes palavras:

É digno de se notar que quase todos os melhores estabelecimentos do ensino técnico são filhos da iniciativa industrial. Entre os homens ricos do Brasil não haverá alguém que queira imortalizar seu nome na fundação de uma escola industrial, com fundos suficientes para sustentar-se do rendimento, para os filhos do povo, que hoje estão quase completamente sem escolas? Quem imitará o exemplo de Peter Cooper, Stephen Gerard, Samuel Muller, Edwin A. Stephens, Chauney Rose e muitos outros? (*ibid*, p. 27).

Neste contexto, o jornal publicava vários artigos contra a escravidão brasileira¹²⁰, escritos por Eduardo Carlos Pereira, com os seguintes títulos: a Escravidão perante o Velho Testamento, a Escravidão perante o Novo Testamento, Cenas da Escravidão, O púlpito e a

¹²⁰ Para uma melhor compreensão do posicionamento político adotada pela *Imprensa Evangélica* e outros jornais de cunho protestante consultar: SOUZA, Márcio Pereira. Palanque de papel: O discurso político nos jornais evangélicos brasileiros no período da república velha. Universidade Metodista de São Paulo, 2007. (Dissertação de Mestrado).

escravidão, a Bíblia e a escravidão, o crente a escravidão, o protestantismo e a escravidão. Este último foi um pequeno texto extraído do jornal o *País*:

Todos os dias nós lemos nos pequenos jornais protestantes que se publicam no Brasil escritos de propaganda abolicionista. A Igreja Anglicana não se tem, talvez, tanto interesse pelo movimento, mas as Igrejas americanas fizeram sua a nossa causa. No entanto nosso clero católico está mudo e é surpreendentemente indiferente ao fato da escravidão. O que quer dizer isso? Será preciso que dirijamos uma petição a Leão XIII para que promulgue uma nova bula, como se não bastassem as bulas em que o papado já fulminou contra a escravidão? Pois é possível que o papado tenha fulminado a escravidão em suas bulas, e os romanistas ainda possuam escravos? Estão então postos fora todos os brasileiros que tem escravos? (*Imprensa Evangélica*, 24/07/1886, p. 235).

As discussões em torno da educação como instrumento para o aperfeiçoamento do ser humano e da suas habilidades manuais, juntamente, com as discussões em torno da escravidão, sugerem-nos pensar que os intelectuais protestantes representados pelos redatores desse jornal evangélico assumiram o posicionamento ideológico do partido liberal, e sendo já 1886, dos republicanos, muito fortes em São Paulo e na Corte nesse período. Esses políticos postulavam o fim da mão de obra escrava e a industrialização como partes do processo de modernização da sociedade brasileira e também a educação diferenciada dos grupos sócio-culturais para essa nova realidade (Hilsdorf, 2003, caps.4 e 5).

As questões levantadas neste tópico indicam-nos que a visão da igreja presbiteriana de origem americana não era unívoca, mas tinha várias conotações: a dos pioneiros, a da plataforma dos eduardistas, a dos defensores das escolas abertas, a dos defensores da civilização industrial e da civilização agrícola.

Estas concepções educacionais ajudam-nos a analisar que modalidade educacional foi a da educação protestante na cidade de Sorocaba nos anos 70-90: a da professora Palmira e a do professor Zacharias de Miranda, e se as duas propostas educacionais foram aceitas pelos agentes sociais pertencentes ao campo político e religioso sorocabano.

Por isso, no próximo tópico, centrarei a atenção na presença da educação protestante pensada e praticada na cidade de Sorocaba. A nossa principal fonte foi mais uma vez imprensa jornalística sorocabana, que de várias formas descrevia a presença desta proposta educacional em Sorocaba, que como dissemos tem duas manifestações nas escolas de Palmira e Zacharias de Miranda.

3.3. A ESCOLA PROTESTANTE EM SOROCABA

Segundo Hilsdorf (2000), as escolas americanas foram extremamente importantes nas iniciativas inovadoras promovidas pelo Segundo Liberalismo das décadas finais do século XIX¹²¹ e precisam ser retomadas recorrentemente como objeto de análise e de investigação quanto ao papel que assumiram no processo de escolarização da sociedade brasileira e das possíveis transformações efetuadas na sociedade. Neste sentido, o presente trabalho investiga que posicionamento a escola protestante assumiu no processo de escolarização ocorrido no campo educacional sorocabano.

Será que aquela análise realizada pela citada autora pode ser observada na proposta educacional protestante para a cidade de Sorocaba? Se pensarmos na contribuição da educação protestante para a solidificação dos ideais liberais e republicanos e destes para a daquela, que Hilsdorf aponta desde 1977, podemos entender que a escola protestante na cidade de Sorocaba teve uma atuação importante na solidificação desses ideais e ofereceu por meio da sua liderança, uma resposta aos problemas originados com o surgimento da industrialização e da expansão urbana, tendo desta forma um sentido para a cidade. Esta idéia foi discutida quando centramos a atenção no capítulo primeiro sobre a participação política de alguns presbiterianos no campo político e intelectual da cidade de Sorocaba. Mostramos que, através das relações de poder estabelecidas com vários agentes sociais pertencentes ao campo político, maçônico, religioso e intelectual, os agentes do campo religioso protestante estavam empenhados na configuração de uma sociedade marcada pela modernização. Porém, este processo de modernização não dizia respeito apenas à configuração da sociedade sorocabana nas questões relacionadas ao campo político e religioso, mas verifica-se também ao campo educacional.

Além disto, é válido ressaltar que a escola protestante em Sorocaba, além do cunho religioso, era uma escola particular, organizada para atender um específico grupo sócio-

¹²¹ A respeito do segundo liberalismo, Hilsdorf afirma: “A defesa da unidade nacional – nos termos sociais e culturais definidos pelo Regresso conservador dos meados do século XIX – afastara para longe a influência da filantropia ilustrada das primeiras décadas. Mas algo deste discurso progressista voltou no decorrer dos anos de 1860, e, juntamente com os modelos econômicos ingleses e norte-americanos e a influência do pensamento de Comte e Spencer que retomavam cientificamente os ideais da Ilustração do século anterior, formou o quadro mental de inconformismo e ânsia de renovação que deu base para o surgimento de um novo liberalismo: reformista, mas superior, diz Alfredo Bosi, porque defendendo o valor do trabalho livre, a abolição e a integração dos negros à sociedade brasileira”. Consultar: HILSDORF, Maria Lucia Spedo. História da Educação: Leituras. Thompson, 2000, p. 49.

cultural da sociedade sorocabana, fortalecendo ainda mais as relações de poder estabelecidas no campo político, social, intelectual e maçônico.

Diante do exposto, surgem algumas questões:

Qual era a proposta educacional do colégio protestante para Sorocaba? Ela dá continuidade ao projeto educacional presbiteriano norte americano configurado em São Paulo e em outras localidades como escola para crentes ou representa uma daquelas iniciativas que tinham como objetivo a instauração do processo “civilizatório” norte-americano, que consistia na expansão dos conceitos de modernidade e da cultura norte-americana? Por que ela foi fundada em Sorocaba com o nome de Escola Americana e por que mais tarde passou a se chamar Colégio Sorocabano, sem nunca assumir nominalmente sua filiação religiosa? Por que o presbiterianismo com a sua proposta civilizatória não conseguiu manter sua inserção educacional na cidade de Sorocaba, descontinuando o trabalho educacional, tendo em vista que pelas fontes históricas a escola caminhava muito bem? Enquanto instituição particular de ensino, que grupo social a escola protestante em Sorocaba atendia e que posicionamento tomou frente aos problemas relacionados ao processo de industrialização da cidade? Ela referendava o processo de “modernização” ou era uma instituição que oferecia uma resposta contra-hegemônica aos interesses das elites dominantes? Que relação ela tinha com o campo político e religioso? Em qual perspectiva sociocultural ela fortaleceu as ações do campo político e religioso sorocabano?

Tendo por base o movimento amplo de análise efetuado por Hilsdorf (1977), nossa primeira hipótese é que a educação protestante no período de inserção do presbiterianismo em Sorocaba necessitava de apoio para se solidificar na cidade, devido ao contexto de resistência e por propagar idéias que contrariavam os interesses da religião católica e do governo monárquico. Para tanto, foi importante o apoio do intelectual Júlio Ribeiro e de outros agentes sociais da cidade ligados à maçonaria republicana e abolicionista. A proposta educacional que ela trazia coadunava com os interesses da elite sorocabana que dominava a sociedade e que defendia os interesses da nova ordem política e social.

Segundo Hilsdorf:

as escolas americanas de fé protestante representavam para as elites paulistas progressistas a possibilidade de um novo locus para a manifestação e experimentação de seus ideários: em primeiro lugar, por ser o protestantismo visto pelas lideranças como versão religiosa dos ‘ideais modernos’ de que elas se orgulhavam e, em segundo, porque eram escolas organizadas segundo o padrão americano, pólo de

atração tanto pelos seus aspectos democráticos quanto por aqueles propriamente pedagógicos (1977, p. 187).

Enfim, em relação a aproximação do protestantismo com o grupo político e elitizado em Sorocaba, pode-se pensar que a Igreja precisava de apoio e apoiava as iniciativas do campo político, não somente por entender que as ações políticas eram importantes para o processo de modernização da cidade, mas também pelo fato de pertencerem ao mesmo campo político sorocabano e a um grupo elitizado, que através das suas ações transformavam o espaço urbano sorocabano em um espaço de poder e de relações de poder.

Segundo, sustento a hipótese de que a escola protestante era um instrumento para legitimar os interesses do presbiterianismo norte-americano na cidade de Sorocaba¹²² e alcançar novos adeptos através de uma evangelização indireta. Isto significa que os presbiterianos em Sorocaba estavam assumindo um daqueles modelos de educação escolar apresentados no item anterior: o do colégio aberto onde se fazia o proselitismo a partir dos ideais civilizatórios americanos e não da exclusiva prática religiosa. Evitando a propaganda direta do presbiterianismo, direcionava-se a proposta educacional para um grupo social mais amplo, alcançando mais alunos. Nesse sentido, a participação de Zacharias de Miranda – o pastor associado recorrentemente na historiografia a essa instituição escolar - na política sorocabana, tinha como objetivo garantir a expansão do protestantismo em Sorocaba e também um lugar para a escola protestante no campo educacional local: ao assumir a direção da escola protestante já existente em Sorocaba, Zacharias muda o seu nome de Escola Americana para Colégio Sorocabano. Sua estratégia, além de demonstrar uma posição política, partidária e republicana local, envolvia também, sua perspectiva evangelizadora, pois ele sabia muito bem que a idéia de uma escola americana associava, em todo o território paulista da época, essa instituição educacional ao campo religioso presbiteriano. Mas a escola protestante de Sorocaba não esteve apenas sob a direção de Zacharias de Miranda. Nossa pesquisa estabeleceu que a história dessa instituição recobre um arco de tempo mais extenso, estando ligada a outras figuras com perfil diferenciado do dele. Uma das questões da escola não ter continuidade pode estar relacionada justamente à existência de líderes que não estavam convictos e referendados pela proposta “civilizatória” norte-americana, mostrando-se influenciados por outras perspectivas educacionais e missionárias.

¹²² A cidade contava com a presença de luteranos desde o início do século XIX, porém estes não adotaram uma posição proselitista e não há indícios documentais que tenham organizado escolas.

3.3.1. A ESCOLA AMERICANA DE SOROCABA

A presença da educação escolar protestante em Sorocaba, de confissão presbiteriana, aconteceu através do casal Antonio Pedro de Cerqueira Leite¹²³ e sua esposa Palmira Rodrigues de Cerqueira Leite¹²⁴, em 1874.

A Escola recebeu o mesmo nome da Escola Americana em São Paulo, provavelmente, por influência dos missionários americanos, aos quais Antonio Pedro e Palmira estavam ligados.

Antonio Pedro de Cerqueira Leite, a convite de Chamberlain, encerrava na Escola Americana em São Paulo, seus estudos teológicos (1872). Segundo o historiador e arquiteto Carlos Alberto Cerqueira Lemos: “Por quase dois anos, a dupla de conversos brasileiros (Antonio Pedro e Palmira) habitou no ninho presbiteriano, lecionando na Escola Americana” (2005, p. 79).

Em Sorocaba, Antonio Pedro, teve contato em 1872 com Júlio Ribeiro:

Veio conosco e já regressou para a sua família o Sr. Júlio Ribeiro, moço mineiro ilustrado o qual daqui a um mês voltará para nos ajudar na aula e recomeçar os seus estudos para o Ministério evangélico. A mãe dele me ficou querendo muito bem só por eu contar-lhe que era filho duma mineira santanhense. Júlio sabe muito bem latim, fala perfeitamente o francês, traduz o inglês com muita facilidade, é “dono do aço” em história, filosofia e retórica, é professor de matemática e sabe muito de física e química, só lhe falta grego e teologia [...] Celebramos a ceia do Senhor, tendo pregado anteriormente Júlio Ribeiro, que na tribuna assemelha-se a um orador profano do que a um sagrado pregador: porém fala e discute muito bem, é muito inteligente (Lemos, 2005, p. 79).

Este trecho foi extraído por Lemos de uma das cartas de Antonio Pedro. Nesta carta, Antonio Pedro expõe suas impressões sobre Júlio Ribeiro, inclusive, afirmava que ele chegou a pregar no campo presbiteriano sorocabano. Talvez esteja aqui a razão pela qual Júlio Ribeiro veio à Sorocaba. Provavelmente, pelas suas qualificações intelectuais, ele foi convidado pelos missionários norte-americanos para ajudar a estabelecer as relações de poder na cidade e fortalecer o campo presbiteriano. Além disso, Júlio Ribeiro era um dos primeiros presbiterianos que, nesse período, em Sorocaba, enveredou-se no campo educacional. A sua participação no campo educacional foi noticiada pela imprensa sorocabana:

Hoje 15 do corrente mês de Outubro, abre em casa de sua residência a rua Nova Constituição n.23, classes de Latim, Francês, Inglês, Geografia e Primeiras Letras, incluindo o sistema métrico decimal.

¹²³ Ver anexo 2, vol II, p. 13, (foto 12): Rev. Antonio Pedro de Cerqueira Leite.

¹²⁴ Ver anexo 2, vol II, p. 14, (foto 13): Professora Palmira de Cerqueira Leite.

Preços

Latim, Francês, Inglês e Geografia por mês... 5\$000

Primeiras Letras... 3\$000

Pagamentos Adiantados

As classes funcionarão das 9 horas da manhã a 1 hora da tarde, sendo feriados os Sábados e Domingos (O Sorocaba, 15/10/1872, p. 4).

Como demonstrei, ele se destacou no campo intelectual e no campo educacional sorocabano. No campo educacional, lecionava aulas particulares de latim, francês, inglês, geografia e primeiras letras. Talvez seja prematuro afirmar que a sua participação no campo educacional sorocabano estivesse atrelada ao presbiterianismo, pois conforme Antonio Pedro, ele manifestava-se mais como “um orador profano do que sacro”. Por outro lado, é possível pensar que sua ação educacional representava uma estratégia de aproximação com o campo político, dominado pela maçonaria sorocabana, o qual lhe dava mais legitimidade naquele momento histórico do que o recém estruturado campo religioso presbiteriano. Mas, esta participação de Júlio no campo educacional pode ter influenciado o casal Cerqueira Leite na organização de uma Escola Americana na cidade. Júlio Ribeiro foi professor na Escola Americana em São Paulo na mesma época que Palmira. Este relacionamento foi construído quando Júlio atuou como professor de português na Escola Americana de São Paulo, nos anos iniciais desta instituição. Palmira nesta época era professora de história (Garcez, 2004, p. 64). Em 1887, Palmira retornaria ao quadro docente do *Mackenzie College* como professora de música (Escolas Particulares, 1887-1894, Arquivo do Estado, manuscrito, número de ordem 5.111). Além de ter mantido bom relacionamento com o casal Cerqueira Leite, Júlio Ribeiro conhecia muito bem o campo maçônico local e tinha habilidades intelectuais para ajudá-los na organização da instituição escolar presbiteriana¹²⁵.

Segundo Lemos (2005), Antonio Pedro casou-se com Palmira em 1873:

As bodas deram-se na residência de Chamberlain no dia 18 de setembro de 1873, sendo padrinhos pessoas significativas da sociedade paulistana. O padrinho de Palmira foi o sr. Fidêncio Prates e o de Antonio Pedro, simplesmente o dr. Américo de Campos, professor eventual da Escola Americana e jornalista ilustre, diretor do *Correio Paulistano* e fundador, com Nestor Pestana (sic) e Campos Sales, do jornal a *Província de São Paulo* (p. 80)¹²⁶.

Instalado em Sorocaba por decisão do Presbitério do Rio de Janeiro, o casal começa a desempenhar suas responsabilidades no campo religioso presbiteriano. Uma das primeiras

¹²⁵ Como vimos no capítulo primeiro, Júlio Ribeiro participava ativamente do campo político e intelectual sorocabano ao lado de Matheus Maylasky e Ubaldino do Amaral.

¹²⁶ Lemos comete um pequeno deslize falando em Nestor Pestana quando certamente queria dizer Rangel Pestana.

estratégias do casal foi a organização da Escola Americana. Lemos afirma que a escola serviu para sustentar o casal e ajudar a mãe de Antonio Pedro, dona Cândida:

Palmira abre escola para crianças e espera frequência suficiente a uma significativa melhora de rendimentos, pois as despesas não seriam só em casa, necessitam também ajudar Cândida, agora morando em Caldas e sempre pedindo socorro, dada a sua “total falta de recursos”, o que desesperava o filho extremoso. A escola acaba tendo altos e baixos e em certas ocasiões não podem mandar nada à velha desamparada (2005, p. 81).

Lemos, que reveste seu texto de um tom rememorativo e com enfoque familiar, aponta que a iniciativa educacional do casal estava mais atrelada às suas necessidades pessoais, não interpretando como uma estratégia de atuação nos campos religioso e educacional de Sorocaba. Mas o mesmo autor afirma que Palmira tinha boa aceitação da burguesia sorocabana, porque recebeu “educação fora do normal para a época” e morou alguns anos na Inglaterra, onde se aperfeiçoou em piano (Lemos, 2005, p. 79). De fato, podemos perceber isto em uma nota na imprensa sorocabana, registrada por Júlio Ribeiro na ocasião em que a cidade recebeu a visita do conde d’Eu¹²⁷: “Às seis horas foi sua alteza para a mesa tendo tido a subida honra de jantar em sua companhia as exmas. Sras. Angelina Adams e Palmira Cerqueira Leite” (*Gazeta Comercial*, 19/10/1874). Angelina Correia de Oliveira era esposa do médico Dr. João Henrique Adams¹²⁸ e filha de Manuel Claudiano de Oliveira, barão de Mogim Mirim¹²⁹, e sua mulher Balbina de Toledo.

Palmira circulava no campo social sorocabano e tinha uma posição de destaque no campo educacional da cidade: era uma “pianista exímia, a par da fina educação, era dotada de grandes qualidades afetivas e morais” (Ferreira, 1992, p. 136), e contava com o apoio de parte da imprensa sorocabana em suas atividades educativas na cidade. Em linguagem de Bourdieu: Palmira tem sua inserção no campo social explicada pelo capital cultural que adquiriu ao longo da sua formação acadêmica e cultural.

¹²⁷ Segundo Aleixo (1999, p. 153), o conde D’Eu visitou a Câmara municipal, o Gabinete de Leitura, o Colégio União Sorocabana, o Hospital de Caridade, a Fábrica de Ferro Ipanema, e a escola noturna da maçonaria.

¹²⁸ Segundo Aleixo (1999), O Dr. João Henrique Adams, dono de uma fábrica de chapéus, a 1ª de janeiro reuniu todos os pretos. Serviu-lhes lauto jantar e lhes entregou as cartas de liberdade, como já o fizera anteriormente com os escravos Augusto e Eva. Nesse 1º dia de janeiro alforriou Clementino e sua mulher Mathilde, assim como João, Luiz e Carlota. O dr. Adams era genro do Barão de Mogim-Mirim. Pertencia ao quadro da Loja Constância, onde fora regularizado aos 19 de março de 1859, sendo elevado ao grau 18 a 5/8/1871 (p. 256).

¹²⁹ Segundo informação oral do pesquisador de geohistória da cidade de Araçoiaba da Serra, Adolfo Frioli, Manuel Claudiano de Oliveira era um tropeiro rico na cidade de Sorocaba, que construiu um sobrado na Rua das Flores para receber a visita do Imperador Dom Pedro II em 1846. Em função desta visita recebeu o título de Barão de Mogim Mirim. A informação foi obtida em entrevista realizada no dia 11/01/2010. Aprofundando a pesquisa sobre Manuel Claudino de Oliveira, consegui informação no livro José Aleixo Irmão. Rafael Tobias de Aguiar: O Homem, o político. Fundação Ubaldo do Amaral, 1992. Neste livro, Aleixo afirma que: era comerciante e um rico tropeiro, que recebeu a visita do Imperador na sua casa (p. 380).

Neste contexto da década de 70, o jornal *A Voz do Povo*, que afirmava representar o interesse da população mais desfavorecida e lançava ataques contra pessoas que compunham a elite sorocabana, publicou um pequeno artigo que criticava os americanos:

O americano Miguel Chavalier, tem por único meio e por exclusivo pensamento a dominação do material, isto é, a indústria em seus diversos ramos, os negócios, a especulação, o trabalho, a ação. A este único objeto para ele se subordina: educação e política, lei da família e lei do Estado - As leis tendem, antes de tudo, a favorecer o trabalho; o trabalho material, o trabalho do momento. Nas sessões das legislaturas locais as belas artes não figuram, nem ainda por memória, estabelecimentos literários, bem como os altos estudos científicos, são raras vozes honradas com uma lembrança. O Americano não permite os prazeres que venham visitar, o instante da refeição não é recreio, em que retempere o fatigado cérebro no seio doce intimidade, é sim desagradável interrupção da diurna tarefa... Deixa de trabalhar ao domingo, porque a religião lhe prescreve abstenção; mas a religião lhe veda também nesse dia, pena de sacrílego, todo o divertimento e toda a distorção até o de receber os amigos... O americano é mecânico. Mais singular é ainda a descrição, que faz do caráter norte-americano, um próprio cidadão dos Estados Unidos. “Nascemos à pressa: nosso corpo é locomotiva (...) nossa alma máquina de vapor de alta pressão; nossa vida semelhante a uma estrela cadente, e a morte nos surpreende qual relâmpago. Trabalho! (brada ao pobre a sociedade americana) trabalha, sem gozar, e só para estudares o poder sobre o mundo material; não animes, nem o teatro que estraga os costumes” (*Voz do Povo*, 01/01/1876, p.3).

O texto, que não vem assinado, parecendo de autoria do próprio editor e publicado numa página estratégica do jornal, criticava duramente a mentalidade norte-americana, que se inseria na sociedade sorocabana através da Igreja e da escola presbiterianas: sua postura consumista, que via o trabalho como uma forma de acúmulo de bens materiais, a que estavam subordinadas a educação e a política, e sua religião, que não admitia os prazeres.

A despeito da polêmica contra o movimento americano em Sorocaba, Palmira organizou sua escola em 1874:

No dia 1º de do corrente mês fundou-se este colégio de meninas, dirigido pela exma. D. Palmira, esposa do sr. Antonio Pedro. Felicitamos hoje de coração ao público, por ter a exma. Sra. D. Palmira, afinal, acedido ao pedido de várias famílias que com ela instavam para por-se à frente de um colégio de meninas. A esmerada educação da diretora, e o grande apoio das mães de família, cremos serem o basta para que ela consolide. O Dr. Juiz de Direito lá tem as suas duas filhinhas e outros cidadãos respeitáveis. Recomendamos aos pais de família, certos de que a educação de suas filhinhas será primorosa, o novo Colégio Palmira [sic] (Ypanema, 07/06/1874).

Pelo que podemos perceber pela imprensa, a escola da Palmira, no período da sua organização, atendia as filhas dos agentes sociais que pertenciam à elite sorocabana. Um juiz de direto matriculou suas duas filhas na escola.

A Escola Americana era uma escola particular, criada para o ensino das primeiras letras para meninas. Em 1877, constava no seu programa curricular: leitura, caligrafia,

aritmética, sistema métrico, gramática portuguesa e geografia (Colombo, 06/01/1877, p. 03). Também oferecia ensino de francês e música. O fato de ser particular confirma que foi organizada para atender um grupo social específico e elitizado, que poderia pagar os estudos de suas filhas.

A imprensa sorocabana tecia elogios, reforçando as novidades pedagógicas da instituição protestante como principal fator do sucesso e elevado números de alunos.

Vejamos a publicação de um jornal:

Efetuaram-se no dia 24 do corrente os exames deste externato dirigido pela ilustrada professora Exma. Sra. D. Palmyra de Cerqueira Leite. Estiveram presentes varias famílias e pais de alguns examinados e o sr. inspetor da instrução publica do distrito. Se bem que os primeiros exames realizados em Dezembro nos dessem auras para acreditar que os de agora não podiam ser-lhes inferiores, todavia não nos deixou de surpreender o notável adiantamento dos alunos, que atestam a proficiência, habilitações e dedicação de sua inexcédível preceptora. A par dos progressos que tem feito a pedagogia adotando os melhores métodos, os quais sabem conscientemente aplicar, a Exma. Sra. D. Palmyra provê os seus discípulos dos elementos indispensáveis para constituir-se a base da bem entendida e sólida educação, conduzindo-os por um caminho, que com louváveis esforços torna atraente, seguro e certo á realização de tão sublime *desideratum*. Abstendo-nos de dizer mais, visto como um cavalheiro que, como nós teve a satisfação de assistir a esse brilhante torneio da inteligência, prometeu-nos escrever sobre o assunto, não concluiremos esta ligeira noticia sem dirigir ainda uma vez como sempre os nossos prolfas à distinta preceptora, digna por muitos títulos de toda a consideração e aos srs. pais de seus alunos que proporcionaram a seus filhos um legado imperecível (Diário de Sorocaba, 26/06/1884, p. 02).

Ao analisar as escolas de confissão protestante a respeito do sistema de ensino e do apoio que receberiam das elites, Hilsdorf explica as razões:

As escolas americanas de confissão protestante trariam para a Província de São Paulo uma diretriz de ensino prático, científico e comum para todos, que concretizava aqueles aspectos do sistema de ensino norte-americano que mais atraíam as elites da época. Aos liberais e republicanos, essas escolas ofereciam seu caráter democrático, aos adeptos e simpatizantes do positivismo e outras derivações; a orientação científica imprimida ao currículo de estudos; aos anti-clericais, a ausência de ortodoxia, de sectarismo, a par de uma completa oposição à Igreja Oficial. A todos, enfim, pelo cuidadoso aparato pedagógico que exibiam, em termos de equipamentos, instalações, professores e procedimentos didáticos, ofereciam a possibilidade de uma formação acadêmica muito mais eficaz que a proporcionada pelos colégios nacionais, seja como preparatórios para o ingresso nos cursos superiores, seja na formação imediata para a vida. Escolas como as americanas protestantes, cujas soluções pedagógicas já tinham sido testadas numa nação considerada modelo, estavam destinadas a receber o apoio efetivo dos espíritos mais atentos à realidade (1977, p. 156).

Este mesmo movimento pode ser percebido em Sorocaba, quando a imprensa acentuava a inovação do método pedagógico da escola americana. Além disso, percebe-se através do texto publicado no *Diário*, que a professora Palmira era uma pessoa conceituada no espaço social local, e que seu colégio tinha o prestígio da elite sorocabana.

Em outra ocasião a imprensa sorocabana através do seu o redator fez uma crítica ao ensino público e teceu elogios a educação particular, dizendo: “Resta o ensino particular. Este ao menos, senão de maneira a satisfazer as exigências de tão importante matéria, é o que nos oferece melhores garantias” (*Diário de Sorocaba*, 18/01/1887, p. 01). Retribuindo esse apoio, como diz Hilsdorf (1977), a escola protestante fez neste jornal várias publicações sobre seu método de ensino, currículo estudado, oferta de educação e outros aspectos da sua proposta.

Pela visibilidade constante da professora Palmira na imprensa sorocabana, penso que a escola estava mais sob sua responsabilidade pedagógica do que sob a de seu marido, Rev. Antonio Pedro. Como já pontuamos neste trabalho, a ação missionária de Antonio Pedro de Cerqueira Leite era mais voltada para a propagação do Evangelho (evangelização direta), enquanto que a ação missionária da Palmira era através da escola (evangelização indireta). Neste sentido, a escola Americana em Sorocaba se aproxima do modelo de escolas-abertas-aos-não-crentes, segundo a perspectiva sugerida por Hilsdorf (2008). Talvez esta divisão na proposta presbiteriana em Sorocaba pode ser justificada pelo próprio capital cultural e social destes dois agentes. Palmira era vista pela imprensa sorocabana como exímia educadora, ou seja, seu capital cultural era reconhecido pela elite sorocabana. Isto lhe conferia maior circulação no espaço social. Enquanto seu marido pastor, como já demonstrado anteriormente, fortalecia internamente o campo religioso presbiteriano sorocabano.

Por isso podemos dizer, por hipótese, que a escola americana em Sorocaba era de responsabilidade de Palmira e não do casal Cerqueira, fulcrada na perspectiva da escola norte-americana que ela conheceu em São Paulo, que também surgiu de uma iniciativa da esposa do pastor, Mary Annlesy Chamberlain. Acresce que em ambas as instituições os nomes ocultam a condição de escola protestante, do mesmo modo que os respectivos currículos propostos não explicitavam conteúdos de doutrina religiosa presbiteriana.

Blackford, referindo-se ao trabalho missionário em Sorocaba afirmava que existia uma Igreja e uma escola. Reafirmava que a cidade era um centro natural de um vasto campo (*Foreign Mission*, 1876, p. 78). No ano eclesiástico de 1884-1885, a missão norte-americana destinou uma verba de 2.800\$000 para o pagamento de salário, aluguel e viagens e uma verba de 400\$000 para a escola (Ribeiro, 1981, p. 191).

Percebe-se ainda, pela imprensa sorocabana, que a escola americana em Sorocaba atendia as demandas deixadas pelo ensino público, tendo participação na história da educação na cidade ao ser instalada num momento histórico em que a cidade experimentava um significativo processo de escolarização, devido às novas exigências imprimidas pela

modernização, libertação dos escravos, industrialização e outras mudanças políticas e sociais. Além desse aspecto de resposta a uma situação, percebemos que o campo educacional sorocabano neste período era formado por diversas instituições educativas escolares destinadas à instrução dos seus segmentos sociais, e nele a escola de Palmira aparece como uma ação afirmativa bem direcionada: a elite sorocabana de matiz maçon-republicano e os fiéis da Igreja Local.

Conforme o relatório semestral da Inspeção da Instrução Pública do distrito de Sorocaba, escrito pelo respectivo inspetor Antonio Gonzaga Seneca de Sá Fleury em 22 de junho de 1883, a Escola Americana tinha 12 alunos, sendo 6 meninos e 6 meninas:

Assim uma escola particular mista, de quem é diretor o Ministro Protestante Antonio Pedro de Cerqueira Leite, e professora [...] D. Maria Luiza de Cerqueira Leite [*sic*], também protestante, onde leciona, leitura, caligrafia, aritmética, gramática portuguesa e noções gerais de geografia e história Pátria, tendo 12 alunos, sendo 6 do sexo masculino e 6 do feminino, somente nas primeiras letras (Ofício manuscrito 22/06/1883, Arquivo do Estado, ordem 5110).

Para uma escola que começara suas atividades em 1874, e afirmava ter bastante apoio social, o número de alunos era muito baixo. Porém, no final do ano de 1883, a realidade da escola era outra. Segundo o inspetor, a escola americana tinha 40 alunos, sendo 24 do sexo feminino e 16 do sexo masculino:

D. Palmira Cerqueira Leite – religião Protestante, instalada em 1º de abril. pp. onde leciona Português, Frances, Inglês, Geografia, historia, caligrafia, aritmética e métrica. Existem 40 alunos matriculados e freqüentes, sendo 24 do sexo feminino e 16 do masculino (Ofício manuscrito datado em 25/11/1883, Arquivo do Estado, ordem 5110).

Segundo o mesmo relatório do Inspetor do distrito, existiam mais 4 escolas particulares, além da Escola Americana:

Existem nesta cidade 5 aulas particulares, das quais 3 são mistas, e 2 do sexo masculino, das quais uma é noturna, e são as seguintes: = sexo masculino = Externato regido pelo cidadão Ignácio de Azevedo Coutinho, instalado a 10 de setembro pp. onde leciona 1as. Letras, gramática Portuguesa, aritmética, Frances, e História Pátria, pelo método simultâneo, existindo matriculados 22 alunos: sendo 18 freqüentes. Aula noturna de N. Sr^a. da Ponte, sustentada por Manuel José da Fonseca, instalada a 25 de Junho pp. e regida pelo Cidadão Germano de Pilar França somente. 1as. letras e para os empregados menores da Fábrica de tecidos de N. Sr^a. da Ponte, na qual existem matriculados, 26 alunos, sendo todos eles freqüentes. = Mistas = D. Joaquina Genebrina de Oliveira, ensina 1as. letras e prendas domésticas, tendo 24 alunos matriculados e freqüentes, sendo 20 do feminino e 4 do masculino. D. Maria das Dores de Araújo Pavão, somente de 1as. letras, tendo 14 alunos matriculados e freqüentes.: sendo 10 do sexo feminino. e 4 do masculino (Arquivo do Estado, 5110, 25/11/1883).

Dentre as escolas particulares mencionadas no relatório, a Escola Americana era a que tinha mais alunos neste período, dentro do total de 126 alunos matriculados, sendo 72 do sexo masculino e 54 do feminino.

No final desse ano, Palmira enfrentou a perda do seu marido (em 1º. de setembro), porém ela continuou à frente da escola. Temos esta informação pela imprensa, pois em 1884, a Escola Americana de Sorocaba é envolvida numa polêmica. A imprensa sorocabana elogia os trabalhos nela realizados:

Nós que vivemos em uma cidade em que se nega todo o auxílio intelectual a imprensa, ao ponto de não encontramos ao menos pessoas que nos forneçam apontamentos e informações, apesar de as instarmos para isso, não podemos deixar de louvar o intento da ilustrada diretora da Escola Americana, que procura implantar no espírito de seus alunos o gosto pelos trabalhos literários (Diário de Sorocaba, 12/10/1884, p. 2).

Porém, na edição posterior do jornal, o pai de uma aluna publica um artigo em que acusava a Palmira de plágio. Numa parte do artigo, ele faz o seguinte comentário sobre a escola:

Illmo. Sr. redator do Diario de Sorocaba. Participo a V.S. que o Sr. Hilário Ribeiro, no seu 4º livro de leitura, cap. XXV, publicado em Pelotas, reclama a paternidade do elegante trecho histórico filosófico que V.S. publicou na parte editorial de sua folha de 12 do corrente, o qual escrito decerto mui inocentemente lhe entregaram como da lavra de uma das alunas do 'Externato Americano' (Diário de Sorocaba, 17/10/1884, p. 3).

Palmira é reconhecida pelo redator como uma ilustrada diretora, que procurava implantar no espírito de seus alunos o gosto pelo trabalho literário. O suposto pai da aluna acusa-a de plagiar o texto literário publicado no jornal. Ele demonstra possuir capital cultural e intelectual para posicionar-se contra a postura adotada pela Palmira no campo educacional.

Palmira não se eximiu da disputa e apresenta a seguinte resposta:

Entre os exercícios gramaticais versou um sobre a tipografia. Sendo um assunto interessante, a discípula cingiu-se quase que textualmente às idéias de Hilário Ribeiro, como autoridade superior, de quem aprendera esse fato histórico. De modo que ela apenas colaborou no final do artigo em que expandia-se sobre a tipografia, deixando simplesmente de por as aspas nos lugares necessários. Quem pode escrever o final do artigo de modo a fazer compreender, também tinha certa aptidão para o seu todo, se não se embelezasse pelas teorias de Hilário Riberio. Na mesma biografia de Guttemberg por Hilário Ribeiro encontram-se varias citações de outros autores. Será ele plagiário? É preciso refletir-se que foi um simples exercício escolar e não um artigo elaborado por mestre. Vindo à minha casa um amigo mostrei-lhe o exercício, e ele gostando do assunto levou-o à tipografia e assim foi publicado. Não seria capaz de constranger uma discípula ao disfarce e ao estratagema como me acusa o zeloso articulista. E, apelando para a emoção, acredita ter explicado o fato. Serve-me isto de aviso de que tenho nesta cidade um inimigo gratuito, que parece querer arrancar o pão da boca de seis orfãozinhos. Minha posição de senhora não me permite continuar

qualquer discussão impertinente escrevendo apenas este artigo em atenção aos pais de famílias que me têm confiado suas filhas (Diário de Sorocaba, 19/10/1884).

Palmira não se sentiu acuada diante da luta e da polêmica em torno da sua escola. Porém, após apresentar as razões pedagógicas para combater as acusações sobre sua escola, apela para a emoção e para o fato de ser uma mulher viúva ao concluir que este acontecimento serviu para compreender que tinha um inimigo gratuito, que desejava arrancar o pão da boca dos seus filhos órfãos. Neste período, ela já era viúva de Antonio Pedro de Cerqueira Leite. Com este posicionamento, ela sugere que a escola servia também para sustentar sua família. Percebe-se, também, pela imprensa, que toda a publicação referente a Escola Americana, antes da morte de Antonio Pedro, mencionava a professora Palmira à frente da escola. Isto nos fortalece a idéia de que a proposta educacional presbiteriana na cidade de Sorocaba estava sob a responsabilidade da Palmira e não do seu marido.

Em 1885, circulam na cidade boatos de que a Escola Americana fecharia suas portas. Palmira volta novamente à imprensa sorocabana para se posicionar, afirmando:

Declaração. Consta-me por algumas pessoas de respeito que alguém nesta cidade propala que vou fechar meu Colégio; para que não creiam que isso é verdade faço a seguinte declaração. Continuarei com meu Colégio a despeito de inimigos gratuitos, que pela inveja buscam todos os meios de fazer-me mal. Espero na benevolência dos srs. pais de família que como cumpridora de meus deveres me continuarão a confiar seus filhos e filhas. Palmyra Exel (Diário de Sorocaba, 22/09/1885, p. 3).

Nesta ocasião, assinou sua declaração como Palmira Exel. Após a morte de Antonio Pedro, ela se casou com João Exel, membro da Loja Maçônica Constância (Livro de Tesouraria, 1860, p. 20), em cerimônia celebrada pelo Rev. Zacharias de Miranda, no dia 19 de fevereiro de 1885. Foram testemunhas do casal: Arthur da Cunha Soares e Georger Oetterer. (Livro de casamentos da Igreja Presbiteriana de Sorocaba, 1885). Segundo dados lançados neste livro, João Exel era negociante na cidade de Sorocaba. Como ele não aparece na relação de membros da Igreja Presbiteriana de Sorocaba, podemos especular que o seu relacionamento com Palmira foi construído no campo social, espaço em que ela circulava com muita facilidade devido ao capital cultural, intelectual e social de que era portadora.

Palmira mostrava entender na sua nota que a afirmação feita sobre o fechamento da sua instituição escolar era efetuada por “inimigos gratuitos e pela inveja dos que buscam todos os meios para fazer o mal”. Quem eram seus inimigos? Seriam figuras que procuravam atingir indiretamente seu novo marido? Seriam pessoas ligadas ao campo educacional ou ao campo religioso? Esta questão ficará aberta. Porém, fica evidente que o presbiterianismo

enfrentava oposição também no campo educacional e ela precisa fazer um apelo para que os pais de família continuassem lhe confiando a educação dos seus filhos e filhas.

Mesmo em chave negativa, o episódio mostra que, no campo das relações políticas, Palmira parece bastante diferente do seu falecido marido, Antonio Pedro de Cerqueira Leite, que não circulava no campo social e político sorocabano. É na pessoa dela que o presbiterianismo mantinha as relações de poder em Sorocaba, nas décadas de 1870 e 1880. Algo um tanto curioso para uma mulher presbiteriana do final do século XIX, mas certamente não uma novidade, segundo vem mostrando a literatura mais atualizada sobre a história social das mulheres no Brasil. O fato é que, pelas fontes lidas, o campo político sorocabano (campo de poder) era composto predominantemente de homens. Por que será que Palmira tem lugar no campo de poder na cidade de Sorocaba? Penso que a sua inserção no campo social sorocabano estava relacionado às estratégias realizadas por ela no campo educacional escolar, que lhe conferiram lugar de poder no campo social, na perspectiva de que a escola era uma instituição extremamente importante para os extratos modernos da sociedade paulista do período, conferindo aos seus agentes grande visibilidade. Podemos ainda dizer que ela já usufruía de uma posição de destaque na sociedade sorocabana antes do casamento com o negociante João Exel, e até mesmo anteriormente ao casamento com Antonio Pedro, pois pertencia ao grupo das educadoras que atuavam na Escola Americana de São Paulo. Por outro lado, sua escola lhe dava prestígio também porque uma das bandeiras defendidas pelos maçons sorocabanos era a educação, enquanto estratégia de modernização do espaço de poder que dominavam. Isto explica a razão da projeção social dela no campo de poder sorocabano.

Mas, afinal, tratava-se apenas de dar uma satisfação contemporizadora à sociedade sorocabana, pois os boatos eram verdadeiros, e a despeito de sua posição social de poder, Palmira e Exel, ao final desse mesmo ano de 1885, mudam-se da cidade, anunciando a saída numa pequena nota intitulada “Despedida”:

“O abaixo assinado e sua família, retirando-se desta cidade e não podendo despedir-se de todas as pessoas de sua amizade, vem fazer pela imprensa, oferecendo os seus limitados préstimos em São Paulo, onde vão fixar residência. João Exel” (*Diário de Sorocaba*, 13/12/1885, p. 3):

Na mesma edição do jornal, na página 3, o redator do jornal lamenta o fato, reforçando o capital intelectual da professora Palmira e o capital social de João Exel, perdidos para a sociedade sorocabana:

Seguiram no dia 10 do corrente para a capital, onde foram fixar residência, o Sr. Tenente João Exel e sua exma. Família. Lamentando este fato que priva-nos de uma habilíssima e ilustrada preceptora da infância, a exma. sra. d. Palmyra, e de um dos mais distintos cidadãos desta localidade, desejamos que em sua nova residência encontrem toda sorte de prosperidades de que são dignos (Diário de Sorocaba, 13/12/1885, p. 3).

Fora da cidade de Sorocaba, Palmira Exel continuará sua trajetória no campo educacional. Após uma passagem de retorno ao *Mackenzie College*, ela abre em 1893, na cidade de Mococa, interior paulista, outra Escola Americana, segundo notícia do jornal *Estandarte*, reproduzindo as seguintes palavras contidas no *O Monitor Paulista*:

O colégio acha-se competentemente instalado, sendo o seu corpo docente habilitadíssimo; devendo, pois, os srs. pais pressurosos se dirigir a ele para matricularem suas filhas. Lembremos de que a mulher, esse primor da Divindade, pela qual o homem tudo arrosta, sendo devidamente instruída é o encanto do lar, é a sua harmonia, é a verdadeira sonoridade e a encantadora melodia que suavizam, que abrandam as tempestades e quebram os vagalhões do proceloso oceano da vida do homem, fazendo desse lar um verdadeiro e majestoso templo. A mulher desprovida, inteiramente da educação intelectual não passará duma flor sem beleza e perfume, duma estrela sem o melhor brilho no céu do lar.

Guerra, guerra de extermínio contra as trevas da ignorância, abrindo-se uma decidida e franca cruzada em prol da sublime conquista do fanal luminoso e inestimável do cultivo intelectual, tanto da mulher como do homem.

O progresso dum país, quer o encaremos pelo lado material, quer olhemos pelo lado moral, é sempre oriundo do grau de instrução e civilização do povo que nele habita. Consequentemente, deve-se sempre educar a mulher tanto quanto o homem para que possa com ele concorrer em muitos ramos da direção dos públicos negócios de nossa Pátria, mormente na fase hodierna em que vivemos sob o regime da igualdade e liberdade (*Estandarte*, 07/10/1893, p. 4)

Percebe-se claramente o tom retórico do jornal, que reproduzindo aquelas colocações do relatório de líderes presbiterianos dos longínquos anos de 1840, não somente exalta a figura da mulher, como também, acentua a idéia de uma luta contra as “trevas da ignorância”. Do ponto de vista educacional, atribui à escola a tarefa de trazer o progresso e civilizar o povo.

Lemos, em sua citada obra “Viagem pela Carne” (2005), faz uma referência à atuação educacional da Palmira¹³⁰ em Mococa, afirmando:

Palmira revelou-se mulher autoritária, levando a sua escola com mão de ferro, ficando conhecida como eficiente disciplinadora. Sua escola foi famosa. Especializou-se em educar moças filhas de fazendeiros de café desejosas de aprender não só boas maneiras, mas línguas estrangeiras e, sobretudo, música e literatura (p. 85).

Em Sorocaba, 1885 fora um ano de mudanças na vida de Palmira, as quais nos deixam alguns questionamentos: por que ela vai à imprensa jornalística sorocabana em setembro, para

¹³⁰ Carlos Alberto Cerqueira Lemos diz, ainda, que Palmira fechou sua escola na cidade de Mococa no início do século XX. Foi morar no Rio de Janeiro, onde faleceu num desastre ferroviário em 1912, nas proximidades de Valença. (p. 87).

dizer que não fecharia as portas do seu colégio, quando resolve mudar da cidade logo depois, em dezembro? E os alunos como ficaram? E o apelo que ela fez para os pais continuarem lhe confiando a educação dos seus filhos? Será que os pais corresponderam ao seu apelo? E ela, por que não cumpriu sua promessa de continuar com o colégio? Enfim, a Escola Americana de Palmira fechou realmente suas portas?

As fontes consultadas não permitem uma resposta direta a essas questões, mas no mesmo jornal em que João Exel e Palmira se despediam da sociedade sorocabana, Zacharias de Miranda, vindo de Brotas e recém nomeado pastor da igreja presbiteriana local anuncia, poucos dias após a nota do casal ter sido publicada, a abertura do seu colégio:

O abaixo assinado participa aos srs. Pais de família que vai abrir, nesta cidade, uma escola de instrução primária e secundária para alunos de ambos os sexos. As aulas abrir-se-ão a 11 de janeiro próximo futuro, e funcionarão todos os dias úteis, exceto aos sábados, das 9½ da manhã às 2½ da tarde, na casa nº 60 da rua do Rosário. O ensino será dividido em dois cursos que abrangerão as seguintes matérias. Curso Primário: Leitura, Rudimentos de Gramática portuguesa compreendendo análise sintática e exercícios ortográficos, Caligrafia, Rudimentos de aritmética compreendendo sistema métrico e Geografia física. Curso Secundário: Gramática portuguesa, Exercícios de composição, Historia pátria, Geografia física, política e cosmografia, Aritmética (curso complementar), Álgebra Francês, Inglês e Latim. As pessoas que desejaram confiar a educação e instrução de seus filhos ao abaixo assinado, ao qual encontrarão em qualquer dia, exceto aos domingos, na casa de sua residência, à rua do Rosário 60. As condições de admissão serão apresentadas na ocasião de fazer-se a matrícula. Zacharias de Miranda (Diário de Sorocaba, 24/12/1885, p. 4).

3.3.2. O COLÉGIO SOROCABANO

A atitude estratégica de Zacharias pode representar uma indicação de continuidade do projeto educacional de Palmira? Nota-se que a linguagem do anúncio se assemelha à maneira de escrever de Palmira na imprensa: “as pessoas que desejarem confiar a educação e a instrução de seus filhos a este estabelecimento/ao abaixo assinado...”. Os leitores, também, provavelmente sabiam das relações que Palmira mantinha, no campo religioso, com Zacharias de Miranda, seu pastor. De outra parte, a repentina aproximação deste às iniciativas educacionais, em contigüidade temporal com a saída de Palmira, pode sinalizar que ele esperava se beneficiar das posições de poder que a educadora alcançara no campo educacional presbiteriano, importante para a condição de novo membro da sociedade sorocabana.

Tudo indica que Zacharias de Miranda pretendia dar continuidade ao projeto educacional da diretora Palmira, mudando apenas o nome da escola para Colégio Sorocabano. Por que essa alteração? Penso que esta ação de Zacharias foi, outra vez, estratégica.

Possivelmente, Zacharias acompanhou os ataques que a Escola Americana enfrentou através da imprensa nos últimos tempos de Palmira em Sorocaba. Por outro lado, a mudança do nome sugere uma aproximação com os conhecidos ideais políticos de Zacharias de Miranda. Se a Escola Americana havia atraído a elite sorocabana por causas dos ideais americanos de modernidade, o nome Colégio Sorocabano identificava esta instituição com a própria cidade de Sorocaba, e em particular com outro campo político-religioso sorocabano ao qual ele estava ligado: o maçônico-republicano.

Esta interpretação nos parece válida na medida em que, novamente, as designações escola protestante e escola presbiteriana eram preteridas e ocultadas - ainda que todos no cotidiano de Sorocaba soubessem quem eram Palmira e Zacharias no campo sacro-religioso.

Além da mudança do nome da escola, Zacharias ampliou a proposta educacional e curricular ao oferecer instrução primária e secundária para ambos os sexos. No início, a Escola Americana fora organizada apenas para meninas, depois ela se transformou em escola mista, porém continuou oferecendo apenas ensino primário. Ao ampliar, estrategicamente, a proposta educacional e curricular do seu colégio, Zacharias alcançaria novos alunos e, indiretamente, segundo nossas hipóteses, poderia fazer circular mais amplamente a ideologia civilizatória e a fé presbiteriana.

Podemos ainda pensar que os alunos de Palmira ficaram sob a responsabilidade educacional de Zacharias de Miranda. Embora não tenha encontrado nenhum documento que relacionasse os nomes dos alunos da Palmira aos nomes dos alunos de Zacharias de Miranda, existe, contudo, uma informação registrada pelo historiador presbiteriano Júlio Andrade Ferreira (1952, p. 129), de que Maria Carolina Menzen Pacheco foi aluna da professora Palmira e do professor Zacharias de Miranda¹³¹.

Por outro lado, localizei no Arquivo do Estado uma referência a uma escola particular em Sorocaba aberta por uma professora presbiteriana, em 20 de outubro de 1884:

Sorocaba. Escola particular de ensino misto aberta a 20 de outubro de 1884, à rua do Rosário, n. 60, da cidade supra, por Dona Maria Dolada de Moura, sua professora e diretora, segundo participou em ofício, de 26 do mesmo mês. O programa de ensino abrange o seguinte: leitura, caligrafia, contabilidade, geografia, gramática nominal, história pátria, desenho, francês e doutrina cristã. As suas aulas funcionaram das 10 horas da manhã as 2 horas da tarde. Até essa data haviam matriculado seis alunos, sendo 2 do sexo masculino e 4 do sexo feminino (Livro de Registro de Escolas Particulares da Província de São Paulo, 1884-1895, ordem 5111).

¹³¹ Ver anexo 2, vol II, p. 15, (foto 14): Professor Zacharias de Miranda.

O livro não faz nenhuma menção à Escola Americana em Sorocaba, que ainda existia neste período. Porém a professora e diretora Maria Dolada de Moura era membro da Igreja Presbiteriana de Sorocaba, recebida por Antonio Pedro de Cerqueira Leite em 23 de julho de 1882 (Livro de Rol de Membros, 1869). Além disso, a escola ensinava contabilidade e doutrina cristã, disciplinas que não apareciam no programa curricular da Escola Americana. Seria outra escola protestante na cidade? Talvez. Se for entendida na condição de uma escola junto à igreja, por duas razões: primeiro, a quantidade de alunos. Segundo, a localização da escola na rua do Rosário 60, que correspondia ao local onde era realizado os serviços dos cultos presbiterianos e também servia de residência do pastor (*Diário de Sorocaba*, 24/12/18850, p. 4).

Zacharias de Miranda, estrategicamente, foi até a imprensa para solicitar aos pais que encaminhassem seus filhos para a sua instituição escolar, aberta na rua do Rosário 60. Esperava acolher os antigos alunos de Palmira, configurando, mais uma vez, a antiga estratégia da evangelização indireta e por outro lado conciliava duas modalidades educacionais: paroquial e colégio aberto.

Ele objetivava com esse movimento a afirmação da presença presbiteriana no campo educacional escolar sorocabano e, subliminarmente, no campo religioso, e ainda pelas suas ligações públicas com a maçonaria republicana, no campo político.

Em relatório encaminhado ao Inspetor Geral de Instrução Pública da Província, identifiquei outra escola que ensinava doutrina cristã e que dizia usar o método empregado na Escola Americana. O ofício está bastante ilegível. Vejamos algumas partes:

O meu externato tem funcionado regularmente desde o dia da sua instalação até hoje com a interrupção apenas de 18 dias de férias, que começaram no dia 20 de dezembro do ano passado e terminaram no dia 7 de janeiro deste ano; que a sua matrícula tem sido durante todo esse tempo de 35 alunos e a sua freqüência atual a de 18 alunos como consta no mapa. Que as matérias do ensino, por enquanto, são as seguintes: leitura de manuscritos e impressos, doutrina cristã, definições de aritmética de quatro operações fundamentais [...], sistema métrico e suas reduções, caligrafia, gramática portuguesa, noções de francês e geografia. Que todos os alunos têm adiantado no estudo das suas respectivas matérias, mas que infelizmente poucos são os que se conservam mais da doutrina cristã que a maior parte dos pais que pouca e nenhuma importância a dão a instrução dos filhos; que os compêndios que adotei são os mesmos de que já dei parte, isto é, livro de leitura de Hilário Ribeiro; os dois manuscritos já muito conhecidos e gramática do referido autor Hilário Ribeiro [...] o compêndio de Geografia que há pouco adotei, e que é o que está aqui em uso na Escola Americana (Arquivo do Estado, 5110, 1884).

Era um externato masculino dirigido pelo professor particular Inácio de Azevedo Coutinho (Relatório do Inspetor da Província, 25/11/1883, 5110). Não consegui muitas informações sobre ele. Identifiquei a presença de Agostinho de Azevedo Coutinho no livro de rol de membros da Igreja Presbiteriana de Sorocaba (1869). Este ingressou no presbiterianismo em 2 de agosto de 1885 e talvez pelo nome fosse algum parente próximo do professor particular Inácio de Azevedo Coutinho. O externato dirigido por ele ensinava doutrina cristã. A respeito deste assunto, ele informa ao Inspetor Geral da Província que os alunos não tinham muito interesse pela matéria de doutrina cristã, acentuava também que os pais não tinham interesse em incentivar seus filhos no estudo desta disciplina. O diretor do externato menciona que utilizava o mesmo livro de Geografia utilizado pela Escola America. Isto nos leva a entender que a Escola não era a mesma da Palmira de Cerqueira Leite. Mas, era uma escola que oferecia doutrina religiosa no campo educacional sorocabano, provavelmente, uma instituição educacional que concorria com a instituição escolar de Zacharias. Mas, que tentava se posicionar no campo educacional utilizando-se das propostas pedagógicas da escola protestante.

Em outro relatório encaminhado ao inspetor geral da Província (1887), Arthur César Guimarães, o professor particular Inácio Azevedo Coutinho afirmava que mantinha o mesmo programa curricular de 1883 e contava em 1887 com a presença de 28 alunos:

Relatório de instalação. Programa de ensino dos alunos matriculados e freqüentes, números das aulas e das matérias ensinadas na Escola Particular abaixo assinada: instalação da Escola a 10 de abril de 1883. Sede da Escola – na cidade de Sorocaba. Número das matérias ensinadas: 8. Números das aulas – 4 por dia. Professor que as rege – Ignácio de Azevedo Coutinho. Número de alunos que atualmente freqüentam a Escola – 28. Número dos alunos que nos mesmos dias são lecionados pelo mesmo professor em suas casas – 11 (Arquivo do Estado, 27/10/1887, 5110)

Pelas informações do professor, ele ainda lecionava doutrina cristã, visto que mantinha o mesmo programa curricular de 1883. Seria por influência do seu parente Agostinho Azevedo Coutinho, que pertencia ao campo presbiteriano ou seria por influência do catolicismo? Afirmava ainda, que além das aulas oferecidas em sua escola, ensinava seus alunos em suas casas. Infelizmente, o relatório do professor não menciona a rua em que a escola foi instalada, apenas diz que a sede era em Sorocaba.

A respeito do ensino de doutrina cristã na Escola Americana e no Colégio Sorocabano não foi possível identificar esta prática através da imprensa sorocabana e dos relatórios encaminhados ao Inspetor Geral da Província. Qual seria a razão da não publicação de assuntos ligados à religião presbiteriana na imprensa sorocabana e nos ofícios encaminhados

ao Inspetor Geral da Província? Penso que esta postura tratava de uma estratégia dos agentes sociais presbiterianos, cuja postura política e religiosa de defender a evangelização indireta através das escolas atrairia mais alunos para o campo educacional presbiteriano, inclusive, alunos do campo religioso católico.

O colégio de Zacharias mudou várias vezes de local. Em 1885, o Colégio Sorocabano¹³² estava localizado na rua do Rosário nº 60. Permaneceu neste lugar até o fim do ano de 1891. No início de 1892, estava localizado à rua da Ponte nº 33. Em julho de 1892, na rua das Flores, nº 24. Em 1894, passou a funcionar definitivamente no prédio da rua das Flores nº 9, onde dispunha de excelentes acomodações¹³³.

Em 1885, o Colégio Sorocabano tinha o seguinte currículo: para o ensino primário: leitura, rudimentos de gramática portuguesa compreendendo análise sintática e exercícios ortográficos, caligrafia, rudimentos de aritmética compreendendo sistema métrico e geografia física. Curso secundário: Gramática portuguesa, exercícios de composição, História pátria, Geografia física, política e cosmografia, Aritmética (curso complementar), álgebra, francês, inglês e latim (Diário de Sorocaba, 24/12/1885, p. 3).

As mudanças efetuadas no currículo punham o colégio na direção do modelo de um colégio tradicional preparatório, ou seja, internato secundário, como tinha outros no período, muito procurados pelas famílias abastadas.

Pela mesma fonte documental da imprensa periódica temos indicações de que a escola de Zacharias, diferentemente daquela de Palmira, era uma escola primária e secundária para alunos de ambos os sexos e tinha o currículo bem ampliado:

Teve lugar ontem o encerramento das aulas do nosso estabelecimento de educação. Não obstante contar apenas 8 meses incompletos de existência tendo de enfrentar, nesse curto período de tempo, com sérias dificuldades animamo-nos contudo a chamar os nossos alunos a exame, no intento de proporcionar aos cavalheiros que nos honraram com a sua confiança, entregando-nos seus filhos para serem educados, uma oportunidade de avaliarem o grau de adiantamento de seus filhos e de certificarem-se de que não desmerecemos da confiança que nos depositaram. Diz-nos a consciência de que até aqui cumprimos escrupulosamente a nossa tarefa e esperamos continuar a cumpri-la sempre do mesmo modo.

Reabrir-se-ão as aulas do nosso estabelecimento, no dia 9 de janeiro próximo. A matrícula para os novos alunos estará aberta desde o dia 2 de janeiro, sendo para esse fim, o diretor encontrado no edifício do colégio, sito à rua das Flores, n. 10, todos os dias úteis, das 10 horas às 2 horas da tarde.

¹³² Ver anexo 2, vol II, p. 16, (foto 15): Prédio onde funcionou o Colégio Sorocabano dirigido pelo Rev. Zacharias de Miranda.

¹³³ Respectivamente: (*Diário de Sorocaba*, 24/12/1885, p. 04; *O Alfinete*, 01/05/1892, p. 3; *O Alfinete*, 05/06/1892, p. 2; e *O 15 de Novembro*, 4/01/1894, p. 3).

Pedimos entretanto que os pais dos alunos já matriculados a fineza de nos comunicarem com máxima brevidade se os seus filhos continuam no próximo ano. Para melhor organização e andamento das classes resolvemos só receber alunos nos primeiros 15 dias de cada semestre, até junho, não daremos ingresso a mais aluno algum.

O programa de ensino continua a ser o mesmo do ano que ora finda, isto é, haverá um curso primário e outro secundário, em que ensinar-se-ão português, francês, inglês, latim, aritmética, álgebra, geografia, cosmografia, história, física etc, esperando ampliar futuramente o nosso programa a proporção que o apoio popular nos habilitar a operar sobre bases mais largas.

Dispondo de excelentes acomodações no edifício em que está funcionando o colégio, estamos habilitados a receber alunos internos do sexo masculino, e meio pensionista de ambos os sexos.

As condições para a matrícula são:

Curso primário 15\$000 por trimestre. O abaixo assinado participa aos srs. Pais

Idem secundário 30\$000 por trimestre.

Meio pensionista 100\$000 por trimestre

Pensionista 150\$000 por trimestre. Os pagamentos serão invariavelmente adiantados e sempre por trimestre. O trimestre uma vez começado será considerado vencido, não se descontam as faltas. Não faremos outrossim desconto algum, seja qual for o número de alunos que venham da mesma família, visto que já fizemos o preço da mensalidade muito baixo. Pedimos encarecidamente aos pais dos nossos alunos sua escrupulosa cooperação no intuito de evitar que os alunos falem das aulas, pois as faltas repetidas inutilizam todos os esforços dos professores e criam as maiores dificuldades para o bom andamento das classes. Fomos obrigados a alterar um pouco o preço das mensalidades dos internos, atenta a alta dos viveres; mas em compensação cortamos a jóia de entrada. Para mais esclarecimentos sobre o fornecimento de livros, papéis, roupa lavada, e objetos que os internos devem trazer para o internato os interessados dirijam-se ao diretor abaixo assinado. Sorocaba, 24 de dezembro de 1892. J. Zacharias de Miranda (Diário de Sorocaba, 29/12/1892, p. 3).

Além de publicar as condições de matrícula, Zacharias de Miranda definia claramente seu público alvo. O colégio particular atenderia pessoas que podiam pagar pela educação oferecida por ele. Além disso, a escola “recebia 150\$000 que vinham da Missão, *Board of New York*, por intermédio do Dr. Kyle” (Ferreira, 1952, p. 129).

Segundo a imprensa sorocabana, em 1892 o colégio foi reaberto com o novo nome. Por se tratar de uma matéria longa publicada no jornal, vale a pena transcrevê-la na íntegra, pois oferece muitas informações sobre o cotidiano pedagógico da instituição escolar de Zacharias de Miranda, aspectos históricos educacionais que não foram fáceis de serem localizados:

Como noticiamos, realizaram-se os exames anuais do Colégio Sorocabano, importante estabelecimento de educação infantil, fundado a dois de Maio de 1892, e que muitos benefícios de alta relevância tem prestado à instrução popular. O Colégio Sorocabano funciona à rua das Flores em um prédio de vastas acomodações, dotado de todos os requisitos que se fazem necessários à boa higiene escolar, afim de que a infância que ali vai receber instrução não seja prejudicada em sua saúde tão débil e delicada.

Ao ato que apresentava um aspecto ao mesmo tempo majestoso e animador, concorreu grande número de cavalheiros de alta ilustração e capacidades literárias, notando-se entre eles o dr. Octavio Mendes, digno juiz de direito da comarca, assim como

também regular numero de chefes de famílias que iam verificar o adiantamento e progresso dos filhos.

Às dez horas da manhã, deu-se principio aos exames, adaptando-se os seguintes: **PROGRAMA:** das 23 classes que recebem lições diariamente, só ficaram examinadas 14, por escassear o tempo; são as seguintes: **Aritmética:** 2ª classe (3ª turma) dividir. 3ª classe frações ordinárias (as quatro operações), 4ª classe: frações decimais e sistema métrico, compreendendo todos os cálculos e reduções. 5ª classe: números complexos. Proporção simples e composta, falsa posição, problemas e cálculos diversos. **Gramática Portuguesa:** Foram examinadas 4 classes, desde rendimentos, definições etc. até análise lógica bem desenvolvida. **Geografia:** 1ª classe: noções. Mapa mundi. 2ª classe: geografia da África e das Américas. 4ª classe: geografia do Brasil. Exercícios no mapa. **Francês:** 2ª classe: tradução de Telemaque. Análise e regras de gramática. 3ª classe: tradução: belezas de Chateaubriand. (Poesia e prosa). A cada pergunta que faziam os examinadores, respondiam os alunos com presteza, precisão e bastante desembaraçados, de forma que ficava patente, à vista de todos, que os examinandos sabiam a fundo os pontos sobre que eram examinados. Em português desenvolviam um trecho, analisaram: em aritmética, realizaram com certeza as diversas operações, resolviam os problemas propostos com maior facilidade. No exame de geografia fazia gosto ver a ligeireza e precisão com que os alunos iam ao mapa em busca de qualquer ponto dado; em francês, liam e traduziam com toda correção, quer fosse o trecho em prosa, quer fosse em verso. Em tudo salientavam-se excelências do método de ensino ali seguido, com o qual muito aproveitam os alunos, que receberam sólida educação em pouco tempo.

Depois de findos os exames, recitaram poesias à professora d. Mariquinhas de Miranda, a aluna Mariana Teixeira Machado, filha do sr. Domingos Machado Braga, que recitou “Meus oitos Anos” de Casemiro de Abreu, e Jovina Pereira, filha do sr. Constâncio Pereira de Souza, que recitou “Quem dá aos pobres empresta a Deus”, de Castro Alves.

E o aluno João de Barros proferiu o seguinte discurso: “Exmas Senhoras, ilustres cavalheiros. Tereis por certo, a magnanimidade de permitir que neste momento supremo de júbilo, eu, pequeno e humilde membro desta comunidade escolar, por mim, em nome dos meus colegas, cujos sentimentos julgo interpretar, vos externe os nossos sentimentos de gratidão pela paciência e interesse com que haveis de assistido aos nossos exames, animando-nos com os sinais inequívocos da vossa simpatia a prosseguir na senda escabrosa, é verdade, mas também cheia de compensações, da conquista pelo estudo da ornamentação da nossa inteligência, pela aquisição dos conhecimentos literários que bebemos a longos haustos nas lições e palavras do nossos professores.

O interesse que mostrais significa que bem compreendeis que hoje, mais do nunca é imprescindível a necessidade de preparar-se a nova geração, para que os pequenos de hoje, sejam no futuro fatores importantes, elementos poderosos de progresso para a felicidade de nossa estremecida pátria; significa que aplaudis e acoroçais todo o movimento que tenha por fim libertar a geração atual da ignorância e do obscurantismo que durante séculos tem peado as melhores aspirações das sociedades, atrofiando os seus melhores elementos de progresso.

Este dia pois, deixa em nossos corações indeléveis traços e dele teremos sempre reminiscências saudosas. Não temos ainda a consciência amadurecida pela idade e pela experiência, mas já compreendemos a importância do papel que tem representar o futuro a nova geração, já compreendemos que para sermos filhos que honraremos o nome de nossos progenitores, cidadãos presentes que contribuamos para o engrandecimento de nossa pátria, precisaremos cultivar as nossas inteligências, dar uma orientação conveniente aos nossos espíritos precisamos enfim de uma educação vazada nos são princípios de uma moral rígida e inflexíveis. Um escritor contemporâneo, tragado não há muito pela voragem diante do Vesúvio disse com muita verdade em uma das mimosas produções literárias. O estado é o braço de ferro que deita por terra o monstro da ignorância, é o cedro que se atravessa de margem à margem do ribeiro, para que a inteligência passe da mentira para a verdade, da treva para luz. Pois bem, nós queremos enrijecer o nosso braço para lutar contra o monstro da ignorância, queremos luz para a nossa inteligência que ora desabrocha.

Em seguida, serviu-se profusa mesa de doces e um copo de cerveja aos assistentes, fazendo o dr Octavio Mendes brilhantíssima alocução, salientando os serviços que as boas escolas como aquela podem prestar á pátria, dando á infância esmerada educação, sendo por isso mesmo de presumir que os srs pais de família se compenetrassem bem de seus deveres, prodigalizando aquele estabelecimento de ensino todo o apoio possível, no que foi muito aplaudido.

Respondeu-lhe agradecendo, o diretor do colégio, capm. José Zacharias de Miranda. Para terminar: o resultado dos exames foi satisfatório, mais que satisfatório, brilhantíssimo, pois todos saíram dali agradavelmente impressionados, tal o estado de adiantamento que apresentam os meninos, tal o método ótimo seguido, que alunos matriculados de pouco mostram desenvolvimento rápido, compreensão clara das matérias lecionadas, desembaraço do modo de responder, ressaltando sempre o proveito que tem na frequência do Colégio Sorocabano. E nós felicitamos o população da cidade por dispor de uma instituição de ensino de ordem semelhante (*15 de Novembro*, 10/12/1893, p. 01-02).

A matéria publicada pelo jornal *15 de Novembro* é extensa e ocupa a primeira e segunda páginas do jornal. O redator do artigo começa elogiando o colégio, as condições sanitárias do edifício e sua contribuição para a educação da infância, numa tentativa explícita de mostrar o prestígio do colégio para a elite sorocabana. Em seguida, o redator considera os exames feitos sobre as várias disciplinas. Nesta passagem, é possível observar as disciplinas que compunham o universo acadêmico do colégio. Em relação à disciplina de português, é possível identificar o tipo de literatura que circulava na escola pelos poemas lidos nos exames: “Meus oitos Annos”, de Casemiro de Abreu, e “Quem dá aos pobres empresta a Deus”, de Castro Alves.

Em seguida, o aluno João de Barros lê um discurso muito bem escrito e articulado, com uso de um português erudito e construído com palavras difíceis, que dificilmente estaria no vocabulário de um aluno. Inclusive ele traz citação de um autor - que não é identificado, mas sabemos se referir a Silva Jardim, “o tribuno da República”¹³⁴ - que defende os ideais propagados pelo movimento republicano:

“O estado é o braço de ferro que deita por terra o monstro da ignorância, é o cedro que se atravessa de margem à margem do ribeiro, para que a inteligência passe da mentira para a verdade, da treva para luz. Pois bem, nos queremos enrijecer o nosso braço para lutar contra o monstro da ignorância, queremos luz para a nossa inteligência que ora desabrocha”. (*O 15 de Novembro*, 10/12/1893, p. 01-02)

Ao se apropriar da frase do escritor contemporâneo, o aluno atribui ao Estado a responsabilidade de combater a ignorância, para que a inteligência passe da mentira para a verdade, da treva para a luz e afirma que deseja luz para a inteligência que se desabrochava. Além disso, enfatizava a função escolar de preparar os alunos para que no futuro

¹³⁴ Consultar: DIAS, Márcia Hilsdorf. Professores da Escola Normal de São Paulo: a história não escrita (1846-89). Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação – USP, 2002.

contribuíssem com o progresso da pátria. É interessante notar que tais palavras faziam parte do universo maçônico, republicano e presbiteriano. Para o protestantismo, a ignorância e o analfabetismo dificultavam o progresso da sociedade. Na visão do protestantismo presbiteriano, era preciso educar, treinar e preparar o cidadão para a sociedade (Schulz, 2002, p. 54). Como vimos nos capítulos anteriores, tanto quanto para o protestantismo presbiteriano, para o movimento republicano e maçônico praticado em Sorocaba a educação era o meio necessário para se chegar à democracia e ao progresso da sociedade.

Na mesma edição do jornal, mas na Secção Livre, Zacharias faz publicar o seguinte anúncio:

Encerrou-se ontem o ano letivo deste estabelecimento de educação. Reabrir-se-ão as aulas no dia 8 de janeiro de 1894. A matrícula para novos alunos estará aberta desde o dia 1º de janeiro, sendo o diretor encontrado, para esse fim, no edifício do colégio todos os dias úteis, das dez horas da manhã às 2 da tarde. As pessoas que desejarem matricular alunos no internato deverão pedir lugar, com bastante antecedência, visto como só dispomos de um numero limitado de lugares para internos; aos pais dos alunos internos já matriculados pedimos a fineza de nos cientificar se devemos conservar-lhes o lugar. Recebemos alunos externos e meio pensionistas. Pretendemos organizar, no próximo ano, o ensino de novas disciplinas, bem como estabelecer aulas de músicas, piano, trabalhos de agulha; em suma, dar ao nosso estabelecimento todo o desenvolvimento que nos for reclamado pelo grande adiantamento de nossos alunos (15 de Novembro, 10/12/1893, p. 3).

É interesse observar a estratégia utilizada pelo diretor Zacharias de Miranda. O seu colégio ocupa no dia 10 de dezembro de 1893, duas páginas principais do jornal *15 de Novembro*. A primeira referência é uma visão do redator do jornal sobre o colégio. A segunda é do próprio diretor que convoca a população para efetuar a matrícula. A forma como estão colocadas as referências revelam a articulação entre o redator e o diretor do colégio. O redator tece profuso comentário sobre a instituição educacional de Zacharias, e logo abaixo, na Seção Livre do jornal, este convoca a população para efetuar a matrícula no ano seguinte.

Dois dias depois, no mesmo periódico, Amaro Egydio tece os seus elogios ao Colégio Sorocabano, ao diretor Zacharias e, em especial, ao método de ensino comprovado pelos exames, que ele definiu como sendo o método intuitivo. Vejamos o texto:

Sinto-me fraco ao empunhar a pena para escrever sobre os exames realizados no dia 07 do corrente mês, no Colégio Sorocabano, cuja direção está sabiamente contribuindo para a educação popular. Quero apenas cumprir o meu dever de assistente e convidado, expondo com franqueza e lealdade que me caracterizam a impressão que deixou-me a solenidade dessa festa escolar, e também a largo traço fundamentar o método de ensino ali seguido.

A educação popular tão descurada pelo regime passado, quando repudiada pela indolência e inatividade de grande parte do povo brasileiro está sendo, entretanto, o objetivo de sua meditação e acurado estudo por todos os bons cidadãos que desejam ardentemente ver seus filhos educados, instruídos, responsáveis pelos atos e dignos de

uma estima geral. Nós os brasileiros paulistas que temos tomados parte ativa na grande evolução social servindo de arauto a todas as aspirações liberais independentes, não podíamos ficar estacionados ante as instituições de ensino pois elas representam a bandeira sacrossanta que desfraldará por todos os recantos da nossa pátria, a instrução e o trabalho. É nas escolas que os pais mandam seus filhos aprender os primeiros elementos da educação e instrução, é nas escolas que está o alicerce da nova geração.

Hoje, felizmente que com a difusão do ensino, vemos um entusiasmo geral e uma cruzada ou guerra santa, a ignorância: não podemos furtar-nos ao nosso dever, como educadores de formar o caráter desses espíritos infantis, fracos e delicados, mostrando aquilo que vive em nós, reservado para a nossa família – o amor. É deste princípio que nasce a ordem, a obediência e a solidariedade. E é caso de darmos parabéns a nós mesmos quando encontramos um estabelecimento de ensino que preencha todas essas condições de vida espiritual.

O Colégio Sorocabano é uma casa de educação e instrução capaz de rivalizar com todas as escolas, as mais bem organizadas do Brasil. O seu diretor é um homem de reconhecida competência, inteligência esclarecidíssima, espírito profundamente científico, um bom cidadão, um pai exemplar e dedicadíssimo mestre. Zacharias de Miranda é um dos poucos ensinadores, que tem perfeito conhecimento da ciência pedagógica. Seu laureado nome é a síntese da instrução pública em Sorocaba.

Os seus auxiliares deram prova de grande intuição ao argüirem os alunos colegiais diante do numeroso auditório que impassível, silencioso admirava o brilhantismo e exatidão com que respondiam as crianças. Em ciência matemática os seus alunos mostraram-se habilitadíssimos resolvendo praticamente e demonstrando teoricamente todos os problemas, os mais difíceis que lhes apresentaram os professores, em Português deram a prova a mais cabal da consideração do cuidado e do esmero, com o qual é ensinado no Colégio a língua vernácula, já analisando e já expondo minuciosamente as regras gramaticais, com rigor inexcedível correção das sentenças.

Em Geografia vimos todos nós assistentes, a maneira correta e trabalhosa com a qual é ensinada esta ciência tão útil para vida e prática. Em francês, as crianças disseram sobre as particularidades da língua e as exceções das regras gramaticais, leram, traduziram e analisaram com toda a correção. Do exposto resta-me apenas dizer que o colégio sorocabano, é colocado em lugar que possui ótimo clima onde goza-se saúde, fortalece-se o espírito e tem-se coragem para o trabalho. É um prédio em boas condições higiênicas, a luz penetra sem obstáculos e a ventilação é constante e fácil. A observação trouxe-me a convicção de que é empregado no ensino o método intuitivo. Pela clareza e precisão das respostas, partindo do simples para o composto de conhecido para o desconhecido: vimos que ali não se está ensinando os novos métodos de ensino, mas sim está posto em pratica em toda a plenitude.

O método intuitivo onde os povos cultivadores da arte de ensino vão encontrar abrigo para o desenvolvimento das faculdades intelectuais e psíquicas das crianças, quase universalmente aceito por todos os grandes mestres e apoiado e recomendado pelas mais esclarecidas inteligências de nosso século, esta sendo vigorosamente executado neste estabelecimento de ensino. Assim, pois, o Colégio Sorocabano, dirigido pelo perito educador Zacharias de Miranda, seguro pela simpatia e confiança dos pais que desejam ver seus filhos, estes entezinhos que ocupam local saliente em seu lar e vivem em seu coração patriota e fraternal, representarem os nossos feitos honrando a nação a que pertencemos, está destinado a ser um templo onde a pátria é a deusa e a religião o futuro (O 15 de Novembro, 17/12/1893, p. 2).

O artigo é bem redigido e bem estruturado. A parte introdutória parece justificar um pedido feito para se escrever sobre o colégio sorocabano, o que é visto claramente no segundo parágrafo, quando afirma: “quero apenas cumprir o meu dever de assistente e convidado, expondo com franqueza e lealdade que me caracterizam a impressão”. Egydio diz ser franco ao tecer comentário sobre o Colégio Sorocabano, embora o texto mostre a sua capacidade de

expor com clareza seu raciocínio. Seu discurso retórico e persuasivo leva em consideração o lugar da educação no projeto republicano. No terceiro parágrafo critica o antigo regime que descuroou a educação popular. Afirma que como brasileiro assumiu parte ativa na grande evolução social realizada pelos paulistas, a qual serviu de arauto dos ideais liberais e independentes do regime republicano. Nessa visão republicana, as instituições de ensino representam a nova bandeira sacrossanta que desfraldará por todos os lugares da nação brasileira a instrução e o trabalho.

A historiografia tem mostrado que o projeto republicano paulista estava em plena consonância com outros grupos sócio-culturais. O estudo realizado por Hilsdorf Barbanti (1977) sobre a província de São Paulo já apontava a aproximação entre os agentes pertencentes ao campo protestante norte-americano com os agentes pertencentes ao campo político liberal adiantado e republicano, para a solidificação do novo regime político. Este apoio ficou ainda mais evidente quando a mesma autora, em 1986, analisou o apoio oferecido pelo republicano histórico Rangel Pestana às propostas educacionais de confissão protestante, e vice-versa. O texto de Schulz (2000), já citado, confirma essa percepção. O estudo feito por Carmem Moraes (2006) sobre o Colégio Culto à Ciência revela que o projeto republicano foi liderado por maçons. Percebemos este mesmo movimento ao analisar a participação do colégio protestante presbiteriano na cidade de Sorocaba, seja no período de Palmira, seja no de Zacharias. Os presbiterianos apoiavam e recebiam apoio do partido republicano sorocabano. As relações de poder estabelecidas entre eles solidificavam seus interesses e conferiam um lugar de projeção no campo educacional e político.

Do mesmo modo, o professor Amaro Egydio era ligado à Loja Perseverança III. Ele fala, portanto, não somente enquanto um professor convidado, mas também enquanto maçom e republicano.

Em seguida, Amaro Egydio afirma que a difusão do ensino é uma cruzada ou guerra santa contra a ignorância e um instrumento para formar o caráter do ser humano: se as crianças eram fracas e delicadas, a educação tinha a responsabilidade de fortalecer seus espíritos e caráter. O Colégio Sorocabano é uma casa de educação e instrução apta para essa função, pois o diretor do Colégio é um homem de reconhecida competência, inteligência esclarecidíssima, espírito profundamente científico, um bom cidadão, um pai exemplar e dedicadíssimo mestre. E mais, para ele, Zacharias de Miranda é um dos poucos “ensinadores” que têm perfeito conhecimento da ciência pedagógica. Seu laureado nome é a síntese do

ensino público em Sorocaba. Cabe a pergunta: e os demais professores que compunham o campo sorocabano, eles não possuíam também um profundo espírito científico? Por que tantos elogios ao diretor Zacharias de Miranda?

Após se referir à pessoa do diretor como exímio educador, o autor faz uma síntese dos exames que aconteceram no colégio, sempre exaltando as posturas dos alunos e a competência do colégio. Tece comentários sobre as instalações, condições do prédio e higiene e o método pedagógico utilizado, identificado como o método intuitivo, apoiado e recomendado pelos grandes mestres por ser abrigo para o desenvolvimento das faculdades intelectuais e psíquicas. Encerra seu artigo afirmando que o Colégio Sorocabano está destinado a ser um templo, onde a pátria é a deusa e a religião o futuro.

A respeito do método intuitivo, Rosa Fátima de Souza afirma (2005), em texto que examina a renovação pedagógica norte-americana que serviu de referência para outros países, que foi adotado pelas escolas primárias nos Estados Unidos em 1860¹³⁵.

Hilsdorf Barbanti (1977), comentando o uso do método intuitivo no Brasil, afirma que:

O ensino concebido nesses moldes, sob a denominação de “intuitivo”, era olhado como natural, científico, positivo, satisfazendo, pois as necessidades que vinham sendo expressas pelas vanguardas paulistas de um novo tipo de ensino adequado à era republicana. A “prática” do “método intuitivo”, que recebia o nome genérico de “lições de coisas”, tinha sido prevista pela legislação escolar do Império. A reforma de Leôncio de Carvalho, pelo Decreto n° 7247, de 19 de abril de 1879, previa para o município da Corte, no seu art. 4, aulas de “noções de coisas” para o ensino das escolas de 1° grau, e no art. 9, parágrafo 1°, que se referia às matérias a serem ministradas nas escolas normais, a “prática do ensino intuitivo ou lições de coisas” (p. 179).

Porém, segundo a mesma autora, seriam necessárias as reformas republicanas da década de 90 para que o ensino intuitivo alcançasse, além das particulares, as escolas públicas de São Paulo. Para ela, o ponto de partida desse processo foi originado nas escolas protestantes americanas paulistas:

O espírito da reforma de 1890 é, provavelmente, tributário da pedagogia de Pestalozzi, Froebel, Herbart e Spencer, conhecida mediante o contacto com obras desses autores, mas, sobretudo, da práxis pedagógica das escolas protestantes americanas, que há 20 anos vinham atuando continuamente na Província de São Paulo com o apoio de suas elites progressivas. Não só na inspiração da reforma de 1890 é considerável a influência dessas escolas sobre Rangel Pestana e seus companheiros. Também a escolha dos nomes que a puseram em prática remete-nos à atuação americana protestante no país (Hilsdorf, 1977, p. 180).

¹³⁵ Seu trabalho consiste em analisar a construção do currículo da escola primária nos Estados Unidos e a adoção do método intuitivo nesse país, tendo como fonte de pesquisa os primeiros programas de ensino e os principais manuais de lições de coisas em circulação na época de 1860-1880.

Para a elite sorocabana, frequentar o Colégio Sorocabano significava para os seus filhos a garantia de uma formação liberal, atualizada e que tinha os mais avançados métodos pedagógicos da época. Significava ter contato com aquilo que existia de mais moderno do ponto de vista educacional. O que garantia para a elite um lugar de prestígio no campo social e educacional sorocabano.

O presbiterianismo em sua inserção na cidade de Sorocaba utilizou-se da educação como estratégia de divulgações dos ideais norte-americanos e para a sua solidificação nos campos educacional, religioso, político e social. Pode-se observar que a escola iniciada no período monárquico pela professora Palmira teve continuidade no período republicano sob a direção do Rev. Zacharias de Miranda. A mudança do nome mostra a estratégia utilizada para a obtenção de maior número de alunos. Embora com o nome de Colégio Sorocabano, a escola mantinha o método intuitivo, defendido pelo ideário republicano e em consonância com a influência da pedagogia norte-americana, aprendido na Escola Americana, depois *Mackenzie College*, em São Paulo, o qual ambos estiveram ligados como professores.

O discurso na imprensa a respeito do colégio tinha, assim, várias funções: além de ganha-pão para seus proprietários, representava uma estratégia para se ter mais alunos, para solidificar o colégio no campo sorocabano, para fortalecer a hegemonia do grupo político-ideológico a que Zacharias pertencia, para atrair o interesse da elite à proposta educacional protestante presbiteriana e norte-americana ofertada pelo colégio, para referendar estrategicamente os ideais republicanos e maçônicos que viam na educação a possibilidade de transformação da sociedade e a sua possível modernização. Todas elas produziam e reproduziam as relações de poder que presbiterianos e maçons construíram no campo social sorocabano. Zacharias de Miranda circulava na região central da cidade e tinha livre acesso à imprensa jornalística, apoiada pela maçonaria sorocabana. Os principais jornais, que circularam no período observado, eram de propriedade de maçons republicanos.

Seguindo as análises feitas por Hilsdorf (2000) na perspectiva da história da educação, a presença da educação de confissão de fé presbiteriana em Sorocaba representaria para a elite sorocabana um espaço para a manifestação e experimentação de seus próprios ideários. Considerando a perspectiva política, digo que não foi diferente. Em seu processo de inserção, de desenvolvimento e solidificação, o protestantismo ganhou o apoio da elite sorocabana, formada por maçons, republicanos, comerciantes, políticos, escritores. Entre os membros destes grupos, como já dissemos, estavam intelectuais, comerciantes, negociantes,

professores, donos de jornais e políticos, como Júlio Ribeiro (escritor), Ubaldino do Amaral (político), José Antonio de Souza Bertholdo (comerciante), Maylasky (político e educador), Marciano da Silva (capitalista), Francisco de Paula e Oliveira Abreu (redator do jornal *O Americano*), Manoel Januário de Vasconcellos (dono do jornal *Diário de Sorocaba*), João Exel (negociante), Olivério Pilar (político), entre outros.

Em 1894, Zacharias contratou um professor chamado Antonio Nogueira, que segundo a imprensa, era um “moço que tem dado brilhantíssimas provas no magistério, tanto em São Paulo como em Minas Gerais, onde ultimamente lecionava num importante colégio” (15 de Novembro, 7/07/1894). Isto indicava que a escola estava em plena atividade e tinha solidificado seu lugar no campo educacional sorocabano.

Um dos jornais que poderia oferecer uma postura antagônica à proposta educacional presbiteriana era o jornal *Voz do Povo*, anteriormente citado, que afirmava combater as idéias da elite sorocabana, que estamos tratando. Porém, nos levantamentos feitos neste jornal nos anos de 1894 e 1895, observei que este periódico também apoiava através da sua publicação as iniciativas educacionais do Colégio Sorocabano, nitidamente elitizado. Alguns aspectos interessantes do jornal sustentam nossa análise¹³⁶. Até a edição de 30/12/1894, não se fala em assuntos educacionais, mas há uma exceção para o Colégio Sorocabano, do Rev. Zacharias de Miranda¹³⁷, em relação ao qual o *A Voz do Povo* repetia as mesmas afirmações dos jornais republicanos e de propriedade dos maçons sorocabanos. Afirmava por exemplo que o colégio tinha vastas acomodações que poderiam ser utilizadas pelos alunos, fossem externos, internos ou meio-pensionistas; mencionava a introdução de novas disciplinas, com a finalidade de atender as necessidades intelectuais dos alunos; acentuava a disposição do próprio diretor em se prontificar em dar mais informações para as pessoas interessadas; mencionava a localização do colégio e o prospecto elaborado para orientar os pais dos alunos, sugerindo que

¹³⁶ A respeito do aspecto da materialidade do jornal pude observar os seguintes elementos: Em 1894, a redação do jornal não está mais sob a responsabilidade de Domingos Costa, mas de Manoel Fernandes de Oliveira. O jornal circulava diariamente e no lado direito do jornal vem escrito: Estados Unidos do Brasil. Na primeira página do jornal, o redator afirmava que seu estabelecimento ficava na rua São Bento, 27. Afirmava que os colaboradores do jornal têm plena liberdade de pensamento. As colunas eram franqueadas para assuntos de interesse público, reclamações de interesse geral, sob responsabilidade dos seus autores. O redator, ao dar a localização do lugar em que o jornal é feito, rua São Bento, parece querer demonstrar a importância do estabelecimento, ou seja, o jornal era publicado numa região central da cidade. A partir do número 125, o jornal passa a ser publicado às quartas, sextas e domingos, diminuindo a circulação, que antes era diária.

¹³⁷ No número publicado em 03/01/1894, a menção se encontra na página 3, portanto, em lugar estratégico. No número 102, publicado em 04/01/1894, o anúncio tem um destaque maior no lado esquerdo da página 04, onde são publicados vários anúncios referentes ao comércio local. Parece sugerir um valor comercial ao estabelecimento educacional. O mesmo ocorre com os números 103 e 104.

ele era bem organizado e que seu dirigente tinha uma preocupação em estar num lugar estrategicamente bem situado.

Em 1894, Zacharias fechou sua instituição escolar. A imprensa sorocabana publicou a seguinte nota: “Fechou-se ontem este estabelecimento de ensino, o único que Sorocaba possuía em condições de ministrar à mocidade uma educação superior. Por este fato, ficamos mais uma vez reduzidos às escolas onde apenas se ensinam as primeiras letras” (*Jornal 15 de Novembro*, 26/08/1894, p. 02).

No mesmo jornal, o redator do jornal *O 15 de Novembro* afirmava que era preciso instalar mais escolas no centro da cidade. O Inspetor do Distrito José Monteiro Boanova escreve um artigo dando parecer sobre a questão levantada pelo jornal *O 15 de Novembro*¹³⁸. Em seu texto afirmava que estavam sendo tomadas medidas sobre o assunto. Uma das propostas iniciais era a unificação das escolas, projeto que se intitulava Escolas Reunidas (15 de Novembro, 16/09/1894, p. 02).

Reafirmando a importância destes elementos para configurar uma instituição escolar moderna, de prestígio, vemos que o prédio da escola de Zacharias seria escolhido futuramente, para a instalação de um grupo escolar em Sorocaba:

Parece que será escolhido para nele ter função o Grupo Escolar, o sobrado sito à rua da Flores, esquina da rua Brigadeiro Tobias, onde esteve estabelecido o Colégio Sorocabano de propriedade do capitão Zacharias de Miranda. É um prédio vasto, contando com grande numero de compartimentos, que com pequeno dispêndio tornar-se-á próprio ao fim que se destina (*O 15 de Novembro*, 15/06/1895, p. 02).

Fato interessante é que no ano de fechamento do seu colégio, Zacharias fez uma proposta para criação de um ginásio em Sorocaba. Em sessão realizada em 9 de agosto de 1894, Zacharias de Miranda, então vereador da cidade fez a seguinte proposta à Câmara:

Indico que a Câmara nomeie uma comissão para de acordo com o Inspetor da Instrução Pública, representar ao Governo do Estado, pedindo que seja preferida esta cidade para a instalação de um Ginásio (*O 15 de Novembro*, 07/10/1894, p. 2).

Seria este, portanto, o motivo do fechamento da sua instituição escolar? Pelas fontes consultadas, jornais e relatórios encaminhados ao inspetor geral da Província não foi possível confirmar se a indicação da criação do ginásio feito por Zacharias, concretizou-se, tudo indica que não.

¹³⁸ A partir desta questão da Instrução Pública, o jornal *O 15 de Novembro* passa a escrever sobre a cidade de São Roque, onde ocorreu a Instalação de um Grupo Escolar. A questão relacionada ao Grupo Escolar começa a aparecer com frequência no jornal.

Porém, em 1894 oito escolas se uniram para formar o primeiro Grupo Escolar em Sorocaba, dirigido por vários membros da Loja Perseverança III, ligados diretamente através das relações de poder com Zacharias de Miranda. Podemos sugerir, que por causa da sua convicção política, Zacharias fechou o seu colégio, deixando a educação ao cuidado do grupo maçônico que reivindicava através dos jornais e da Câmara Municipal a instalação de um Grupo Escolar em Sorocaba.

Neste mesmo contexto, a imprensa sorocabana publicava uma nota sobre a instrução pública:

Temos recebidos diversas queixas relativamente à colocação das escolas públicas. O centro da cidade, que é justamente o mais populoso, tem apenas uma escola que é regida pelo professor Amaro Egidio, e que conta número superior de alunos aos que a matrícula admite, no entanto, outras, há e que se acham fora do centro, sem numero legal. A bem da instrução pública desta cidade, pedimos ao digno inspetor do Distrito, que providencie a fim de que o centro da cidade seja provido de mais escolas, para não se levantarem destas justas queixas. Por nossa parte já tivemos ocasião de chamar a sua atenção para essa irregularidade prejudicial, e podemos acreditar que seremos atendidos, porque ninguém se interessa pela instrução publica mais do que esse companheiro (*O 15 de Novembro*, 13/09/1894, p. 01).

As iniciativas políticas de Zacharias em torno da educação em Sorocaba e, especialmente, na criação de um ginásio na região central podem ser uma razão plausível para o fechamento do seu colégio.

Uma das hipóteses sustentadas pela historiografia presbiteriana é que o Colégio Sorocabano foi fechado porque Zacharias se mudou para São Paulo. Ao contrário do que sustenta a historiografia protestante, o fechamento do colégio não está relacionado à mudança de Zacharias à São Paulo, pois o fechamento do colégio aconteceu no período em que ele ainda atuava como vereador da cidade. Zacharias de Miranda¹³⁹ mudou-se temporariamente para São Paulo em novembro de 1895 (*O Estandarte*, 23/11/1895, p. 4). Sua mudança definitiva do campo religioso sorocabano só aconteceu em 1899.

É válido lembrar que no contexto do campo religioso presbiteriano ocorria uma acirrada discussão em torno da educação e evangelização presbiteriana no Brasil. “Havia uma luta de duas concepções uma delas poderia chamar-se de evangelização direta, e outra de evangelização indireta” (Ribeiro, 1992, p. 416). Neste contexto, discutia-se se era conveniente à evangelização o uso dos colégios. Zacharias parecia estar influenciado pelas

¹³⁹ Conforme o segundo Livro de Atas da Igreja Presbiteriana (1886-1908), até 19/06/1899, Zacharias de Miranda ainda realizava seus atos pastorais na referida Igreja. Nesta última ata, há o registro da reunião do Presbitério ocorrida 13/07/1899. Na ata subsequente datada em 06/08/1899, as atas começam a ser assinadas pelo Rev. João Ribeiro de Carvalho Braga, que passa a liderar a Igreja.

disputas entre dois grupos no campo presbiteriano, alinhando-se a posição defendida por Eduardo Carlos Pereira, ou seja, a criação de escolas destinadas para os filhos dos crentes.

Diante dos problemas que surgiam no campo presbiteriano brasileiro sobre questões relacionadas à educação, principalmente, ao que tange o uso dos colégios como estratégia de evangelização indireta, Zacharias começa a fazer um movimento político em torno da organização de um ginásio na cidade.

No campo religioso protestante, ele assume a postura educacional do grupo liderado por Eduardo Carlos Pereira, que defendia o modelo de escola paroquial. No campo político sorocabano, ele assume os ideais do partido republicano, a que pertencia, solicitando, como vereador, a instalação de um ginásio na cidade de Sorocaba.

Por que Zacharias de Miranda assume a posição política e educacional adotada pelo grupo liderado por Eduardo Carlos Pereira? Uma possível explicação vem da sua opção política em Sorocaba. Como vereador eleito pelo partido republicano, Zacharias assume os ideais educacionais defendidos pelo seu partido. Ele tinha que dar um destino ao seu envolvimento educacional em Sorocaba. Encontrou um caminho nas reivindicações educacionais do partido republicano e na crise estabelecida no campo religioso presbiteriano no Brasil, liderada por Eduardo Carlos Pereira.

Até 30 de dezembro de 1893, Zacharias não tinha nenhuma pretensão de fechar seu colégio. Fato noticiado pela imprensa sorocabana em que o referido diretor dirigiu-se à elite sorocabana, solicitando que se fizessem as matrículas dos seus filhos a partir do dia 1 de janeiro de 1894 (*O 15 de Novembro*, 1/1/1894, p. 3). Somente em 9 de agosto de 1894, quando solicitou apoio da Câmara Municipal de Sorocaba para a formação de um ginásio na cidade de Sorocaba, é que decide fechar seu colégio.

Zacharias não deixa seus ideais educacionais, apenas transfere-os para os maçons e republicanos, pois dentro do campo político, foi ele quem propôs a formação de um ginásio em Sorocaba.

O ginásio não sai, mas em 1894, o partido republicano local começa um movimento para a criação do primeiro Grupo Escolar. Zacharias de Miranda, juntamente com Antonio Egídio Padilha, Augusto da Silveira França, João Cândio de Azevedo Sampaio, Gustavo Scherepel, Vicente de Oliveira Lacerda, João de Oliveira Lacerda e José Bella (*O 15 de Novembro*, 28/11/1894, p. 2), fazem parte deste movimento.

No contexto brasileiro, o partido republicano defendia a instrução como elemento reformador da sociedade:

Vitórias das luzes e da razão sobre as trevas e a ignorância. Alicerce das sociedades modernas, garantia de paz, de liberdade, da ordem e do progresso social; elemento de regeneração da nação. Instrumento de moralização e civilização do povo. Eis algumas das representações sobre a educação em vigor no Brasil no final do século XIX. Em realidade, elas fazem parte da concepção liberal de educação que tomou conta do pensamento e da política educacional neste período. No projeto liberal dos republicanos paulistas, a educação tornou-se estratégia de luta, um campo de ação política, um instrumento de interpretação da sociedade brasileira e o enunciado de um projeto social (Souza, 1999, p. 26).

Estas concepções sobre a educação faziam parte do ideário republicano. A educação era vista como um elemento regenerador da nação, um instrumento de moralização, de civilização do povo e de modernização da sociedade:

A crença no poder redentor da educação pressupunha a confiança na instrução como elemento (com)formador dos indivíduos. Potência criadora do homem moral, a educação foi atrelada à cidadania e, dessa forma, foi instituída a sua imprescindibilidade para a formação do cidadão. Articulada com a valorização da ciência e com os rudimentos de uma cultura letrada, ela se apresentava como interpretação conciliadora capaz de explicar os motivos do atraso da sociedade brasileira e aponta a solução para o mesmo. Nas últimas décadas do século XIX, intelectuais, políticos, homens de letras e grandes proprietários rurais enfrentaram e debateram intensamente os problemas do crescimento econômico do país, a transição para o trabalho livre, a construção de uma identidade nacional, a modernização da sociedade e o progresso da nação (Souza, 1999, p. 27).

Podemos perceber este movimento em Sorocaba. O redator do jornal *O 15 de Novembro* João José da Silva, também membro da Loja Perseverança III, publicou uma nota sobre o Grupo Escolar, conforme havia prometido. Nesta nota tece profusos elogios as acomodações do prédio situado à Rua das Flores¹⁴⁰. Podemos analisar a descrição que o redator faz do prédio que pertenceu a escola de Zacharias de Miranda, vejamos:

Conforme prometemos vamos dar alguns dados do “Grupo Escolar” relativamente às suas acomodações. O prédio escolhido pela nossa patriota edilidade, para funcionar as escolas reunidas, não podia ser melhor. Nele vemos todos os dados necessários que se poderia exigir de um edifício construído para fim diverso. A parte superior esta acondicionada para o sexo feminino e a inferior para a masculina. A secção própria do sexo feminino, a mais precisa de cuidado e precauções, está mais ou menos agasalhada. As salas, bastantes espaçosas, confortam todas as alunas, ficando ainda acomodações para novas escolas. Na parte térrea, que se destinou ao sexo masculino, possui salas espaçosas que vão além das necessidades atuais. Além destas comodidades, qual apontamos, é digno de nota, a fácil ventilação, bem como, a luz penetra higienicamente em todos os compartimentos da casa. Pois este simples esboço traçado de momento, poderão os nosso amáveis leitores avaliar o estabelecimento de ensino público, que em boa hora surgiu à frente da nossa sociedade (O 15 de Novembro, 17/08/1895, p. 01).

Embora a nota seja uma apologia para que se aceitasse o prédio para sediar o primeiro Grupo Escolar, ela é esclarecedora ao descrever as condições internas, estrutura,

¹⁴⁰ Ver anexo 2, vol II, p. 17, (foto 16): Prédio do Grupo Escolar Antonio Padilha.

acomodações, divisão do ambiente, salas de aula. De certa forma ela nos ajuda a entender como estava organizada internamente a escola protestante. Ela oferecia educação para alunos de ambos os sexos e oferecia internato, externato e meio-pensionista. A estrutura da escola tanto do ponto de vista do redator do jornal bem como na visão de Zacharias possuía acomodações amplas, que eram suficientes para atender a demanda. As salas eram espaçosas e o prédio era muito bem situado. O redator do Jornal defende os interesses do grupo Maçônico que liderava a instalação do Grupo Escolar em Sorocaba, o que não podia ser diferente, pois ele era membro da Loja Perseverança III, seu posicionamento no jornal é ideologicamente estruturado com o objetivo de ver concretizado os interesses do grupo maçônico. Apesar de todo esforço através da imprensa, o Governo afirmou que o prédio não tinha condições para abrigar a referida escola. Esta posição confrontava os interesses dos republicanos sorocabanos. Neste sentido, percebe-se o quão tendenciosa era a notícia colocada nos jornais pelo grupo maçom a respeito do prédio que sediaría o grupo escolar.

Outra evidência que nos aponta que o movimento educacional presbiteriano foi acolhido pelos republicanos-maçons em Sorocaba é a relação de poder estabelecida entre Zacharias de Miranda e o futuro diretor desta instituição escolar, Amaro Egídio de Oliveira. Já pontuamos anteriormente que Amaro Egídio de Oliveira tecia elogiosos comentários sobre a proposta educacional do Colégio Sorocabano e sobre o seu diretor Zacharias de Miranda. Ele afirmava que o colégio é uma casa de educação e instrução capaz de rivalizar com todas as escolas, as mais bem organizadas do Estado e Zacharias de Miranda, um homem de reconhecida competência, inteligência, espírito profundamente científico, um bom cidadão, um pai exemplar, dedicadíssimo mestre, um dos poucos ensinadores, que tem perfeito conhecimento pedagógico, o seu laureado nome é síntese da instrução pública em Sorocaba (*O 15 de Novembro*, 17/11/1893, p. 3). Suas relações de poder foram construídas no campo político, maçônico e educacional. Ambos foram vereadores, maçons, republicanos e professores da cidade de Sorocaba. Zacharias de Miranda pelas suas convicções republicanas não deixaria seus alunos à mercê. Queria entregar a educação dos seus alunos para o grupo com o qual ele havia estabelecido relações de poder ao longo da sua permanência na cidade de Sorocaba. Até seus últimos dias de permanência em Sorocaba, Zacharias mantinha suas relações de poder com seu grupo. O jornal dizia que a “sua saída da cidade deixava um vácuo impreenchível na sociedade e na administração do município” (*O 15 de Novembro*, 15/11/1895, p. 1).

Podemos afirmar que o projeto educacional de Zacharias de Miranda era muito mais um projeto maçom-republicano do que eclesiástico. Não há referência alguma nas atas da Igreja Presbiteriana de Sorocaba sobre o Colégio Sorocabano e nem mesmo sobre a sua participação na vida política. Por que esta lacuna? A Igreja não o apoiava no campo educacional e político? Ou ela se interessava apenas com questões relacionadas ao campo religioso? Então, por que os líderes locais, como já mencionamos, participaram com ele no campo político? Sobre a questão educacional, embora recebesse sustento da Igreja norte-americana, a Igreja local parece que não tinha envolvimento com o colégio. Ou ainda, podemos dizer que Zacharias não levava para o campo religioso presbiteriano as questões relacionadas ao campo político e educacional. Poderia ser uma estratégia ou até mesmo uma postura política fruto da sua cosmovisão religiosa, que o levava a se posicionar desta maneira, separando suas funções eclesiásticas das “mundanas”.

Após a transferência do Rev. Zacharias à São Paulo, assume a liderança do campo religioso protestante em 1899, o Rev. João Ribeiro de Carvalho Braga. Embora não tenha dado continuidade ao projeto educacional presbiteriano em Sorocaba, ele aparece como um dos professores do Liceu Sorocaba reorganizado pela Loja Maçônica Perseverança III, juntamente com os seguintes professores: Arthur Gomes (diretor e professor das 1ª, 2ª e 9ª cadeiras), Antonio Felisberto de Oliveira (professor das 3ª e 4ª cadeiras), João Padilha (professor da 5ª cadeira), Amaro Egídio de Oliveira (professor da 6ª cadeira), J. Azevedo Antunes (professor da 8ª cadeira), João Ribeiro de Carvalho Braga (professor da 7ª cadeira), Joaquim Silva (professor da 8ª cadeira). As matérias desta instituição escolar foram distribuídas da seguinte forma: 1ª cadeira: português e latim; 2ª Cadeira: francês e inglês; 3ª cadeira: aritmética e geografia; 4ª cadeira: álgebra e trigonometria; 5ª cadeira: história; 6ª cadeira: história natural, física e química; 7ª cadeira: escrituração mercantil; 8ª cadeira: geografia e cosmografia; 9ª cadeira: educação moral e cívica (*O 15 de Novembro*, 26/05/1901).

Como apontamos anteriormente, Braga dirigia uma escola na cidade de Botucatu (*Brazilian Missions*, 1890, p. 66). Ele tinha capital cultural e social suficiente para dar continuidade ao projeto presbiteriano no campo educacional sorocabano. Porém esta não foi sua opção, preferiu atuar junto com os maçons na educação pública da cidade de Sorocaba. É neste sentido que manteve as relações de poder estabelecidas na cidade pelos presbiterianos. Além disso, também optou por participar do campo político sorocabano, assumindo em janeiro a abril de 1902 a Intendência da cidade de Sorocaba (Sorocaba Ilustrada, 2004). Tyack

(1966) observou que, nas comunidades norte-americanas onde existiam escolas públicas, raramente os pastores se preocupavam em instalar escolas religiosas, passando a atuar dentro do próprio sistema oficial. O mesmo movimento ocorre em Sorocaba, quando as escolas públicas eram republicanas e maçônicas, fato que não acontecia antes - na Monarquia, quando as escolas representavam um modelo educacional ultrapassado e em concorrência com o modelo postulado pelos republicanos maçons.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Postos meus argumentos, apresento algumas considerações analíticas de natureza mais sintética sobre a inserção do presbiterianismo na cidade de Sorocaba e sua participação no campo político, religioso e educacional da segunda metade do século XIX.

Posso ressaltar que os missionários norte-americanos escolheram estrategicamente a cidade de Sorocaba, pois, no período estudado, esta começava a experimentar um processo de modernização liderado por agentes sociais pertencentes ao campo maçônico. Segundo os missionários, a cidade lhes era economicamente favorável. Na década de 1870, a cidade ainda era predominantemente rural e seu ciclo econômico dependia da chamada Feira de Muares, ligada ao tropeirismo. A feira movimentava economicamente a cidade e era a principal fonte de sobrevivência econômica dos comerciantes, mas representava um modelo econômico ultrapassado e que distanciava a cidade de aspectos ligados à modernização. Na mesma época, agentes sociais pertencentes ao campo maçônico e ligados às novas bases mercantis e de profissões urbanas, começaram um movimento político na cidade com a finalidade de modernizá-la. Para eles, a modernização passava necessariamente pelo fim da mão de obra escrava, construção da estrada de ferro, o plantio de algodão, a instalação de novas indústrias, a implantação do regime republicano, o replanejamento do espaço urbano e a ênfase na educação como um instrumento para legitimar suas ações modernizadoras.

Segundo Mendonça (2008), o presbiterianismo teve que aguardar condições favoráveis para se inserir em centros urbanos até o início do século XX, atuando preferencialmente antes deste período em zonas rurais para não enfrentar a hostilidade do catolicismo ultramontano. No entanto, percebi que a ação missionária presbiteriana em Sorocaba foi diferente. Os missionários, apoiados por parte dessa elite comerciante e urbana, iniciaram a inserção do presbiterianismo em 1861 sem temer a reação católica, tanto que estabeleceram um depósito de Bíblias em frente ao Mosteiro São Bento. Além disso, a cidade oferecia condições favoráveis, devido ao espírito modernizador que ocupava o imaginário e as ações desse segmento elitizado, formado por: maçons, intelectuais, presbiterianos, políticos, negociantes, agricultores, comerciantes, industriais, professores e outros.

Para defender sua ideologia, esses agentes sociais colocaram-se como porta-vozes do processo de modernização e para tanto ocuparam o espaço urbano, transformando-o em campo de poder. A imprensa jornalística e seus intelectuais ofereceram suporte discursivo para convencer outros agentes sociais da elite sorocabana sobre a necessidade de modernizar a

cidade. Ficou evidente que a modernização pleiteada pela nova elite sorocabana foi possível porque alguns dos seus membros ocupavam vários campos da cidade: político, religioso e educacional. No campo político, deparei com a participação de agentes sociais ligados ao presbiterianismo. Entre eles o maçom presbiteriano Júlio Ribeiro, que atuou como intelectual, com a finalidade de estabelecer relações de poder entre presbiterianos e maçons. Nesta perspectiva, o trabalho mostra que a presença de Júlio Ribeiro em Sorocaba tinha um objetivo mais amplo do que aquele apresentado pela historiografia maçônica, que sustenta a sua presença em Sorocaba por motivos meramente maçônicos, tanto quanto o dos historiadores do presbiterianismo, que o apresentam apenas como converso.

O trabalho também apresentou, de forma inédita, a figura de Zacharias de Miranda, que além de pastor e educador presbiteriano, atuou estrategicamente no campo político. Seu envolvimento com o partido republicano reforçou os ideais das propostas modernizadoras que o grupo de Júlio Ribeiro, Maylasky e Ubaldino postulava na década de 70, quando a cidade começou se modernizar aos olhos e ações da elite e do grupo social a que Zacharias pertencia. Para os que não concordavam com os aspectos de modernidade conferidos pelo partido republicano, restava a tomada de posição no jornal *A Voz do Povo*, que em determinado momento da sua trajetória acabou cedendo espaço para que a própria elite publicasse em suas páginas as estratégias, a ideologia, e as propostas políticas e educacionais que a distinguiam.

Além disso, trabalhei a cidade de Sorocaba como um espaço de disputa pelo poder. Vários agentes sociais procuraram através de suas estratégias se posicionar no campo de poder que a cidade representou na segunda metade do século XIX. Maçons e presbiterianos construíram relações de poder com a finalidade de garantir a dominação e um lugar no campo de poder. Parte da imprensa jornalística sorocabana ligada aos maçons e presbiterianos foi utilizada politicamente para expandir a ideologia de tais agentes. Além de maçom e presbiteriano, Júlio Ribeiro agiu como porta-voz do grupo elitizado por causa do seu acentuado capital cultural, que o levou a ocupar posições no magistério e na imprensa local. Neste sentido, pude analisar sua prática social na perspectiva de um intelectual, polêmico e crítico, que foi responsável pelas aproximações entre presbiterianos e maçons em 1870. No caso de Zacharias, suas propostas políticas também estavam profundamente ligadas ao processo de modernização pleiteado por parte da elite sorocabana republicana e maçom: iluminação pública, abastecimento de água, educação escolar, replanejamento do espaço urbano, regulamento de taxas de impostos... Do mesmo modo, sua participação no campo político-maçônico garantiu que as relações de poder nele estabelecidas solidificassem o

movimento protestante na cidade e dessem apoio para combater o catolicismo ultramontano. Respalado pela elite sorocabana, principalmente por pessoas ligadas à maçonaria local, Zacharias não se eximiu de adotar uma posição antagônica aos agentes sociais pertencentes ao campo religioso católico. Seus textos, publicados nos jornais, ofereceram subsídios analíticos, que nos ajudaram a entender sua posição anti-clerical, republicana e maçônica.

Foi possível afirmar que a inserção do presbiterianismo na segunda metade do século XIX na cidade representou a configuração de um novo modelo no campo religioso sorocabano, que na década de 1860 era predominantemente católico. A inserção desta nova proposta religiosa foi marcada por disputas entre o catolicismo e o presbiterianismo. Este teve o apoio dos maçons sorocabanos, pois representava um modelo religioso moderno de origem americana, que trazia no seu bojo elementos filosóficos e culturais ligados à ideologia liberal, também defendida pelos agentes sociais pertencentes ao campo maçônico. Além disso, confirmei que a inserção do presbiterianismo em Sorocaba pode ser entendida como um processo civilizatório, que não somente se concretizou através da apropriação de ideologias ligadas à cultura religiosa norte-americana, mas também, pela aceitação e apoio dado à proposta educacional norte-americana.

No campo religioso, percebi que os agentes sociais presbiterianos tiveram posturas diferentes. O Rev. Antonio Pedro optou por fortalecer o campo religioso do ponto de vista interno. Esta opção estava relacionada à influência que a Teologia da Igreja Espiritual exerceu sobre sua prática religiosa, na qual fazia uma dicotomia entre o mundo profano e o religioso. Sua mentalidade puritana não admitia que membros pertencentes ao campo religioso presbiteriano realizassem aos domingos as suas atividades comerciais. Para manter a hegemonia e a “pureza” do campo religioso tratou de disciplinar os primeiros fiéis, que haviam dado apoio à iniciativa missionária de Simonton. Compreender a postura religiosa e política de Antonio Pedro me ajudou a entender que a participação da Igreja Presbiteriana de Sorocaba na educação local estava mais ligada à sua mulher, Palmira Rodrigues de Cerqueira Leite. A imprensa jornalística sorocabana sempre ligava a escola presbiteriana à figura da professora Palmira. Esta soube utilizar estrategicamente seu capital cultural e social, garantido desta forma uma posição privilegiada do presbiterianismo no campo religioso e educacional. Foi importante perceber que as relações de poder construídas no início dos anos 60 pelos primeiros missionários norte-americanos e pelos agentes sociais presbiterianos - Júlio Ribeiro e Bertholdo -, foram mantidas pela referida professora, através de sua escola, e não pelo

pastor Antonio Pedro, uma vez que a ação do elemento feminino ainda não ganhou a relevância merecida nos estudos do campo historiográfico protestante.

Com a morte de Antonio Pedro em 1883, o campo religioso presbiteriano contou com a presença, até 1899, do Rev. Zacharias de Miranda. Uma das primeiras iniciativas que tomou no campo religioso foi restabelecer aquelas relações de poder interrompidas pelo seu antecessor. Para tanto, Zacharias de Miranda se inseriu no campo político sorocabano através do Clube Republicano, que realizava suas reuniões em vários lugares do espaço urbano, inclusive na casa da família Bertholdo. Na década de 90, tornou-se vereador da cidade de Sorocaba pelo partido republicano, quando então participou do processo de modernização da cidade de Sorocaba.

Enfim, no campo religioso, diferentemente de Antonio Pedro, Zacharias adotou politicamente a postura polemista. Adotando um discurso que pertencia aos agentes sociais maçons e republicanos, combatia o catolicismo, apontando-o como uma religião retrógrada e ultrapassada. A reação anti-católica de Zacharias de Miranda fazia parte de uma perspectiva política e religiosa adotada pelo próprio presbiterianismo nos primeiros anos de inserção no Brasil. Postura que foi percebida muito mais na ação missionária de Blackford do que na posição adotada pelo pioneiro Simonton. Esta análise permitiu o resgate do perfil missionário de Blackford, personagem pouco estudado pela historiografia protestante.

Foi possível compreender que a inserção do presbiterianismo no campo educacional ocorreu num momento político de transição entre Império e República, marcado por acentuado processo de escolarização. Ainda no Império, a proposta educacional presbiteriana era mantida pela Escola Americana, sob a direção e orientação pedagógica da professora Palmira de Cerqueira Leite (1874-1885). No início da República, foi sustentada pelo Colégio Sorocabano, de propriedade e direção de Zacharias de Miranda (1885-1894). Ao confrontar as fontes, percebi também que em determinado momento, o presbiterianismo em Sorocaba teve duas modalidades educacionais: uma escola paroquial, organizada ao lado da Igreja sob a direção de Maria Dolada Moura e uma escola aberta, sob a direção da professora Palmira. Ao chegar a Sorocaba, Zacharias organizou em sua residência o Colégio Sorocabano, incorporando as duas modalidades educacionais.

Neste sentido, a proposta educacional presbiteriana teve a sua continuidade no período de atuação de Zacharias de Miranda em Sorocaba, mas a mudança de nome e a organização de uma instituição educacional mais ambiciosa lhe deram características específicas:

possibilitaram uma aproximação maior com o segmento elitizado da sociedade sorocabana, com os ideais republicanos e maçônicos, e o desenvolvimento mais amplo da evangelização indireta, visto que sua proposta educacional oferecia curso primário e secundário, atingindo um número maior de alunos e famílias.

Ao contrário do que sustenta a historiografia protestante, a participação da educação protestante em Sorocaba não foi passageira. Embora não tenha encontrado documentação que me permitisse reconstruir seu cotidiano e sua cultura escolar, pude perceber por outras fontes que essas instituições escolares protestantes tinham uma posição muito significativa no campo educacional e nas suas relações de poder com outros campos sociais. Seus agentes sociais em diferentes épocas ofereceram através da proposta educacional uma resposta para as demandas políticas, sociais, econômicas e educacionais na segunda metade do século XIX e atuaram modernizando a cidade, educando pessoas, propondo mudanças no espaço urbano, assumindo posições políticas republicanas, escrevendo na imprensa local, utilizando de métodos pedagógicos inovadores, que chegaram influenciar outras instituições escolares na cidade de Sorocaba e configuraram o campo político, religioso e educacional.

No período da professora Palmira, a proposta protestante em Sorocaba atraía as elites para dentro do seu universo pedagógico, o que reforçou as análises feitas por H. Barbanti (1977). Outro fato que pude avançar está relacionado à participação da referida educadora no campo de poder na cidade de Sorocaba. Foi ela, e não o seu marido que deu visibilidade social e estabeleceu relações de poder com os agentes sociais sorocabanos. Vista pela imprensa jornalística sorocabana como uma exímia educadora dos filhos da elite, Palmira mostrou-se uma mulher disposta a enfrentar as lutas no campo social com o objetivo de garantir um lugar de prestígio não somente do presbiterianismo, mas também, da sua proposta educacional.

No período em que Zacharias de Miranda esteve à frente da proposta educacional presbiteriana, houve maior visibilidade da proposta educacional na imprensa jornalística sorocabana, por ser maçom e por atuar no campo político sorocabano como vereador do partido republicano. Zacharias de Miranda e outros agentes sociais mostravam através da imprensa jornalística que sua instituição educacional oferecia as melhores condições de ensino, higiene e estrutura física. O objetivo era atrair o maior número de alunos possível.

Nos dois períodos, a escola era uma escola aberta, destinada para a sociedade sorocabana, diferente do modelo de escolas paroquiais. No campo educacional sorocabano ela concorreu com as demais instituições educacionais públicas e particulares. Além disso, a sua

proposta educacional de confissão presbiteriana marcou de certa forma a presença de uma pedagogia moderna, na linha das análises feitas pela historiadora citada acima (1977, 2003) e ofereceu através dos seus agentes sociais a possibilidade de modernizar a cidade através da sua posição política republicana. Relações de poder foram construídas para este fim, com o objetivo de concretizar a dominação do espaço social de poder na cidade, no final do século XIX. Lutas, conflitos, disputas ideológicas, posicionamentos no campo foram algumas das estratégias que apareceram nas análises das fontes. Algumas destas foram usadas de forma inédita na perspectiva da história da educação, trazendo uma contribuição para o estudo das escolas confessionais protestantes no Brasil.

O apoio da elite à proposta educacional presbiteriana em Sorocaba oferecida pela presença dos seus filhos na referida instituição e nos discursos publicados na imprensa em que reforçavam que a instituição educacional presbiteriana oferecia as melhores condições de ensino e aprendizagem; análise que também se identifica com as que foram feitas por Hilsdorf (1977). No período de Zacharias de Miranda, a elite dizia que o Colégio Sorocabano estava destinado para ser um templo onde a pátria é a deusa e a religião o futuro. Mas, isto não aconteceu. O Colégio encerrou suas atividades educacionais, passando a sua responsabilidade aos agentes sociais pertencentes ao campo maçônico sorocabano. Proponho que o encerramento das atividades deste colégio foi efetuado pela postura política adotada por Zacharias de Miranda, e não por causa da sua mudança da cidade de Sorocaba, como foi sustentado pela historiografia protestante. Referendado por questões políticas, “entregou” seus alunos aos cuidados da atuação educacional maçônica e republicana. Em 1899, é visível a presença de presbiterianos na Escola Noturna Perseverança III, o que nos ofereceu um indício de que Zacharias passou seus alunos ao grupo de maçons. Embora a proposta protestante não tenha tido continuidade, seus educadores deixaram marcas da sua presença na cidade de Sorocaba, na educação e na religião local.

Se, como disse o historiador L. Febvre: “Onde o homem passou, onde deixou qualquer marca da sua vida e da sua inteligência, aí está a história” (apud Le Goff, 1984, p. 98), o trabalho procurou dar sua contribuição à historiografia. Para a história da educação brasileira, ao debruçar na análise de uma escola de confissão presbiteriana pouco estudada por este campo. Mas também para a historiografia do presbiterianismo brasileiro, ao analisar a inserção do presbiterianismo na cidade de Sorocaba pela hipótese das relações de poder, bem como as estratégias utilizadas para garantir um lugar no campo político, educacional e religioso de uma cidade em processo de modernização. Além disso, o trabalho, sem dúvida, resgatou a ação

missionária e educacional de alguns agentes sociais ligados ao presbiterianismo, mas pouco reconhecidos: Júlio Ribeiro, Antonio Pedro, Palmira Rodrigues e José Zacharias de Miranda e Silva. Este foi um homem que há muito tempo ficou a margem da historiografia protestante. O historiador presbiteriano Júlio Andrade Ribeiro (1992), ao fazer referência ao Rev. Zacharias de Miranda, afirmou: “não se escreveu a vida de tal homem a quem a Igreja Presbiteriana muito deve”.

Portanto, encerro este trabalho afirmando que outras análises, sem dúvida, poderão ser feitas a partir daquela proposta neste trabalho. Através das fontes levantadas e recorrendo ao arcabouço teórico de autores como Bourdieu, Elias, Hilsdorf Barbanti e outros construímos uma compreensão das relações de poder entre a Cidade, A Igreja e a Escola, na qual se resgatou a atuação política e educacional de agentes sociais presbiterianos esquecidos pela historiografia protestante e pouco mencionados na perspectiva da história da educação. Tenho plena consciência de que este trabalho foi apenas uma leitura sobre a educação escolar presbiteriana em Sorocaba e o meu desejo é que ela tenha contribuído para a história da educação. Talvez, mais à frente, outros pesquisadores poderão fazer novas análises através das mesmas fontes, ou de outras, que infelizmente ainda não conseguimos encontrar e que talvez ajudem a entender o cotidiano ou a cultura escolar dessas instituições protestantes presbiterianas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEIXO IRMÃO, José. A Perseverança III e Sorocaba. Da fundação a Proclamação da República. Sorocaba: Fundação Ubaldino do Amaral. 1999.

ALEIXO IRMÃO, José. A Perseverança III e Sorocaba. Da queda da Monarquia ao fim da primeira República. Sorocaba (1889-1930): Fundação Ubaldino do Amaral, Vol. II, 1994.

ALEIXO IRMÃO, José. O liberalismo em Sorocaba. Sorocaba: Fundação Ubaldino do Amaral, 1986.

ALEIXO IRMÃO, Júlio Ribeiro. Discurso de Posse no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

ALMEIDA, Aluísio de. História de Sorocaba 1822-1889. Vol. II. Sorocaba: Gráfica Guarani, 1951. 84p.

ALMEIDA, Aluísio de. História da Instrução em Sorocaba (1660-1956). In Estudos Regionais Paulista. Piracicaba-SP: Shekinah, 1989.

ALMEIDA, Aluísio de. Artigos publicados nos jornais Cruzeiro do Sul e Diário de Sorocaba. Acervo: Adolfo Frioli.

ALMEIDA, Aluísio de. Sorocaba: 3 séculos de História. Itu: Editora Ottoni, 2002, 416p.

ARAÚJO NETO, Adalberto Coutinho de. Sorocaba Operária: ensaio sobre o início do movimento operário em Sorocaba, 1897-1920. Sorocaba: Create, 2005.

ARAÚJO, Inesita. Mediações e poder. Texto apresentado ao GT Estudos da Recepção, no ALAIC 2000, em abril de 2000, Santiago do Chile. Disponível na internet – site: www.eca.usp.br/alaic/chile2000/.../InesitaAraujo.doc, acessado em fevereiro de 2007.

BADDINI, Cássia Maria. **Sorocaba no Império**. Comércio de animais e desenvolvimento urbano. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

BARBANTI, Maria Lúcia S. Hilsdorf. Escolas Americanas de confissão protestante na Província de São Paulo, um estudo de suas origens. São Paulo: USP, dissertação de mestrado, 1977.

BARBANTI, Maria Lúcia Spedo. Francisco Rangel Pestana: Jornalista, Político, Educador. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Orientadora: Profa. Dra. M. de Lourdes Mariotto Haidar. São Paulo: 1986.

BATISTA, Maria Aparecida Camargo. Primeiro *kindergarten* na Província de São Paulo: uma visão de família e educação dos protestantes americanos e a metodologia froebeliana. São Paulo: USP, 1996. Dissertação de Mestrado.

BARATA, Alexandre Mansur. Discutindo a sociabilidade moderna: o caso da maçonaria. In.: Narra o Passado, repensar a história. Campinas: UNICAMP, 2000. p. 215-234.

BARATA, Alexandre Mansur. Luzes e Sombras. A ação da Maçonaria brasileira (1870-1910). Campinas: UNICAMP, 1999.

BARATA, Alexandre Mansur. Maçonaria, Sociabilidade ilustrada e Independência do Brasil (1790-1822). Juiz de Fora: UFJF, 2006.

BARREIRA, Luiz Carlos. Escola, periodismo e vida urbana: imprensa operária e formação da classe trabalhadora em São Paulo (1888-1925). 2002, p. 1-11.

BARBOSA, Rui. Obras Completas. Vol 1. 1865-1871. Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 1951 (Apêndice II).

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Ide por todo mundo: A Província de São Paulo como campo de missão presbiteriana (1869-1892). Campinas: Unicamp, 1996. 144p.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Educação escolar norte-americana no Brasil do século XIX: trajetórias históricas de um Colégio Protestante em São Paulo (1869-1892). In.: Memórias da Educação Campinas (1850-1960). Organizadora: NASCIMENTO, Teresinha Aparecida Quaiotti. Campinas: 1999.

BIÉLER, André. A força Oculta dos Protestantes. São Paulo: Cultura Cristã, 1999. 239p.

BOSCHETTI, Vânia Regina, *et. alli*. Fundindo, Tecendo e Trilhando... Aspectos da Educação profissional em Sorocaba. Revista HISTEDBR *on-line*. Campinas, n. 21, p. 141-152, março de 2006. ISSN: 1676-2584

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Razões Práticas: Sobre A Teoria da Ação. São Paulo: Papius, 1996.

BOURDIEU, Pierre. Meditações pascalianas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, 2004. 234p.

BOURDIEU, Pierre. Questions de sociologie. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.

BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007. 560p.

BOURDIEU, Pierre. Usos da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004, 86p.

BOURDIEU, Pierre. Intelectuales, política y poder. Buenos Aires: Eudeda, 2007, 260p.

BOURDIEU, Pierre . O Poder Simbólico. Rio de Janeiro, ed. Bertrand Brasil, 2000.

CANABRAVA, Alice Piffer. O desenvolvimento da cultura do algodão na Província de São Paulo (1861-1875). São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

CARMO, Jefferson Carriello. Algumas aproximações entre a educação e trabalho em Sorocaba no final do século XIX e no início do século XX. *Revista HISTEDBR on-line*. Campinas, n. 21, p. 141-152, março de 2006. ISSN: 1676-2584

CARMO, Jefferson Carriello do. O jornal 'O Operário' e as relações de trabalho na gênese da indústria têxtil na cidade de Sorocaba. In: **SAECULUM, Revista de História**. João Pessoa, PB, n. 16, p. 119-127, jan/jun, 2007.

CARMO, Jefferson Carriello. A fábrica Têxtil em Sorocaba, imprensa operária e educação nos anos de 1889-1914. In: **Revista do Centro de Educação e Letras Campus de Foz do Iguaçu**. UNIOESTE: Campus Foz do Iguaçu. V. 8, n. 9, p. 23-37, 2006.

CARMO, Jefferson Carriello do ; BOSCHETTI, Vânia Regina AMADO, Vanelli Pires ; MACEDO, Samara Elizza . Dos teares aos bancos escolares: a educação em Sorocaba. In: V Jornada do Histedbr - Instituições Escolares Brasileiras: História, Historiografia e Práticas - História, Sociedade e Educação no Brasil, 2005, Sorocaba. V Jornada do Histedbr - Instituições Escolares Brasileiras: História, Historiografia e Práticas, 2005. p. 1-15.

CARVALHO, Rogério Lopes Pinheiro de. O Operário: edição fac-similar. Sorocaba: Create, 2007.

CAVALHEIRO, Mariângela Carvalho. A produção literária de Julio Ribeiro em Sorocaba. Sorocaba: Digipel, 2001.

CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. *Scenas da Escravidão: breve histórico sobre a Escravidão negra em Sorocaba*. Sorocaba: Create, 2006.

CHARTIER, ROGER. *A História Cultural, Entre Práticas E Representações*. Lisboa: Difel, 2002, 222p.

COLUSSI, Elaine Lucia. *Plantando Ramos de Acácia: a Maçonaria Gaúcha na segunda metade do século XIX*. Tese de doutorado. PUC, 1999.

COSTA, Emília Viotti. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. Editora UNESP, 2007. 523p.

CUSSI, Alcides Fernando. *Os norte-americanos (Confederados) no Brasil: Identidades no contexto transnacional*. UNICAMP: 1997, 228p.

DIJK, Teun A. van. *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto, 2008, 281p.

D'EPINAY, Christian Lalive. *O Refúgio das massas. Estudo sociológico do Protestantismo Chileno*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. 353p.

DIAS, Márcia Hilsdorf. *Professores da Escola Normal de São Paulo: a história não escrita (1846-89)*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação – USP, 2002.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador – a história dos costumes*. v.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, 277p.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador: Formação do Estado e Civilização. v.2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, 307p.

ELIAS, NOBERT; SCOTSON, John. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ENCREVÉ, Pierre e LAGRAVE, Rose-Marie. Trabalhar com Pierre Bourdieu. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. O Jornal e outras fontes para a história da educação mineira do século XIX. In.: Novos Temas em História da Educação Brasileira. Campinas,SP: Autores Associados, 2002, p. 133-150.

FERREIRA, Júlio Andrade. História da Igreja Presbiteriana do Brasil. Vol I. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, 580p.

FERREIRA, Júlio Andrade. História da Igreja Presbiteriana do Brasil. Vol II. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, 448p.

FERREIRA, Júlio Andrade. Galeria Evangélica: Biografias de pastores presbiterianos que trabalharam no Brasil. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1952, 228p.

FIGUEIREDO, Eneida Ramos. As escolas paróquias protestantes em Brotas no final do século XIX. Dissertação de Mestrado. UNESP: Araraquara, 2001, 124p.

FOLLIS, Fransérgio. Modernização Urbana na *Belle Époque* paulista. Unesp, 2003, 143p.

GARCEZ, Benedito Novaes. Mackenzie. São Paulo: Editora Mackenzie, 2004.

GASPAR, Antonio F. Bodas de Brilhante. São Paulo: Cupolo, 1950.

GOLDMAN, Frank P. Os pioneiros americanos no Brasil (educadores, sacerdotes, covos e reis). São Paulo: Pioneira. 1973.

GOMES, Antonio Máspoli de Araújo. Religião, educação e progresso: a contribuição do Mackenzie College para a formação do empresariado em São Paulo entre 1870 e 1914. São Paulo: Mackenzie, 2000, 219p.

GONZALES, Jorge Luiz Cammarano e SANDANO, Wilson. A Formação da Educação Escolar Pública em Sorocaba 1850-1880. Revista HISTEDBR *on-line*. Campinas, n. 16, p. 36-60, dezembro de 2004. ISSN: 1676-2584

GONZALES, Jorge Luiz Cammarano e SANDANO, Wilson. Supostos para a pesquisa de Instituição Escolar. Revista HISTEDBR online, Campinas, n. 19, p. 63-77, set. 2005.

GIUSTI, Antonio. A Maçonaria no Centenário 1822-1922. São Paulo: A Maçonaria no Estado de São Paulo, 1922, 258p.

GIUSTI, Antonio. A Maçonaria no Estado de São Paulo. Revista Maçônica. Ano. VIII janeiro a dezembro de 1918. 183p.

HACK, Osvaldo Henrique. Educação Brasileira: Presbiterianismo e seu relacionamento com o Sistema Pedagógico. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.

HAHN, Carl Joseph. História do Culto Protestante no Brasil. São Paulo: Aste, 1989, 403 p.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. Simonton e o Panorama Religioso do Brasil nos meados do século XIX. In.: Simonton, 140 anos de Brasil. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000. p. 29-50.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. História da Educação: Leituras. Thompson, 2003, 134p.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. Tempos de escola: fontes para a presença feminina na educação (São Paulo — século XIX). São Paulo, Plêiade Editora, 1999

KOSELLECK, R. Le règne de la critique. Paris: Minuit, 1979.

LAGUNA, S. *"Reconstrução Histórica do curso normal da Escola Americana de São Paulo, 1889-1930"*. S. Paulo: PUCSP, 1999.

LEMOES, Carlos Alberto Cerqueira. Viagem pela Carne. São Paulo: EDUSP, 2005, 239p.

LÉONARD, Émile G. O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social. Rio de Janeiro: JUERP, 1981, 354p.

LE GOFF, Jacques. Documento-monumento. In.: Enciclopédia *Einaudi*. Memória – História. Porto: Imprensa Nacional: vol 1. p. 95-196.

LE GOFF, Jaques. História e Memória. Campinas: UNICAMP, 2003.

LESSA, Themuldo Vicente. Annaes da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo (1863-1903). São Paulo: 1938. 730p.

LIRA, Jorge Buarque. A Maçonaria e o Cristianismo. Editora Lira: São Paulo, 1947, 567p.

MAGALHÃES, Gildo. Força e Luz: Eletricidade e Modernização na República Velha. São Paulo: UNESP, 2000, 122p.

MATOS, Alderi Souza de. Os pioneiros presbiterianos do Brasil. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. 592p.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho. Bauru: EDUSC, 2002, 2006P.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina. História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008, 303p.

MENON, Og Natal. A Educação Escolarizada em Sorocaba entre o Império e a República. PUC: São Paulo, 2000, 367p.

MESQUIDA, Peri. Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil, um estudo de caso. Juiz de Fora: EDUFJF/ São Bernardo do Campo, 1994. 255p.

MESQUIDA, Peri. Educação e Hegemonia Católica no Brasil (1870-1990). Revista Diálogo Educacional, v. 2. n.3, p. 113-128. 2001.

MESQUIDA, PERI e TAVARES, Luciana. Mulheres missionárias metodistas e a educação no Brasil, de 1880 a 1920. A educação na elite republicana. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 5, n. 14, p. 65-78. jan/abril. 2005.

MENDES, Marcel. Tempos de transição: A nacionalização do Mackenzie e sua vinculação eclesial (1957-1973). São Paulo: Editora Mackenzie, 2007.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. República e pluralidade religiosa. REVISTA USP, São Paulo, n.59, p. 144-163, setembro/novembro 2003.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O Celeste Porvir: inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: EDUSP, 2008, 372p.

MENDONÇA, Antonio G. Protestantes na diáspora: a imigração européia e norte-americana e as igrejas evangélicas no Estado de São Paulo. In.: DREHER, Martin N. (org). Imigrações e História da Igreja no Brasil. Aparecida: Ed. Santuário, 1993. 139-156.

MONARCHA, Carlos. Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes. Campinas: Unicamp, 1999. 387p.

MORAES, José Geraldo V. de. Cidade e cultura urbana na Primeira República. São Paulo: Atual, 1994, 116p.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal. O Ideário Republicano e a Educação. Uma contribuição para a História das Instituições. Campinas: Mercados das Letras, 2006

MORAES, Carmem Sylvia Vidigal. A socialização da força de trabalho: Instrução popular e qualificação profissional no estado de São Paulo (1873-1934). EDUSP, 2003, 490p.

MOREL, Marco. Sociabilidades entre Luzes e sombras: apontamentos para o estudo histórico das maçonarias na primeira metade do século XIX. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. n. 28, 2001, p.3-22.

NASCIMENTO, Ester Fraga V. C. Educar , curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical. São Paulo: PUC, 2005.

NASCIMENTO, Ester Fraga V. C. A influência da Pedagogia Norte-americana na Educação em Sergipe e na Bahia. Reflexões iniciais. Revista Brasileira de História da Educação, nº 2, p. 9-37, jul./dez. 2001.

NASCIMENTO, Ester Fraga V. C. A ação missionária e pedagógica presbiteriana no *histerland* brasileiro. Revista do Mestrado em Educação, UFS. V. 7, p. 17-26. jul/dezembro de 2003.

NASCIMENTO, Ester Fraga V. C. Os missionários da educação e o Instituto Ponte Nova da Bahia. Revista Lusófona de Educação, p. 111-126. 2005.

NASCIMENTO, Ésther Fraga V. C. A formação do homem presbiteriano no Instituto Ponte Nova. VII Congresso LUSOBRASILEIRO de História da Educação - 20/23, Junho 2008

NETO, Francisco Stolf. Grande Benfeitora, Augusta e Respeitável Loja Independência n.º 131. 141 anos de História (1867-2008). Um pouco de seus passados e obreiros. In.: G.O.S.P Cultural online: Revista Maçônica de cultura e informação. n.º 5, abril/maio – 2008: p. 6-12

NOGUEIRA, Maria Lúcia; CATANI, Afrânio. Escrito sobre educação. Petrópolis: Vozes, 1998. 251p.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. A sociologia da religião em Pierre Bourdieu. In.: A Religião numa sociedade em transformação. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 112-118.

PAVAN, Diva O.; PASSOS, Laurizete Ferragut. Cidade e Instituição Escolar nas trajetórias e práticas educativas de professoras. Trabalho publicado no site: http://www.faced.ufu.br/columbe06/anais/arquivos/34DivaPavan_LaurizetePassos.pdf - acessado em 06/10/2009.

RAMALHO, Jether Pereira. Prática Educativa e Sociedade: Um Estudo de Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976, 183p.

RIBEIRO, Boanerges. Aspectos culturais da implantação do Protestantismo no Brasil. Protestantismo e cultura brasileira. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981. 416p.

RIBEIRO, Boanerges. Protestantismo no Brasil Monárquico (1822-1888): Aspectos Culturais da aceitação o Protestantismo no Brasil. : São Paulo: Pioneira, 1973, 179p.

RIBEIRO, Maria Luisa S. **História da Educação Brasileira**. A organização escolar. (6ª. ed.) São Paulo: Moraes, 2003.

RIBEIRO, Maria Rosa Alice. **Condições de trabalho na indústria têxtil paulista (1870-1930)**. São Paulo: Hucitec, Ed. da UNICAMP, 1988.

RIBEIRO, Júlio. A Carne. São Paulo: Martin Claret, 1999, 149p.

SELLARO, Leda Rejane A. Educação e Religião – colégios protestantes em Pernanbuco na década de 20. Recife: UFPE/Centro de Educação: Dissertação de Mestrado, 1987.

SILVEIRA, Célia Regina. Erudição e Ciência: As procelas de Júlio Ribeiro no Brasil Oitocentista. Tese de Doutorado UNESP, 2005.

SILVEIRA, Célia Regina. Intervenções e Polêmicas: Júlio Ribeiro no universo letrado paulista. Texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

SILVA, Leandro Nunes. Grupo Escolar Antonio Padilha: suas histórias através dos seus arquivos. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.23, p.59 –68, set. 2006 - ISSN: 1676-2584

SILVA, Ivanilson B. da. Apontamentos sobre Maçonaria, Abolição e a educação dos filhos de

escravos na cidade de Sorocaba no final do século XIX. REVISTA HISTEDBR on line, 27 (2007): 95-111.

SILVA, Vanderlei da. A participação da Loja Maçônica Perseverança III na educação escolar em Sorocaba: do final do segundo reinado ao final da primeira república. Dissertação de Mestrado. Universidade de Sorocaba, 2009, 108p.

SIMONTON, A. G. Diário de Simonton. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

SOUZA, Márcio Pereira. Palanque de papel: O discurso político nos jornais evangélicos brasileiros no período da república velha. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

SOROCABA, 350 anos. Uma história ilustrada. Suplemento jornal Cruzeiro do Sul: Fundação Ubaldino do Amaral, 2004.

SHAULL, Richard. Ashbel Green Simonton (1833-1867): a Calvinist in Brazil. In.: KERR, Hugt T. Sons of the prophets; leaders in Protestantism from Princeton Seminary. Princeton University Press: 1963.

SCHULZ, Almiro. Projeto Protestante no Brasil. Piracicaba, 1999. 241p.

SCHULZ, Almiro. Confiança na educação: fundamento para o ato educativo protestante no Brasil. Educação e Filosofia – v. 16 – nº 32, jul/dez. 2002. PP. 31-62.

SOUZA, Rosa Fátima. Templos de Civilização: A implantação da Escola Primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: UNESP, 1998, 302p.

SOUZA, Rosa Fátima. Tecnologias de ordenação escolar no século XIX. Currículo e método intuitivo nas escolas primárias norte-americanas (1860-1880). In.: Revista Brasileira de Educação, jan/jun. 2005, p. 9-42.

TASIFANATO, Célio Ricardo. Política e Escravidão: o projeto emancipacionista de Joaquim Nabuco em *A Escravidão* (1870). Campinas: UNICAMP, 2004, 74p.

TAWNEY, R.H. A religião e o surgimento do capitalismo. São Paulo, Perspectiva, 1971).

TYACK, David. "The kingdom of God and the Common School, Harvard Educational Review, 1966, p. 462-163.

TEIXEIRA, Marly G. Os Batistas na Bahia: 1882-1925 – um estudo de história social. Salvador: UFBA. Dissertação de Mestrado em ciências sociais.

TROESLTSCHE, E. El Protestantismo y el Mundo Moderno. México: Fondo De Cultura Económica, 1950.

THOMPSON, E. P. A formação da classe operária inglesa. A maldição de Adão. Vol. II. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 377p.

VELASQUE FILHO, Prócoro e MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Introdução ao protestantismo no Brasil. Loyola: São Paulo, 1990, 279p.

VIEIRA, Rogich. Libertação dos escravos. Diário de Sorocaba 1887-1888. Texto não publicado.

_____. Sorocaba não esperou o 13 de Maio. A luta pela libertação dos escravos no interior Paulista. Sorocaba: Fundação Ubaldino do Amaral, 1988.

VIEIRA, David Gueiros. O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.

WERNECK, Braulio. Almanach Ilustrado de Sorocaba (1914). Sorocaba: Typografia Werneck: Sorocaba. Fac-similar, 2006, 273p.

WEI NETO, Otto. Um homem chamado Ubaldino. Loja Maçônica Perseverança III. Sorocaba, 2001.

WEBER, Max. A Ética Protestante e o espírito capitalista. São Paulo: Pioneira, 1987. 233p.

FONTES PRIMÁRIAS: Almanach

Almanach Administrativo, mercantile e industrial da Província de São Paulo (1858). Tipografia Imparcial, 1857.

Almanach Ilustrado de Sorocaba (1914). Sorocaba: Typografia Werneck: Sorocaba. Fac-similar, 2006, 273p.

FONTES PRIMÁRIAS – Livro de Atas da Igreja e Lojas Maçônicas, Rol de Membros da Igreja Presbiteriana de Sorocaba, Livro de Casamentos e nascimento

Livro de Atas da Loja Maçônica Constância. Sorocaba 1872:

Livro de Matrículas da Loja Maçônica Constância. Sorocaba, 1847.

Livro de Jóias e Mensalidades da Loja Maçônica Constância, 1850. 54p.

Livro de Atas da Loja Maçônica Perseverança III. Sorocaba, 1869.

Primeiro Livro de Atas da Igreja Presbiteriana de Sorocaba: 01/09/1869-05/09/1887

Segundo Livro de Atas da Igreja Presbiteriana de Sorocaba: 15/09/1886-30/12/1908

Livro de Registro de Rol de Membros da Igreja Presbiteriana de Sorocaba: 01/09/1869-08/10/1922

Livro de Registro de nascimento de nacionais e estrangeiros protestante: 1875.

Livro de Registro de Casamentos da Igreja Presbiteriana de Sorocaba: 1877-1890.

Livro de Casamentos da Paróquia Nossa Senhora da Ponte, 1853.

Carta do Rev. Antonio Pedro de Cerqueira Leite, 1882.

Hinos de Antonio Pedro de Cerqueira Leite.

Manual Liga Anti-maçônica. Coimbra: Biblioteca Popular de Ordem e da Ciência Católica, 1886, 33p.

GIUSTI, Antonio. A Maçonaria no Centenário 1822-1922. São Paulo: A Maçonaria no Estado de São Paulo, 1992, 258p.

GIUSTI, Antonio. A Maçonaria no Estado de São Paulo. Revista Maçônica. Ano. VIII janeiro a dezembro de 1918. 183p.

FONTES PRIMÁRIAS – RELATÓRIOS IMPRESSOS E MANUSCRITOS DE MISSIONÁRIOS NORTE-AMERICANOS.

BLACKFORD, A.L. The Missionary. (Editada por “The Secretary of Foreign Missions of the Presbyterian Church, USA, monthly from Richmond, Virginia). Janeiro, 1870. p.10-12.

BLACKFORD, A. L. Algumas considerações sobre os obstáculos ao progresso do Evangelho no Brasil. Relatório manuscrito apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro em 16 de julho de 1867. 8p. Relatório manuscrito. Arquivo pessoal.

BLACKFORD, A. L. Relatório da obra evangélica na Província de São Paulo 1860-1861. Relatório manuscrito apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro em 10 de julho de 1866. Arquivo pessoal. 11p.

BLACKFORD, A. L. Relatório A. L. Blackford de julho de 1867 a agosto de 1868. Relatório manuscrito apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro. Arquivo pessoal.

BLACKFORD, A. L. Relatório de A. L. Blackford, sobre seus trabalhos evangélicos, desde a última reunião do Presbitério em agosto do ano próximo passado até esta data, e um resumo do progresso e atual estado da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro (18 de agosto de 1869). Relatório manuscrito apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro. Arquivo pessoal.

BLACKFORD, A. L. Relatório anual de A. L. Blackford, pastor em Rio de Janeiro, apresentado ao Presbitério em sua sessão de 20 de julho de 1871 em Rio de Janeiro. Relatório manuscrito. Arquivo Pessoal.

BLACKFORD, A. L. Relatório anual de A. L. Blackford apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro a 19 de agosto de 1872. Relatório manuscrito. Arquivo Pessoal.

BLACKFORD, A. L. Relatório de A. L. Blackford pelo ano presbiterial próximo passado: São Paulo: datado em 09/08/1873. Relatório manuscrito. Arquivo Pessoal

BLACKFORD, A. L. Relatório de A. L. Blackford pelo ano presbiterial findo a 5 de agosto de 1874. Relatório Manuscrito apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro datado em 21 de agosto de 1874. Arquivo pessoal.

BLACKFORD, A. L. Relatório de A. L. Blackford pelo ano presbiterial de agosto de 1874 a julho de 1875. São João do Rio Claro: 10 de agosto de 1875. Relatório manuscrito. Arquivo Pessoal

BLACKFORD, A. L. Primeira Ata da Igreja Presbiteriana de Sorocaba. Sorocaba, 1869.

CARVALHOSA, Modesto: Relatórios pastorais de vários missionaries - 1866-1875. Relatórios manuscritos. Arquivo Histórico da Igreja Presbiteriana do Brasil. 74p.

CHAMBERLAIN, Georg Whitehill. Relatório apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro em 10 de julho de 1866. Relatório manuscrito. Arquivo pessoal.

CHAMBERLAIN, Georg Whitehill. Relatório do pastor da Igreja de São Paulo apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro na sessão de 1870. Relatório manuscrito. Arquivo pessoal.

CHAMBERLAIN, Georg Whitehill. Relatório do pastor da Igreja de São Paulo apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro na sessão de 1871. Relatório manuscrito. Arquivo pessoal.

CHAMBERLAIN, Georg Whitehill. Relatório do pastor da Igreja de São Paulo apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro na sessão de 19 de agosto de 1872. Relatório manuscrito. Arquivo pessoal.

CHAMBERLAIN, Georg Whitehill. Relatório dos trabalhos evangélicos de G. W. Chamberlain durante o ano presbiterial de 1872-1873 apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro em sessão em São Paulo a 11 de agosto de 1873. Relatório manuscrito. Arquivo pessoal.

CHAMBERLAIN, Georg Whitehill. Relatório dos trabalhos evangélicos de G. W. Chamberlain durante o ano presbiterial de 1873-1874 apresentado ao secretário do Presbitério depois das sessões que tiveram lugar na cidade de São Paulo desde 5 a 13 de agosto de 1874. Relatório manuscrito. Arquivo pessoal.

CHAMBERLAIN, Georg Whitehill. Relatório apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro dos trabalhos do ano presbiterial 1874-1875 em sessão em São João do Rio Claro em 10 de agosto de 1875. Relatório manuscrito. Arquivo Pessoal.

DAGAMA, J. F. Relatório anual 16 de agosto de 1872. Relação breve dos meus trabalhos na pregação do Evangelho desde 24 de julho de 1871 até 16 de agosto de 1872. Relatório manuscrito apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro. Arquivo pessoal.

DAGAMA, J. F. Relatório ao Presbitério do Rio de Janeiro em 9 de agosto de 1873. Relatório Manuscrito. Arquivo Pessoal.

DAGAMA, J. F. Relatório anual de 7 de agosto de 1875: Breve relação dos meus trabalhos na pregação do Evangelho desde agosto passado até o presente. Relatório manuscrito apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro. Arquivo pessoal.

DAGAMA, J. F. Relatório anual de 4 de agosto de 1875. Relação breve dos meus trabalhos na pregação do Evangelho desde agosto passado até o presente. Relatório manuscrito apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro. Arquivo pessoal.

DAVIS, John. The great missionary campaign. Board of foreign missions of the Presbyterian in the USA. New York, 1895, 71p.

FLETCHER, James and KIDDER, D. P. Brazil and Brazilians: Historical and descriptive sketches. Boston, 1868. 698p.

Historical Sketches Missions. Board of Foreign Missions of Presbyterian Church USA. Filadélfia, 1872.

Historical Sketches Missions. Board of Foreign Missions of Presbyterian Church USA. Filadélfia, 1881.

Historical Sketches Missions. Board of Foreign Missions of Presbyterian Church USA. Filadélfia, 1886.

Historical Sketches Missions. Board of Foreign Missions of Presbyterian Church USA. Filadélfia, 1891.

Historical Sketches Missions. Board of Foreign Missions of Presbyterian Church USA. Filadélfia, 1897.

LANE, Horace. Relatório da Escola Americana em São Paulo 1887. Arquivo da Igreja Presbiteriana do Brasil.

LENNINGTON, Robert. Breves notas do serviço missionário feito pelo Rev. Robert Lennington até o dia 1º de agosto de 1869 no Império do Brasil. Brotas 05 de agosto de 1869. Relatório Manuscrito. Arquivo pessoal.

MILLER, Samuel & JANEWAY, J.J. The Christian of Children and youth. Report to the General Assembly on Christian Education. Philadelphia: Presbyterian Board of Publication, 1840. 80p.

MOORE, Willian. The Presbyterian Digest of 1886. General Assembly Presbyterian Church in the United States of America. Presbyterian Board of Publication and sabbath-school Work, 1886. 888p.

SIMONTON, A. G. Relatório sobre a origem da marcha da Igreja Evangélica no Rio de Janeiro apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro no dia 10 de julho de 1866. Relatório manuscrito. Arquivo pessoal.

SIMONTON, A. G. Relatório do pastor da Igreja do Rio de Janeiro para 1866-1867 apresentado e lido perante o Presbitério do Rio de Janeiro na sessão do dia 112 de julho de 1867. Relatório manuscrito. Arquivo pessoal.

SCHNEIDER, Francis Joseph Christopher. Algumas considerações que nos levam a crer que o Evangelho de Jesus Cristo há de ser espalhado por todo o Brasil. Lido perante o Presbitério do Rio de Janeiro em 16 de julho de 1867 por F. J. C. Schneider. Manuscrito. Arquivo pessoal.

SCHNEIDER, Francis Joseph Christopher. Relatório de F. J. C. Schneider, um dos pastores da Igreja do Rio de Janeiro para o ano presbiterial de 1867-1868 apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro na sessão de 8 de agosto de 1868. Relatório Manuscrito. Arquivo pessoal.

SCHNEIDER, Francis Joseph Christopher. Relatório dos trabalhos de F. J. C. Schneider durante o ano presbiterial de 1868-1869, apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro em 14 de agosto de 1869. Relatório manuscrito. Arquivo pessoal.

SCHNEIDER, Francis Joseph Christopher. Relatório de F. J. C. Schneider para o ano presbiterial de agosto de 1870 a julho de 1871. Relatório Manuscrito. Arquivo Pessoal.

SCHNEIDER, Francis Joseph Christopher. Relatório dos trabalhos evangélicos de F. J. C. Schneider durante o ano presbiterial de julho de 1871 a agosto de 1872. Relatório Manuscrito. Arquivo Pessoal.

SCHNEIDER, Francis Joseph Christopher. Relatório dos trabalhos evangélicos de F. J. C. Schneider durante o ano presbiterial de agosto de 1873 a agosto de 1874, lido perante o Presbitério do Rio de Janeiro em sua reunião de 1875. Relatório Manuscrito. Arquivo Pessoal.

The Foreign Missionary. Cartas e relatórios enviados pelos missionários presbiterianos no Brasil ao periódico de missões estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos EUA. Janeiro de 1862-outubro de 1874.

The Foreign Missionary. Cartas e relatórios enviados pelos missionários presbiterianos no Brasil ao periódico de missões estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos EUA. Março de 1875 – dezembro de 1886.

FONTES PRIMÁRIAS JORNAIS

Jornal Diário de Sorocaba (várias edições) – 1877-1899

Jornal O Alfinete. 18923 (várias edições)

Jornal Colombo 1877 (Várias edições).

Jornal 15 de novembro (várias edições).

Jornal O Sorocabano (várias edições)

Jornal Ypanema (várias edições)

Jornal O Americano (várias edições)

Jornal Gazeta Comercial (Várias edições)

Jornal A Imprensa Evangélica (várias edições)

Jornal O Estandarte (várias edições)

Jornal A Província de São Paulo (várias edições).

Jornal A Gazeta de Campinas (várias edições)

Jornal A Voz do Povo (várias edições).

FONTES PRIMÁRIAS: RELATÓRIOS E OFÍCIOS SOBRE EDUCAÇÃO DA CIDADE DE SOROCABA - ARQUIVO DO ESTADO.

Livro de Registro de Escolas Particulares na Província de São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo 1884-1895, ordem 5111.

Ofícios encaminhados ao Inspetor Geral da Instrução Pública: Arquivo do Estado de São Paulo, ordem 5110

Relatório do Conselho de Instrução do Distrito de Sorocaba, em 23/11/1874. Arquivo do Estado de São Paulo, ordem 5110

Ofício encaminhado ao Inspetor Geral de Instrução Pública: Francisco José d'Abreu Medeiros, em 08/04/1862. Arquivo do Estado de São Paulo, ordem 5110

Ofício encaminhado ao Inspetor Geral da Instrução Pública: Francisco Luiz de Abreu Medeiros, Professor da Segunda Escola do Sexo Masculino, em 17/10/1860. Arquivo do Estado de São Paulo, ordem 5110

Ofício encaminhado ao Inspetor Geral da Instrução Pública: Januária de Oliveira Simas, Professora da 2ª cadeira do sexo feminino, em 25/11/1873. Arquivo do Estado de São Paulo, ordem 5110

Ofício encaminhado ao Inspetor Geral da Instrução Pública: Luiz Augusto Ferreira, Inspetor do Distrito de Sorocaba, em 03/11/1874. Arquivo do Estado de São Paulo, ordem 5110

Ofício encaminhado ao Inspetor Geral da Instrução Pública : Venâncio José Fontoura, Professor da Segunda Cadeira do Sexo Masculino, em 15/10/1870. Arquivo do Estado de São Paulo, ordem 5110

Ofício encaminhado ao Inspetor Geral da Instrução Pública: Venâncio José Fontoura, Professor da 2ª Cadeira do sexo masculino, em 26/05/1873. Arquivo do Estado de São Paulo, ordem 5110

Ofício encaminhado ao Inspetor Geral da Instrução Pública: Venâncio José Fontoura, Professor da 2ª Cadeira do sexo masculino, em 22/09/1875. Arquivo do Estado de São Paulo, ordem 5110

Ofício encaminhado ao Presidente da Província, por Diogo de Mendonça Pinto, em 24/11/1856. Arquivo do Estado de São Paulo, ordem 5110

Ofício apresentado ao Inspetor Geral da Instrução Pública: Messias José Corrêa, Inspetor do Distrito, em 29/10/1871. Arquivo do Estado de São Paulo, ordem 5110

Ofício do inspetor do distrito, Antonio Gonzaga Seneca de Sá Fleury para o inspetor geral da instrução pública da Província de São Paulo, Francisco Aurélio de Souza Carvalho. Arquivo do Estado de São Paulo, 25/11/1883. Ordem 5110.

Relatórios apresentados ao Inspetor Geral da Instrução Pública: Messias José Corrêa, Inspetor do Distrito de Sorocaba, em 26/10/1870. Arquivo do Estado de São Paulo, ordem 5110

Relatórios apresentados ao Inspetor Geral da Instrução Pública: Venâncio José Fontoura, Professor da Segunda Cadeira do Sexo Masculino, em 15/09/1869. Arquivo do Estado de São Paulo, ordem 5110

Relatório do Conselho da Instrução ao Inspector Geral da Instrução Publica, Dr. Francisco Aurelio de Souza Carvalho. Sorocaba, 17 de fevereiro de 1875. Arquivo do Estado. Ordem 5.110.

Relatório da diretora do Collegio de Sorocaba, professora Annita Guilhermina Wilke ao Inspector Geral da Instrução Publica, Dr. Francisco Aurelio de Souza Carvalho. Sorocaba, 14 de novembro de 1876. Arquivo do Estado. Ordem 5.110.

Relatório do professor da 3ª Cadeira, Fidelis de Oliveira ao Inspector Geral da Instrução Publica, Dr. Francisco Aurelio de Souza Carvalho. Sorocaba, 01 de junho de 1877. Arquivo do Estado. Ordem 5.110.

Relatório do Inspector de Districto, Antonio Gonzaga Seneca de Sá Fleury ao Inspector Geral da Instrução Publica, Dr. Antonio de Campos Toledo. Sorocaba, 11 de novembro de 1882. Arquivo do Estado. Ordem 5.110.

Relatório do secretário do Conselho Municipal de Sorocaba João Padilha de Camargo encaminhado ao Inspetor Geral de Instrução Pública em 16/09/1887. Arquivo do Estado de São Paulo, ordem 5110.

Relatório do professor Arthur Gomes sobre o Lyceu Municipal ao Director da Instrução Publica da Província, Dr. Arthur Cesar Guimarães. Sorocaba, 29 de outubro de 1888. Arquivo do Estado. Ordem 5.110.

Primeiro Relatório do Inspector do 25º Districto Litterario, José Monteiro Boanova ao Diretor Geral da Instrução Publica, Dr. Arthur Cesar Guimarães. Sorocaba, 16 de novembro de 1895. Arquivo do Estado. Ordem 5.111.

Relatório do professor Joaquim Silva sobre a Escola Nocturna Perseverança III ao Presidente da Camara Municipal de Sorocaba. Sorocaba, abril de 1899. Arquivo do Estado. Ordem 5.110.